

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MESTRADO EM HISTÓRIA

Felipe Araújo Xavier

*O Carnaval de Rio Novo: uma festividade e seus significados plurais
(1907- 1979).*

Juiz de Fora
2010

Felipe Araújo Xavier

O Carnaval de Rio Novo: uma festividade e seus significados plurais
(1907- 1979).

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em História, área de concentração: Narrativas, Imagens e Sociabilidades da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial para obtenção do título de Mestre.

Orientadora: Profa. Dra. Célia Aparecida Resende Maia Borges

Juiz de Fora

2010

Felipe Araújo Xavier

***O Carnaval de Rio Novo: uma festividade e seus significados plurais
(1907- 1979).***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em História, área de concentração: Narrativas, Imagens e Sociabilidades da Faculdade de História da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em História.

Aprovada em: 26/03/2010.

BANCA EXAMINADORA

Profª. Dra. Célia Aparecida Resende Maia Borges (Orientadora)
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof. Dr. Alexandre Lazzari
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof. Dr. Leonardo Affonso de Miranda Pereira
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Dedico aos meus pais, Paulo Antônia Xavier e Heloísa Helena Araújo Xavier, e a todos os meus amigos que me proporcionaram um “exagero” de amor em toda minha vida. Isto é Fortuna.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente venho agradecer a Deus e aos meus pais, Paulo Antônio Xavier e Heloísa Helena Araújo Xavier pela dedicação na minha formação.

Agradeço muito à Dra Célia Borges que me orientou com sabedoria e sensibilidade no trajeto de toda pesquisa que gerou esta dissertação. À Dra Sônia Lino, que por seus auxílios pretéritos e sua participação na banca de qualificação, mostrou profícuo interesse em me auxiliar neste trabalho. Ao Alexandre Lazzari, que também participou da minha qualificação e de minha defesa, e com seus olhos de exímio historiador e especialista no tema apontou pontos essenciais a serem repensados no decorrer da redação aqui presente. Ao Dr Leonardo Affonso que aceitou participar na banca de defesa desta tese.

Sou grato também às ajudas dos demais professores do mestrado, Silvana, que me ajudou no processo de seleção, ao Alexandre Mansur Barata, que lecionou com maestria sua disciplina e ao Cássio, que simplesmente alterou o meu entender sobre a História em si.

Agradeço à Fundação Cultural Chico Boticário, mais especificamente ao Brenildo Ayres e à Imaculada, que sempre me receberam com dedicação nas pesquisas desenvolvidas, sendo que o primeiro ainda cedeu-me seu depoimento como folião de outrora.

Sou extremamente grato ao meu amigo André Colombo, por ter ajudado na pesquisa e nas entrevistas, tudo somente pela sua dedicação, inclinação e apego à produção de conhecimento. À Ieda e a Luciene, que também se demonstraram muito prestativas quando precisei de suas ajudas nas buscas de documentações e entrevistados. Willian Mendonça, Luiz André Xavier, Hyla Salma e Ernesto Soares (in memória) que abriram seus arquivos pessoais para minha investigação. Ao Mazola, amigo que sempre foi fã do meu futebol, desde a “Era do Ki-Chute”, e que me ajudou tanto com sua amizade de quase toda minha existência, quanto no processo de pesquisa.

Aos meus “amigos de muitos carnavais”, que sem eles não há razão de existir: Luiz Mário F. Costa (Marinho), João Marcelo C. Bentes, Vitor (Doido) José M. Soares, Hugo Rodrigues Imbelloni, Pedro Ivo (a quem reforço a dedicação desta obra por rolar morro abaixo durante o Zé Pereira. Força Bruta e Salve Simpatia para animar a festa!), Marcelo Araújo Xavier, Ricardo Araújo Xavier, Filipe (Lego-lego) Caxeiro Mattos, Mazoel Magalhães Fonseca, Gustavo Buruga e Tati, Rodrigo (Show) Nascimento, Mariano (que imaterialmente esteve presente por todos os 14 anos distantes), André Colombo, Emir Bin Laden, Anael Magalhães Fonseca, Doutor Marcelo Aragão, Leandro, Luiz Mário, Henrique

(Masgué), Rafael, Chiquinho Borges, Franswagner, Leonardo Rabitte, Zorélio Costa, Pedrinho (Cabeção) Bentes, Walmar Agostinho Junior, Rodrigo Agostinho, Vitor (Gozim), Gracinha e Zezinho Imbelloni, Tiaguinho Cabeção, Chicão, Gilbers, Fernandinho Ratão, Thalmer Boi branco, João Luis Xavier, Neném, Lucas, Isaque, Gleidson, Tarcisio, Bruno Eduardo, Camila Cremonese, Erik, Thiago (Grilo), Marina, Vitor Nehmy, Hego, Ademir (Lontrão), Corcino, Ceará, Amândio, Silmat, ao pessoal do Karatê, João Bosco e companhia, aos integrantes da “Máfia Russa” Ricardovisk, Brandovisk e Brunovisk, minhas amigas de mestrado Tati e à Andréia e ao Zinidine Zidane (meu cachorro). Agradeço pelas suas contribuições na minha constante formação como ser humano em busca da boa aventura nesse plano de existência através da consciência.

Aos detentores da memória carnavalesca de Rio Novo, pois sem eles nada disto teria sido feito: Dona Carmelita Bettonte Mattos; Dona Maria da Conceição Duarte Pinto; Dona Durvalina Cândida (in memória); Brenildo Ayres; Cícero de Vasconcelos; Lauro Rooke; João Pinheiro Neto; Dedé Borges; Aretusa Gomide; Dirval Pereira; Carlinhos e Josélia; Antônio Coelho; Altivo Cândido (Tivim) e Maria Gontijo.

A todos, com amor e com Deus, desejo felicidade plena!

“Conhece-te a ti mesmo, ó linhagem divina vestida com trajes mortais. Despe-te, eu te peço, separa o quanto podes, e podes o quanto te esforces; separa, digo, a alma do corpo, a razão dos afetos do sentido. Verás logo, cessadas as brutalidades terrenas, um puro ouro, e, afastadas as nuvens, verás um luminoso ar; e então, acredita-me, respeitará a ti mesmo como um raio eterno do divino sol”.

Marsílio Ficino

“Finalmente, a felicidade consiste, sobretudo, em se querer ser o que se é. Ora, só o divino amor próprio pode conceder tamanho bem. Em virtude do amor próprio, cada qual está contente com seu aspecto, com seu talento, com sua família, com seu emprego, com sua profissão, com seu país, de forma que nem os irlandeses desejariam ser italianos, nem os trácios atenienses, nem os citas habitantes das ilhas Fortunadas. Oh surpreendente providência da natureza! Em meio a uma infinita variedade de coisas, ela soube pôr tudo no mesmo nível. E, se não se mostrou avara na concessão de dons aos seus filhos, mais pródiga se revelou ainda ao conceder-lhes o amor próprio. Que direi dos seus dons? É uma pergunta tola. Com efeito, não será o amor próprio o maior de todos os bens?”

“Elogio da Loucura” de Erasmo de Roterdã.

RESUMO

Esta dissertação é fruto de uma pesquisa sobre o carnaval de Rio Novo (pequena cidade da Zona da Mata Mineira), de 1907, quando houve a fundação do primeiro Clube Carnavalesco, à 1979, período em que vejo a consolidação de um novo carnaval, promovido pelas Escolas de Samba. Isto através das representações construídas nas memórias dos depoentes, nos jornais, estatutos e nos livros de ouro e de atas, entre outros documentos. Primeiramente, resgato o passado do zé-pereira, folgança que anunciou o carnaval da cidade durante todo o século XX. São objetos do capítulo inicial a apresentação da cidade de Rio Novo, a chegada da manifestação em Rio Novo e as diversas facetas que este folguedo tomou dentro da cidade. Além disto, debato o exercício de reinvenção dessa tradição, com o resgate de seu passado nas últimas décadas do século XX e início do século XIX. No segundo capítulo enveredo para o estudo do carnaval promovido pelos Clubes Carnavalescos de Rio Novo, com sua típica divisão social. Através das representações reconstituo os perfis dos clubes carnavalescos, a circulação dos foliões nestes grêmios, as rivalidades, o policiamento e o polimento do comportamento que, corriqueiramente, se inseriam num espaço conflituoso. No terceiro capítulo abordo o processo de reorganização do carnaval de Rio Novo, com o fortalecimento das Escolas de Samba. Estas agremiações que, a princípio foram marginalizadas, paulatinamente tomaram proporções de destaque no carnaval da década de 1970, se tornando hegemônicas nos festejos, dando uma nova faceta para o carnaval rionovense, em um período de transformações sociais em que a velha segregação “racial” começava a ruir.

Palavras-chave: Carnaval. Festa. Rio Novo.

ABSTRACT

This thesis is the result of research into the carnival of Rio Novo, a small city in the Zona da Mata of Minas Gerais, between 1907 - when the first “Carnival Club” was founded, to 1979 - which saw the consolidation of a new carnival in the city, one promoted by the new Samba Schools. This research was conducted via means of interviews with witnesses, newspaper articles, statute laws, donation registries and minutes of meetings, amongst other documents. Firstly, the past of the “zé-pereira”, a merriment that announced the beginning of carnival in the city throughout the entire 20th Century, is rescued. The objectives of this initial chapter is to present the township of Rio Novo, the arrival of this manifestation in the city, and the diverse facets that this frolic or merriment took on within the same. Furthermore, the exercise of reinventing this tradition, with focus on rescuing it’s past in the last decades of the 20th Century and the beginning of the 19th Century, is debated. The second chapter focuses on the study of the carnival which was promoted by the “Carnival Clubs” of Rio Novo , with their typical social divisions. By means of personal accounts, the profiles of the clubs, the distribution of the revellers in these guilds, their rivalries, behaviour and consequent policing, which usually resulted in conflict, are reconstructed. In the third chapter, the process of the reorganization of the carnival in Rio Novo, with the strengthening of the Samba Schools, is tackled. These guilds, which, at first were marginalized, gradually took on distinctive proportions in the carnival of the 1970s, becoming hegemonic in festivities and giving new facets to the city’s carnival in a period of social transformations in which the ancient racial segregation had began to crumble.

Word-keys: Carnival. Party. Rio Novo

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 O ZÉ-PEREIRA: O ABRE-ALAS DO CARNAVAL DE RIO NOVO	27
2.1 Uma breve apresentação de Rio Novo.....	27
2.2 O zé-pereira no Rio de Janeiro: a visão dos memorialistas e intelectuais.....	32
2.3 Os zé-pereiras em Rio Novo: suas origens, histórias, similaridades e singularidades.....	36
2.4 Os zé-pereiras e os clubes carnavalescos de Rio Novo.....	42
2.5 O Bloco do Zé-Pereira e sua emancipação: o folgado re-significado e reinventado.....	61
3 OS CLUBES CARNAVALESCOS E A FOLIA NA CIDADE DE RIO NOVO	68
3.1 Notas documentais e reminiscências da origem e dos perfis sociais dos clubes carnavalescos de Rio Novo.....	68
3.2 As noites nos salões: as festas, as visitas e circulação dos foliões.....	83
3.3 Os desfiles dos Préstitos Carnavalescos: rivalidades, ordem e vigilância no carnaval dos clubes de Rio Novo	99
4 A CRISE DO CARNAVAL DE CLUBES E A ASCENSÃO DAS ESCOLAS DE SAMBA: O CARNAVAL RIONOVENSE REORDENADO E RE-SIGNIFICADO	117
4.1 Reordenação do universo carnavalesco rionovense: os blocos decaem e as primeiras Escolas de Samba abrem passagem.....	117
4.2 A crise dos Clubes Carnavalescos, o fim dos seus blocos e o “vão” do Acauã: das bandas de música à sonorização eletrônica.....	134
4.3 A Ascensão das Escolas de Samba: Mocidade e Barrabás fazem o samba correr em Rio Novo.....	141
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	163
REFERÊNCIAS	171
ANEXOS	174

1 INTRODUÇÃO

Quem passou algum mês de janeiro ou de fevereiro em Rio Novo, município da Zona da Mata mineira, sabe do clima por que a cidade é tomada. Durante todas as noites se encontram os batuques das Escolas de Samba e é árduo o trabalho dia e noite na confecção dos carros alegóricos e das luxuosas fantasias. Nos sábados pela manhã já se escuta uma sirene, convocando os foliões para o *Bloco do Zé Pereira*, que ao sair, deixa a Praça Marechal Floriano Peixoto em completa pândega.

Tudo isso acontece até o carnaval chegar com seu espírito festivo, que coloca a cidade em êxtase. A população toma as ruas, junto aos turistas dos mais diferentes locais, dando fim à monotonia peculiar da pequenina Rio Novo.

Por essas e outras experiências, vejo o quanto é grande o interesse pelo resgate da memória do seu tradicional carnaval. Festejo que nem sempre foi limitado aos desfiles das Escolas de Samba, Blocos Carnavalescos, trios elétricos e suas modernas aparelhagens de som, que comandam a energia musical dos foliões atualmente. O carnaval rionovense sofreu muitas transformações no decorrer das décadas e são estas mudanças que persegui nesta pesquisa.

Portanto, para entendermos melhor como este festejo se organizou no tempo, proponho um estudo da história do carnaval rionovense, partindo de 1907, em que encontramos a fundação da primeira agremiação tipicamente carnavalesca, o *Club dos Explosivos Carnavalescos* até 1979, quando se consolida a hegemonia das Escolas de Samba.

Quando selecionei o carnaval de Rio Novo como tema, me deparei com o fato de ser esta uma pesquisa inédita, por não existir nenhuma produção acadêmica sobre o objeto, e atípica, já que os estudos sobre o carnaval no Brasil, na maioria das vezes, pegam como assunto as folganças dos grandes centros, com destaque para o carnaval carioca.

Sendo assim, contemplando o evento carnavalesco nesta pequena cidade, além de mudar o foco das discussões sobre o tema “Carnaval” aproximei-me dos estudos das festividades que não têm uma longa tradição no Brasil e nem mesmo na Europa, sendo normalmente tratados, com algumas exceções, em pequenos fragmentos ou capítulos das obras.

Detecto tal questão começando pelo estudo histórico do século XIX, como “A Cultura do Renascimento na Itália”, do historiador suíço Jacob Burckhardt, precursor da tradição histórico-cultural.

Nesta obra o historiador suíço trouxe novos problemas, métodos, fontes e temas, para o campo historiográfico, em contrapartida aos estudos da história política Oitocentista. Em meio a esses jovens temas da história, as festas italianas são trabalhadas descritivamente de maneira bem particularizada em um pequeno fragmento de sua obra “A Cultura do Renascimento na Itália”. Vistas como essenciais para reconhecer o poder artístico e a vida social no Renascimento italiano, o historiador destacou duas formas de exibição festiva: os mistérios, dramatização das histórias e lendas sacras e a procissão.

Segundo o autor, as festividades só teriam alcançado o esplendor com o triunfo do espírito moderno do século XV, salvo para os florentinos que andavam pela península a organizarem festas que, em sua visão, tomaram proporções incomparáveis devido ao progresso da poesia e das outras artes e a inserção de representações históricas difundindo a cultura da antiguidade¹.

Tratando dos mistérios, o historiador suíço chamou a atenção para sua origem remota, ligada às apresentações em praças públicas e em mosteiros, onde os homens não poupavam esforços para apresentarem peças que se aproximavam da perfeição, utilizando todo tipo de invenção humana possível.

Outras festividades eram aquelas em que as procissões tinham destaque. Segundo Burckhardt, essas comitivas religiosas originaram o uso das máscaras representando figuras bíblicas.² Além dessas procissões religiosas, destacaram-se mais duas: as triunfais e o carnaval.

As procissões triunfais seguiam os padrões antigos do recebimento de generais que obtinham sucesso em guerras. Eram formadas comitivas de carruagens alegóricas com temas mitológicos, venerando os atos de um homem e elevando-o ao heroísmo.³

Para o historiador, este costume também era encontrado no carnaval, quando exaltavam os antigos triunfos dos comandantes romanos. Mas frisa a singularidade de cada maneira de festejar o carnaval nas diferentes cidades. Segundo Burckhardt, em Veneza as procissões eram feitas sobre as águas e também eram promovidos famosos bailes, já em Roma, salvo as marchas triunfais, o carnaval era festejado de maneira diversa, com corridas

¹ Burckhardt, Jacob (1818 – 1897). A Cultura do Renascimento na Itália. Tradução de Vera Lucia de Oliveira Sarmento e Fernando de Azevedo Correa. – Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1991. Pág: 245, 246 e 248

² Idem (id.) pág. 253

³ Idem (id.) págs. 254 - 256.

de cavalos, lutas, uso das máscaras, cantavam-se versos escandalosos, etc. Já o carnaval florentino, diz o autor, superava todas as procissões em número de mascarados representando cenas de mitologia clássica, coros de figuras de um dado segmento social, cantando em coro músicas patéticas, humorísticas ou indecentes, das quais, às vezes, surgiram insultos a muitos dos habitantes da cidade.⁴

Durante o século XX, outros estudiosos se dedicaram à análise das festas. Vindos dos mais diferentes campos de conhecimento, muitos foram os trabalhos que trataram a festividade de formas bem diversas.

Emile Durkheim, em sua obra “As Formas Elementares de Vida Religiosa”⁵, tratou a temática da festa em meio ao seu objetivo de compreender os elementos essenciais da vida religiosa dos homens nas sociedades mais primitivas. Nesta obra o sociólogo defendia que as sociedades teriam duas fases da vida, uma ligada ao cotidiano monótono do trabalho, em que os indivíduos se encontram dispersos, e outra, quando se unem nas assembleias, cerimônias religiosas ou festividades.⁶

Tratando deste último evento, fruto desta união por determinantes coletivos, os sujeitos se congregavam num contexto de impulsos energéticos pelos quais suas faculdades emotivas e emocionais se exaltavam, as paixões eram desencadeadas, as normas cotidianas transgredidas, deixando de lado todo seu controle racional.⁷ Inserido no grupo, estes indivíduos compartilham de uma espécie de frenesi que tende a se ordenar, dando origem à danças, cantos e músicas, contudo não perdem sua brutalidade natural; “o tumulto organizado continua a ser tumulto”⁸.

Portanto, a festa também se apresenta como um período de distanciamento do cotidiano enfadonho dos afazeres. Ao considerar o trabalho como ponto essencial da vida profana, Durkheim assegurava que o religioso e o profano não podem conviver no tempo e espaço, por isso, nessas sociedades foi necessário reservar períodos nos quais as ocupações profanas são abolidas, para que surgissem as festas.⁹

Apesar da possível origem sagrada, o sociólogo segue sua reflexão dizendo que à medida que as cerimônias vão perdendo os traços religiosos que ligam as tribos à sua história,

⁴ Ibidem (ibid.) págs. 257 – 259.

⁵ DURKHEIM, Émile, *As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália*. Tradução: Joaquim Pereira Neto; revisão: José Joaquim Sobral. – São Paulo: Ed.Paulinas, 1989.

⁶ Apresenta a festa, utilizando a linguagem usual da etnografia, como corroborri. Deixa claro que este se distingue da cerimônia religiosa pelo fato de ser acessível às mulheres e não iniciados.

⁷ DURKHEIM, Émile, *As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália*. Tradução: Joaquim Pereira Neto; revisão: José Joaquim Sobral. – São Paulo: Ed.Paulinas, 1989. 270 e 271

⁸ Idem (id.) pág. 271.

⁹ Idem (id.) pág. 372 e 373.

perdem paulatinamente seu significado natural e progressivamente assumem características da festa vulgar e simples. Seu único objetivo torna-se a distração.¹⁰

Contudo, as fronteiras entre as duas espécies de cerimônias não são tão precisas. Esta afirmativa fica evidente no seguinte fragmento:

(...) a própria idéia de cerimônia religiosa de alguma importância desperta naturalmente a idéia da festa. Inversamente, toda festa, quando, por suas origens, é puramente leiga, apresenta determinadas características de cerimônia religiosa, pois, em todos os casos, tem como efeito aproximar os indivíduos, colocar em movimento as massas e suscitar assim estado de efervescência, às vezes, até de delírio que não deixa de ter parentesco religioso. O homem é transportado fora de si mesmo, distraído de suas ocupações e de suas preocupações ordinárias. Assim, de ambas as partes, observam-se as mesmas manifestações: gritos, cantos, música, movimentos violentos, danças, procuras excitantes que restaurem o nível vital, etc. Observou-se que muitas vezes que as festas populares levam aos excessos, fazem perder de vista o limite que separa o lícito e o ilícito; o mesmo se dá com as cerimônias religiosas que determinam como que uma necessidade de violar as regras normalmente mais respeitadas. Certamente, não é que não se devam diferenciar as duas formas da atividade pública. O simples júbilo, o corrobbori rofano, não tem objetivo sério, ao passo que, no seu conjunto, uma cerimônia ritual tem sempre a finalidade grave. Ainda será necessário observar que talvez não haja júbilo onde não exista algum eco da vida séria. No fundo, a diferença está mais na proporção desigual em que esses dois elementos são combinados.¹¹

Entre os estudiosos das festas, destacou-se também o sociólogo Roger Callois, francês de contato com figuras ilustres da Escola Francesa de Sociologia como M. Mauss, que durante a década de trinta buscou se aproximar dos trabalhos da Sociologia da Religião.

Em seu livro “O homem e o sagrado”¹², dedicou um capítulo a uma possível teoria das festas, em que expressou seu entendimento sobre estas no contexto do “sagrado de transgressão”, como o próprio título nos remete. Assim, ao tratar das sociedades mais simples, em que os homens se encontravam imersos no coletivo social, a festa surgiria nas aglomerações onde a produção de energia toma tal grau que os indivíduos, como num “frenesi”, dançam, gritam, cantam, sob uma pujança inexistente em outro contexto. É o tempo em que as emoções atingem o auge na sociedade, é o momento regido pelo princípio do excesso e da pândega.¹³

¹⁰ Ibidem (ibid.) pág. 453.

¹¹ Idem (id.) pág. 456.

¹² CAILLOIS, Roger. O homem e o sagrado. Tradução: Geminiano Cascais Franco. Edições 70; Lisboa – Portugal.

¹³ Ibidem (ibid.) págs. 95 e 96.

Para Callois, a festa se apresenta no reino do sagrado reservado e separado do uso comum, em que as regras são suspensas, a inversão é presente e a licença indicada e, logo, os excessos se afloram como primícias, após uma longa e severa compressão cotidiana.¹⁴ Desta forma, se prestaria como uma atualização das origens criadoras do universo, onde todas as coisas se fixaram na sua forma definitiva,¹⁵ em que encontramos aspectos antitéticos do Caos e da idade do ouro.¹⁶

Portanto o sociólogo define a festa como o

(...) paroxismo da sociedade, que ela purifica e renova ao mesmo tempo. Ela é seu ponto culminante, não só do ponto de vista religioso, mas também do ponto de vista econômico. É o instante da circulação das riquezas, o dos mercados mais consideráveis, o da distribuição prestigiosa das reservas acumuladas. Ela aparece como o fenômeno total que manifesta a glória da coletividade e a retempera no seu ser: o grupo regozija-se então com os nascimentos sobrevivendo, que provam a sua prosperidade e asseguram o seu futuro. Ele recebe no seu seio estes novos membros através da iniciação que funda seu vigor. Despede-se dos seus mortos e afirma-lhes solenemente a sua fidelidade. É ao mesmo tempo a altura em que, nas sociedades hierarquizadas, se aproximam e confraternizam as diferentes classes sociais e em que, nas sociedades de fraternidade, os grupos complementares e antagônicos se confundem, atestam a sua solidariedade e fazem colaborar na obra de criação os princípios místicos que eles encarnam e que habitualmente se tem o cuidado de não misturar.¹⁷

Ainda no campo sociológico, outro autor, o francês Jean Duvignaud, se aproximou deste debate com “Festas e Civilizações”¹⁸, livro no qual buscou descrever as transformações acarretadas pelas festas nas mais diversas civilizações.

Bem próximo das leituras universais acima apresentadas, o sociólogo dá uma pequena pitada de temporalidade em suas análises, tratando as festividades como uma unidade de características em períodos de longas durações. Sendo assim, inicia sua abordagem nas sociedades arcaicas e prossegue tratando da transformação causada pelo advento do capitalismo.

Ao focar as sociedades simples, Jean Duvignaud apresenta a festa como uma manifestação coletiva em que se instala a total transgressão a qual culmina na destruição dos códigos e normas que articulam a sociedade para sobrevivência.¹⁹ Portanto, a “festa se

¹⁴ Idem (ibid.) págs. 98 e 99.

¹⁵ Idem (id.) pág. 101.

¹⁶ Idem (id.) pág. 103.

¹⁷ Idem (id.) págs. 122 e 123.

¹⁸ DUVIGNAUD, Jean; Festas e civilizações. Tradução de L. F. Raposo Fontenelle. Fortaleza, Edições Universidade Federal do Ceará, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1983.

¹⁹ Ibidem (ibid.) pág. 67.

apodera de qualquer espaço onde possa destruir e instalar-se”, assim, acentua as relações afetivas, em que há uma abertura da consciência e os símbolos tornam-se desnecessários para esses contatos.²⁰

Seguindo tais pensamentos e reforçando a característica de quebra das normas e hierarquias, declara sobre o carnaval:

(...) carnaval é a festa no sentido pleno. Não falo do nosso triste carnaval, mas do que assola e destrói apesar de acontecer na véspera do jejum da carne, e mais exatamente por ser o “carneleva” “a retirada da carne”, a consumação que precede a abstinência. Seria então relevante indagar o que o homem descobre ao longo desse embate coletivo, quando a recíproca comunicabilidade das consciências atinge um clímax, desprezando as barreiras das castas ou das classes sociais. Segundo as aparências, a festa atinge aquilo que constitui a finalidade última das comunidades, isto é, um mundo reconciliado, uma entidade fraternal.²¹

Como dito, colocando uma pequena dose de temporalidade no tema, Duvignaud remete a tipos de “civilizações” nas quais as festas teriam uma maior presença. Com isso, afirma que no mundo barroco, onde as emoções e as relações de dádivas são fortemente presentes, a energia coletiva liberada tenderia a ser canalizada a uma comunhão generalizada, portanto, seria propícia para o desenvolvimento das festividades.²²

Ao tratar das sociedades capitalistas ou socialistas defende que, nestas, isso não se encontra mais presente, pois, para o sociólogo, tanto a primeira quanto a segunda escolhem o trabalho como meta.²³ Vai mais longe afirmando que nas sociedades em que o capitalismo encontra-se desenvolvido, não haveria espaço para a festa no entendimento puro, já que preferem a ética da parcimônia e do puritanismo, voltadas para o mercado, à ética do gozo.²⁴

Finaliza sua reflexão procurando descobrir o entendimento da festa dentro dessas sociedades, nas quais o pensamento burguês se destacou, e toma por leitura as comemorações dos pensadores ilustrados e de revolucionários franceses. Com isso afirma que as festas tornaram-se plenamente ideológicas, já que tendem a justificar suas doutrinas.²⁵

No quadro das ciências sociais brasileiras, Roberto Da Matta foi um dos primeiros estudiosos a direcionar o interesse acadêmico para o carnaval. Em “Carnavais malandros e heróis – Para uma sociologia do dilema brasileiro”, o autor privilegia esta festividade como uma das bases essenciais de estudo do “povo brasileiro” que, em seu entendimento, encontra-

²⁰ Idem (id.) pág. 68.

²¹ Idem (id.) pág. 69.

²² Idem (id.) pág. 142 e 143.

²³ Idem (id.) pág. 143.

²⁴ Idem (id.) pág. 145.

²⁵ Ibidem (ibid.) pág. 154 e 155.

se tão rebaixado nas interações pessoais e “tão sem voz, junto a uma elite tão rouca de gritar por suas prerrogativas”.

O antropólogo enxerga o carnaval como um rito em que a sociedade dramatiza e chama atenção para questões vivenciadas em sua realidade. Da Matta constrói assim uma visão homogênea e generalizante do carnaval brasileiro como um período a-histórico em que reina a inversão social.²⁶ Isso é patente em um dos fragmentos de seu livro, no qual, seguindo o modelo antropológico de análise comparativa, trata de dois carnavais em nações e culturas bem distintas: o carnaval do Rio de Janeiro e o de Nova Orleans. Para o antropólogo, o Brasil, que vive cotidianamente um estado de exclusão e discriminação, no carnaval esta situação se converteria em democrática e inclusiva, uma vez que todos poderiam liberar suas fantasias sem discriminação social. Nos Estados Unidos, que idealmente viveria numa sociedade democrática e igualitária, na inversão trazida pelo carnaval, adquire características discriminatórias e hierarquizantes.²⁷

Deslocando o foco para o campo dos trabalhos historiográficos é de vital importância tratar da obra de Mikhail Bakhtin “A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento. O Contexto de François Rabelais”. Ao se debruçar sobre a obra de Rabelais “Gargantua e Pantagruel”, o historiador busca decodificar a dualidade do mundo Medieval e do Renascimento, frisando a interação de uma cultura oficial e séria (que buscava constantemente consolidar a ordem vigente) da Igreja ou do Estado feudal e as diversas formas de manifestações da cultura cômica popular que escapava deste mundo organizado pelas elites.²⁸

Bakhtin utiliza-se das festividades como base para análise do mundo em transição entre o medieval e o renascentista, deixando clara a existência de distinções entre as festas oficiais (tanto da Igreja quanto do Estado feudal) e as populares (em que o carnaval seria a principal). No seu entendimento, a primeira teria um caráter solidificador da organização social, em que contribuía para consagrar e sancionar a ordem em vigor.²⁹ Já a segunda manifestação, o carnaval trazia um caráter cômico e libertador desligado de qualquer princípio religioso e eclesiástico.³⁰

²⁶ DA MATTA, Roberto. Carnavais malandros e heróis. Para uma sociologia do dilema brasileiro. 3 edição. Rio de Janeiro, Zahar, 1981. pág 30

²⁷ Idem (id.)

²⁸ BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais. Tradução de Yara Frateschi Vieira. São Paulo: HUCITEC; Editora da Universidade de Brasília, 1987. Pág. 4.

²⁹ Ibidem (ibid.) pág. 8.

³⁰ Idem (id.) pág. 6.

Portanto o carnaval é elevado à representação-mor da cultura popular cômica, afirmando que este seria uma segunda vida do povo, baseada no riso, em que o povo se liberta das amarras da ordem e das verdades oficiais. Conseqüentemente ocasiona a abolição provisória de todas as relações hierárquicas, privilégios, regras e tabus.³¹

Vai adiante com a discussão, exprimindo sua visão sobre seu entendimento da festividade. Logo, assim a classifica:

(...) uma forma primordial, marcante, da civilização humana. Não é preciso considerá-la nem explicá-la como um produto das condições e finalidades práticas do trabalho coletivo nem, interpretação mais vulgar ainda, da necessidade biológica (fisiológica) de descanso periódico. As festividades tiveram sempre um conteúdo essencial, um sentido profundo, exprimiram sempre uma concepção do mundo. (...) A sua sanção deve emanar não no mundo dos meios e condições indispensáveis, mas daquele dos fins superiores da existência humana, isto é, do mundo dos ideais. Sem isso, não pode haver nenhum clima de festa.³²

Outro historiador a se aventurar no tema da cultura popular foi Peter Burke. Na obra “Cultura popular na Idade Moderna”³³, partindo de uma visão global delineia os traços marcantes de uma possível cultura popular³⁴ europeia, durante todo o período que vai de 1500 a 1800, enfatizando a interação, desigual e “reformadora”, entre as culturas das elites e a popular. O autor procura interpretar o carnaval como símbolo da cultura popular em conflito com a “Quaresma”, que remeteria à ação reformadora da Igreja.³⁵

Inserido neste contexto, em que se buscava expandir a “reforma” aos costumes populares, o carnaval se apresentou como um dos alvos principais de ataque, pois continha vestígios pagãos e era tempo de liberdades e pecados.³⁶ Para Peter Burke, este movimento de supressão da “cultura popular” teve duas fases: uma entre o século XVI e início do XVII, em que a ação ficou mais limitada aos clérigos; a outra, entre a segunda metade do século XVII até o fim do XVIII, quando a ação reformadora se expande entre os leigos que, agora

³¹ Idem (id.) pág. 8.

³² Idem (id.) pág. 7 e 8.

³³ BURKE, Peter. *Cultura Popular na Idade Moderna Europa, 1500-1800*. Tradução: Denise Bottman. 2º edição, 2º reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras.

³⁴ Definindo como “um sistema de significados, atitudes e valores compartilhados e as formas simbólicas (apresentações, objetos artesanais) em que eles são expressos ou encarnados”. A cultura nesta acepção faz parte de todo um modo de vida, mas não idêntica a ele. Quanto a cultura popular, talvez seja melhor de início defini-la negativamente como uma cultura não-oficial, a cultura da não-elite, das “classes subalternas”, como chamou-as Gramsci. No caso dos inícios da Europa moderna, a não-elite era todo um conjunto de grupos sociais mais ou menos definidos, entre os quais destacavam-se os artesãos e os camponeses. Portanto uso a expressão “artesãos e camponeses” (ou “povo comum”) para sintetizar o conjunto da não-elite, incluindo mulheres, crianças, pastores, marinheiros, mendigos e os demais grupos sociais (...). Idem (id.) pág. 25.

³⁵ Idem (id.) pág 231.

³⁶ Ibidem (ibid.) pág 233.

associados aos valores pregados pela Igreja, exigiam reformas morais aos costumes populares.³⁷

Trafegando pelas produções historiográficas brasileiras, apresentamos nesse balanço a obra de Raquel Soihet “A Subversão pelo Riso: estudos sobre o carnaval carioca da Belle Époque ao tempo de Vargas”³⁸.

Portadora de uma herança do modelo explicativo proposta por M. Bakhtin, a autora faz uma leitura das relações “circulares” entre a “cultura popular” e a “cultura dominante” no carnaval carioca. Para a autora, o carnaval seria um momento privilegiado para tal acontecimento, pois era o momento em que os populares ocupavam as ruas, amedrontando e extasiando as elites, e assim, dava a possibilidade de entrelaçamento entre a “cultura popular” e “cultura dominante”.³⁹

Nesta leitura, ganha destaque o processo de resistência dos populares. Para a autora, a ascensão da cultura popular, feita por intermédio da valorização e reconhecimento da cultura originalmente negra, teria sido fruto da resistência e da conquista de espaço para desenvolverem suas manifestações.⁴⁰

Para Soihet, durante a década de 1920, o carnaval popular toma paulatinamente os espaços públicos, com os ranchos, os sambas e as próprias Escolas de Samba, sobrevivendo ao contato com a cultura dominante. Como fruto desse contato cultural circular, os negros não só absorvem características da cultura dominante, mas também conseguem o papel primordial no carnaval, já que, a partir de 1930, suas manifestações tornariam sinônimos de carnaval carioca como um todo.⁴¹

Maria Clementina Pereira da Cunha, talvez seja uma das principais revisionistas do tema “Carnaval” na historiografia brasileira. Em sua obra, “Ecos da Folia, uma história social do Carnaval Carioca entre 1880 e 1920”⁴² e no livro “Carnavais e outras f(r)estas”⁴³, do qual foi organizadora, trouxe uma discussão que propõe uma renovação não apenas dentro do assunto “festas”, mas até mesmo na forma de leitura e interpretação da história social, pregando uma maior proximidade dos estudos com os sujeitos históricos.⁴⁴

³⁷ Idem (id.) pág 257.

³⁸ SOIHET, Rachel. A Subversão pelo Riso: estudos sobre o carnaval carioca da *Belle Époque* ao tempo de Vargas. Rachel Soihet. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.

³⁹ Idem (id.) pág. 50.

⁴⁰ Idem (id.) pág 86.

⁴¹ Idem (id.) pág. 179.

⁴² CUNHA, Maria Pereira Clementina da, Ecos da Folia, uma história social do Carnaval Carioca entre 1880 e 1920. Companhia das Letras, 2001.

⁴³ CUNHA, Maria Clementina Pereira. Carnavais e outras f(r)estas: ensaios de história social da cultura. Maria Clementina Pereira Cunha (org.). Campinas, SP: Editora da UNICAMP, Cecult, 2002.

⁴⁴ Ibidem (ibid.) pág. 12.

Opondo-se às leituras que dão às festas uma função universal e singular, Maria Clementina Pereira da Cunha busca fazer do tema um objeto de análise incapaz de exaurir-se em si mesmo, como um campo de estudo autossuficiente. Persegue as dimensões singulares das sociedades nas quais as celebrações se produziram, captando o “dia, hora, lugar, sujeitos vários e predicados transitórios, significados mutantes e (inevitavelmente) polissêmicos, capazes de expressar a mudança e o movimento.”⁴⁵

Seguindo este caminho, enfatiza a importância de combatermos visões lineares e etapistas, nas quais não conseguem dar a noção de contemporaneidade dos folguedos e o resultado é quase sempre um carnaval como a celebração unívoca da “alma” brasileira. Perante tal questão, Maria Clementina se propõe analisar o carnaval como fenômeno complexo, em que séries de identidades e grupos procuram afirmarem-se contemporaneamente, com manifestações de significados diferentes; das quais exprimem e provocam tensão entre eles.⁴⁶

Em seu artigo “Vários zés, um sobrenome: as muitas faces do senhor Pereira no carnaval carioca da virada do século”⁴⁷, M. Clementina trata dessas duas questões, a tensão entre os diferentes grupos na busca de firmarem suas interpretações sobre o carnaval e o surgimento de um entendimento do carnaval com moldes homogêneos.

Como a autora deixa claro, ao estudar o zé-pereira da obra teatral de Vasques do século XIX, vejo que tal manifestação se modificou conforme as imposições das elites cariocas, que na busca de civilizar o festejo, inicia uma construção ideal do carnaval com moldes unívocos, que se enquadravam aos valores das elites e não ao das classes marginalizadas.⁴⁸ Nesta luta pela hegemonia de classificação, da qual a elite letrada sai vitoriosa, surge o entendimento do carnaval como inversão de valores ou válvula de escape, que serviram, por muito tempo, como modelos de interpretação recorrentes dentro dos trabalhos historiográficos e das Ciências Sociais. É também nesta homogeneização que se encontra a “alma brasileira” no carnaval, dentro de uma estrutura que é historicizada pela autora no seguinte fragmento:

(...) celebrações generalizantes como o carnaval constituíram um desafio importante, (...) desde a década de 1850, motivo de intensas discussões e embates

⁴⁵ Idem (id.) pág. 12.

⁴⁶ CUNHA, Maria Pereira Clementina da, *Ecos da Folia, uma história social do Carnaval Carioca entre 1880 e 1920*. Companhia das Letras, 2001.

⁴⁷ CUNHA, Maria Pereira Clementina da, “Vários zés, um sobrenome: as muitas faces do senhor Pereira no carnaval carioca da virada do século”. In: *Ecos da Folia, uma história social do Carnaval Carioca entre 1880 e 1920*. Companhia das Letras, 2001. pág. 371-417.

⁴⁸ Idem (id.) pág. 383.

entre letrados. O modelo “escape através da inversão” constituiu a sua primeira forma de abordagem (...). À medida que a tensão social e política cresce nos anos 70 e, ainda mais agudamente, nos 80, pode-se notar uma mudança sensível de tom em um debate no qual os limites da brincadeira tornavam-se o tema principal. Projetos pedagógicos e sentidos homogeneizadores ganham corpo dentro do carnaval, e o esforço de desqualificar qualquer prática que fugisse do padrão eleito como civilizado constituiu-se em um traço comum a intelectuais, autoridades e carnavalescos de elite.⁴⁹

Leonardo Affonso Pereira alinha-se nessa nova perspectiva. Em sua tese “O carnaval das Letras”⁵⁰, o historiador formula uma crítica consistente às interpretações do carnaval balizadas na ideia de ritual de inversão e no sentido unívoco do carnaval. Deixa claro que esta concepção é fruto da incorporação, em forma de teoria, de um discurso das elites letradas, da segunda metade do século XIX.⁵¹

Neste trabalho, o historiador segue traçando a linha percorrida pelos literatos, que buscaram propor um modelo de nação brasileira em suas obras. É dentro deste viés que interpretavam as manifestações carnavalescas do “povo” brasileiro como práticas homogêneas e coesas.⁵² Consequentemente, não retratavam a heterogeneidade das diferentes formas de festejar o carnaval, isso em prol da formalização do modelo civilizado de nação.

Elucidando esta espécie de “armadilha teórica civilizatória”, do fim do século XIX, Leonardo chama atenção para a polissemia ou a pluralidade de significados que os foliões abarcavam em suas interpretações e práticas. Portanto, para o estudioso “se o carnaval tem uma história, ela é com certeza múltipla e fragmentada, fruto dos diferentes significados que lhes foram atribuídos pelos muitos foliões.”⁵³

Seguindo esta linha interpretativa, Alexandre Lazzari trouxe uma pitada ácida no combate às visões homogêneas e globalizantes do carnaval, ao direcionar seu estudo para fora do eixo interpretativo voltado para o carnaval carioca. Esta questão faz de sua obra um exemplo de pesquisa, que de alguma maneira, busca fragmentar o entendimento do carnaval levantando uma problematização das especificidades locais da festividade.

Lazzari, com o intuito de explorar a “cultura das pessoas comuns”, se debruça sobre o carnaval porto-alegrense, que o impressiona, pois se depara com um festejo que gera incerteza sobre seu cunho popular.⁵⁴ Consequentemente, em sua obra “Coisas para o povo não fazer: Carnaval em Porto Alegre (1870-1915)”, uma das principais questões trabalhadas é o

⁴⁹ Ibidem (ibid.) 384.

⁵⁰ PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda, O carnaval das Letras – Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural. Divisão de Editoração, 1994.

⁵¹ Idem (id.) pág. 4.

⁵² Idem (id.) pág. 18 e 19.

⁵³ Idem (id.) pág. 20.

processo de popularização do carnaval porto-alegrense. Adicionado a isso, discute o intercâmbio cultural entre a Europa, a Corte e a capital do Rio Grande do Sul, levando em concepção a ressignificação que essas tradições sofrem ao serem inseridas neste contexto porto-alegrense.

Portanto, o grande interesse em resgatar parte do histórico do carnaval rionovense foi motivado tanto pelo deleite da leitura destas obras, quanto pela consciência da riqueza desta manifestação cultural na cidade de Rio Novo. Daí nasce a pergunta: por que estudar o Carnaval de uma cidade de proporções tão pequenas perante os grandes centros? Esta questão talvez seja um foco primordial da pesquisa, pois ao entrar nas singularidades do carnaval rionovense, não somente refuto as visões que apresentam uma imagem homogeneizada das festividades, como também chamo a atenção dos interessados na temática e outros leitores para as especificidades e particularidades das festividades nas suas singularidades, reforçando assim uma leitura do carnaval como manifestação cultural polissêmica e ressignificada no seu espaço e tempo.

Fator que me incentiva a buscar as semelhanças entre os folguedos desta pequena cidade e os festejos do carnaval do carioca, que visivelmente serviu de modelo. Pois a história do carnaval de Rio Novo guarda em si manifestações encontradas em outras regiões e períodos, mas com particularidades somente encontradas ali, de uma dada forma, naquela pacata cidade do interior mineiro.

Portanto, minha leitura sobre esta festividade procura se distanciar das interpretações que se embasam numa “teoria geral da festa”, realizadas por muitos cientistas sociais, e interpretações que vêem o carnaval como o símbolo de uma possível cultura popular em contato com uma pressuposta cultura erudita. Busco fazer uma interpretação que se debruce no entendimento dos códigos que permeiam os contatos entre os indivíduos e seus grupos sociais, numa perspectiva que ressalta a especificidade dos significados em que se produziram as fontes, para assim conseguir resgatar indícios do passado que os indivíduos vivenciaram, mas que pode ser debatido apenas no presente.

Nesse sentido, entendo que o carnaval é vivido e atualizado pelos novos códigos que vão sendo agregados. Exercício inserido nos espaços compartilhados pelos carnavalescos que se relacionam, impulsionados pelos mais diversos propósitos intelectuais, sexuais, morais entre outros⁵⁵, ou pela mera necessidade de exteriorização das suas identidades, que perante e

⁵⁴ Lazzari, Alexandre. Coisas para o povo não fazer: carnaval em Porto Alegre (1870-1915). Campinas, Campinas, SP: Editora da Unicamp / Cecult, 2001. pág. 15.

⁵⁵ SIMMEL, Georg: Sociologia / organizador da coletânea: Evaristo de Moraes Filho; tradução de Carlos Alberto Pavanelli. Et al. – São Paulo: Ática, 1983.

contra os “outros” se representam como códigos que os participantes dos diferentes clubes, blocos ou grupos sociais utilizam para se reconhecer.

Para uma leitura desses embates simbólicos recorro às propostas de análise das representações, práticas e apropriações feitas pelos atores sociais, do historiador Roger Chartier.⁵⁶

Tratando das representações, o historiador retoma o pensamento de Durkheim, do qual certifica que o primeiro passo para entendermos as representações é conscientizar-nos de que as classificações, delimitações e divisões dão base à organização e apreensão do mundo como categorias basilares para uma possível compreensão, percepção e exame da realidade social⁵⁷, em que o presente pode adquirir sentido tornando-se inteligível e decifrável dentro dos códigos compartilhados socialmente.

Chartier segue sua reflexão apontando os discursos e as percepções sociais como práticas parciais, que reproduzem estratégias e exercícios os quais buscam impor uma autoridade, legitimação ou justificação de um dado social. As representações, então, conjecturam um campo de relações de força concorrentes, das quais vemos presentes nas interações sociais do carnaval dos clubes rionovenses. Os grupos tentavam se impor e se solidificar por meio de suas compreensões de mundo ou suas classificações e delimitações.⁵⁸

Concluindo, o historiador francês chama a atenção para o fato de que a problemática desse tipo de epistemologia debruçada nas representações está no modo em que os indivíduos, inseridos nos seus grupos, apropriam-se dos diversos discursos propagados socialmente. Pois o mundo dos discursos e o mundo do sujeito são articulados e o modo como a apropriação é feita pelo leitor afeta as normas de sua compreensão do mundo e de si mesmo.⁵⁹ Sendo assim, os sujeitos ao apropriarem-se subjetivamente dos discursos são ativos, a relação é móvel e as informações são ressignificadas dentro das configurações intelectuais dos indivíduos.

Fundamental para este trabalho é entender o papel da memória, na formulação que os depoentes fazem a respeito do passado. Conscientizado de que a memória é fruto de uma construção psíquica de fatos pretéritos e sofre uma seleção do lembrado, tenho que frisar que este processo não se limita à atividade individual, nem mesmo ao coletivo⁶⁰, pois toda

⁵⁶ CHARTIER, Roger. História cultural: entre as práticas e representações. Lisboa, Difel, 1990. pág 27

⁵⁷ Idem (id.) pág 17.

⁵⁸ Idem (id.) pág 17.

⁵⁹ Ibidem (ibid.) pág. 24.

⁶⁰ ROUSSO, Henry. A memória não é mais o que era. In: Usos e Abusos da História Oral/Janaína Amado e Marieta Ferreira, coordenadoras. 5ª edição. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002. Pág. 93 e 94.

memória pode ser compartilhada socialmente, mas somente materializada subjetivamente com os discursos individuais.⁶¹

Também é necessário estabelecer uma distinção entre lembrar e reviver. A lembrança é edificada com base nos materiais disponíveis na consciência presente e por mais que o exercício de relembrar procure ser exato, as imagens refeitas serão diferentes das experiências pretéritas. Portanto, o depoente não é o mesmo quando relembra um caso referente ao seu passado. Sua percepção e interpretação dos casos se modificaram no decorrer do amadurecimento individual, alterando suas leituras do seu passado.⁶² Fato que não me impede de resgatar o passado por intermédio dos indícios das representações que as lembranças deixam para nós. Nesse sentido, as principais fontes são depoimentos que os moradores fazem a respeito do antigo carnaval rionovense.

Sendo assim, procuro coletar depoimentos de pessoas que participaram dos mais diferentes folguedos carnavalescos de Rio Novo como os frequentadores dos *Explosivos*, Maria Duarte Pinto, Carmelita Betonte, Senhor Carlinhos e sua esposa Josélia; do *Colar de Pérolas* e do *O Nosso É Outro*, Dona Durvalina (Dona Didi), Altivo Cândido, Maria Gontijo (Maria Butija), Antônio Coelho, frisando que estes três últimos também estavam entre os primeiros idealizadores das Escolas de Samba no carnaval de Rio Novo; e foliões que vivenciaram os festejos nos diversos clubes como Aretusa, João Pinheiro; sem esquecer daqueles que não deixaram os clubes e estiveram ligados aos zé-pereiras, como Dona Kirley e Lauro Rooke.

Outra fonte rica de informações foram as imagens, entre elas três desenhos que ajudam na figuração do conhecimento explanado na obra. No processo de coleta desses documentos desfrutei do trabalho de pesquisa desenvolvido por André Colombo, historiador que angariou grande parte das ilustrações, formando um acervo imagético de Rio Novo, que não se limita às imagens aqui apresentadas.

Outros acervos particulares também foram consultados tais como o de Ernesto Soares, Willian Mendonça, filho de Dona Kirley, Hyla Salma e de Luis André Xavier, onde consegui algumas das mais importantes fotos da pesquisa. Recebi ajuda dos próprios depoentes, que com afeto guardam as histórias da cidade e de suas experiências, sendo seus acervos históricos pessoais um fruto deste exercício de amor ao passado. Também tivemos contato

⁶¹ PORTELLI; Alessandro. A filosofia e os fatos: narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. In: Revista Tempo. Rio de Janeiro. Vol. 1; n° 2; dezembro de 1996 / 59-72. pág 72.

⁶² BOSI, Ecléa. Memória e sociedade: lembrança de velhos/Ecléa Bosi --- 3° edição --- São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

com o acervo da Fundação Cultural Chico Boticário, que por intermédio de Brenildo Ayres e Imaculada me ofereceram uma gama de imagens sobre o carnaval rionovense.

Estas figuras não se limitam aos eventos carnavalescos, retratam a cidade de Rio Novo em geral representando um pouco da vida de seus cidadãos. As fontes inseridas no corpo textual buscaram ilustrar as memórias dos foliões e as alusões históricas promovidas pela pesquisa. As demais não se isentam desta função, mas encontram-se em anexo com uma relevância informativa tangencial na apresentação do tema.

Ao lado das entrevistas e das fotografias, procuro conhecer as representações do carnaval estampado nos principais jornais rionovenses, atualmente localizados no acervo da Fundação Cultural Chico Boticário, que circularam durante o século XX.

Entre os periódicos consultados para a pesquisa encontram-se “O Rio Novo”, fundado em 1903⁶³, que circulou até o ano de 1914 e que voltou a circular no ano seguinte, sem uma data precisa de seu fechamento.⁶⁴

O jornal “O 109”, fundado no ano de 1917, sendo propriedade de Carmo Gama e Alípio Dias, circulou apenas até 1919. Também de vida curta foram os periódicos “O Jornal de Rio Novo”, de 1924 a 1928 e teve como redator Clovis da Silveira e “A Ordem”, fundado em 1926, se manteve por pouco tempo (não obtive uma data precisa para seu fechamento) e teve como proprietário Christiano Dias e seus filhos Célio e Ayres Dias da Costa.⁶⁵

Fundado em 1925, “O Paládio”, contou como seu primeiro diretor Aristóteles Câmara Leal Paixão, conhecido pela alcunha Tote Paixão, foi advogado e filho de um dos Constituintes de 1881, Antônio Jacob da Paixão. O escritor rionovense Paulino de Oliveira, em sua obra “Memórias Quase Póstumas de um Escriba Provinciano” refere-se da seguinte maneira ao “O Paládio”:

Por falar em jornais do interior, não devo esquecer “O Paládio”, que ainda se edita em Rio Novo... Creio que não é semanário nem mensário, mas devezenquandário, pois circula uma vez na vida e outra na morte.⁶⁶

Em 1928, foi fundada “A Gazeta Rionovense”⁶⁷ pelo Coronel Christiano de Paula Araújo, que em 1936, o jornal foi renomeado “A Gazeta”. Este jornal circulou até o ano de 1979. Em meio a todos seus periódicos, no ano de 1951 foi publicado o “Anuário da Gazeta”,

⁶³ Fundado por Emílio de Araújo e Francisco Lopes, teve como redatores os poetas e imortais da Academia Mineira de Letras, Olympio de Araújo e Carmo Gama.

⁶⁴ Brenildo Ayres do Carmo. Imprensa Rionovense. Um século de história. Acervo Fundação Chico Boticário.

⁶⁵ Idem. (id.).

⁶⁶ Apud. In: Imprensa Rionovense. Um século de história.

⁶⁷ Tendo uma equipe de redatores, entre eles Arthur Custódio Ferreira, Plínio de Paula Araújo, Lafayette Dutra Atheniense, Erasthótenes Caldas, Silviano Araújo, etc. Seu gerente, Messias Lopes se tornou proprietário do periódico, em 1936.

que teve por objetivo retratar a história do município como um todo, registrando os grandes acontecimentos políticos, as ações dos rionovenses ilustres, as lendas, os costumes, entre outros tópicos gerais. Mas o projeto de anuário ficou limitado ao ano de 1951.

Dentro do acervo da Fundação Chico Boticário, trabalho com outros documentos como a obra memorialística de Manuel Pável “Besta de Sela – memórias romanceadas”, na qual dedica um capítulo a retratar o passado da cidade e não esquece do carnaval; os Estatutos dos Clubes Carnavalescos de Rio Novo; o livro de Atas do *Club Renitentes Carnavalescos* e um “Livro de Ouro” da mesma agremiação. Também foram utilizados nos estudos o “Livro de Ouro do Zé-Pereira” e o registro da *Escola de Samba Sorriso da Melodia*, documentos adquiridos no acervo pessoal de, respectivamente, Willian Mendonça e Maria Gontijo.

Embasado nesses documentos, o trabalho está dividido em três capítulos. No primeiro capítulo, inicio o estudo pelo período que antecedia o carnaval, tratando dos zé-pereiras como uma manifestação cultural, de perfil pré-carnavalesco, de origem portuguesa, que chegou à capital e também à pequenina Rio Novo. Por isso, para entender melhor a trajetória deste bloco rionovense, abordo, nessa primeira parte, sua origem e a inserção dentro do carnaval rionovense, os diversos personagens inseridos neste bloco, as diferentes maneiras em que este folguedo se ordenou na cidade e o histórico dos códigos e suas ressignificações que geraram e transformaram o folguedo durante o início do século XX à década de 1980. Tudo isso atento às diversas maneiras em que o zé-pereira foi apresentado nas memórias dos foliões na imprensa rionovense.

Já no capítulo dois aprofundo no entendimento sobre o carnaval promovido pelos Clubes Carnavalescos de Rio Novo. Em um carnaval no qual a divisão social se tornava declarada pelos grupos sociais, friso as representações dessas separações promovidas pelo *Club Renitentes Carnavalescos*, frequentado pelos “coronéis”⁶⁸; *Club Explosivos Carnavalescos*, formado pela classe média⁶⁹ de Rio Novo; O *Club Colar de Pérolas*, frequentado pelos negros, e finalizando, o *Clube Carnavalesco O Nosso É Outro*, que diferente dos demais, não selecionava seus foliões nem por cor, riqueza ou status social. Tudo isso realçando as rivalidades, o policiamento e o polimento do comportamento dos foliões que, corriqueiramente, se inseriam num espaço em que os mais diversos conflitos se desenvolveram.

⁶⁸ Como descrito por Dona Maria da Conceição Pinto no depoimento dado no dia 20 de novembro de 2004.

⁶⁹ Maria da Conceição Pinto descreve: “classe média mesmo, mais popular”, “era operário, professor”, e para diferenciar a elite descreve: “Renitente era a classe alta, ali só tinha os coronéis, os fazendeiros, que frequentava ali.”

Para finalizarmos nosso trabalho, no capítulo três, faço uma abordagem do processo de ressignificação do carnaval de Rio Novo, com o surgimento das Escolas de Samba. Estas agremiações que, a princípio, foram marginalizadas, foram paulatinamente tomando proporções de destaque no carnaval da década de 1970, mesmo compartilhando o espaço com o moderno *Acauã Clube de Rio Novo*.

2 O Zé Pereira: o abre-alas do carnaval de Rio Novo.

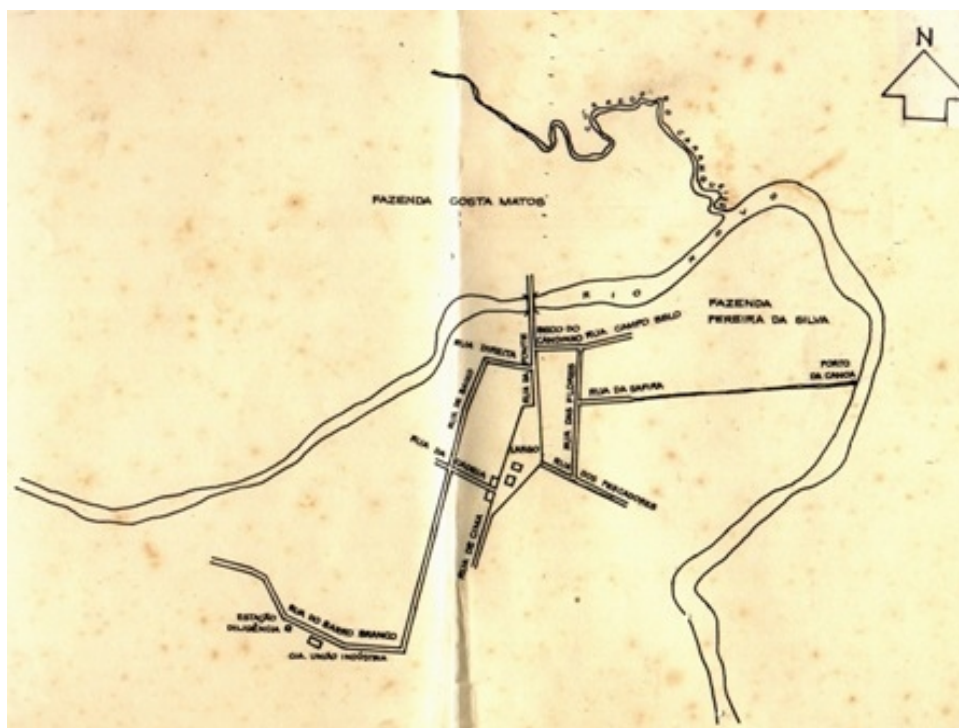
2.1 Uma breve apresentação de Rio Novo.

Como afirma o escritor e pesquisador Brenildo Ayres, durante as últimas décadas do século XVIII os primeiros desbravadores começaram a chegar à região, que atualmente se encontra o município de Rio Novo, com o objetivo de reconhecer os caminhos proibidos, os

rios e montanhas que dividiam as regiões das minas e do Rio de Janeiro, as tribos que ali habitavam e a possível existência de metais ou pedras preciosas.⁷⁰

Nessas incursões no interior das florestas, esses desbravadores cristãos optaram por se instalarem em um local mais plano e elevado, nas proximidades do rio Novo, para iniciarem o povoamento da região e erguerem uma pequena capela de madeira coberta de sapé, dedicada à devoção de Nossa Senhora da Conceição. Surgia neste momento o povoamento de Nossa Senhora da Conceição do Rio Novo.⁷¹

Paulatinamente, este povoamento foi se solidificando. Com a chegada dos posseiros, em busca de terras, as sesmarias foram sendo distribuídas e a capela conseguiu a Provisão Eclesiástica, obtendo melhoramentos. Já em 1834, foi executado o primeiro “Plano de Arruamento do Arraial de Nossa Senhora da Conceição do Rio Novo”.⁷²



Mapa 1 Plano de Arruamento do Arraial de Nossa Senhora da Conceição do Rio Novo. Na margem sul do rio Novo, houve a formação do centro administrativo e econômico do que veio a ser o distrito de Rio Novo; a margem norte foi tomada pelos libertos, onde se formou o Arraial dos crioulos.

Fonte: Arquivo da Fundação Cultural Chico Boticário. Rio Novo - MG.

⁷⁰ Brenildo Ayres do Carmo. Na mesma Praça. História, fatos e lembranças. In: REVISTA CHICO BOTICÁRIO – História e cultura dos Sertões do Leste. Pág. 30-33.

⁷¹ Idem (id.).

⁷² Idem (id.).

Em 1850, pela Lei Provincial nº471 de 1 de junho, este povoado se transformou em distrito e, no ano de 1870, foi elevado oficialmente à condição de município, influenciando consideravelmente a política desta região.⁷³

Transformando-se em sede de uma das 25 Comarcas da Província de Minas Gerais, exerceu jurisdição sobre municípios como Leopoldina, Pomba, Mar de Espanha. Nesta mesma década chegou a ser o centro administrativo dos distritos de Piau, Goianá, São João Nepomuceno, Santa Bárbara e Descoberto.⁷⁴ Mas já em novembro de 1880 os três últimos distritos seriam desanexados, tornando São João Nepomuceno o centro administrativo.

Apesar de sua expressão na política regional, ainda nos primeiros anos do século XX, Rio Novo apresentava um ritmo cotidiano tranquilo que fluía lentamente. Com uma economia voltada para o cultivo do café e de cereais, não apresentava grande número de pessoas em seu centro urbano. Em 1900, a cidade chegou a concentrar 16.912 habitantes, somando a população da área rural e seus dois distritos; já em 1940, totalizava apenas 7317, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, referentes ao espaço da sede administrativa, sendo que a população urbana e suburbana contava apenas com 2.760 pessoas.⁷⁵

Portanto, a vida nesta pacata cidade não seguia a velocidade dos bondes que já tomavam o espaço das grandes urbes. A vida econômica era ritmada pela velocidade dos carros de boi, carroças, mulas ou equinos, que em boa parte do século XX, respondiam pelo transporte das sacas de café ou das colheitas de cana-de-açúcar das fazendas que contornavam o perímetro urbano.

Seguindo esse mesmo ponteiro, que não andava às pressas de uma cidade industrial, as empresas eram poucas e, na maioria das vezes, de vida curta. Nada muito além da cervejaria Pável, uma fábrica de chinelos, a fábrica de charretes e carroças da família Costa, a ferrovia, uma refinaria de açúcar e outras que vinham e iam.

O Jornal “O 109”, no ano de 1919, representava a imagem da insatisfação de uma parte da população rionovense em relação ao fracasso das indústrias na cidade, relatando o desfile do préstito do *Clube Paladinos Carnavalescos* com seu carro de críticas “Rio Novo, o cemitério das indústrias”. Segundo este periódico, tal carro, por demais apreciado, remetia ao fato de nenhuma empresa conseguir prosperidade na cidade.⁷⁶

⁷³ Ibidem (ibid.).

⁷⁴ O Anuário d'A Gazeta. Dezembro de 1951. Ano I. Numero I. Redator Chefe: Silviano Olímpio de Araújo. Diretor proprietário: Messias Lopes. Rio Novo – MG.

⁷⁵ IBGE. Rio de Janeiro. Sinopse Estatística do Município de Rio Novo. Estado de Minas Gerais. Ed. 1945.

⁷⁶ Jornal “O 109”. 09/03/1919.

Eram escassos os recursos divididos entre seus habitantes. Na cidade poucos gozavam de um bom padrão de vida; a maioria da população vivia sob a dependência das atividades econômicas dos fazendeiros. No mais, outros eram os rábulas, os advogados, os donos dos comércios, os professores, o delegado, o juiz, e muitos desses, também, eram concomitantemente fazendeiros ou seus filhos.

Semelhantes discursos sobre a cidade estamparam em várias matérias de jornais da cidade, no início do século XX. Igualmente esta imagem delineava-se nas memórias romanceadas de Manoel Benjamin Pável, em seu livro “Besta de Sela”, editado no ano de 1965:

A cidade era triste, parada. Não havia oportunidade para o povo em geral gozar de um melhor padrão de vida, os meios recursos eram poucos.

A maioria da população era pobre, e macambúzia. A cidade ainda vivia à custa da zona rural, dos fazendeiros que a procuravam.⁷⁷

Além de uma disparidade econômica e financeira, a sociedade rionovense viveu sob uma organização social extremamente segregante. Os negros libertos foram colocados na outra margem do rio Novo, na área que passou a ser chamada de Arraial dos Crioulos⁷⁸. Nenhuma atitude expressiva de aproximação entre os grupos sociais foi feita. Talvez a única foi promovida pelo Cônego Agostinho Augusto França, que na virada do século XIX para o XX, ao abraçar a caridade, ajudou de perto de alguma maneira aquele arraial que se tornou Vila França. No entanto, tal nome foi uma homenagem ligada primeiramente à sua tentativa de construção de uma capela no arraial e, secundariamente, por suas atitudes solidárias para com os grupos marginalizados.⁷⁹

Essa segregação também não significou uma separação estanque entre os grupos, já que havia momentos em que conviviam nos espaços sociais, mas foi presente tanto no carnaval, quanto no cotidiano dos cidadãos que viviam na cidade. Estas condições ficam claras quando vejo as situações impostas aos herdeiros dos vários grupos africanos, que dentro das múltiplas identidades que os formavam, em meio aos vários problemas sociais e econômicos, geraram um fator aglutinador e identitário, de um “nós”, perante o “outro” branco⁸⁰. Neste caldo de significados entrelaçados e entrepostos, encontro indícios de que, por

⁷⁷ PÁVEL, Benjamim. Besta de Sela – Memórias Romanceadas. Editora Pongetti, Rio de Janeiro: 1965. Pág 106.

⁷⁸ A terminologia «crioulo», na época colonial significava o escravo nascido no Brasil. Mas com o advento da República, no contexto pesquisado, o termo “crioulo” tornou-se sinônimo de pessoas portadoras de uma epiderme escura. Por este fato, ressalto a presença dos termos “pretos” e “negros”, nos depoimentos, para referenciar os “crioulos” que brincavam no carnaval rionovense.

⁷⁹ Ver: Anuário da Gazeta.

⁸⁰ Roberto Cardoso de Oliveira desenvolve o conceito de identidade contrastiva que é a identidade que se constrói na diferença, ou seja, quando um grupo se afirma como tal em relação a outro grupo com que se

todo o período pesquisado, as questões sociais e culturais são constantemente confundidas como um problema de “cor da pele”, principalmente quando o assunto é o carnaval de clubes e a formação das Escolas de Samba.

Como Altivo⁸¹ lembra, até aproximadamente a década de 1970, a separação de cor era uma realidade na cidade e se refletia na organização de diversos festejos do carnaval. O próprio centro econômico e social rionovense se ordenou nestes preceitos segregantes, de uma maneira muito clara nas palavras do depoente referindo à década de 1930:

A Praça era cercada, por dois fios de arame desses. Um embaixo outro em cima. Dessa altura assim, [cerca de 1 metro] (...) então nós passeávamos em volta da praça e a turma de gente branca, a turma de vocês passeava dentro. Os brancos passeavam dentro da praça e nós pretos passeava do lado de fora.

Felipe: Por quê?

Altivo: Porque se distinguiam as cores, tinha separação de cores.⁸²

O depoente ainda segue dizendo:

Ali era o cinema, dos Paladinos⁸³ [Cinema Íris]. E lá era o Cinema Rion. Era os Paladinos era o nosso cinema de preto. Lá era o cinema dos ricos. Aqui era assim meu filho. Era tudo separado. Num tinha essa mistura não.⁸⁴

defronta; uma identidade que surge por oposição. Cf. *Identidade, Etnia e Estrutura Social*. São Paulo: Biblioteca Pioneira de Ciências Sociais, 1976, p. 5.

⁸¹ Altivo Cândido brincou o carnaval rionovense desde os anos de 1930. Freqüentador do salão do Clube *Colar de Pérolas*, durante sua juventude, participou da fundação das primeiras Escolas de Samba, *Unidos de Rio Novo e Sorriso da Melodia*, na década de 1960. Entrevista do dia 04/10/2009.

⁸² Altivo Cândido 04/10/2009.

⁸³ Faz referência ao Clube dos Paladinos Carnavalescos, agremiação que promoveu seus festejos de carnaval no prédio que veio a se tornar cinema após seu fechamento como clube.

⁸⁴ Altivo 04/10/2009.



Fotografia 1: Praça com as cercas que delimitavam as fronteiras espaciais dos negros e brancos, na circulação do centro da vida urbana rionovense. Datada possivelmente entre 1911 e 1938, quando o ainda Jardim Municipal entrou em reforma para dar origem à atual Praça Marechal Floriano Peixoto.

Fonte: Acervo particular de André Colombo. Rio Novo - MG.

Esta praça, que teve as mais diferentes feições no decorrer da história rionovense, sempre foi o centro econômico e social da cidade. Local em que se encontravam as lojas, a farmácia, os hotéis, os barbeiros, os alfaiates, a padaria, etc. A vida religiosa também se encontra ali na Igreja Matriz, que continua dividindo o espaço com o poder estatal da prefeitura municipal. O lazer dos bares, cinemas, dos desfiles e festas da comunidade não foi diferente, tinham a praça como o principal lugar... a vida rionovense girou e ainda hoje volve dentro ou em seus arredores.⁸⁵

Mesmo com esse espírito pacato, havia espaço para o entretenimento. Para muitos os desfiles das bandas, que eram recebidas aos fogos de artifícios, a chegada do circo, o teatro, ou até mesmo a ida ao cinema eram os grandes eventos da cidade. Mas tratando de uma prática recreativa, em que parcela majoritária da população se abria às comemorações, o carnaval adquiria destaque.

Este carnaval, desde o princípio do século XX, já era anunciado pelo zabumbar dos foliões fantasiados com seus zé-pereiras, manifestação de origem portuguesa, que antes de chegar a Rio Novo, foi difundida nos carnavais do Brasil, com destaque para o carioca. Pela proximidade e influência do folguedo da cidade do Rio de Janeiro em relação aos zé-pereiras

⁸⁵ Sobre a Praça Marechal Floriano Peixoto Ver: Brenildo Ayres do Carmo. Na mesma Praça. História, fatos e lembranças. In: REVISTA CHICO BOTICÁRIO – História e cultura dos Sertões do Leste. Pág. 30-33

rionovenses, cabe aqui fazer um parêntese para indicar as representações tecidas pelos memorialistas sobre este evento na antiga capital do Brasil.

2.2 Os zé-pereiras no Rio de Janeiro: a manifestação modelo nas visões dos memorialistas e intelectuais.

No Rio de Janeiro, os zé-pereiras eram uma das folganças em meio às brincadeiras do entrudo. Armados com seus bumbos a esmurrar, ritmavam os demais foliões fantasiados com suas bisnagas prontas para travarem um jogo de molhadelas. Ambos de origens lusas, o entrudo e os zé-pereiras se difundiram pelos mais variados locais da antiga capital, sendo praticados pelos diferentes grupos sociais cariocas e dividiram espaço com outras folganças, como os negros dos cucumbis e os fantasiados avulsos com suas guerras às cartolas.⁸⁶



Desenho 1 O Jogo do Entrudo.

Fonte: Raul Lima, publicada na Iconografia do Rio de Janeiro 1530-1890, vol II. Rio de Janeiro: Casa Jorge Editorial, novembro de 2000. Rio de Janeiro, 1840.

Diversos folcloristas e memorialistas abordaram a inserção do zé-pereira no carnaval brasileiro. Dentre esses estudiosos, Vieira Fazenda (1874 – 1917) se destacou por ter sido o primeiro a mencionar o ingresso do zé-pereira nos folguedos cariocas, em seu livro, de 1904, “Antiquilhas e memórias do Rio de Janeiro”.

Numa perspectiva que buscava uma purificação do folgado que já tomava amplitude e identidade nacional, nesta obra, o escritor retrata a aparição do zé-pereira em meados do século XIX, com um português, sapateiro de nome José Nogueira de Azevedo Paredes, que

⁸⁶ Ver: CUNHA, Maria Pereira Clementina da, Ecos da Folia, uma história social do Carnaval Carioca entre 1880 e 1920. Companhia das Letras, 2001.

vivia no Rio de Janeiro. Segundo o escritor, este personagem teria se equipado com um bumbo e saído a desfilar nas ruas a zabumbar. Os foliões avulsos, perplexos com a invenção, ainda não idealizada por nenhum outro, juntaram-se a ele e no decorrer da brincadeira deram vivas ao “Zé Pereira” e não ao “Zé Nogueira”.⁸⁷

Outro importante memorialista que trabalha com o surgimento do zé-pereira foi Luís Edmundo (1878-1961). Nascido no Rio de Janeiro, o escritor redigiu a obra “O Rio de Janeiro do meu tempo”, publicada em 1938⁸⁸, em que também se refere ao surgimento do zé-pereira em solo brasileiro e apresentou uma imagem do folguedo que tomava as ruas cariocas no século XIX.

Vieira Fazenda reafirma que o zé-pereira teria origens lusitanas, sendo trazido pelo mesmo sapateiro da rua São José, que, segundo Luís Edmundo, teria aperfeiçoado suas batidas no bumbo com o exercício de golpear as solas dos sapatos.⁸⁹

Dotado de uma visão típica dos escritores do século XIX, ávidos por civilizar a população foliona, refere-se ao carnaval carioca como uma manifestação festiva ligada à plebe e sua rudez desalinhada, em que a balburdia reinava. Assim, ao mencionar o carnaval de 1852, o memorialista descreve um zé-pereira, composto por sete ou oito “plebeus”, empunhados de tambores, bumbos e caixas de rufo, passando nas ruas a surrar estupidamente seus instrumentos.

A princípio, o zé-pereira é um préstito de fragoroso alarido. Batecum. Estrondear de pelicas. Berraria caótica e hiperacústica de sons loucos, de brados, loucos, de barulheira louca. Não se canta. De resto, as palavras não seriam ouvidas, ante o ensurdecidor e reboante conflito de estrondos e retumbos que a fúria de braços vigorosos arranca, violentamente, ao oco das caixas, dos bombos e tambores.⁹⁰

Em sua perspectiva, este uso descomedido dos instrumentos de percussão não seria à toa, pois como Edmundo afirma, quando um homem da elite é venturoso se expressa com o sorriso, já o plebeu necessita dos ruídos e das gargalhadas para exteriorizarem suas alegrias.⁹¹

⁸⁷ FAZENDA, Vieira. Antiquilhas e memórias do Rio de Janeiro, Revista do IHGB, Rio de Janeiro; 1923.

⁸⁸ Edmundo, Luís. O Rio de Janeiro do meu tempo. – Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2003. 680p. (Edições do Senado Federal; v. 1) Pág. 23.

⁸⁹ Edmundo, Luiz, 1880 – 1961. O Rio de Janeiro do meu tempo. / Luiz Edmundo – Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2003. (Edições do Senado Federal; v: 1). Pág. 477.

⁹⁰ Idem (id.) pág. 476.

⁹¹ Ibidem (ibid.) pág. 475.



Desenho 2“Um zé-pereira”. Ilustração de Arnaldo Pacheco.
Fonte: livro "O Rio de Janeiro do meu tempo".

Visões como estas, que mencionam o zé-pereira como uma manifestação pejorativamente popular, foram naturalmente pronunciadas pelas elites cariocas, que ao assistirem os desfiles zé-pereiras e seus diabos, pierrôs, dominós, princês e outros personagens mascarados de origem marginal, reforçavam as críticas a estes cortejos que se tornavam cada vez mais comuns nas ruas do Rio de Janeiro no século XIX.

A historiadora Maria Clementina Pereira Cunha, em seu livro “Ecos da Folia: uma história social do carnaval carioca entre 1880 e 1920”, descreve o mal-estar gerado por essa plebe “desclassificada” a zabumbar nos carnavais cariocas. Segunda a autora, o zé-pereira com seus bumbos e caixas rufando deram ritmo às danças dos mascarados avulsos, unindo e deixando-os ainda mais ameaçadores. Ali, naquelas aglomerações de foliões poderiam ser encontradas as figuras mais distintas e perigosas. Eram os negros, brancos pobres, vadios, prostitutas, trabalhadores braçais em meio a outros foliões ocupando um mesmo espaço, que, na concepção das elites letradas, era um local promíscuo e contagioso, poderia colocar em risco a ordem social almejada.⁹²

⁹² Cunha, Maria Clementina Pereira. Eco da folia: uma história social do carnaval carioca entre 1880 e 1920. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. pág. 46 e 47.

Para imaginar a composição de um zé-pereira carioca, do século XIX, posso recorrer à descrição deste folguedo feita pelo advogado e jornalista Joaquim José de França Junior e citada pela mesma historiadora:

(...) Na frente do zé-pereira vem a bandeira, que consiste quase sempre em três ou quatro esteiras velhas pregadas a um bambu (...)Empunha o estandarte valente carroceiro, que se serve neste dia como a prata da casa, isto é, veste-se de capim. Atrás da bandeira desfilam os bumbos. Atrás dos bumbos vêm os tambores de latas de biscoitos rufando à toda força. Os costumes dos tambores são de sujeitos sem costumes. As barrigas indecentes, os enchimentos posteriores ainda mais indecentes e os letreiros que trazem nos chapéus são dignos de ver-se.⁹³

Como vejo nessas representações do zé-pereira, as referências dos letrados não eram das melhores e à medida que este folguedo aumentou suas proporções, as elites se preocupavam ainda mais com o caminho tomado pela manifestação carnavalesca.

Já na década de 1850, estas brincadeiras tornaram-se um dos principais focos de discussão relativo à constituição de uma nação civilizada.⁹⁴ Com o passar das décadas, cada vez mais, as elites letradas, em seus debates, buscavam modelar estes folguedos com projetos pedagógicos, homogeneizadores e civilizatórios, apresentado pelas grandes sociedades.⁹⁵

Dentro deste contexto de embates e transformações do folguedo que Maria Clementina insere o surgimento da famosa peça teatral “O zé-pereira carnavalesco”, do ano de 1869, cuja autoria seria do ator e escritor Francisco Correa Vasques⁹⁶. Neste teatro foi parodiada a peça *Pompieri de Nanterre*⁹⁷, construindo uma apresentação que remetia o zé-pereira como um plebeu brincalhão e inofensivo. Como a historiadora frisa, isso soou como um esforço de moldar a manifestação dentro dos arquétipos de civilização tão debatidos pelas elites intelectuais, preocupadas com o destino da nação brasileira, tomada pelos “folguedos injuriosos” do carnaval.⁹⁸

Desta maneira, esta paródia de Vasques sugeria um diálogo entre o humilde zé-pereira e o modelo de carnaval polido proposto pelos intelectuais e as sociedades carnavalescas. Fato

⁹³ Apud. Eco da folia: uma história social do carnaval carioca entre 1880 e 1920. pág. 46.

⁹⁴ Cunha, Maria Clementina Pereira. Vários zes, um sobrenome: as muitas faces do senhor Pereira no carnaval carioca da virada do século. In: Carnavais e outras f(r)estas: ensaios de história social da cultura. Maria Clementina Pereira Cunha (org.). Campinas, SP: Editora da UNICAMP, Cecult, 2002. Págs. 384 e 385.

⁹⁵ Idem (id.). Pág. 384.

⁹⁶ O ator e dramaturgo Francisco Correa Vasques era mestiço, de origem modesta, abolicionista, cronista e integrante das rodas boêmias do Rio de Janeiro na segunda metade do século XIX. Nasceu em 1839 e faleceu em 1892.

⁹⁷ Canção francesa de sucesso na França, encenado na Corte francesa, pouco tempo antes da peça de Vasquez.

⁹⁸ Cunha, Maria Clementina Pereira. Vários zes, um sobrenome: as muitas faces do senhor Pereira no carnaval carioca da virada do século. In: Carnavais e outras f(r)estas: ensaios de história social da cultura. Maria Clementina Pereira Cunha (org.). Campinas, SP: Editora da UNICAMP, Cecult, 2002. Pág. 375

que revelava a proporção do mal-estar que abatia à sociedade carioca, que tentava entrincheirar estas manifestações “bárbaras”.⁹⁹

Mas embora a imagem do zé-pereira remetesse a um “costume de sujeitos sem costumes” ou aos habitantes dos cortiços, as sociedades carnavalescas também aderiram; inseriram o folguedo em seus festejos. Bem diferentes dos zé-pereiras habitados pelos capoeiras e outros personagens socialmente marginalizados, as seletas agremiações carnavalescas também iniciaram a promoção de seus zé-pereiras, dentro deste modelo civilizado que desejavam implantar aos demais setores sociais. Com o tempo, mesmo sendo combatidos, os zé-pereiras, aos poucos reformulados, ganhavam paulatinamente as graças da elite. Nas grandes sociedades, nos bailes e bairros elegantes estes tipos de folguedos se difundiram.

Traçando rapidamente este histórico do zé-pereira carioca, que serviu de modelo para a tentativa de construção de um folguedo típico de nação civilizada, capacito um possível conhecimento da própria organização do folguedo dentro do carnaval da pequena Rio Novo.

2.3 Os zé-pereiras em Rio Novo: suas origens, histórias, similaridades e singularidades.

Abordando os folguedos do carnaval de Rio Novo, vejo que, assim como no Rio de Janeiro, tanto o zé-pereira quanto o entrudo fizeram parte do repertório das brincadeiras carnavalescas rionovenses. Nas primeiras décadas do século XX, encontro referências jornalísticas sobre ambas as manifestações festivas.

Com seu ingresso imemorável aos folguedos do Reinado do Momo, ainda na década de 1910, o entrudo e seus jogos de molhadelas foram registrados pela imprensa rionovense, de maneira pejorativa, como uma prática antiga, associada aos avós e à situação de crise econômica, que assolava a cidade. Pois como o dinheiro andava parco, a única saída para festejar o carnaval seria esquecer os lança-perfumes e as batalhas de confetes para aderir novamente às ultrapassadas guerras d’água e nada mais.

O jornal “O Rio Novo”, tendo como redatores os imortais da Academia Mineira de Letras, Carmo Gama e Olympio Araújo, assim apresentou as festas deste ano:

O cobre anda vasoneiro, mas temos água em abundância. Portanto voltamos ao velho divertimento de nossos avós, tornando-nos todos foliões (...). O povo é que

⁹⁹ Idem (id.). Pág. 379.

não quer saber de confetti nem lança-perfume, que não sabem a seu magro bolso: elle aprecia é o entrudo, à moda antiga – Água pura e mais nada.¹⁰⁰

Neste mesmo ano, o periódico seguiria afirmando que os verdadeiros festejos carnavalescos teriam se aristocratizado, já que aqueles que tinham uma renda e desejavam apreciar uma boa festa de carnaval procuravam as comemorações da capital, lembrando que o Rio de Janeiro tornara mais acessível com a construção da Ferrovia Leopoldina, na segunda metade do século XIX, que ligava Rio Novo e Juiz de Fora, onde se encontrava a Central do Brasil, que fazia a conexão entre a última cidade e o Rio de Janeiro. Assim, diminuía os antigos obstáculos espaciais que tornavam as áreas tão distantes no passado.

Construídas na segunda metade do século XIX, as linhas férreas, que tinham como principal objetivo escoar as sacas de café da região da Zona da Mata até o Rio de Janeiro, por muito tempo se apresentaram como um elo entre Rio Novo e o universo exterior. Foi por intermédio deste meio de transporte que chegavam os visitantes junto às novidades da moda e dos costumes da capital, as novas tecnologias e as notícias dos jornais, entre outros fatos, que eram repassadas pela imprensa local.



Fotografia 2 Antiga Estação de Trem da linha férrea que ligava Rio Novo a Juiz de Fora, onde se fazia a baldeação para a antiga capital do país, Rio de Janeiro.

Fonte: Fundação Cultural Chico Boticário.

Segundo o jornal, esta facilidade de locomoção contribuiu para o carnaval e o entrudo se tornarem enfadonhos e gélidos, gerando o “desaparecimento do carnaval em nossas pequenas cidades servidas pelas vias-férreas que facilitam a viagem (...) onde as bisnagas, os lança-perfumes, os limões, as águas dão apenas pequenos combates (...)”.¹⁰¹

¹⁰⁰ Jornal: O Rio Novo 26/02/1911.

¹⁰¹ Ibidem (ibid.) 5/03/1911.

O último registro que encontro desta folgança na cidade de Rio Novo faz referências indiretas ao zé-pereira, que já se encontrava disseminado nas brincadeiras do carnaval rionovense há anos. Apontando uma crítica à população rionovense, ironicamente o redator do jornal fez o seguinte comentário sobre o comportamento do povo nos dias de carnaval:

Bem faz o povo que, na sua ingenuidade (...) só pensa nos folguedos do Carnaval e trauteia, atirando limão ou espremendo as bisnagas de Ulan, o lança-perfumes sem perigo:

Viva o zé-pereira!
 Viva o carnaval
 Viva a brincadeira
 que ninguém faz mal!¹⁰²

Assim como o princípio dos festejos do entrudo na cidade se apresenta de maneira imemorável, as descrições da origem do zé-pereira, em Rio Novo, são controversas. Duas são as maneiras que as memórias dos foliões tratam o princípio do folguedo pré-carnavalesco na cidade.

Uma delas é apresentada pela maioria dos integrantes do *Clube Explosivos Carnavalescos*, que defendem a ideia de que este folguedo teria iniciado com a fundação do clube no ano de 1907; já a segunda versão, que se popularizou pela cidade, afirma que esta folgança originou-se, antes mesmo da fundação dos *Explosivos*, num dia de carnaval em que o português Germano Baltazar, junto com alguns amigos, estavam em um bar bebendo, quando tiveram a imaginação de pegarem um carro de boi e panelas para saírem batendo pelas ruas, promovendo o zé-pereira, que, a cada ano, se tornou mais popular entre os folguedos do carnaval de Rio Novo.¹⁰³

Esta segunda versão defende que tal manifestação, além de ter sido única, teria surgido e se mantido dentro da família, com o Capitão Germano Baltazar como o fundador, seu filho José Vieira de Freitas (1895-1995), conhecido como Senhor Juquita, mantido o bloco por boa parte do século XX, com a ajuda de seu sobrinho Nelson Paes e posteriormente, já na década de 1990, passado para Lauro Rooke (sobrinho de Nelson Paes) e logo para administração de um grupo de jovens dos quais teriam na diretoria a presença de Thiago Paes (neto de Nelson Paes) e Willian de Freitas (neto do Senhor Juquita). Portanto, o bloco teria nascido e se organizado por diversas gerações na mesma família, não mencionando ligação com os tradicionais clubes carnavalescos da cidade.

¹⁰² Idem (id.) 22/02/1914.

¹⁰³ Entrevista com Dona Kyrley, enteada do Senhor Juquita que foi filho de Germano Baltazar.

Mas estas afirmações são postas em dúvida por aqueles que se deliciaram com os festejos dos *Explosivos Carnavalescos*. Frequentadora assídua do salão deste clube desde a década de 1930, Maria Pinto¹⁰⁴ defende que o surgimento do bloco teria sido dentro dos folguedos da sua agremiação. “O zé-pereira foi um bloco, um bloco caricato, ele foi criado dentro do *Clube Explosivos Carnavalescos* em 1907”.¹⁰⁵

Segundo a depoente, a declaração da existência de um desfile de foliões batendo latas em um carro de boi poderia ter ocorrido, pois em 1906, ainda não teria nascido, mas o zé-pereira que vivenciou em suas experiências no carnaval de Rio Novo foram todas no bloco promovido pelos *Explosivos*. Defende ainda que não havia outro, a não ser o zé-pereira do seu clube, e que o bloco só teria obtido autonomia da agremiação quando o clube terminou e logo os alegres foliões, Senhor Juquita e Nelson Paes, pegaram as rédeas do bloco.

O Senhor Juquita não foi o fundador do zé-pereira, ele reviveu o zé-pereira, ele reviveu. Porque tudo parou no Rio Novo, tudo acabou, então ficou aquele material no porão dos *Explosivos* (...). E um dia o Nelson Paes mais o Senhor Juquita falou: “Oh gente a gente tinha que voltar com o zé-pereira era uma coisa tão bonita, um bloco que animava tanto o carnaval”. Foi uma ideia maravilhosa, eles reviveram o zé-pereira. A mesma coisa que eles quisessem reviver o *Explosivo*, eu num sou a fundadora dos *Explosivos*, eu estou revivendo uma coisa que já existia no Rio Novo. Senhor Juquita nunca foi o fundador do zé-pereira, o zé-pereira foi fundado dentro do clube dos *Explosivos*, era um bloco caricato, (...) em 1907.¹⁰⁶

A depoente ainda, em entrevista, afirmou que tanto Nelson Paes quanto o Senhor Juquita eram frequentadores dos *Explosivos* e também participaram de seus folguedos. De fato, ambos brincaram os festejos neste clube, sendo que Nelson Paes chegou a ser presidente do clube rubro-negro.¹⁰⁷ Quanto ao Senhor Juquita, temos indícios de que, inicialmente, teria sido ligado aos *Renitentes*, ao menos durante a segunda metade da década de 1920.¹⁰⁸ Mas tudo indica que migrou para os *Explosivos* quando os *Renitentes*, em 1945, pararam de promover seus folguedos e, até mesmo antes disso, ter frequentado ambas agremiações.

O próprio jornal “O Rio Novo” de 1926, ao referendar a produção de um curso pelos *Renitentes*, estampou a seguinte nota:

¹⁰⁴ Tendo formação de professora e primeira vereadora de Rio Novo, Maria da Conceição Pinto Duarte, nasceu em 1920 e frequentou o salão do Clube dos Explosivos Carnavalescos assiduamente durante as décadas de 1930 e 1940, quando participou do Bloco das Turmalinas. Ainda hoje é engajada no Clube da Terceira Idade, onde é presidente e promove o Bloco da Terceira Idade nas noites de carnaval.

¹⁰⁵ Entrevista com Maria da Conceição Pinto Duarte 20/11/2004.

¹⁰⁶ Maria da Conceição Pinto Duarte 19/07/2005.

¹⁰⁷ Maria da Conceição Pinto Duarte 20/11/2004

¹⁰⁸ In: Livro de Atas do Clube Renitentes Carnavalescos.

Mas os *Renitentes* são Renitentes de facto. Lá vão elles, esfuziantes de alegria dando a “nota” com um brilhante curso de automóveis. O Hibelbradinario, o Pável, o Arthur, o Tote, o Juquita, o Nonô e o Themistolles são os mais esforçados na organização (...).¹⁰⁹

Alguns desses mesmos nomes se repetiriam nas memórias romanceadas de Manuel Pável que, ao apresentar o grupo de foliões dos *Renitentes* que confeccionaram os carros alegóricos e ficaram na organização dos folguedos do mesmo ano de 1926, lançou os seguintes nomes: Augusto Pável, Hildebrandinário, Juquita Germano, José Paes, Antônio Dino, Waldemar Gomes (pai do musicista Waldir Calmon), Tote Paixão e o próprio Manuel Pável.¹¹⁰

Mas para deixar ainda mais incerta esta relação entre a fundação do zé-pereira, os *Explosivos* e a família Freitas, Carmelita Betonte¹¹¹, foliona do *Clube Explosivos Carnavalescos* e ex-presidente da agremiação, reorganiza sua memória combinando as duas versões. Segundo ela, que fez parte da mesma geração de folionas de Maria Pinto Duarte, o bloco teria sua origem ligada aos *Explosivos*, mas sob administração dos Freitas. Assim restitui sua memória:

O zé-pereira, desde 1907, os Explosivos foi fundado em 1907. O primeiro presidente do zé-pereira foi o Senhor Germano pai do Senhor Juquita, depois foi o Senhor Juquita, depois o Laurinho, agora tá com o Willian. (...) Inaugurou os *Explosivos* e depois o zé-pereira. Ele ficava embaixo do porão dos *Explosivos*.¹¹²

Seja qual for a versão mais adequada para dar os louros da fundação do bloco que ganhou a maior popularidade na cidade, tenho que frisar que tanto a primeira representação quanto a segunda podem ser pertinentes, pois está em jogo o próprio entendimento da pluralidade de significados que são atribuídos à manifestação cultural “zé-pereira”, nos diversos locais e momentos históricos.

A versão que ganhou *status* de oficial, apesar de suas especificidades, está bem próxima do modelo apresentado nos festejos populares das ruas do Rio de Janeiro, que, como já dito, era uma espécie de aglomeração de foliões sem um ordenamento bem padronizado, surrando seus instrumentos improvisados, como painéis, latas e talvez um bumbo, em que se

¹⁰⁹ Jornal de Rio Novo. 24/01/1926.

¹¹⁰ PÁVEL, Benjamim. *Besta de Sela – Memórias Romanceadas*. Editora Pongetti, Rio de Janeiro: 1965. pág 108 e 109.

¹¹¹ Frequentadora dos Explosivos Carnavalescos, participou do Bloco das Turmalinas e chegou a se tornar presidente do clube na década de 1960.

¹¹² Carmelita Betonte Mattos 15/01/ 2005.

encontravam os mais diversos personagens como os diabos, pierrôs, até mesmo homens fantasiados de capim.

Além disso, realmente tenho conhecimento de uma referência indireta dessa manifestação cultural, antes mesmo da fundação dos Explosivos. O jornal “O Rio Novo” do ano de 1906, no qual havia uma seção de matérias denominada “Farpinhas”, retratou em uma poesia a presença do zé-pereira e seu alarde tipicamente pré-carnavalesco:

Já na rua o zé-pereira
Faz algazarra infernal
Assim por esta maneira
Se anuncia o carnaval

Assim não haja desgosto;
Que se não faça arrelia;
A polícia no seu posto
Deixe passar a folia!¹¹³

Porém, esta questão que não elimina a participação dos *Explosivos* na reordenação do evento, ou, dependendo da maneira em que se interpreta, na fundação de um novo bloco, pois há de se idealizar que aquele zé-pereira, com seu diabo, carro de boi e suas latas e painéis foi abolido ao ser remodelado com sua inserção na agremiação. Aqui surgiria uma nova forma de brincar o zé-pereira, que agora trazia uma banda com seus instrumentos de sopro, não se limitando aos bumbos, às caixas rufando ou às painéis e latas batendo. Também seriam inseridos fogos de lágrima, lanternas, a bandeira e o estandarte das agremiações, entre outras mudanças...

No ano seguinte, o mesmo periódico noticiava que o zé-pereira abria o carnaval e divulgava a expectativa em torno do grande evento preparado pelos *Explosivos Carnavalescos*. Mas diante de tal apresentação ficou a dúvida: Este zé-pereira já estava ligado ou não aos folguedos promovidos pela agremiação? Interrogação surgida pela maneira como o jornal “O Rio Novo” se refere aos zé-pereiras de 1908.

Promete animação e muita folia o carnaval deste ano, organizado pelo *Club Explosivos Carnavalescos*, sociedade animada e cheia de entusiasmo desta cidade. Já se ouvi o zé-pereira todas as noites, sempre animado e cada vez mais forte.¹¹⁴

¹¹³ Jornal O Rio Novo no dia 03 de fevereiro de 1907.

¹¹⁴ Jornal O Rio Novo. 26/01/1908.

Seja como for, tudo leva a crer que o bloco referido na fonte acima teria sido promovido pelos *Explosivos*, mas vejo que, daí em diante, outros zé-pereiras foram noticiados como folganças ligadas aos diferentes clubes e, somente na década de 1970, o zé-pereira passou a ser apresentado pela imprensa independente das agremiações carnavalescas e como o único da cidade.¹¹⁵

2.4 Os zé-pereiras e os clubes carnavalescos de Rio Novo.

“Se a moda pega de zabumba e zé-pereira;
É barulhada do *Renitente* a noite inteira!
Se a moda pega da polícia entrar na dança:
O Don Quixote vai virar San Chupança!”¹¹⁶

Em grande parte da segunda metade do século XX, a cidade de Rio Novo se acostumou a presenciar os desfiles do *Bloco do Zé Pereira* nos fins de semana que antecedem o carnaval. Este bloco, composto pelos tradicionais bonecos gigantes misturados aos irreverentes foliões, fantasiados e pela banda Euterpe Carlos Gomes, que ainda entoa o som das marchinhas carnavalescas e a música do “Zé Pereira Carnavalesco”, se tornou o único e oficial *Bloco do Zé Pereira* de Rio Novo.

Mas no passado os zé-pereiras nem sempre foram ordenados dessa maneira. No resgate da história desta manifestação carnavalesca em seus diferentes contextos, vejo que não existiu um único zé-pereira, mas diversos e distintos zé-pereiras.

Referências documentais demonstram que com o surgimento das sociedades carnavalescas de Rio Novo, os zé-pereiras entraram na lista dos folguedos promovidos por estas agremiações. Sempre com caráter pré-carnavalesco, esses clubes botavam seus blocos anunciando a aproximação do carnaval rionovense, fazendo uma espécie de abertura dos festejos.

Muitas vezes, estes préstitos já começavam seus desfiles 3 meses antes do Reinado de Momo. Nas palavras de Maria Pinto quem “(...) preparava o carnaval em Rio Novo, que animava o carnaval da cidade era o zé-pereira. Porque o zé-pereira começava a sair em dezembro, entendeu, todo o fim de semana o zé-pereira saía, ele era pré-carnavalesco.”¹¹⁷

No mês de dezembro de 1925, ano de fundação do *Clube Renitentes Carnavalescos*, este clube já veio promover seu próprio zé-pereira. O periódico, “O Paládio” noticiou que

¹¹⁵ Jornal A Gazeta. Rio Novo, 24 de fevereiro de 1979.

¹¹⁶ Jornal de Rio Novo 24/01/1926.

¹¹⁷ Maria da Conceição Pinto Duarte II.

“Em dias da semana passada, após a solene assembléia que voltara o carnaval para 1926, esse valoroso club (*Renitentes*) improvisou tonitroante zé-pereira que sacudiu de alegria a cidade”.¹¹⁸

Anos depois, também constato referências de zé-pereiras promovidos pelo *Clube Colar de Pérolas*. Com as “Violetas do Colar”¹¹⁹, regendo as canções pronunciadas pelos foliões, este zé-pereira teria percorrido as principais ruas da cidade proclamando a aproximação do “Reinado do Momo” de 1933.

Collar de Pérolas: quinta-feira última, “o *Collar*”, percorreu as principais ruas da cidade com um bem organizado zé-pereira enriquecido com os cânticos entoados pelo(...) Grupo das Violetas.¹²⁰

Mesmo com o surgimento dos clubes carnavalescos, a manifestação do zé-pereira não ficou limitada à promoção dessas agremiações. Lauro Rooke¹²¹, mais conhecido como Laurinho, sobrinho de Nelson Paes e do Senhor Juquita, em suas memórias, faz uma referência às suas experiências na juventude afirmando ter participado de outro zé-pereira que não era e não se assemelhava a nenhum desses até aqui representados.

Segundo o depoente, havia outros personagens a promoverem os zé-pereiras em Rio Novo, que de maneira diferente daqueles polidos préstitos apresentados pelos clubes, se aparentavam aos barulhentos cortejos, que, com seus instrumentos improvisados, levavam a algazarra pelas ruas da cidade, abrindo espaço para os jovens promoverem suas travessuras. Como já dizia o jornal “A Gazeta” “O Zabumba impera de verdade em todos os redutos multicores, onde a D. Sorumbática jamais teve guarida”¹²².

(...) o interessante que o zé-pereira, eu brinco desde criança. O Dr. Aristóteles (Tote Paixão), você já deve ter ouvido falar, ele fazia o zé-pereira antigamente. A gente saía lá da casa dele, mas não tinha banda de música, era só aquela passeata que a gente fazia pela rua e a molecada atrás, rodávamos a cidade também, essa é a lembrança que eu tenho. Eu devia ter uns 12 anos de idade mais ou menos nessa época, sou de 1939.¹²³

¹¹⁸ Jornal: O Paládio 27/12/1925.

¹¹⁹ Bloco composto por moças que frequentavam o Clube Carnavalesco Colar de Pérolas.

¹²⁰ Jornal: Gazeta Rionovense 29/01/1933.

¹²¹ Sobrinho de Nelson Paes, seguiu os passos do tio na arte de produzir as máscaras de papel machê e os bonecos gigantes do Zé Pereira. Chegou a ser presidente do Bloco nos anos de 1990, mas por falta de incentivo deixou o folguedo.

¹²² Jornal: A Gazeta 02/08/1946.

¹²³ Entrevista com Lauro Rooke.

Mais à frente na entrevista, o mesmo depoente segue relembando as suas brincadeiras juvenis:

Saía o pessoal batendo prato, o Dr. Aristóteles junto batendo prato, a gente fazia umas baquetas. Virou uma bagunça total no começo, porque a gente saía lá de onde é o museu Chico Boticário. Não é qualquer pessoa que se lembra disso. Juntávamos o esterco de carro de boi. (...) A gente jogava uns estercos, os moleques jogavam um no outro, pra acertar o chapéu do Dr. Aristóteles, ele parava e dava aquela bronca e o pessoal ficava parado, como se não fosse nós e aí saía de novo, aquela bagunça.¹²⁴



Fotografia 3 Prédio referido pelo depoente, onde Dr. Aristóteles Câmara Leal Jacob da Paixão (Tote Paixão), o mesmo redator do jornal “O Paládio”, viveu e promoveu seus zé-pereiras nas semanas que antecediam o carnaval, segundo as memórias de Lauro Rooke.
Fonte: Fundação Cultural Chico Boticário. Rio Novo – MG.

Estas memórias podem chamar atenção para a similaridade entre dois tipos de folguedos que habitaram os festejos rionovenses: os zé-pereiras (desligados dos clubes) e os blocos de sujós. Estes dois eventos, muitas vezes, eram compostos por foliões mascarados, dos mais diversos segmentos sociais, que armados com suas latas, desfilavam pelas ruas da cidade, emitindo seus sons ensurdecedores.

Talvez as principais diferenças entre estes dois eventos seriam a data e o horário dos desfiles. Pois os zé-pereiras sempre desfilaram em datas que antecediam o carnaval, por sua vez, os blocos de sujós se apresentavam em todas as tardes de carnaval, infestando as mais diversas ruas da cidade com seus grupos de mascarados.

¹²⁴ Idem (id.).

Assim como as memórias acima, outros depoentes também lembram dos mascarados e seus instrumentos musicais desfilando nas ruas nos dias de carnaval, mas referem-se aos blocos de sujos e não aos zé-pereiras. Segundo Maria Pinto

O dia intero tinha bloco de sujo no Rio Novo. O dia inteiro. Aqui nessa rua juntava uma porção de família aí saía todo mundo fantasiado, e tudo com a cara tampada que era pra ninguém saber quem é quem. Saía daqui um bloco, lá da rua das Flores saía outro bloco, lá do Campo Belo, lá da Vila França, lá da rua do capim. Era bloco o dia inteiro. E os blocos entravam na casa da gente cantando, e a gente oferecia um café, oferecia uma bebida, uma coisa que tivesse, era muito animadíssimo, carnaval de rua. Esse carnaval acabou. (...) um senhor aqui, ele tocava sanfona, ele saía tocando no bloco da sanfona, era ótimo, era muito interessante. Todo mundo tinha um pandeiro, tinha uma coisa pra bater, pra fazer uma barulhada, só sei que a turma se ajeitava, mas todo mundo saía cantando, dançando, mas era muito bom, muito interessante. Ah meu filho, saía gente de palhaço saía gente de tudo quanto é jeito. (...) toda marmota, igual hoje sai no Zé Pereira, era assim, todo mundo se fantasiava cada um na sua criatividade. Cada um do seu jeito, batia é panela, reco-reco, pegava frigideira, tudo que fazia, de percussão, tudo valia pra fazer som saía no bloco.¹²⁵

Era natural que esses blocos de sujos se encontrassem nas ruas de Rio Novo e se fundissem em um, aumentando seu contingente e sua algazarra. Eram homens vestidos de mulher e vice-versa, todos cantando e dançando, na maioria das vezes com seus rostos tapados para não expressarem suas identidades e terem a liberdade de brincarem o carnaval sem serem reconhecidas.

Carmelita Betonte também lembra desses folguedos que tomavam as ruas de Rio Novo:

(...) tinha muito bloco sujo na rua, muito bloco, mas muito bloco sujo na rua mesmo, num parava não. Eram os quatro dias, eu hoje num vejo mais bloco na rua, hoje nós não vê mais né, bloco sujo na rua. Agora qualquer coisa vai pro Calixto¹²⁶. Primeiro era na cidade, aqui dentro da cidade, passava nas ruas tudo, caixa batendo, homem vestido de mulher, mulher vestida de homem, tinha casamento, era uma beleza gente.¹²⁷

Entre os blocos sujos que se destacaram nas memórias das depoentes, encontro o *Bloco do Juvenal*, que representava uma espécie de orquestra desafinada. Este bloco era regido por um grupo de foliões com instrumentos musicais desafinados e bumbos que soavam uma melodia ensurdecidora. Acompanhando esta desafinada “orquestra sinfônica” vinham

¹²⁵ Maria da Conceição Pinto Duarte 19/07/2005.

¹²⁶ Cachoeira que se encontra perto do perímetro urbano de Rio Novo.

¹²⁷ Carmelita Betonte Mattos 03/08/2005.

aqueles animados, muitas vezes alcoolizados, e tradicionais foliões mascarados que tomavam as ruas de Rio Novo.



Fotografia 4 “Banda de Música” que promovia o Bloco do Juvenil (1949).
Fonte: Acervo particular de Luiz André Xavier Gonçalves.

Também havia o bloco das “mulinhas”, promovido por João Rinco, que, segundo Maria Gontijo¹²⁸, agrupava cerca de 40 a 50 mulas. Diversos foliões saíam vestidos e “montados” em suas mulas de pano, de saco e de jornal. E meio aos muare, muitos foliões se fantasiavam com trastes e roupas esfarrapadas que simbolizavam a troca da identidade dos sexos, tocavam sanfona, pandeiro, caixa, panelas e latas se preciso. Seguiam as tardes de carnaval se divertindo pelas ruas da cidade, se tornando o local de sociabilidade daqueles que tinham o prazer de se fantasiar e se divertir nos folguedos das tardes de carnaval.¹²⁹

Além disso, dentro deste folguedo os foliões cantavam e dançavam. Uma das músicas que ficou para a posteridade, nas memórias de Altivo, faz referência à estratégia sarcástica dos foliões para arrecadarem algum pecúlio para gastarem nos dias de folia e continuarem a festejar um carnaval étlico. Nas palavras do depoente a letra da música:

¹²⁸ Maria Gontijo foi frequentadora do clube “Colar de Pérolas”, participou da primeira Escola de Samba, Unidos de Rio Novo, e foi figura principal na Escola de Sorriso da Melodia.

¹²⁹ Maria Aparecida Gontijo 14/07/2008.

“Não é assim/ assim não é / não é assim que se maltrata uma mulher/ ela ontem coitadinha / ela me pediu chorando / que andava cansadinha de andar me carregando/ meu senhor minha senhora / todos tenham pena dela/ isso é pra comprar cavalo pra num montar mais nela. (risos) Todo mundo com um chapéu (...) pedindo. (...)”¹³⁰



Fotografia 5 As Mulinhas do João Rinco seguida por foliões avulsos dos Blocos de Sujos.
Fonte: acervo particular de Ernesto Soares. Rio Novo – MG.

Em meio desta sociedade segregante rionovense, esses blocos se apresentavam como um evento de quebra das fronteiras sociais. Nada mais exemplar que o bloco denominado *Vai quem qué*, alusão direta à ressignificação da organização social cotidiana da cidade. Como Altivo relembra:

Esse não tinha diferença de cor. Esse vai quem qué. Punha uma tabuleta aqui nas costas, todo mundo, escrito: “vai quem qué”. Então todo mundo ia. “Vai quem qué”. Juntava todo mundo. Quem quiser vai quem quer.

Assim como o *Bloco do Juvenal*, o *Vai quem qué* também utilizava o alarde ensurdecedor dos instrumentos velhos que já não teriam função para uma verdadeira banda de música que se propusesse a lançar notas harmônicas para o deleite dos tímpanos alheios.

¹³⁰ Altivo 04/10/2009.

Alguns desses blocos de sujos chegavam a chocar a opinião pública, sendo até mesmo proibidos. Este foi o caso do *Vai e volta*, um bloco que vinha numa comitiva barulhenta de latas e batuques dos mais desarmônicos, que tinha como atração principal um caixão preto, onde estava escrito *Vai e volta*, com algum folião dentro e, em seu contorno, gritos embriagados, lastimando a morte simbólica do folião.¹³¹

Mas há de se relevar que esses desfiles raramente foram relatados pelos periódicos. Somente no fim da década de 1970, a “Gazeta” tratou de reconhecer os blocos de sujos como uma tradição rionovense, em meio as grandes transformações que o carnaval rionovense vivenciava. Como Lauro afirma, estas manifestações não eram frequentadas por toda sociedade rionovense e, muitas vezes, eram vistas com maus olhos.¹³² Questão que talvez tenha interferido diretamente no registro destes blocos de sujos e até mesmo dos zé-pereiras desligados das agremiações, que destoavam do modelo polido proposto pelos clubes carnavalescos.

Como exemplo disso, vemos as memórias de Senhor Carlinhos, que apresentam estes blocos como típicos locais de sociabilidade entre aqueles que apreciavam os excessos do carnaval. Pois em seu depoimento, afirma que, apesar de todo amor pelos folguedos do clube dos Explosivos, não gostava de participar dos blocos de sujos, por serem muito frequentados por sujeitos inebriados.

(...) eu nunca entrei em bloco sujo não. Num gostava não. Era danado pra ter pinguço. [Risos]. Agora no zé-pereira não. Os blocos saíam, eu tava travado. E eram quatro dias de carnaval bom mesmo.¹³³

Frisando que o zé-pereira e os blocos ao qual o depoente se refere, seriam aqueles promovidos pelo *Clube dos Explosivos Carnavalescos*.

Mas exatamente neste contexto de transformação do carnaval rionovense, promovido pelo surgimento e crescimento das Escolas de Samba, que os blocos de sujos começaram a perder a força dentro do festejo. Segundo João Pinheiro¹³⁴, tal fato tem uma relação íntima com as mudanças provocadas pelas Escolas de Samba na vida carnavalesca do folião rionovense.

¹³¹ Altivo 04/10/2009.

¹³² Entrevista com Lauro Rooke.

¹³³ Carlos Fonseca da Costa rionovense, nascido na segunda década do século XX, foi frequentador assíduo do salão dos *Explosivos* e participou por boa parte da história do Zé Pereira como o porta-bandeira deste bloco. 31/05/2008.

¹³⁴ Folião nato, por toda infância foi vizinho do Senhor Juquita e vivenciou boa parte da organização do Zé Pereira na década de 1960 e 1970. Participou de seus desfiles ainda criança, levando as típicas lanternas do cortejo.

O carnaval durante o dia que era o bloco sujo né, que era o grande barato, que era inovação. Depois quando foi sedimentando o zé-pereira... Olha que grande barato, a Nelinha aproveitava ao invés de sair no bloco sujo, aproveitava pra sair no zé-pereira. Porque antes a gente arrumava uma roupa bem extravagante pra sair no bloco sujo, era uma pra sair no sábado outra no domingo e outra na terça. Aí depois as Escolas de Samba roubaram os dois dias, que são o domingo e a terça-feira. E fica todo mundo em uma combustão em prol do que vai acontecer. Antes acontecia tudo, mas o carnaval não perdia a essência do bloco sujo. Sai o bloco das Bijuca aqui, o bloco lá da num sei das quantas, eram famílias que se reuniam e saíam todo mundo e iam pra praça pra concorrer um com outro, mas num era concorrer de valores não, era a família que estava mais engendrada com o carnaval, entendeu?!?!?!¹³⁵

Voltando à análise dos tipos de zé-pereiras promovidos no carnaval rionovense, tenho que reconhecer o destaque que ganhou o zé-pereira dos *Explosivos Carnavalescos*, tanto nas reconstituições das memórias dos foliões que frequentaram o *Clube dos Explosivos Carnavalescos* quanto nas representações construídas pelos periódicos.

Os zé-pereiras dos demais clubes são relatados apenas nas duas ocasiões citadas acima, de todos periódicos verificados, adicionado a isso, encontro apenas um cartaz dos *Renitentes* divulgando a promoção de um “zabumbante” zé-pereira, em janeiro no ano de 1926¹³⁶ e referências no livro de memórias romanceadas de Manuel Benjamin Pável.

Tratando do bloco pré-carnavalesco dos *Explosivos* alcanço um grande número de referências nas colunas dos jornais das décadas de 1920 e 1930. O “Jornal de Rio Novo”, datado de 1926, apresentava este folguedo da seguinte maneira: “Os baetas [algunha dada aos integrantes dos *Explosivos*] têm-se distinguido nos zé-pereiras. As suas lanternas chinesas (...) fazem um arrepio de febre carnavalesca.”¹³⁷

Segundo Carlinhos¹³⁸, nos *Explosivos*, estes zé-pereiras começavam a desfilar três meses antes do carnaval, fazendo “dois zé-pereiras por semana. (...) Pegava fogo. Os *Explosivos* fazia a quinta e o sábado, domingo tinha a domingueira né.”¹³⁹

Neste clube a folgança do zé-pereira tomou uma dada proporção que, assim como a produção das fantasias, a organização dos blocos e cordões do clube e o enfeite do salão, sua coordenação também eram de responsabilidade de uma delegação formada pelos representantes dos *Explosivos*.

¹³⁵ João Pinheiro 12/05/2009.

¹³⁶ In: Livro de Atas do Clube Renitentes Carnavalescos.

¹³⁷ Jornal: O Rio Novo. 24/01/1926.

¹³⁸ Nascido na segunda década do século XX, Carlos Fonseca participou dos festejos dos Explosivos Carnavalescos. Foi porta-bandeira do clube nos diversos blocos promovidos pela agremiação e vivenciou de perto os desfiles dos zé-pereiras durante longa data.

¹³⁹ Carlos Fonseca da Costa 31/05/2008.

Em um periódico anual do *Clube Explosivos Carnavalescos*, “O Explosivo”, publicado sempre após a passagem dos carnavais, foram registrados os eventos promovidos pela agremiação no Reinado Momesco de 1928. Em meio às referências dos folguedos, o anuário apresentou os responsáveis pelo zé-pereira e descreveu a composição do cortejo. Entre seus organizadores dirigentes encontramos os nomes dos senhores Emilio Serpa, que seria o chefe dos seus auxiliares, Waldemiro Vaspesiano e Antônio Peroni.

Já a descrição deste bloco foi concebida pelo “Jornal Explosivos” da seguinte maneira:

Abria o Zé-Pereira duas grandes letras E.C em lanterna, iniciais gloriosas dos “baêtas”. A seguir vinha outra magnífica lanterna, bem idealizada e na qual si acham colocados 32 lanternas pequenas e era empunhada pelo consócio José Coelho. O zé-pereira empunhava-se de 120 lanternas e teve o estupendo concurso das Turmalinas, que entoaram a marcha “Venham velhas” letra de *lord* Pin-Pin e música do maestro Repinpim.

Outro formidáloso zabumba realizou-se a 12 do corrente, tento as Turmalinas cantado o samba Sapo, Sapinho. Letra e música de Ary Kerner. Nesse zabumba o chefe da comissão armou um carrinho alegórico, com troféus do ano passado, representando em seu trono o nosso majestoso Leão. Ao terminar esse zé-pereira, realizou-se na sede dos “baêtas” um animado baile à fantasia, cuja concorrência foi extraordinária e distinta, prolongando-se até às duas horas.¹⁴⁰

Perante estes traços que representam o zé-pereira dos *Explosivos*, vejo que este bloco perdeu aquela desordem original da manifestação portuguesa que chegava ao Brasil, com seus tocadores de bumbos envoltos por figuras vistas como perigosas. Neste bloco, o evento torna-se tão ordenado que se constituiu espécie de alas organizadas para apresentarem um desfile digno de um clube que se moldava dentro dos preceitos de civilização e próximo ao modelo apresentado pelas sociedades carnavalescas cariocas.

Esta organização não se limita aos registros dos jornais. As memórias da foliona que festejou seus carnavais nos *Explosivos* reconstituem a ordem implantada na folgança.

Dotada de uma rica descrição do folguedo, as recordações de Maria Pinto retratam um modelo de ordenação seguido pelo zé-pereira, com semelhanças à maneira relatada acima pelo anuário. Segundo a depoente, este bloco sempre era arranjado com alas, que seguiam uma sequência aparelhada, em que também se encontravam os bonecos gigantes, que ainda hoje desfilam nas ruas de Rio Novo no *Bloco do Zé Pereira*:

Na frente saía a molecada carregando lanternas, as lanternas eram todas muito coloridas, todas feitas de papel de seda, muito bonitas, eram redondas, quadradas, elas tinham vários feitios. Saía aquela turma, era uma ala de uns quarenta moleques; já tinha aquela turma que todo ano saía com as lanternas.

¹⁴⁰ Jornal: O Explosivo. Rio Novo, 8 de março de 1928.

Depois vinham as turmalinas, depois os bonecos do zé-pereira e atrás a banda de música, era assim que funcionava o zé-pereira. Os fantasiados podiam comparecer atrás da banda de música.¹⁴¹

Mas como a memória é passível de modificações e reordenações, na mesma entrevista, as alas são assim descritas: “Aí as Turmalinas atrás da ala das lanternas, depois as turmalinas entravam, e atrás vinham os bonecos, com a crítica tudo ali atrás, e fecha ali com a banda de música.”¹⁴²

Além dessas alas, o zé-pereira era dotado do estandarte e da bandeira do clube. O porta-bandeira tradicional foi Senhor Carlinhos, que relembra os desfiles ao relatar a multidão que esperava para assistir o zé-pereira na Praça Marechal Floriano Peixoto. Segundo o depoente, a aglomeração de pessoas era tamanha, que para dar passagem ao bloco, era necessário rodar a bandeira e ganhar o espaço da rua para conduzir tranquilamente o desfile do cortejo.¹⁴³

Aquele estandarte saía na frente, sempre saía no zé-pereira ou no bloco das Turmalinas¹⁴⁴, saía aquele estandarte e a bandeira do clube. Tanto saía na frente no carnaval, quando o bloco desfilava, quando saía do zé-pereira. Era lindo o estandarte.¹⁴⁵

Seguindo a ordem proposta por Maria Pinto, os portadores do estandarte e da bandeira eram seguidos pela ala das crianças e jovens empunhadas com suas lanternas que iluminavam o bloco, junto com os fogos de bengala, que também clareavam o ambiente com suas labaredas.

Josélia¹⁴⁶ reforça estas lembranças, afirmando que “zé-pereira era todo mundo com lanternas de luz acesa.”¹⁴⁷ Assim como Dona Carmelita, que lembra-se da confecção artesanal dessas lanternas feitas pelos próprios sócios do clube. Segundo a depoente,

(...) os *Explosivos* saía, e numa fila e na outra, os jovens participava com a gente. Saía de lanterna. Você num chegou a lembrar, ver lanterna de bambu? Pega o

¹⁴¹ Maria da Conceição Pinto Duarte. 20/11/2004.

¹⁴² Idem (id.).

¹⁴³ Carlos Fonseca da Costa. 31/05/2008.

¹⁴⁴ As Turmalinas eram um grupo de moças solteiras, que compunham o bloco do “*Clube Explosivos Carnavalescos de Rio Novo*” e participavam dos mais variados eventos promovidos pelo grêmio.

¹⁴⁵ Maria da Conceição Pinto Duarte 20/11/2004.

¹⁴⁶ É necessário ressaltar, que Josélia como é conhecida por todos, foi registrada oficialmente como Josina Tavares da Fonseca, mas seu nome é desconhecido para muitos. Portanto, utilizaremos nas notas seu nome de registro, mas no corpo do texto o nome o qual se tornou referência à sua pessoa.

¹⁴⁷ Josina Tavares da Fonseca participou dos *Explosivos* aproximadamente nas décadas de 1930 e 1940, quando fez parte do Bloco das Turmalinas por algumas vezes. 31/05/2008.

bambu, conta o gomo assim, amarra o arame assim e amarra em cima e coloca papel de seda, o nosso era vermelho e preto, e põe uma vela acesa. Aquilo vai iluminando aonde o bloco vai e aquele foguete lá vindo atrás.¹⁴⁸

Seguindo os meninos e suas lanternas vinham o Bloco das Turmalinas, organizado internamente pelo *Clube dos Explosivos*. Este bloco tinha participação presente nos mais diversos eventos da agremiação e no zé-pereira, não era diferente.

Segundo Maria Pinto, referindo aos anos de 30 e 40, “(...) quem participava do zé-pereira eram as Turmalinas, que era um bloco do clube. Saíamos todas fantasiadas, se o carnaval era daquele ano saíamos com as fantasias do ano anterior, era o bloco das Turmalinas que animava este zé-pereira.”¹⁴⁹ Com suas fantasias, vinham em coro apresentando as marchas que viriam ser cantadas no carnaval ou as próprias marchas produzidas pelos músicos do *Clube Explosivos Carnavalescos*.

A experiência de Josélia como Turmalina pode ilustrar a participação desse grupo de folionas frequentadoras dos *Explosivos*, aproximadamente naqueles mesmos anos de passagem da década de 1930 para a de 1940:

Lembro das lanternas. Fazia, às vezes, algumas evoluções na praça (...) Então cantou aquela: pirulito que bate bate, e ficava homens do lado e mulheres do outro, esse eu até entrei. (...) então cantou:

“Pirulito que bate bate
Pirulito que já bateu
Quem gosta de mim é ela
Quem gosta dela sou eu

Agora é o melhor a cantar,
pois quem é assim tem mais prazer.
Quem num dança o pirulito
que alegria pode ter.”

Isso cantava, vinha aqui na praça, pra todo mundo ver. Ah era muito bonito o carnaval, muito alegre mesmo, muito alegre, muito alegre. O Explosivo deu mesmo o que... foi uma pena quando acabou.¹⁵⁰

Segundo Maria Pinto, logo após vinham os bonecos gigantes e os foliões fantasiados. Sempre respeitando a ordem, a ala das lanternas, as turmalinas, os fantasiados se misturavam aos bonecos gigantes, que, segundo a depoente, obtinham a supremacia nos desfiles com a imponência de suas estruturas.

Em meio a essa multidão de foliões fantasiados, muitos vestiam suas máscaras para se tornarem irreconhecíveis aos demais participantes e fazer suas saudáveis brincadeiras dentro

¹⁴⁸ Carmelita Betonte 03/08/2005.

¹⁴⁹ Maria da Conceição Pinto Duarte 20/11/2004.

¹⁵⁰ Josina Tavares da Fonseca 31/05/2008.

do bloco. Nas memórias de Maria Pinto resgato a participação, por exemplo, de Nelson Paes no zé-pereira dos *Explosivos*, que com sua habilidade de produção artesanal de máscaras de papel machê, tinha a virtude de produzir suas monstruosas fantasias.

(...) até o Nelson Paes era muito engraçado, ele fazia umas fantasias muito interessantes para o zé-pereira. Tinha muita gente que fantasiava e você não conhecia, não sabia quem era, usavam máscaras, muitas máscaras no zé-pereira. As pessoas que entravam no carnaval, e que não queriam ser reconhecidas, faziam máscaras muito engraçadas. Eu me lembro que a Paulina falava assim: “Ai meu Deus, todo mundo fantasia para ficar bonito, o Nelson só fantasia para ficar mais feio”. Ele fazia cada máscara horrorosa.¹⁵¹

Esta “ala” seria o local aberto aos demais foliões, sejam eles de outros clubes ou não. Portanto, o zé-pereira dos *Explosivos* se apresentava como uma manifestação pré-carnavalesca com o atributo de aglutinar os diversos personagens rionovenses, não implantando a natural separação dos grupos sociais, encontrada nos dias de carnaval.¹⁵²

Todo mundo que quisesse acompanhar entrava, não tinha disso não. No zé-pereira, depois que a gente saía vinha branco, vinha dos *Renitentes*, vinha do *Colar*, vinha de todo mundo, aí entrava todo mundo e dançava, brincava, ensaiava e pronto.¹⁵³

Mesmo dotado desse espírito de união, todos os foliões deveriam seguir códigos de conduta inseridos no folguedo. Havia uma ordem a ser preservada e seguida e os representantes do clube não descuidavam do trabalho de vigiar e respaldar a organização da folgança.

Podia participar outras pessoas, mas teriam que ir lá combinar: “Oh nós vamos sair.” “De que vocês vão sair?” A não tem problema não. Mas tinha que obedecer uma disciplina, não é todo mundo chegando. Não era vem quem quer, não. Entrava sim, entrava com ordem. “O senhor Wilson, nós queremos entrar com uma fantasia.” “Não tem problema”. Mas já sabia, fulano vai participar, aí podia, mas fora disso não. Era a turma dos *Explosivos* é que tinha o privilégio de sair no zé-pereira. Agora outras pessoas poderiam entrar desde que obedecessem aquela ordem, aquela disciplina, mas chegar lá entrando, não entrava mesmo.¹⁵⁴

Conhecer a identidade dos foliões permitia controlá-los visto que estes escondiam seus rostos atrás das máscaras. Mas lembrando que numa cidade com o número pequeno de habitantes e ainda menor de foliões, muitas vezes, era necessário apenas saber como o folião

¹⁵¹ Maria da Conceição Pinto Duarte 20/11/2004.

¹⁵² Assunto aprofundado no Capítulo II.

¹⁵³ Maria da Conceição Pinto Duarte 20/11/2004.

¹⁵⁴ Maria da Conceição Pinto Duarte 20/11/2004.

sairia fantasiado para registrar em consciência, quem eram os mascarados, sendo possível vigiá-lo, caso indispensável.

Pois assim como os mascarados eram temidos nos festejos dos grandes centros urbanos, por terem sua identificação escondida, nesta pequena urbe vemos também referências nos jornais chamando atenção para o perigo que estes poderiam trazer ao se esconder por trás de suas vestes. É desta maneira que Leôncio Baratta, em uma crônica editada no jornal “O Rio Novo”, anunciava que “Se a máscara tem efeito rir a gerações inteiras também tem servido de esconderijo a grandes e monstruosos crimes”¹⁵⁵

Diante de toda esta preocupação com o polimento da conduta dos foliões, a quebra da ordem se tornava uma ocorrência nada corriqueira dentro dos dias de zé-pereira. Com a força policial dando apoio aos desfiles, os sócios do clube cuidando dos foliões e do modelo de conduta e o respeito disseminado aos foliões rionovenses, os participantes raramente rescindiam essas regras comportamentais. A depoente Maria Pinto segue reforçando suas lembranças sobre a ordem na folgança:

Ninguém invadia o nosso zé-pereira. Jamais alguém passou na frente dos meninos que estavam com as lanternas e no meio das Turmalinas, jamais. O povo vinha atrás da banda de música, ninguém desrespeitava o nosso zé-pereira. Nunca houve uma invasão no nosso zé-pereira. Aquilo era uma tradição, um bloco muito bem feito e muito respeitado, ninguém invadia.¹⁵⁶

Carmelita reforça estas lembranças, também reconstruindo um zé-pereira organizado, em que todos brincavam de maneira educada, sem distinção de cor ou grupo social. Além disso, também resgata a importância da participação do corpo policial na manutenção da ordem nos desfiles do bloco.

Ah o zé-pereira não tinha escolha não. Todo mundo brincava, o que quisesse brincar, brincava. Mas aí brincava direito, não tinha nada, a polícia daqui olhava muito, mas muito mesmo, os presidentes em cima, é presidente, secretária ajudava, o Senhor Juquita não deixava não. Mas corria tudo bem, tudo bem mesmo.¹⁵⁷

Apesar de todo o polimento comportamental, este zé-pereira não deixava de ser um bloco tipicamente caricato e cômico. Seus desfiles apresentavam-se como um espaço para os foliões, com suas fantasias, dirigirem suas críticas e ironias aos fatos ocorridos no cotidiano

¹⁵⁵ Jornal O Rio Novo 10/02/1907.

¹⁵⁶ Maria da Conceição Pinto Duarte 20/11/2004.

¹⁵⁷ Carmelita Betonte Mattos 15/01/2005.

rionovense. Isso deixava as famílias em situação de tensão, pois todos se tornavam alvos em potencial da ridicularização natural dessa manifestação pré-carnavalesca.

A finalidade do zé-pereira era de nos divertir e nós tínhamos um presidente, Senhor Wilson de Oliveira [início dos anos de 1930], que era uma pessoa muito inteligente, que anotava todos os fatos pitorescos que acontecia em Rio Novo durante o ano, para depois fazer uma brincadeira sobre estes fatos no zé-pereira.¹⁵⁸

Maria Pinto relembra um fato que identifica esse lado burlesco do bloco, quando resgata em suas memórias uma participação das Turmalinas no zé-pereira, em que fizeram sarcasmos aos boatos lançados sobre uma tradicional família, que por sinal, eram frequentadores dos *Renitentes*, clube rival dos *Explosivos*.

Assim, a depoente resgata as reminiscências de suas experiências pessoais que remetem ao período dos anos 30, quando Wilson de Oliveira foi presidente dos *Explosivos*:

E como havia essa rivalidade muito grande. A família aqui do Zé Neto, família nobre, houve um carnaval que teve uma briga muito feia, saiu tapa, pescoção. Então eles falaram que iam embora de Rio Novo, iam morar em Lambari. E aqui sabe como é que é, o boato como é. Mas foram nada, só conversa fiada, então no ano seguinte o Senhor Wilson - naquela ocasião todo mundo só viajava de trem - saiu com o zé-pereira assim: era um trem de ferro, aquele trem enorme, e as Turmalinas lá dentro nas janelas, todo mundo fantasiado e o maquinista do trem. As casas ali na praça todas hermeticamente fechadas, ninguém abria janela, porque já vem o zé-pereira fazendo a crítica. E a gente cantava assim:

Eu vou para Lambari
Vou vender o meu legado
Eu vou para Lambari, para Lambari;
Para viver mais sossegado;

Aí vinha o coro:

Não vá, não faça isso;
Que eu hei de muito sentir
Eu vou fazer um feitiço;
Para fazer você não mentir
(Risos)

E lá ia nosso trem de ferro, foi muito divertido. Então, tudo que acontecia em Rio Novo, as críticas eram feitas no carnaval.¹⁵⁹

¹⁵⁸ Maria da Conceição Pinto Duarte 20/11/2004.

¹⁵⁹ Ibidem (ibid.).

Nesta ocasião, consigo identificar que estes atos burlescos eram uma das importantes brincadeiras inseridas neste bloco caricato. Como a depoente diz, em outra ocasião, o próprio presidente dos *Explosivos* ficava atento aos casos pitorescos ocorridos durante o ano na cidade, que logo poderiam ser a temática do zé-pereira.

Além disso, as próprias fantasias elaboradas pelos foliões, muitas vezes, eram idealizadas com um fundo de crítica a questões ocorridas no dia-a-dia rionovense. Como lembra a depoente, “O Nelson Paes mesmo, as próprias fantasias que ele fazia era criticando alguma coisa, debochando de alguma coisa que acontecia em Rio Novo durante o ano.”¹⁶⁰

O jornal “O Explosivo” também faz menção a um desfile, que ao produzir um carro alegórico, no ano de 1928, em que se buscou exaltar os feitos do clube no ano anterior, armando um troféu que representaria a vitória dos *Explosivos* no carnaval, recordando que não havia critérios para um verdadeiro concurso entre os clubes carnavalescos da cidade. O objetivo claro seria a autoglorificação para alfinetar os rivais.

Sendo assim, no zé-pereira daquele ano, “(...) o chefe da comissão armou um carrinho alegórico, com troféus do ano passado, representando em seu trono o nosso majestoso Leão.”¹⁶¹

Esta é uma das estórias permeadas pela acirrada rivalidade entre os clubes presentes a todo o momento nas memórias dos depoentes. Algumas colocam em foco o zé-pereira e, como exemplo disso, Senhor Carlinhos conta em seu depoimento que, numa ocasião, em um desfile do zé-pereira, o entrevistado teria combinado com o presidente dos *Explosivos* que quando o préstito passasse em frente à sede dos *Renitentes*, ele abriria uma placa para os rivais, da qual não sabia o que havia dentro. Sendo assim, quando executou o prometido, todos depararam com a seguinte frase “Tão grande e tão bobo”. Mensagem que remetia tanto à riqueza e imponência dos *Renitentes*, local de sociabilidade da elite rionovense, quanto às atitudes de chacotas que seus foliões apresentavam quando os zé-pereiras dos *Explosivos* passavam em frente de seu prédio.

Com a dificuldade de um jovem senhor de 94 anos, Carlinhos apresenta o fato, que pode ter ocorrido em meados da década de 1920 aos anos de 1940, da seguinte maneira:

Porque nós passávamos lá e eles ficavam tudo na janelinha lá, rindo, vendo nós... O presidente, quando foi no outro domingo, ele arrumou uma placa aí [remete à fala do presidente]. “Quando você chegar quase na hora você vira a placa”. Eu lembro que eu num tinha visto a placa não. Tirei o papel assim: “Tão grande e tão bobo”. Eles estavam lá em cima nos *Renitentes*. Ahhhhhh [risos].¹⁶²

¹⁶⁰ Idem (id.).

¹⁶¹ O Explosivo Rio Novo, 8 de março de 1928.

¹⁶² Carlos Fonseca da Costa, 31/05/2008.



Fotografia 6 *Clube dos Renitentes Carnavalescos de Rio Novo* ao lado do prédio da esquina (década de 1920).

Fonte: Fundação Cultural Chico Boticário.

Constata-se assim que a rivalidade entre os clubes era uma prática muito comum durante o carnaval rionovense; essas reminiscências demonstram que, já no período que antecedia o reinado do Momo, os ânimos já se acalentavam com os desfiles dos zé-pereiras.

Manuel Pável registrou em seu trabalho memorialístico, que se refere aos meados da década de 1920, quando viveu em Rio Novo, a presença dos zé-pereiras, como uma espécie de charanga que percorria as ruas da cidade, promovendo uma algazarra com seus tambores de latas. Sem diferenciar essas manifestações dotadas dos instrumentos de percussão ensurdecadores dos polidos zé-pereiras promovidos pelos clubes, relembra o problema que poderia ser gerado, caso dois zé-pereiras de clubes diferentes se encontrassem;¹⁶³ tudo pelo fato da intensa rivalidade que os clubes carnavalescos cultivavam em suas relações de disputas simbólicas que teciam o carnaval rionovense.

Além disso, o memorialista ressalta a troça promovida pelos zé-pereiras de Rio Novo em relação à paródia “Zé-pereira Carnavalesco” da peça de Francisco Correa Vasques. Segundo Manuel Pavel, a irreverente canção, já nos anos de 1920, era a seguinte:

Viva o Zé Pereira
Atrás da bananeira
Comeu muita banana

¹⁶³PÁVEL, Benjamim. *Besta de Sela – Memórias Romanceadas*. Editora Pongetti, Rio de Janeiro: 1965. Pág. 108.

E ficou de caganeira¹⁶⁴

Esta canção habitaria o imaginário rionovense, chegando aos dias atuais, sendo incomparavelmente mais conhecida na cidade que a original cantiga do “Zé-pereira carnavalesco”:

Viva o Zé Pereira
Que a ninguém faz mal
Viva a bebedeira
Nos dias de carnaval

Tal referência deixa claro o contato entre os carnavais da antiga capital e o de Rio Novo, reforçando a relação de ressignificação do modelo apresentado pelos cariocas. Nem mesmo a paródia que o dramaturgo Vasques fez da canção francesa ficou fora da releitura dos foliões rionovenses.

O Zé Pereira de Vasques, já apresentado como o plebeu, beberrão, e inofensivo, distante da imagem dos perigosos grupos de zé-pereiras que habitavam as ruas cariocas do carnaval, em Rio Novo, dá lugar a uma figura momesca “Senhor da gula”, que ao se empanturrar de banana às escondidas, é assolado por uma forte diarreia.

Sua autoria foi perdida, as origens desta troça rionovense são imemoriais e Maria Pinto reforça estas informações com suas lembranças. A depoente assegura que a música cantada continuou a mesma desde sua juventude. Além disso, não se tocava apenas a cômica paródia tipicamente rionovense. Após o bloco chegar à praça, outras músicas eram entoadas e os foliões do cortejo seguiam a cantarolá-las pelas ruas. Em suas palavras:

Zé-pereira, Tum, Tum, Tum [refere-se ao som do bumbo]. Isso era o mesmo. Inclusive a gente cantava: “Viva o Zé-Pereira / Atrás da bananeira”. Isto todo mundo cantou, desde o meu tempo a gente cantava. “Comeu muita Banana/ E voltou de caganeira”. Isto todo mundo cantava. (...) Era a mesma. Quando chegava na esquina (refere-se à esquina da praça com a rua dos pescadores) gritava: “Zé-pereira Tum, Tum, Tum. Zé-pereira Tum, Tum Tum.” Aí que começava a resgatar as marchinhas. Mas a saída sempre foi com essa batida. Todo mundo “zé-pereira, Tum, Tum, Tum...” Isto nunca mudou não. Saíamos dos Explosivos batendo.¹⁶⁵

Muitas marchinhas eram cantadas nos desfiles, tanto de artistas consagrados pelas rádios, quanto das músicas produzidas pelos próprios músicos dos *Explosivos*, que, na sua maioria, compunham a Euterpe Rionovense, uma instituição independente, mas que sempre esteve presente nos festejos do clube *Explosivos*.

¹⁶⁴ Idem (id.) pág. 107.

¹⁶⁵ Maria da Conceição Pinto Duarte 20/11/2004.

O jornal “O Rio Novo”, no ano de 1926 referia-se à “excelente Euterpe Rionovense, (como) a banda oficial dos *Explosivos*”. Além disso, dois anos após esta publicação, temos o registro do próprio anuário do clube, “O Explosivo”, reafirmando esta aproximação do clube e a banda, lançando os nomes de cada componente da orquestra:

A “Euterpe Rionovense” ainda este ano prestou o seu valioso concurso ao Clube, e tocou com os seguintes elementos: Srs. Aristides Mesquita, Theodosio Pinto, Tte. Januário José da Silva, Custódio de Oliveira, Emilio Serpa, Gustavo Ferraz, Raymundo V. Ferreira, Carlindo Costa Mattos, João Cerqueira, Itamar Lopes e Nonô Neves.¹⁶⁶

Essas informações tornam-se vívidas nos depoimentos de Maria Pinto. Filha de um dos músicos componentes da Euterpe Rionovense, o Senhor Theodósio Pinto, a depoente consegue resgatar e reordenar suas lembranças, demonstrando as particularidades dos desfiles do zé-pereira no que se tratava da orquestra que o acompanhava, das músicas tocadas e do baile pré-carnavalesco que se organizava após o desfecho do cortejo.

“Eu me lembro, as bandas de música na época... Não era bateria não, era banda de música mesmo. O meu pai fazia parte da banda de música, então a banda que tocava, a gente distribuía as letras de todas as marchinhas do carnaval daquele ano. Todo mundo entrava nesse baile para aprender as marchinhas que seriam cantadas no carnaval. As marchas acabaram, hoje né.”¹⁶⁷

Assim, uma das funções exercidas pelo zé-pereira era reunir os foliões no Largo da Matriz, para logo seguirem o bloco até o salão dos *Explosivos*, onde se promoviam os bailes pré-carnavalescos. Nestas noites dançantes, os foliões tinham os primeiros contatos com as músicas que eram lançadas, na maioria das vezes, na capital ou com as marchas produzidas pelo próprio clube. “A música vinha para o clube, as partituras, e a gente ia aprender no clube. O zé-pereira era o pré-carnaval, todo sábado antes do carnaval saía o zé-pereira.”¹⁶⁸

Portanto, neste contexto o desenvolvimento da comunicação social, promovido pela popularização do rádio, atingia a população rionovense. O contato de Rio Novo com o mundo exterior não ficava mais restrito às aventureiras viagens a cavalo ou charretes, nem mesmo às notícias que chegavam de trem para serem divulgadas pelos periódicos locais. O universo se abria por meio das ondas dos rádios, que, aproximadamente, desde a década de 1930, levaram

¹⁶⁶ Jornal: O Explosivo. Rio Novo, 8 de março de 1928.

¹⁶⁷ Maria da Conceição Pinto Duarte 20/11/2004.

¹⁶⁸ Maria da Conceição Pinto Duarte 20/11/2004.

os melhores e mais famosos elencos de músicos, cantores e compositores das marchinhas do carnaval carioca, para dentro de residências rionovenses.

A busca pelas partituras das marchinhas tocadas na capital pode ser referenciada na notícia da chegada do maestro Manoel Neves, com seu vasto repertório de marchinhas para animar o carnaval rionovense. O anuário “O Explosivo” retratou esta vinda da seguinte maneira:

Deverá chegar no próximo dia 10 à cidade o competente maestro Manoel Neves, que tomará parte saliente no carnaval, ao lado da excelente Euterpe Rionovense (...). Sabemos que o maestro Neves trará consigo vasto e escolhido repertório de músicas carnavalescas, que irão contribuir em muitos para que S.M. o Rei Momo seja condignamente festejado pelos incansáveis foliões (...).¹⁶⁹

A depoente Maria Pinto ainda segue afirmando que, como não havia televisão neste período, ficava a critério do rádio apresentar as músicas lançadas e “quem não tinha rádio ia aprender a música lá no clube”¹⁷⁰. Lembra de cantores famosos como Lamartine Babo, Almirante, Liliha, Marlene, Orlando Silva, Francisco Alves.

Assim, estes bailes pré-carnavalescos, promovidos após o desfile do zé-pereira, serviam como uma espécie de ensaio para decorar as marchinhas que seriam tocadas tanto no salão, quanto nos cortejos do clube durante o carnaval.

Naquela época nós não tínhamos televisão, era o rádio que passava para a gente as marchinhas para a gente cantar. Então o zé-pereira saía daqui dos Explosivos. (...) todo mundo lá na praça. Naquele tempo a gente não denominava praça, era no Largo da Matriz. Ficava lá todo mundo, o povo ficava lá esperando o zé-pereira. Soltava os foguetes, todo mundo já sabia que ia sair o zé-pereira, cantando as marchas que iam ser tocadas no carnaval. Dava aquela volta na praça, a gente era muito aplaudida, era uma beleza. Aí então que o povo descia atrás do zé-pereira no retorno para o clube. Aí todo mundo cantando, quando chegava ao clube realizava-se um baile para a gente aprender as marchas que iríamos cantar no carnaval. Então o zé-pereira era uma preparação para o carnaval. Todo ano obedecia a esses critérios. Os bonecos eram muito bonitos, muito bem feitos. Ia sempre a Joana do Ó, isto é, de muito longe. Mas muito bem organizados, quem entrava naqueles bonecos dançava muito, evoluía muito. Começava em dezembro, depois do natal já tinha zé-pereira a sair. Saía dos *Explosivos* dava uma volta na praça descia pelo mesmo caminho, entrava no clube. (...) Era mesmo um ensaio para cantar as marchinhas do carnaval.¹⁷¹

¹⁶⁹ Jornal de Rio Novo 07/02/1926.

¹⁷⁰ Maria da Conceição Pinto Duarte 20/11/2004.

¹⁷¹ Ibidem (ibid.).

Como diria Carmelita Betonte, esses bailes pré-carnavalescos duravam poucas horas, chegando apenas à meia-noite. Assim como as horas se passavam para o término destas festas, os anos se passaram e suas organizações foram se modificando e perdendo as forças. Na década de 1970 os *Explosivos* e seus bailes pré-carnavalescos ainda foram recorrentes para anunciar a chegada do carnaval, mas o seu zé-pereira já não fazia parte do clube.

2.5 O Bloco do Zé-Pereira e sua emancipação: o folguedo ressignificado e reinventado.

O carnaval da rua está por conta das Escolas de Samba, pois os clubes, segundo sabemos, não desfilaram. Veremos também os blocos folclóricos do ‘Zé-Pereira’ e das ‘Mulinhas’.¹⁷²

Este foi um fragmento do jornal “A Gazeta” do ano de 1979, em que encontro a primeira referência documental do *Bloco do Zé Pereira* independente de qualquer agremiação e como um bloco singular, que tomou *status* de manifestação oficial de Rio Novo, sem compartilhar espaço com outros zé-pereiras.

Tudo indica que este teria saído do clube dos *Explosivos*, aproximadamente nos anos 50, quando esta agremiação não comportou em seu porão a parafernália do zé-pereira junto com as máquinas e equipamentos para a confecção das fantasias dos préstitos do clube. Dona Carmelita relembra este evento da seguinte maneira:

(...) antes do *Explosivos* acabar o Senhor Juquita já tinha arrumado um lugar para tirar as bonecas. Porque lá embaixo nós costurávamos para fazer as fantasia do carnaval. Aí ele tirou as bonecas e arrumou um lugar para as bonecas, onde era (...) Canto do Sabiá, né.¹⁷³

Segundo João Pinheiro, que em sua infância participou da fila de meninos que carregaram as lanternas iluminando os desfiles, afirma que, em meados da década de 1960, o Zé Pereira já se organizava independentemente e “(...) o Senhor Nelson tinha um galpão e guardava os bonecos nesse galpão”.¹⁷⁴

Ah eu tinha uns 10 anos, hoje eu já estou com 54 anos, meu irmão. Puta que pariu, deve ter uns 44 anos que foi modificando. Eu me lembro que aqui na rua... minha rua ainda nem tinha calçamento, aí a gente saía, e tinha aquelas valetas com água e dia de carnaval sempre chove e aí o Zé Pereira aqui, a gente pegava e começava a sair daquela rua ali do *O Nosso É Outro* e dos *Explosivos* ali. É porque era uma rua que tinha uma pavimentação diferenciada. Porque aqui, a rua

¹⁷² A Gazeta Rio Novo, 24 de fevereiro de 1979.

¹⁷³ Carmelita Betonte Mattos 03/08/2005.

¹⁷⁴ Entrevista com João Pinheiro 12/05/2009.

da Santa Casa era puro barro. Era muito barro, então a gente saía com os bonecos daqui do Juquitão, atravessava até ali na frente eram poucos bonecos. Eram três, no máximo uns 4 bonecos que tinham. Às vezes, só tinham dois, às vezes, só a Mofona [refere-se à boneca denominada Joana do Ó].¹⁷⁵

Tendo mantido suas filas de garotos com as lanternas iluminando as ruas, atrás os fantasiados, os bonecos e a banda tocando a marcha do “Zé-Pereira Carnavalesco”, tudo indica que esta manifestação, agora independente, não apenas se desligou dos *Explosivos*, como também herdou características do bloco promovido por este clube. Indícios disso se encontram nas lembranças do depoente:

Eu era moleque e era uma fila (de meninos com suas lanternas na cabeça) uma do lado direito, outra no esquerdo e a banda ficava no meio e alguns, os personagens mais antigos vestidos de... a caráter, com uma casa na cabeça, tinha um tal de Tão que colocava até um cogumelo na cabeça e eu achava aquilo maravilhoso. Pelo cara ter uma ideia tão louca assim. (...) Olha e fluía, isso aí era *show* de bola. Uma ala não interferia na outra e era aquela musiquinha do zé-pereira, não tinha nenhum samba, nada de marchinha. Era zé-pereira atrás da bananeira e era isso aí o tempo inteiro, desde de que saía até na volta. Era chato, mas era aquilo.¹⁷⁶

O depoente segue afirmando que havia uma organização tão rígida que não se podia atravessar de uma fileira para a outra e os meninos, entoados pelo ritmo da música, iam marchando pelas ruas como espécies de soldados.

Sob a organização de Senhor Juquita e seu sobrinho, Nelson Paes, este zé-pereira adquiria uma nova identidade, em que o seu nome próprio, com letras maiúsculas, serviria para mencionar somente um único cortejo rionovense, o *Bloco do Zé-pereira*.

¹⁷⁵ João Pinheiro 12/05/2009.

¹⁷⁶ Idem (id.)



Fotografia 7 José Vieira de Freitas (1895-1995), mais conhecido como Senhor Juquita.
Fonte: acervo particular de Willian Gonçalves.

Paulatinamente, o cortejo foi se reordenando. A típica música do “Zé Pereira atrás da bananeira” foi novamente dividindo espaço com as marchinhas que chegavam do Rio de Janeiro, a ordem das filas dos meninos foi sendo perdida, as lanternas desaparecendo. Na década de 1980 o *Bloco do Zé Pereira* tomou grandes proporções, sendo composto apenas pelos foliões fantasiados, os bonecos gigantes e a banda de música.

Exatamente neste período em que esta manifestação sofreu intensas transformações e houve um exercício intenso pela busca do passado deste folguedo. Encontramos algumas das principais representações sobre a origem do zé-pereira, dentre elas, destacamos o discurso sobre a origem do *Zé Pereira*, apresentado pelo Livro de Ouro de 05 de fevereiro de 1982, no qual se basearam muitas outras reconstruções da história do bloco. Procurando arrecadar subsídio para colocar o *Bloco do Zé Pereira* desfilando nas ruas da cidade, este livro comunicou o seguinte texto:

A presença deste livro foi lembrada na continuação do “zé-pereira” de Rio Novo, em 1924, quando os clubes deixaram de sair com este tradicional bloco, passando então desta época a ser um bloco independente e que vem até nossos dias atuais relembrando com saudade aqueles áureos dias do “*Zé-pereira*” que trazia e continua trazendo para nós a alegria sem partido, sem cores, sem classes e sem idades, servindo para uma colaboração espontânea de todos os cidadãos, ficando marcado no futuro estas contribuições e a presença constante do querido

e tradicional “Zé-pereira”, e para fazer face às despesas necessárias para manutenção deste bloco.¹⁷⁷

Assinado por José Vieira de Freitas (Senhor Juquita) e Nelson de F. Paes, essas informações tanto embasaram matérias jornalísticas, quanto pecaram nas afirmações sobre o período em que ocorre o desligamento entre os clubes e os zé-pereiras.

Tendo conhecimento das atas de reuniões do *Clube dos Renitentes*, em que o próprio nome de José de Freitas está inserido como um dos sócios fundadores, e dentro deste documento, encontramos um cartaz que anunciava o carnaval de 1926, referendando a promoção do zé-pereira. Adicionado a isso, como descrevemos em todo corpo do texto, também encontramos diversas referências de zé-pereiras promovidos pelo *Clube Explosivos Carnavalescos*, posteriormente ao ano de 1924. Sendo assim, seria impossível esta data de independência do bloco ser dotada de algum tipo de veracidade.

Mesmo assim, com a memória perdida ou camuflada nos vastos anos que se foram, para muitos a data de 1924 tornou-se o marco inicial deste bloco. Isso é visível quando encontramos um estandarte nas fotos do bloco, que se refere à existência do *Zé Pereira* de 1924 a 1983.



Fotografia 8 Estandarte de cor verde data a existência do *Bloco do Zé-Pereira* de 1924 a 1983. Fonte: *Jornal da Região*, acervo particular de Willian Gonçalves.

Esta ideia seria publicada em reportagens pela imprensa escrita. Vemos isso em um periódico de circulação regional, denominado “*Jornal da Região*”, onde encontramos uma matéria, “Rio Novo e Zé Pereira na folia”, frisando a celebração do aniversário de 62 anos, no ano de 1986, do autônomo *Bloco do Zé Pereira*.¹⁷⁸ Adicionado a isso, nesta mesma página

¹⁷⁷ Livro de Ouro do Bloco do Zé Pereira 05/02/1982.

¹⁷⁸ Fragmento do “*Jornal da Região*” sem referências.

tivemos contatos com a primeira publicação jornalística, que apresentava a versão da fundação do *zé-pereira* no ano de 1906.

Nas palavras do jornal:

O Zé Pereira vai comemorar, em 86, 62 anos e o “seu” Juquita e filhos já agilizam os preparativos para os festejos do Momo. O bloco do *Zé Pereira* foi fundado na passagem do ano de 1906, quando o pai de Juquita, Germano Baltazar de Freitas e os amigos que se reuniam no Centro do Sabiá resolveram, nessa noite, sair em passeata pelas ruas da cidade. Entre a animação do pessoal vinha um carro de boi carregando em cima o “diabo”, Afonso Aurélio Pena que saía de uma barrica. Foi o maior sucesso. Entre os participantes do bloco, Juquita lembra de Eurico de Albuquerque, Francisco Serpa, Augusto Pavel e o jornalista Francisco Peixoto.¹⁷⁹

Além da carente maneira que o jornalista apresentou o folgado, esta matéria vem carregada de informações improváveis, como a saída deste primitivo desfile do Centro do Sabiá. Primeiro, que o nome do local ao qual se refere seria “Canto do Sabiá”, segundo que este bar não existia no ano de 1906 e sua principal relação com o bloco foi a de comportá-lo, após seu desligamento do clube dos *Explosivos*.

Interessante que esse exercício de resgate dos primórdios da manifestação, abarcou grande expressividade nos anos 80, década que o bloco atingiu o reconhecimento dos programas de televisão apresentados a todo país. Cientes da tradição da manifestação pré-carnavalesca, no final de semana que antecedia o carnaval, os representantes das emissoras de televisão visitavam a pacata Rio Novo para levar as imagens de sua folia aos seus programas. A rede de televisão “Globo”, por exemplo, dava espaço especial ao *Zé Pereira*, apresentando o bloco no programa “Fantástico”. Talvez isso tenha ajudado a instigar essa busca pelo passado do bloco, que gerou uma gama de representações sobre suas origens.

Neste contexto da difusão dos meios de comunicação de massa, não somente essa manifestação tomou essa outra identidade. A própria cidade encontrava-se em meio a essa transformação acarretada pela rápida circulação das informações. Perdia-se ainda mais aquela característica de cidade camponesa para uma urbe aberta ao progresso das informações. Concomitantemente, aqui já encontro a superação da população citadina em relação aos habitantes das áreas rurais, o que ocasionou um crescimento significativo da área urbana da cidade que se modernizava.

Muitos anos se passaram, a “revolução da informação” acarretada pela internet já estava consolidada e o trabalho de resgate não cessou. Seguindo a datação apresentada pelas

¹⁷⁹ Fragmento do Jornal da Região.

memórias do Senhor Juquita, no ano de 2006, foi comemorado o centenário do *Zé Pereira* e, como um dos eventos de comemoração, foi produzido um documentário no qual se trabalhou o passado da folgança em Rio Novo, quase como uma reafirmação do discurso oficial.

Este trabalho teve uma íntima ligação com a ingênua pesquisa que iniciei, no ano de 2005, para a tímida monografia apresentada no ano seguinte. Logo neste contexto, me deparei com uma nova versão da origem do *Zé Pereira*, apresentada pelos antigos foliões do *Clube dos Explosivos Carnavalescos*.

Em entrevista, Maria Pinto repete várias vezes que a fundação deste bloco teria sido dentro dos *Explosivos* e o bloco sempre estivera ligado ao clube, até seu fechamento. Em suas palavras:

Onde era os *Explosivos* hoje é o Porão. Só que ali era completamente diferente. Era uma casa antiga, baixinha, tinha umas oito janelas. Os *Explosivos* era baixinho, tanto que nos bailes as pessoas que ficavam do lado de fora, que não entravam no salão, debruçavam na janela para assistir os bailes dos *Explosivos*. Tinha uma varanda assim ao lado e os *Explosivos* ficava na direção da rua, no mesmo nível. Embaixo tinha um porão enorme, neste porão é que faziam as lanternas. Quando acabava o carnaval, guardava tudo ali no porão. Se quisesse restaurar, restauravam; se quisessem fazer novos bonecos, fazia, tudo aqui nos *Explosivos*. Tanto quando o Nelson e o Senhor Juquita reviveu o zé-pereira, foi lá também. Nunca houve outro zé-pereira, esse foi fundado em 1907 junto com os *Explosivos*.¹⁸⁰

A depoente ainda segue suas lembranças referendando a relação entre a história dos *Explosivos* e do zé-pereira.

Quando fechou os *Explosivos*, junto com ele terminou o zé-pereira, aí acabou, não tinha mais zé-pereira em Rio Novo. Aí o Senhor Juquita com o Nelson Paes resolveram reviver o zé-pereira que foi uma ideia muito bonita. Então eles reviveram o zé-pereira só que de maneira diferente. Eles preservaram os bonecos, as brincadeiras, mas hoje ficou muito tumultuado, a coisa mudaram. Nós não tínhamos a bebedeira que hoje tem, nós não tínhamos as drogas, ninguém se machucava no zé-pereira. Hoje a gente tem até medo de participar de um zé-pereira. Que a gente já viu até pessoas acidentadas no zé-pereira por causa da desordem.(...) Porque aqui em Rio Novo muita gente fala que o zé-pereira foi criado pelo Senhor Juquita; não, não foi criado pelo Senhor Juquita, ele foi lembrado pelo Senhor Juquita, mas foi criado dentro do *Clube dos Explosivos*, era um bloco caricato. (...) Aí o Nelson com o Senhor Juquita, junto com o Laurinho, a família muito animada, então fizeram renascer o zé-pereira. Mas não foi o Senhor Juquita o fundador do zé-pereira. Tiro meu chapéu para ele.¹⁸¹

¹⁸⁰ Maria da Conceição Pinto Duarte 20/11/2004.

¹⁸¹ Ibidem (ibid.).

Seja como for, tratando do bloco nos anos 80, digo que não se assemelhava mais às características do polido zé-pereira formado e organizado pelo *Clube Explosivos Carnavalescos*. O *Bloco do Zé Pereira*, dirigido pelo Senhor Juquita e Nelson Paes, tomou identidade própria, caracterizado pelo seu espírito aglutinador, em que vemos seus desfiles integrados pelas mais diversas camadas sociais rionovenses, com proporções cada vez maiores.

Inicialmente conseguiram manter o rígido ordenamento no cortejo, mas o policiamento dos comportamentos foi diminuindo e os excessos paulatinamente ganharam espaço, trazendo muitas vezes um clima de desordem à manifestação. Continuaram com seus bonecos gigantes¹⁸², uma banda (Euterpe Carlos Gomes), regendo a música dos foliões, que, além das marchinhas, ainda se destacava a velha troça: Viva o Zé Pereira / Atrás da bananeira / Comeu muita banana / e ficou de caganeira.

Portanto, nesta fase de autonomia do folguedo, em que o próprio carnaval encontrava-se em reordenação, deparo com diversos pontos de reformulação e ressignificação no zé-pereira como manifestação cultural pré-carnavalesca. Mesmo assim, o bloco passou a representar a manutenção do passado carnavalesco da cidade, em meio ao surgimento de um novo carnaval rionovense, em que as Escolas de Samba se tornavam hegemônicas, os clubes já não colocavam seus préstitos nas ruas, alguns vinham fechando e o *Zé-Pereira* continuava.

Entre todas as características sustentadas, transformadas e ressignificadas, uma se manteve sólida dentro desta manifestação, desde os carnavais mais remotos do século XX, o seu caráter pré-carnavalesco. Por isso, quando retomo os primórdios do carnaval de Rio Novo, antes tenho a sensibilidade de escutar a zabumba “Tum, tum tum” e o grito “Zé-Pereira”. Pois foi assim que os diversos zé-pereiras anunciaram os carnavais dos Clubes e abriam alas para as Escolas de Sambas rionovenses.

3 OS CLUBES CARNAVALESCOS E A FOLIA NA CIDADE DE RIO NOVO.

¹⁸² Idem (id.).

3.1 Notas documentais e reminiscências da origem e dos perfis sociais dos clubes carnavalescos de Rio Novo.

Nesta singela cidade de aspectos tão calmos, no início do século XX, parcelas de seus habitantes buscaram instituir agremiações, onde pudessem desenvolver diversas atividades associativas e recreativas. Como um possível pioneirismo espelhado nas sociedades cariocas, o *Centro Recreativo Rionovense* foi fundado em 1902, para promover em seu salão diferentes atividades como teatros, bailes, jantares, jogos e, entre outros eventos, o carnaval.

A primeira referência sobre os festejos carnavalescos rionovenses alude a este grêmio, pioneiro no projeto de organizar a celebração do Momo separadamente dos folguedos do entrudo, que ainda em decadência tomavam as ruas da cidade.

O jornal “Rio Novo” faz menção ao plano precursor dos associados do *Centro Recreativo Rionovense* de promover um polido carnaval, onde haveria desfiles de seus préstitos e bailes no Largo da Matriz.

O Centro Recreativo Rionovense (...) Quebrando de quando em vez a monotonia de nossa vida roceira, tomou a iniciativa de no carente anno realizar o ruidoso culto do deus Momo e da folia (...) já se puseram em movimento os rapazes e os sócios do centro, promovendo os meios de tornarem-se efectivos, reaes e brilhantes os festejos carnavalescos nesta cidade.

Foi assim organizada uma selecta comissão, composta dos distinctos cavalheiros (...) que tem já recolhido valiosa soma em dinheiro (...).

Para composição da guarda de honra, que acompanhará os carros alegóricos e de idéias, a comissão pede o concurso de todos os foliões, afim de que ella si torne imponente e luzida, não só pelo numero, como pela qualidade e distincção de seus membros.¹⁸³

Como tudo indica, esta agremiação foi composta pelo grupo da elite da sociedade rionovense, sendo frequentada pelos fazendeiros e donos do comércio da cidade. Como próprio jornal define, nesses desfiles, promovidos no ano de 1907, participaram os grupos seletos rionovenses, que, numa experiência pioneira, ordenaram uma nova e civilizada forma de brincar o carnaval, com os desfiles de cavalos e carros alegóricos e de ideias, bandas de músicas e bailes, buscando uma tentativa de apartamento e seleção dos participantes.

Dentro desta perspectiva, ao modo do *Centro Recreativo*, segundo o periódico, o festejo do carnaval pôde se tornar “efetivo, real e brilhante” com seus “importantes críticos e lindos carros alegóricos, (...) as fantasias de guarda de honra, escolhidos entre os rapazes de bom gosto”¹⁸⁴ e “(...) um lindo coreto armado no largo da matriz, em o qual o tocará

¹⁸³ Jornal: Rio Novo 13/01/1907 n° 43 anno 2.

¹⁸⁴ Jornal: Rio Novo 03/02/1907 n° 2/6 anno 2.

excellente baile de música vindo de Guarany, especialmente contratada para o carnaval”¹⁸⁵.

Seguindo a exaltação anterior, o mesmo jornal fez um balanço sobre o carnaval deste ano, exaltando ainda mais os folguedos promovidos pelo *Centro Recreativo* com seus desfiles, as fantasias, os carros alegóricos e suas críticas.

(...) Extraordinário, excedendo a toda expectativa (...) muito que não se assistia a festa ideal, foi o carnaval com que os heróicos nossos do Centro Recreativo deliciaram (...). O carnaval de 1907 foi um triunfo e um orgulho para Rio Novo (...). Podemos assegurar que as críticas estiveram na altura por merecer os aplausos do povo que em nossa composta enchia as ruas da cidade. (...) Composto de 6 carros alegóricos, (...), montavam cavallos soberbamente, trajando fardamento de cor verde e amarelo (...).¹⁸⁶

Além disso, demonstra o ainda presente apego ao tradicional folguedo do entrudo. Mas dotada de uma roupagem polida, já que mantém a água com as bisnagas, mas troca a guerra dos mais diversos resíduos imagináveis pelo confete e a liberdade desenfreada pelo policiamento dos festejos que garante aos foliões a segurança de não serem atropelados por uma turba qualquer. Assim outro fragmento nos apresenta o carnaval de 1907:

O enredo de confetti e bisnagas que esteve animadíssimo chegou ao cúmulo do entusiasmo. É digno de nota que o nosso povo, graças ao ótimo policiamento não se visse atropelado por nenhum distúrbio ou conflicto desagradável.¹⁸⁷

Difícilmente saberia os motivos determinantes, mas seja por influência da própria organização do *Centro Recreativo* ou até mesmo pela intenção de constituir uma agremiação que concentrasse seu vigor para a celebração do carnaval, no mês de março de 1907 (um mês após os festejos acima relatados) foi fundado *O Club Explosivos Carnavalescos*, que tinha o leão como símbolo e as cores vermelha e preta em sua bandeira.

¹⁸⁵ Idem (id.).

¹⁸⁶ Idem (id.) 17/02/1907.

¹⁸⁷ Idem (id.)



Fotografia 9 fundação do *Club Explosivos Carnavalescos de Rio Novo*, datada de 1907.
Fonte: Acervo da Fundação Cultural Chico Boticário e acervo particular de André Colombo.

Diferente do primeiro, como o próprio nome nos indicia, este novo clube tinha suas energias voltadas principalmente para as festividades do carnaval. Apesar de não se limitar a esse tipo de evento, os demais festejos tinham o objetivo de conduzir o entretenimento na cidade e, talvez indiretamente, estavam voltados para arrecadar renda e divulgar a eficácia e o deleite das noites ali festejadas durante o ano, conseqüentemente, solidificando suas celebrações carnavalescas que eram as principais festividades promovidas pelo clube.

No ano de 1908, em seu primeiro carnaval, sem estender demasiadamente suas referências, o jornal Rio Novo apresentou o *Clube Explosivos Carnavalescos*, ilustrando o ambiente pré-carnavalesco com expectativa positiva para os festejos.¹⁸⁸ Aqui a agremiação já despontava como defensora de seu sobrenome “Carnavalescos”, celebrando todos os dias o reinado do Momo, diferente do *Centro Recreativo*, que realizava apenas dois bailes, no primeiro e no terceiro dias de carnaval.

¹⁸⁸ Ibidem (ibid.) 26/01/1908.



Fotografia 10 diretoria e sócios do *Clube Explosivos Carnavalescos de Rio Novo* (1920).
 Fonte: acervo particular de Ernesto Soares.

Porém, os jornais, entre 1909 e 1914, projetaram uma outra imagem do carnaval. Nesta ocasião afirmara-se o juízo de um carnaval frígido e quieto, sem os mesmos anúncios que convocavam os foliões às comemorações do Momo. Uma das carentes matérias que se assistiu nesses anos foi a seguinte:

Nunca foi tão frio o carnaval entre nós como este anno. Pouco confetti, nenhuma animação, até mesmo no conteúdo. A não serem as crianças, onde ninguém mais se viu na folia. (...) Passamos um verdadeiro carnaval pasmaceira.¹⁸⁹

Há de se frisar a presença de uma forte crise econômica que atingiu o café, no início do século XX, e deixou os produtores numa situação desconfortável, até o governo lançar uma política de valorização do produto e “salvação das lavouras”. Porém, a economia interna da cidade não vivia as melhores das épocas, interferindo de forma expressiva nos festejos. Pois neste período, todas as referências destacam o desânimo que o carnaval rionovense passava, enfatizando a falta do “cobre” nos bolsos ou debaixo dos colchões dos foliões em potencial.

¹⁸⁹ Ibidem (ibid.) 13/02/1910.

Ironicamente, o jornal demonstra que, em tal situação financeira, os rionovenses só seriam capazes de festejar o Reinado do Momo a base de guerras d'água, promovendo o antigo e divertido entrudo, deixando o já tradicional e civilizado confete de lado.

Em seu diagnóstico, sobre a derrocada do carnaval deste ano de 1911, o jornal continuou destacando a falta de dinheiro que deixava a população rionovense em más condições financeiras para o desenvolvimento dos divertimentos. Mas lançando uma exceção aos ricos, que nesta situação, ainda tinham uma renda sustentável para gastar com os espetáculos carnavalescos da capital, já que desfrutavam da facilidade de locomoção promovida pela linha ferroviária que ligava as duas cidades.¹⁹⁰

Ainda nos anos de 1913 e 1914, o mesmo periódico apresentou o carnaval como um fracasso, expressando uma espécie de nostalgia dos anos que antecederam essa fase crítica. Mencionava as parcas diversões que, no primeiro ano, foram registradas, apenas guerras de confetes e bisnagas nas brincadeiras do entrudo, os blocos de sujós e como ápice do festejo uma banda no Largo da Matriz que tocava até às vinte horas.¹⁹¹ No entanto os grandes desfiles, os bailes nos salões dos *Explosivos* ou do *Centro Recreativo de Rio Novo* ficaram de fora do programa. Já no ano seguinte, a única referência que obtivemos é esta, que faz menção indireta à despreocupação do povo em relação à conjuntura crítica vivenciada pela cidade: “Bem faz o povo que, na sua ingenuidade (...) só pensa nos folguedos do Carnaval e trautêa, atirando limão ou espremendo as bisnagas de Vlan, o lança-perfumes sem perigo (...)”¹⁹²

Para aumentar os castigos que assolaram a cidade, a população rionovense ainda viria a sofrer, quatro anos depois, com outros dois flagelos: a epidemia de gripe e as enchentes. Isso foi destacado pelo periódico “O 109”, de propriedade de Carmo Gama e Alípio Dias, sendo o redator possivelmente o primeiro, que como escritor surpreende-se com a alegria do carnaval, apesar das mazelas que tomavam a cidade:

Apesar do mau tempo que precedeu aos três dias consagrados ao deus Momo, tiveram aqui bastante animação os folguedos carnavalescos deste ano. Pode-se mesmo dizer que eles excederam à expectativa de todos, porquanto seria muito natural que houvesse menos animação, menos entusiasmo – pois não há muito toda esta população sofreu, e está sofrendo, as conseqüências de dois terríveis flagelos: a epidemia da gripe e a inundação – esta dando prejuízo a muita gente; aquela cobrindo de luto a muitos os lares, roubando a existência de muitas vidas preciosas.¹⁹³

¹⁹⁰ Ibidem (ibid.) 5/03/1911.

¹⁹¹ Idem (id.) 09/12/1913.

¹⁹² Idem (id.) 22/02/1914.

¹⁹³ Jornal “O 109” 09/03/1919.

Seguindo uma visão evolucionista, o escritor continua a retratar o carnaval rionovense comparando os civilizados folguedos promovidos pelos clubes e aqueles festejos carnavalescos antecessores à abertura dessas finas agremiações, que para o redator, aproximava-se aos primitivos bacanaís romanos. Nas palavras do jornalista:

Entre o carnaval de hoje e o de doze anos passados há uma diferença enorme. Era então o característico do carnaval: os máscaras, espirituosos ou não, as críticas cheias de verve, os dominós. Desapareceu quase por completo o confete. O confete doirado era o “luxo” daquele tempo.

Hoje está tudo mudado. O carnaval está completamente transformado – tem uma comemoração diversa daquele tempo, que não foi lá muito. O “Vlan”, o “Rodo” e o “Alice” vieram substituir com mais elegância e delicadeza as bisnagas e limões; os mascarados foram substituídos pelos fantasiados delicados, formando cordões e blocos cheios de uma graça ála e esfuziante.

Tudo isto é o efeito da evolução, que a tudo vai transformando, assim como levando consigo o sabor agradável das coisas tradicionais e antiquadas, porque não resta a menor dúvida que o carnaval de hoje não tem aquele sinal característico da sua origem e tradição, parecendo uma festa bacanal.

Mas, como a humanidade evolui com rapidez, de ano para ano e até de dia para dia, tudo isso achamos natural e vamos nos acostumando imperceptivelmente...¹⁹⁴

Abordando os eventos do carnaval de 1919, este mesmo registro levantou o nome de um novo clube carnavalesco alvinegro, o *Club dos Paladinos Carnavalescos*. Com a data de sua origem perdida, nos longos anos que se passaram, este clube já promovia as mais diversas atividades recreativas antes mesmo de 1917, como designa uma carta de Olimpio Araújo ao presidente desta agremiação, Coronel Jaime Gomide.

O estudo histórico promovido pelo Anuário da Gazeta, também se referiu indiretamente aos *Paladinos*, quando retratou a trajetória do artista rionovense Xisto Vale. Tendo como principal redator, Silviano Araújo, este anuário afirma que a última atuação deste artista em sua terra natal teria sido, no ano de 1918, trabalhando na produção dos préstitos dos *Paladinos Carnavalescos* e no teatro que apresentou a obra de Olimpio Araújo, “A Mascarada”.

Esta nova agremiação, que surgia neste contexto, deixou alguns indícios sobre sua forte ligação com as elites rionovenses. Como afirmo acima, figuras como os imortalizados, Carmo Gama e Olimpio Araújo foram frequentadores desta corporação, além disto, quando pego o regimento como base, encontro cobranças de elevadas taxas para o padrão de renda da cidade.

¹⁹⁴ Jornal “O 109” 09/03/1919.

Seus membros teoricamente se dividiam hierarquicamente em fundadores, beneméritos, remidos, contribuintes e colaboradores. Os primeiros, como o próprio nome diz, seriam os responsáveis pela fundação, inscritos e responsáveis pelo pagamento da “jóia e uma anuidade até a data da instalação oficial do Club pela posse de sua primeira diretoria”. Em sequência, eram chamados de os “beneméritos” aqueles que fizessem uma doação ao clube, de uma quantia igual ao superior a duzentos mil réis, ou que ao mesmo prestassem “relevantes serviços que recommendem à benemerencia social”. Os “remidos”, os que efetuassem o pagamento ao clube de quantias “igual ou superior a dez anuidades pagas de uma só vez”. Os contribuintes, responsáveis pelas mensalidades de 1\$000 e os sócios colaboradores aqueles que se propunham a prestar serviços gratuitos ao bom funcionamento do clube, tornando-se, por isso, isentos do pagamento em espécie.¹⁹⁵

Sendo uma fonte oficial e formal, que não prova empiricamente quem frequentava este clube, no entanto o Estatuto deixa entrever uma classificação dos sócios em função das doações, constituindo-se uma hierarquia em razão da contribuição monetária bem como a separação de seus sócios dos demais personagens que não participavam do clube.

Apesar dessas dúvidas sobre os reais frequentadores dos *Paladinos*, a representação que ficou, a *posteriori*, nas imagens constituídas pelas memórias dos idosos, é a de um clube ligado às elites de Rio Novo. Isto porque há sinais de terem sido parte abundante dos componentes que, em 1925, formariam os *Renitentes* e pela simples questão de incluir, nas suas posses, uma sede no Largo da Matriz, localização mais valorizada da cidade, onde se concentraram os casarões dos grandes fazendeiros.

¹⁹⁵ Estatuto do Club “Paladinos Carnavalescos”, aprovado em 23 de abril de 1918.



Fotografia 11 Praça Marechal Floriano (década de 1940). Ao fundo, da esquerda para direita, antiga sede do “Clube Paladinos Carnavalescos”, o prédio do “Clube dos Renitentes Carnavalescos”, casarão da família Ferreira e a Prefeitura Municipal de Rio Novo.

Fonte: acervo particular de André Colombo.

Intuo isso com base na entrevista realizada, em que ao arguir o Senhor Carlinhos sobre os *Renitentes*, o folião, que possivelmente vivenciou o carnaval do final dos anos 20, respondeu da seguinte forma:

Felipe: E os *Renitentes*?

Carlinhos: Ah, os *Renitentes*, é(...) Era preto e branco, eram *Paladinos* que chamavam. Depois que passou pra lá que ficou *Renitente*. Era ali onde é o bar do ... o hotel do ...(...) era aqui no cinema. (...) Os *Paladinos* era ali.

Josélia: Eu sabia que era lá no Lions.

Carlinhos: Não lá quando passou pra lá os *Renitentes*.

Felipe: O que o senhor lembra dos *Paladinos*?

Carlinhos: Os *Paladinos* é o mesmo, os *Renitentes*. Tanto é que o *Paladino* era preto e branco, lá que passou a ser rosa e verde.

Felipe: Quem que frequentava os *Renitentes*?

Carlinhos: Era mesma coisa. Era o mesmo pessoal do *Renitente*.¹⁹⁶

Tenho que levar em consideração o grau de simplificação da reconstituição da memória e a imprecisão nas definições dos seus membros. Pois o que faço nesta carência de informações nos registros deste clube é comparar uma ideia que se manteve nas lembranças

¹⁹⁶ Entrevista de Carlos Fonseca da Costa 31/05/2008. (grifos meus)

do caro folião desse período e indícios das regras do Estatuto. Portanto, esta fonte levou-me ao menos ao resgate de um possível perfil dos *Paladinos* que ainda permeia as memórias carnavalescas rionovenses.

Para além disso, posso confirmar as presenças de figuras da elite rionovense, como Carmo Gama e do já citado Coronel Jaime Gomide, posteriormente nos salões dos *Renitentes*, assim como a família de Olimpio Araújo, que viria a falecer, em 1923, antes do surgimento desta nova agremiação.

Tratando do *Club Carnavalescos Renitentes*, agremiação identificada pelas cores verde e rosa e a figura de um galo, tanto a documentação quanto as lembranças são mais vastas. O livro de Atas deste clube constitui um registro importante que nos ajuda a entender melhor seu trajeto no carnaval rionovense.

Segundo este documento, a primeira Seção Solene dos Renitentes data de 13 de maio de 1925, quando foi aprovado o Estatuto e entregou-se o cargo de presidente ao Francisco Serpa, que não se manteve na função, passando o posto para Manuel Benjamim Pável, no dia 15 de julho de 1925.

Este segundo presidente deixou um legado sobre o carnaval do ano seguinte, em seu livro “Besta de Sela (memórias romanceadas)”¹⁹⁷, que reafirma a imagem desta agremiação como “em geral das classes mais abastadas”.¹⁹⁸

Em suas memórias romanceadas, relembra de seu mandato de presidente e o esforço na compra de bens para agremiação, objetivando fazer dos *Renitentes* um “clube social” mais que propriamente carnavalesco. Entre os patrimônios que relata ter adquirido destacou os luxuosos móveis para o salão e um piano de calda, bens dignos de surpresa às demais agremiações rionovenses.¹⁹⁹

¹⁹⁷ PÁVEL, Benjamim. Besta de Sela – Memórias Romanceadas. Editora Pongetti, Rio de Janeiro: 1965.

¹⁹⁸ Idem (id.). Pág 107.

¹⁹⁹ Idem (id.). Pág 108.



Desenho 3 luxuoso salão do *Clube Renitente Carnavalescos*. Autoria de Miguel R. Gomide, datado do dia 20 de março de 1943.

Fonte: acervo da Fundação Cultural Chico Boticário.

Há de se acreditar nesta versão, pois a renda adquirida pela instituição, por meio do Livro de Ouro, datado de agosto de 1925, atingiu a arrecadação exorbitante de cerca de 2.870\$000 réis.

Em nome do Clube, o presidente Manoel Benjamin Pável deixou registrado no Livro de Ouro o desejo de remodelar as estruturas do salão para seu primeiro carnaval e inscreveu os nomes dos sócios que acreditava obter auxílio para essa dispendiosa empreitada. Dentre os sócios encontramos muitos com os títulos de doutores, coronéis, capitães, tenentes, que não economizaram nas doações de 100\$000 ou 50\$000 réis.²⁰⁰

Ainda como indício de seu poder financeiro, assim como os *Paladinos*, o *Clube Renitentes Carnavalescos* também tinha sua sede na praça central (no período, era denominada de Largo da Igreja Matriz), construída no áureo período das lavouras de café sob

²⁰⁰ Club dos Renitentes. Livro de Ouro – Rio Novo. 1925. Arquivo da Fundação Chico Boticário. Rio Novo – MG. Além de encontrarmos os nomes que antes compuseram os Paladinos, foram alguns deles: Coronel Leopoldo Correa Netto, Dr. Juvenal Dias Ladeira, Coronel Octavio Dias Ladeira, Clovis da Silveira Machado, Luiz Cristovam Dias, Coronel Américo Dias Ladeira, Dr. Onofre Dias Ladeira, Coronel Franklin Procópio Rodrigues Valle, Francisco Thomas Pinheiro Junior, José Custódio Ferreira Netto, Ezequiel Ribeiro Guimarães, Silviano Olimpio de Araújo, Capitão Jarbas Ribeiro de Castro; famílias foram assim registradas: Multi & irmãos, Felipe Beakline & irmãos, Zacour & Irmãos. Nomes e sobrenomes que permanecem imortalizadas nas ruas da cidade.

um estilo eclético, seu prédio ainda hoje é uma das construções mais valorizadas dentro da pequena cidade de Rio Novo.

Por isso, Maria Pinto refere-se aos *Renitentes* em suas memórias da seguinte maneira:

Eles eram os privilegiados. O clube lá era muito bonito, Os *Renitentes*, ali na praça. (...) No entanto eles tinham uma sede no centro da cidade, ali era muito bonito, o salão era uma beleza.²⁰¹

Tudo isso nos faz pensar o clube dos *Renitentes* como local propício para o desenrolar das relações de sociabilidade das elites. A mesma depoente em sua entrevista segue definindo este clube por comparação aos demais:

(...) o *Renitente* era a classe alta, ali só tinha os coronéis, os fazendeiros, que frequentava ali era a família do Luiz Dias, a família Ezequiel Guimarães, a família do Zé Neto, a família do Otávio Ladeira. Eram os ricos de Rio Novo. Ali era a elite, os *Renitentes*. Aqui (*Explosivos*) era a classe média e lá era a classe mais humilde (*Colar de Pérolas*).²⁰²

Talvez seja nesse período que o *Club Explosivos Carnavalesco* começa a ser taxado de agremiação da “classe média”. Ou até mesmo anteriormente, pois tudo indica que o *Centro Recreativo de Rio Novo*, o *Club Paladinos Carnavalescos* e os *Renitentes Carnavalescos* foram sempre apresentados pelas memórias e documentos de época como o grupo seletivo e distinto da cidade.

Esta ligação entre os *Explosivos* e a “classe média” não era unânime. Quando recorremos às entrevistas de Carmelita constato que o clube poderia ser frequentado por uma gama de setores sociais bem mais amplos e, talvez, se fechasse apenas para os negros. Quando questionada sobre quem participava dos festejos nos *Explosivos*, assim descreve:

Com preto não, era só misturado com gente pobre, gente rica, gente média. Pois é, meu pai era pobre, mas eu ia assim mesmo. A Maria Pinto, a família dela era mais importante, a Lusinha era mais importante, o Senhor Derval Dutra, ali era tudo pobre, as meninas todas elas faziam parte, (...) o Carlinho. O Carlinho era porta-bandeira dos *Explosivos*, toda vida foi.²⁰³

Sendo assim, é necessário lembrar que até mesmo a classificação dos *Explosivos* como clube da “classe média” é temporal e foi modificada com o passar dos anos. Pois, já na

²⁰¹ Depoimento de Maria Pinto 20/11/2004.

²⁰² Depoimento de Maria Pinto 19/07/2005.

²⁰³ Carmelita Betonte Mattos 15/01/2005.

segunda metade da década de 1940, o *Clube dos Renitentes* parou de promover os festejos carnavalescos em sua sede e a maioria dos seus abastados foliões se tornou frequentadores dos *Explosivos*. Daí em diante, o clube rubro-negro começou a ser taxado, como vejo nas lembranças dos depoentes, como a agremiação das “elites rionovenses”.²⁰⁴

No mais, nesse campo de segregação que a sociedade em que se organizava o carnaval rionovense reafirmava, nada mais normal que o brotar do brilho do *Club Carnavalesco Colar de Pérolas*, agremiação que defendia as cores branca e vermelha e tinha como símbolo a águia. Reconhecido por ser uma agremiação composta pelos negros da cidade, sem ter em mãos uma data precisa sobre seu surgimento, a primeira referência que obtive provém das memórias romanceadas de Pável, que ao citar os três clubes existentes no ano de 1925, quando foi presidente dos “Renitentes”, faz uma referência ao *Colar de Pérolas* e suas “morenas”:

Os *Renitentes Carnavalesco*, em geral da classe mais abastada. Os *Explosivos Carnavalescos* de classe média. (...) Por fim, o clube *Colar de Pérolas*, de classe mais humilde, das boas e belas “morenas” que “rasgavam as fantasias” e num samba bem batucado varavam a noite até o raiar do dia.²⁰⁵

Ainda no ano seguinte, vejo a primeira referência dentro dos periódicos, feita pelo “Jornal de Rio Novo” de 21 de Fevereiro de 1926, que em suas menções reforçam a imagem do clube alvirrubro ligada às camadas humildes ao comparar os festejos dos três clubes.

O domingo de carnaval (...) com três estrondosos bailes a phantasia (...) ofereceram os 3 clubes locais. Os salões repletos, (...) justiça distinguir o salão dos *Renitentes*. A brilhou o baile Renitentes Euterpe Carlos Gomes, (...). Os *Explosivos* a inigualável Euterpe Rionovense (...).O *Club Collar de Pérolas* (...) embora mais modesto(...).²⁰⁶

Como entendo, sua distinção não se limitava ao fator econômico. As relações entre essas agremiações também apresentavam uma segregação entre brancos e negros. Pois o próprio *Colar de Pérolas* foi fundado com o objetivo de promover os festejos carnavalescos da população crioula da cidade, que, salvo em pouquíssimas exceções, não frequentava os demais clubes.

O *Colar* era só preto mesmo, o porteiro não deixava entrar de jeito nenhum, mais não deixava mesmo não. Como os outros clubes não aceitava eles. É por isso a separação.²⁰⁷

²⁰⁴ Depoimento do casal Carlos e Josina 31/05/2008.

²⁰⁵ PÁVEL, Benjamim. *Besta de Sela – Memórias Romanceadas*. Editora Pongetti, Rio de Janeiro: 1965. Pág. 107.

²⁰⁶ *Jornal de Rio Novo* 21 de Fevereiro de 1926.

²⁰⁷ Carmelita Betonte Mattos 15/01/2005.

Eu me lembro que havia uma rivalidade muito grande no carnaval antigamente. Era *Explosivos e Renitentes*, Nossa Senhora; os *Renitentes* era o grupo da nata, da elite de Rio Novo. Os *Explosivos* era a classe média, e tinha o *Colar* que era o clube dos pretos que era lá na Vila França. (...) Há outra coisa também, havia um preconceito muito grande, preto não entrava em baile. *Colar* a gente só ia lá no carnaval e só entrava no nosso clube no carnaval²⁰⁸. A não ser nas brincadeiras de zé-pereira. O baile que fizesse lá no *Colar* branco não ia lá não. Branco não ia lá enfiar no bailes deles não, mas eles também não entrava nos nossos clubes também não, de jeito nenhum.²⁰⁹

Nestes depoimentos, Dona Carmelita e Dona Maria Pinto, ambas sendo frequentadoras dos *Explosivos* e remetendo às décadas de 1930 e 1940, reconstituem suas lembranças do passado carnavalesco de Rio Novo, reforçando a separação dos negros do seu clube e perante os demais. Imagem essa que se constituiu como a principal forma de representação referente a tal instituição. É assim também lembrado por seus próprios frequentadores. Dona Maria Gonjito, ao ser arguida, como ela começou a frequentar o *Colar* deu a seguinte resposta:

Porque ele já era feito mesmo pros crioulos (...) porque nos outros clubes a gente não podia entrar porque a gente era negra. Então tinha os clubes dos pretos e dos brancos. Tinha essa separação em Rio Novo. Inclusive nos *Explosivos* num entravam, *O Nosso É Outro* entrava mais mulato. Entrava algumas assim meio escuras, mulato fechado metido a bom né [risos]. Então ali no *Colar* que era o nosso lugar, mas era ótimo. Era muito bom.²¹⁰

Já Antônio Coelho²¹¹, que se iniciou no carnaval rionovense bem mais tarde, na década de 1960, recorda do clube da seguinte forma:

O *Colar de Pérola* que aquele era dos crioulos. [risos] Aquele era dos negros mesmo, só dava crioulo, num era barra pesada, mas era um negocinho, negocinho mais separado. Cada um tinha a separação deles. Em 1960, é, eu mudei pra Furtado de Campos e lá passei a frequentar o carnaval de Rio Novo. E o meu lugar era no *Colar de Pérola*, porque preto era no *Colar*. Era só preto, tinha mais ninguém não. Todo mundo preto, tem aquela separação.²¹²

Era tal a segregação racial, que quando constato a presença de dois negrinhos com cerca de oito anos em uma foto de um carro alegórico dos *Explosivos*, fiquei surpreso com a aceitação. Mas em depoimento, a proprietária da foto, Dona Carmelita, explicou tal proeza:

²⁰⁸ Refere-se às visitas que trabalhamos neste mesmo capítulo mais à frente.

²⁰⁹ Maria da Conceição Pinto Duarte 20/11/2004.

²¹⁰ Depoimento de Maria Aparecida Gontijo 14/07/2008.

²¹¹ Antônio Coelho foi o fundador e idealizador da primeira Escola de Samba, a Unidos de Rio Novo. Frequentou o Colar de Pérolas e depois O Nosso É Outro.

²¹² Depoimento de Antônio Coelho 16/07/2008.

Porque eles ajudavam muito lá. Eles ajudavam a fazer mandado, ajudavam, aí botou eles aí no meio, abanando a Rainha, come que chama é? Chama aquele negócio abanando a Rainha? Esqueci come que fala. Coqueiro, cada um com um coqueiro abanando a rainha de um lado e do outro assim.²¹³



Fotografia 12 Turmalinas com o Estandarte dos Explosivos (1938) e logo atrás um carro alegórico com “A Rainha dos Explosivos” em seu trono. À frente, vemos as crianças, entre elas, as duas crianças negras, referidas na entrevista de Dona Carmelita, em que uma dessas seria o conhecido Paulinho, que ganhou a alcunha “Passa-Noite”. Mas esta última informação pode ser duvidosa, pois segundo Paulinho, a data de seu nascimento foi exatamente o ano que data esta foto.

Fonte: Acervo particular de Carmelita Betonte.

Desta forma afirmo que até mesmo quando os *Explosivos* introduziram em suas festividades duas crianças negras, o papel desempenhado por elas está intimamente ligado à condição de escravo. Aparecem com folhas de coqueiros, que serviriam de instrumentos para abanar a rainha dos *Explosivos*, que encontra sentada num trono. Esta representação deixa clara a discriminação racial, pois a própria aceitação da participação das crianças negras, nos desfiles dos *Explosivos*, girou em torno do campo da submissão de seu passado histórico de escravo.

Este humilde clube, diferente dos já citados, sofreu diversas mudanças de sede, pelo fato de não terem adquirido um prédio próprio. Inicialmente, esteve localizado ao lado norte do rio Novo, onde iniciava o Arraial dos Crioulos, logo depois, deslocou-se para um prédio na esquina da rua Governador Valadares com a E. de Mattos, onde ficou por pouco tempo, e viria a terminar sua história em uma sede emprestada na Avenida Rio Branco, no centro da cidade.

²¹³ Depoimento de Carmelita Betonte Mattos 03/08/2005.

Quanto ao clube que se apresentou para o carnaval, apenas no ano de 1932, de cores azul e branca e tendo um cometa como símbolo, *O Nosso É Outro* se destacou na reinterpretação e ressignificação do evento relativo à tessitura social dos demais clubes, que por tudo se debruçavam na seleção dos grupos. *O Nosso É Outro* se constitui demarcando uma nova forma de festejar o carnaval na cidade, em desarmonia com o modelo segregador vigente. Assim, apesar de uma temporalidade confusa do surgimento e do desenvolvimento do carnaval, foi apresentado nas memórias de Dona Maria Pinto:

Depois quando acabaram esses clubes veio *O Nosso É Outro*, aí já misturou, aí entrava preto, entrava branco. *O Nosso É Outro* já liberou tudo, o nosso é outro. (...). Eu sei que depois que acabou o *Colar*, acabou os *Renitentes* aí veio *O Nosso É Outro*. Por isso que eles colocaram “*agora O nosso é outro*”. Foi muito interessante, “o nosso é outro”. Até ainda me lembro que os primeiros presidentes foram da família do Sr. Ismael Rosa, que era dono de um hotel aqui em Rio Novo.²¹⁴

Este clube também viria sofrer com as mudanças de sede, mas tornando-se proprietária do seu último prédio. Primeiramente, *O Nosso É Outro* promoveu seus festejos numa sede de esquina entre a Avenida Rio Branco com a Rua São José. Logo depois se mudou para esquina da rua Getúlio Vargas com a Franklin Procópio.

A forma de entender o advento do Clube Carnavalesco *O Nosso É Outro* habita de maneiras distintas as memórias dos nossos depoentes. Cada qual relata essa abertura de forma diferente, mas constantemente insistem em relatar os projetos aglutinadores dos diversos segmentos sociais em seus salões.

Contudo, por mais que todas essas representações procurem constituir uma definição homogênea e estática dos públicos frequentadores dos clubes, essa tarefa se apresenta frágil. Pois até mesmo as linhas fronteiriças que, às vezes, os depoentes buscam construir entre pobres, ricos e classe média, ou brancos e negros, são por demais fluidas e de certa maneira individualizadas. Cada qual constitui um parâmetro para determinar ou classificar os grupos. Portanto, faz-se necessário esclarecer melhor estas questões com uma maior aproximação das memórias e experiências dos depoentes sobre as festas nos salões, as visitas e circulação dos foliões. Adicionado a isso, apresentar os desfiles e as rivalidades entre os grupos no reinado do Momo.

²¹⁴ Maria Pinto 20/11/2004.

3.2 As noites nos salões: festas, as visitas e circulação dos foliões.

O que seria de um clube carnavalesco durante o ano sem seus salões cheios de pessoas a festejar? Não seria um clube com suas energias voltadas para a celebração ou para a coroação do Momo nos dias de carnaval?

As festas que tomavam os salões dos clubes não se limitaram aos quatro dias de carnaval. Durante todo ano as agremiações carnavalescas promoviam diferentes eventos em suas sedes, tanto para dar à cidade uma opção de entretenimento e diversão no fim de semana, quanto para arrecadarem um capital voltado à manutenção das estruturas do clube e a organização do festejo mor: o carnaval.

Nos documentos encontro as Domingueiras apresentadas pelo *Colar de Pérolas* e *O Nosso É Outro*, com seus concursos de danças que iam do tango ao samba, as noites de desfiles que elegiam suas Rainhas. Os bailes nos *Explosivos* e nos *Renitentes* com suas respectivas orquestras Euterpe Rionovense e Euterpe Carlos Gomes, ou bandas vindas das cidades vizinhas, como Guarani e São João Nepomuceno. Os jantares, os sorteios de prêmios nos salões, entre outras, as recepções de figuras ilustres como, por exemplo, a do ex-governador de Minas Gerais e ex-presidente Juscelino Kubitschek.

Na maioria das vezes, estas festas não iam até o amanhecer como nos dias de carnaval. Normalmente, iniciavam às sete horas da noite chegando até meia-noite ou uma hora da manhã. Pois o dia seguinte, para muitos, era repleto de tarefas no labor.

Nestas ocasiões o salão se transformava num ambiente bem mais tranquilo e familiar, onde os lança-perfumes não dominavam a cena, as fantasias eram deixadas de lado, as roupas elegantes eram retiradas do armário e os excessos davam lugar à moderação.

Dona Maria Gontijo lembra bem as festas promovidas pelo *Colar de Pérolas* com objetivo de angariar dinheiro para organizarem o carnaval do clube.

(...) fazia esses concursos sabe?! Da pessoa que dançasse melhor, da pessoa que sambasse melhor, da pessoa que pulasse melhor. Outra hora a gente dava festa, inventava qualquer evento pra arrecadar dinheiro. Então pra dançar tango, Peloca, Pedro do Mané Pego, Tivim, o Braizinho, os outros, muncado aí morreu. Dançava muito bem, era até bacana. Você precisa ver. No entanto, tinha muita gente que dançava.²¹⁵

Citadas acima, personagens que compunham o *Colar de Pérolas*, conhecidos popularmente na cidade por Tivim (Altivo Cândido) e Braizim, tinham espaço especial nas

²¹⁵ Maria Gontijo 14/07/2008.

memórias que remetem aos bailes e danças nos diversos salões de Rio Novo. Como dona Carmelita lembra, em sua juventude dos anos de 1930 a 1940, eles foram seus acompanhantes nas danças no salão dos *Explosivos* em diversas ocasiões. Segundo Dona Carmelita, no clube rubro-negro

(...) tinha baile, baile com conjunto mesmo. Valdir Calmon tinha um conjunto, São João Nepomuceno vinha. Vinha de Guarani, dançava todo mundo. Num tinha preconceito, entrava preto, branco, todo mundo. Só gente errada que num entrava. Essas mulheres, que... Essa rua aqui oh, chamava Rua da Safira, era rua só de mulher à toa, só de prostituta. Essas num entravam, nem por Santa Maria, num entravam mesmo. Mas o resto entrava, preto, branco, pobre. O Tivim, quantas vezes eu já dancei com o Tivim lá nos *Explosivo*. (...) Quantas vezes nós dançamos com ele nos *Explosivos*. O Braizim, quantas vezes nos já dançamos com ele lá. Num tinha preconceito não, tinha no carnaval, no carnaval cada um no seu clube. (...) Mas esse negócio de baile meu filho, era todo mundo, todo mundo mesmo, brincava, brincava a vontade, preto, branco.²¹⁶

Perante tal depoimento, vejo o peso dos valores morais na seleção dos frequentadores no *Clube dos Explosivos*. Além disso, o reforço do clima de rivalidades e segregação racial nos folguedos de carnaval, fator que, segundo a depoente, o diferenciava dos demais festejos ocorridos durante o ano. Estas festas se apresentavam como ocasiões em que reinava uma atmosfera amena propícia para uma relativa união dos diversos grupos sociais rionovenses nos salões dos Clubes Carnavalescos.

Apesar de tudo, esta relativa interação não era tão frequente em se tratando dos *Renitentes*. Sempre frequentadores empunhavam um discurso de distanciamento dos setores populares, deixando em aberto sua clara tendência a se diferenciar dos demais segmentos da sociedade rionovense. Este grêmio distinguiu-se pelo luxo e a exuberância de sua sede, elevando a ostentação de seus sócios e frequentadores, aproximando, já como dito acima por Manuel Pável, aos moldes de um clube social. Diversas referências jornalísticas remetem aos seus bailes sempre pela “distinta sociedade rionovense”. Vemos isso no jornal “O Paládio”, ao retratar uma festividade ocorrida no natal de 1925.

E a 25 deste realizou esplendido baile pelo club oferecido à distinta sociedade rionovense e aos seus associados (em homenagem ao Sr. Jordano de Souza Pinto e acadêmico Arthur Custodio Ferreira, eleitos, respectivamente thesoureiro e official) tendo um realce que ficou marcado os annaes dos folguedos de população, comparecendo os elementos mais selectivos de nossa elite.²¹⁷

²¹⁶ Carmelita Betonte 03/08/2005.

²¹⁷ Jornal: O Paládio 27/12/1925.

Nestas ocasiões, pessoas de outros clubes não eram impedidas declaradamente de participarem destes eventos. Muitos participantes dos *Explosivos* frequentavam estas festas, mas não todos. Aqueles que, de alguma maneira, se aproximavam do *status* de componente da “seleta elite rionovense” desfrutavam dos códigos de sociabilidade deste grupo enriquecido. Caso contrário, o indivíduo não se manteria sensivelmente à vontade neste salão ou até mesmo poderia ser convidado a se retirar deste espaço privado às elites. Por isso, temos que relativizar a expressão de Dona Maria, quando afirma que os elegantes bailes dos *Renitentes* eram frequentados por todos.

Todos esses bailes muito chiques, muito bonitos de Rio Novo eram feitos aqui (refere-se ao salão dos *Renitentes*). Ai nessa época todo mundo ia, era diferente. A rivalidade era só no carnaval, passou do carnaval os bailes que a gente fazia aqui todo mundo vinha, os bailes do *Renitente*, a gente frequentava muito. Foi aqui nesse salão que quando JK veio, foi aqui que ele dançou. Veio no *Explosivos*, mas veio aqui primeiro (refere-se ao salão dos *Renitentes*). Eu dancei com Juscelino Kubitschek aqui no *Explosivo*, ele veio em Rio Novo, em 1936. Eu estava terminando o meu curso de normal, eu me formei com 16 anos.²¹⁸

Dona Maria dá exemplo de uma cerimônia festiva de grande proporção em que dificilmente os *Renitentes* ou os *Explosivos* abririam suas portas e receberiam em seu salão pessoas de todas as camadas sociais, já que nessas ocasiões especiais havia convites para selecionar os participantes das solenidades.

Além do mais, tais representações contrariam as construções memoriais dos negros. Segundo esses depoentes, essa segregação era forte em todo cotidiano rionovense. A separação seria tão presente que uma simples conversa teria entraves «raciais», tornando estes momentos de interação penosos.

Deduzir isso pela própria história de organização urbano-social rionovense, que já colocava a maioria negra e pobre nos arrabaldes afastados do centro, onde um dos bairros, já citado, se destacaria pela sua alcunha, “Arraial dos Crioulos”. Moradora desta localidade, Dona Maria Gontijo lembra a maneira como os negros eram cotidianamente tratados e o respeito que deveriam ter ao se aproximar de uma pessoa da sociedade rionovense, pois um “crioulo” não poderia chegar

(...) igual a gente está falando aqui assim não (refere-se à entrevista). Ficava mais afastado, porque tinha catanga de..., eles falavam né, que a gente tinha

²¹⁸ Maria Pinto 27/07/2005.

catanga debaixo do braço né. Então era assim, dava o livro (de ouro) assim de longe.²¹⁹

Adicionado a tudo isso, ainda havia os valores morais que também distanciavam as pessoas. A mesma depoente segue afirmando que

(...) naquela época tinha aquele problema, porque Rio Novo tinha muito preconceito. Você já deve saber por alto, você já deve ter ouvido bem né. Rio Novo tinha muito preconceito, era bem... Antigamente (...), como eu nunca fui casada, mãe solteira, se eu chegasse numa venda, tivesse uma mulher casada, ela saía. Saía pra depois poder entrar.²²⁰

Seu amigo sambista Altivo confirma esta imagem segregante do cotidiano de Rio Novo, ao fazer uma comparação entre a atualidade e as vivências de sua juventude nas décadas de 1930 e 1940. Em entrevista, “Tivim” deixa clara a distância entre os brancos e os negros nas seguintes palavras:

Branca no nosso meio? Num entrava outro no nosso meio não. Não entrava não. Você acha que essa menina (refere-se à Ieda, participante da entrevista) sentava aqui? Num sentava de jeito nenhum. Num sentava não. (...) Você tava aqui? (refere-se ao autor da dissertação) Não! Num estava não! Hoje esta aí, preto namorando branca, branca namorando preto, (...) mas antigamente não tinha nada disso não. Vocês estavam ali, passeando na praça, e nós do lado de fora, mas era bom! Era aquela separação de cor né. Tinha isso, antigamente tinha isso.²²¹

Com esses dados posso formar uma ideia da organização social cotidiana rionovense, em que a segregação, de alguma maneira, encontrava-se presente ou em estado latente, já que nos dias de carnaval se afluía como nunca. No Reinado do Momo os foliões não mais brincavam e dançavam juntos. Os negros e os brancos, os pobres e os ricos cada qual procurava seu clube entre outros espaços em que compartilhavam dos códigos de sociabilidades, tendo assim maior liberdade e prazer em desfrutar das festividades.

Dona Didi lembra bem suas primeiras experiências no carnaval rionovense. Sendo negra e tendo como patrões, Dona Francisquinha e Senhor Marcelo, dois frequentadores dos *Renitentes*, preferia ir aos bailes do *Colar de Pérolas* e do *O Nosso É Outro*, pois como ela própria afirmou, se sentia mais à vontade e conseguia tomar parte dos festejos, já que eram mais baratos.

²¹⁹ Maria Gontijo 14/07/2008.

²²⁰ Idem (id.).

²²¹ Altivo 04/10/2009.

Em entrevista, dona Didi deixa claro também alguns indicadores das formas de sociabilidade inseridos nos Clubes dos quais frequentou. Ao declarar sua escolha pelo *O Nosso É Outro* como clube predileto, apesar de ter iniciado seu carnaval no *Colar de Pérolas*, afirma que suas colegas, que tomavam partido do *Colar*, não gostavam que as outras meninas frequentassem alguma associação rival, no caso, *O Nosso É Outro*. Assim, Didi conta que quando dançava no *Colar* suas colegas ficavam com uma fisionomia de insatisfação, já que ela também frequentava *O Nosso É Outro* e, nas palavras da depoente, “toda vida eu era muito sistemática, eu ficava achando que os outros ficava olhando pra gente, eu num gosto não”.²²²

Portanto, as expressões de insatisfação declaradas pelas colegas do *Colar de Pérolas* em relação a sua participação em outro clube soaram para Didi como um fator que a aproximou do *O Nosso É Outro*, agremiação aparentemente mais aberta aos mais diversos foliões, onde também se tornou um local propício para constituir novas amizades.

Nestas agremiações, Didi lembra que primeiro participava nos desfiles dos blocos e logo depois se enveredava para os salões, onde passava a noite de carnaval, muitas vezes, até o amanhecer.

(...) carnaval tem o *Bloco do Nosso É Outro*. A gente era bloco, não era Escola de Samba não. Fazia fantasia e a gente saía, depois dava uma volta na rua, a gente cantava, cantava, até nove..., dez horas, dez horas a gente ia pra casa continuava o baile no clube. Quarta-feira de cinzas ia até de manhã, até oito hora, a gente ficava lá dançando.²²³

Como ressalta a depoente acima, a força dos clubes carnavalescos e seus blocos era visível e não dava lugar para a formação de outros folguedos que movessem um grande contingente de pessoas para sua formação. Apesar de todos os contatos com o Rio de Janeiro, seja pelas vias férreas, rodovias ou pela rádio, o arquétipo das Escolas de Samba cariocas ainda não reverberava nos arredores da cidade, isto até os anos de 1960, quando se formaram os primeiros “batuques”.

Nas memórias de Maria Pinto e Carmelita obtenho um resgate interessante sobre as maneiras como comemoravam o carnaval no salão do *Clube dos Explosivos Carnavalescos*, naqueles anos de juventude.

²²² Entrevista de Durvalina Cândida, conhecida como dona Didi, trabalhava no meio rural, vindo para cidade nos anos de 1950, para trabalhar como doméstica. Frequentou primeiramente o Colar de Pérolas e depois O Nosso É Outro. 20/07/2005.

²²³ Idem (id.).

Filha de um dos músicos da Banda Euterpe Rionovense, Maria Pinto começa sua restituição das memórias relevando a presença destaque das marchinhas de carnaval, em detrimento dos sambas, que segundo suas lembranças, tocados nos momentos de descanso. Assim, sob o regimento das marchinhas, o salão se infestava de cordões e foliões dançando, pulando e cantando.

Ressalta também a presença indispensável dos lança-perfumes. Cada folião portava seu tubo, tanto para cheirá-lo quanto para jogá-lo nos olhos dos outros festeiros. Mas apesar da relativa liberdade, os mais jovens não ficavam fora do policiamento dos adultos em relação ao uso desses produtos. Como afirma, era natural que os representantes dos clubes advertirem contra o uso dos lanças-perfume no salão.

O Senhor Wilson era rigoroso mesmo, era rigoroso demais, nos fazíamos parte do bloco das turmalinas, mas a gente tinha mais medo, não era só respeito não, era medo também. Do Senhor Wilson e da Dona Ira, porque eles traziam a gente ali oh! Turmalina não fazia besteira não, a gente só cheirava lança-perfume, se a Dona Ira soubesse que você estava cheirando lança-perfume ela te passava uma advertência. A gente corria dela igual o diabo foge da cruz.²²⁴

Mas mesmo com todo zelo no combate à inalação do lança-perfume pelos jovens, o banheiro tornava-se o escape do policiamento. Ali os adolescentes fugiam da fiscalização feita pelos agentes do clube, para se inebriar. Era tão utilizado que, segundo Maria Pinto, seria o único vício do Rio Novo de seu tempo.

É possível que a utilização dos lança-perfumes não fosse tão difundida entre os clubes carnavalescos mais carentes. Pois como dona Maria Gontijo deixa claro, até mesmo uma “(...) cervejinha, naquela época, uma cervejinha, o pobre não podia tomar”²²⁵, pois era dispendioso para as parcas economias dos setores mais carentes da sociedade rionovense. Há de se imaginar que os lança-perfumes também não se inserissem com tanta facilidade nas despesas do carnaval dos mais humildes.

Dois outros instrumentos indispensáveis dos bailes de carnaval rionovenses, que habitaram todos os salões rionovenses, foram o confete e a serpentina. Era tanto confete que o salão muitas vezes se encontrava inundado. As serpentinas habitavam os ares e se agarravam nos enfeites do salão. Muitas vezes, eram necessários rodos para recolher os papéis, que tomavam os espaços físicos e atrapalhavam os pares nas danças de salão.

²²⁴ Maria Pinto afirma nunca ter utilizado. Em suas palavras: “Eu nunca cheirei lança-perfume porque eu nunca gostei.”

²²⁵ Maria Gontijo 14/07/2008.

Portanto, na memória de Maria Pinto constitui-se uma tríade carnavalesca: “Carnaval sem confete, sem muita serpentina e sem lança-perfume? Isto todo mundo tinha.”²²⁶

Com certeza em algum momento o montante de confete no chão do salão atrapalhou Senhor Carlinhos. Adepto de um carnaval saudável, lembra sua preferência pela dança em relação ao uso das bebidas alcoólicas. Segundo o depoente, as damas que esperavam um par para a dança preferiam um cavalheiro sóbrio, em prejuízo aos foliões que excediam na dose das bebidas e lança-perfumes. Sendo um desses moderados, conseguia se manter no salão a bailar com diversas senhoritas. Em suas palavras:

Eu gostava de dançar (...). Às vezes, tinha dama que só fazia assim pra mim eu sabia (gesticula um olhar). Aqueles que estavam araranraann (som de quem não consegue falar ao beber demais), elas ficavam com medo. Elas faziam assim pra mim, eu já sabia.²²⁷

Ressaltando que a dança era uma das principais práticas de entretenimento nos dias de carnaval, os salões dos clubes eram totalmente organizados para acolher os dançarinos. Nos *Explosivos* os bancos contornavam o salão para aquele minuto de descanso, ou para acomodar as mães que ficavam de vigia das filhas nos *Explosivos*.²²⁸

Maria Pinto ainda destaca a presença maciça dos idosos nos bailes. Primeiramente, lembra dos serviços prestados por sua mãe aos coronéis como costureira. Com especialidade na confecção de roupas masculinas, produzia as fantasias para muitos senhores idosos, que segundo a depoente “usavam uma camisa de chitão bem estampada, de boné.” Eles eram presença certa nas farras, danças e brincadeiras do carnaval dos clubes.

Todas estas reminiscências são também citadas pela esposa de Senhor Carlinhos, Dona Josélia, que, de forma sintética, frisa em suas palavras a participação zelosa dos idosos, o uso difundido dos lança-perfumes e do confete no salão. Em suas palavras: “(...) vinham idosos. Os idosos dançavam muito, iiiii, muito mesmo. Muito lança-perfume, muito confete.”²²⁹

Tratando das noites de carnaval, a festa em que mais se realça nas memórias dos foliões é a da quarta-feira de cinzas. Diferente das outras noites de bailes carnavalescos, que se estendiam das sete horas até cerca 5 horas da manhã, este baile se desdobrava até o amanhecer e o sino da Igreja Matriz a badalar chamando seus fiéis.

O casal, Carlinhos e Josélia, relata na entrevista suas memórias referidas à última noite de carnaval. Ele afirma ironicamente que nas noites de carnaval os bailes acabavam cedo, 5

²²⁶ Maria Pinto 19/07/2005.

²²⁷ Carlos Fonseca da Costa 31/05/2008.

²²⁸ Maria Pinto 19/07/2005.

²²⁹ Josina Tavares Fonseca 31/05/2008.

horas da manhã, já “no último dia (terça-feira para quarta-feira de cinzas) ia até 6 horas e (ele) achava ruim quando parava”.²³⁰

Josélia ressalta os últimos foliões, já de manhã, despedindo do carnaval na janela do salão, soltando foguetes e balançando a bandeira do clube. Pois “(...) quarta-feira de cinzas ficava até o dia amanhecer, o baile não terminava. Estava o sol querendo sair e o carnaval ainda rolando”.²³¹

Nesta noite, havia um protocolo de cunho religioso seguido por muitas pessoas. Em meio à festa de terça-feira para quarta-feira, ao bater o horário de meia-noite, os foliões eram advertidos do início da Quaresma e os portões eram abertos para deixarem sair àqueles que seguiam rigorosamente os preceitos católicos de abstinência posterior ao carnaval.

Dona Maria Pinto era uma das frequentadoras do carnaval dos *Explosivos* que, seguindo a educação católica de seus familiares, tinha que se retirar do salão nas 12 badaladas do sino da Igreja. O carnaval desses foliões começava estritamente no sábado e acabava rigorosamente não último minuto da terça-feira gorda. Assim reconstitui sua memória:

(...) aquelas famílias que eram mesmo realmente católicas mesmo, crentes, batia meia-noite saía todo mundo do clube, não ficava não, num ficava mesmo. O clube ficava bem mais vazio na terça-feira, que aí já era Quaresma, a gente tinha aquele respeito, a gente vinha. A mamãe, por exemplo, num deixava. Meia-noite, bateu meia-noite, mamãe saía e nós saíamos todos atrás, num ficava mesmo de jeito nenhum.²³²

As crenças mais variadas habitavam a mentes dos carnavalescos. Segundo a depoente, eram comuns estórias que retratassem a presença de assombrações, lobisomens e mulas sem cabeça na Quaresma. Então a meia-noite era o horário oportuno para aqueles que temiam essas presenças sobrenaturais irem para casa.

Carmelita também reconstitui este evento em suas memórias, relatando a experiências de seu pai que era porteiro dos *Explosivos* e seguidor ferrenho dos preceitos católicos. Segundo a depoente, seu pai e sua irmã seguiam o caminho para a casa mais cedo a fim de poderem participar da missa das sete horas da manhã. Ao que tudo indica, ela ficava, pois relembra as atitudes dos músicos que iam para a janela impedir que os últimos foliões saíssem do salão, mantendo-os nos festejos até o início da cerimônia religiosa da entrega das cinzas aos fiéis católicos da cidade. Nestes últimos momentos, os foliões “estavam cantando ‘Agora é cinza’ a última música.”²³³

²³⁰ Carlos Fonseca da Costa 31/05/2008.

²³¹ Josina Tavares Fonseca 31/05/2008.

²³² Maria Pinto 19/07/2005.

²³³ Dona Carmelita 03/08/2005.

Mas também havia aqueles que não seguiam à risca os preceitos católicos, não acreditavam nessas narrativas extraordinárias e até se tornavam contraventores dos desses costumes tão arraigados nos cidadãos rionovenses. Pois não satisfeitos em atravessar a madrugada do primeiro dia de Quaresma, ainda acabavam seus festejos na frente da Igreja Matriz. Assim continuam as lembranças de Maria Pinto: “Agora, outros ficavam (...) e depois ia dançar lá na frente da Igreja. O padre Luiz fechava a porta da Igreja, essa porta da frente, ele ficava revoltado.”²³⁴

Além disso, a depoente segue retratando o mal-estar entre a posição do padre Luiz e o carnaval. Rememora que ao chegar à missa das sete horas da quarta-feira de cinzas, o eclesiástico não se mostrava contente com o comportamento dos fiéis. No ritual do recebimento das cinzas, segundo a depoente, ele “(...) olhava (...) com aquela cara feia, botava a cinza, mas revoltado. Sabia que a gente tinha ficado lá os quatro dias de carnaval”.²³⁵

....

Seja como for, muitas vezes, as comemorações, no auge de seu êxtase, com os lança-perfumes, os confetes e serpentinas a mil, os foliões dançando e cantando as marchinhas na alta madrugada, o presidente do clube anunciava: “Agora vamos visitar o *Colar de Pérolas*”. Seguiam todos os foliões, numa comitiva festejando em direção ao outro clube. Esta imagem exemplifica uma prática singular difundida dentro do carnaval rionovense. Retrata o tradicional costume em que os Clubes rivais trocavam visitas, em meio de seus festejos carnavalescos.

Os representantes dos clubes, portando a bandeira e o estandarte de sua agremiação, eram seguidos por uma comitiva com a banda tocando as músicas, os foliões dançando, jogando confetes, serpentinas, bebendo e perfumando a atmosfera com os lança-perfumes a festejar pelas ruas rionovenses.

Tal séquito, antes de adentrar no salão do clube visitado, era recebido pelo presidente, que, seguindo as cerimônias e seus códigos de condutas formados ali mesmo nos festejos carnavalescos, tinha como solenidade pegar a bandeira do clube visitante e adentrar com os foliões da agremiação “adversária”.²³⁶

Já no salão, os foliões dançavam e cantavam juntos. Em cordões, em rodas, faziam o carnaval no salão adversário, juntamente com os frequentadores do clube visitado. Nestas

²³⁴ Maria Pinto 19/07/2005.

²³⁵ Idem (id.).

²³⁶ Ibidem (ibid.).

ocasiões a rivalidade entre os foliões era suspensa e o ambiente era tomado pelo convívio harmônico entre os foliões.

Passados alguns bons minutos, ou até cerca de uma hora, o préstito se recolhia do salão do clube cortejado. Após terem recebido os foliões, a agremiação saudada passava a contrair uma espécie de dívida, em que se pagava retribuindo o cortejo ao clube visitante. Assim, como o exemplo dado acima, se o *Colar de Pérolas* fosse saudado com uma visita dos *Explosivos*, era de praxe que o *Colar* cortejasse este clube na noite posterior.

Brenildo Ayres, referindo-se às suas experiências carnavalescas dos anos 50, reforça as lembranças sobre este momento de confraternização entre os foliões dos diferentes clubes e a retribuição das visitas. Além disso, resgata a dificuldade que os organizadores encontravam na retirada dos foliões que se propunham permanecerem no salão do clube rival.

Durante o carnaval, às vezes, um clube visitava o outro. Determinada hora da noite, saía, por exemplo, os *Explosivos* de sua sede, com o estandarte com a bandeira e com alguns músicos e alguns participantes do bloco, e iam visitar *O Nosso É Outro*. Então chegava e participava do carnaval do clube dentro do salão. Depois *O Nosso É Outro* retribuía a visita. Visitavam o *Colar* e assim por diante. (...) Eu lembro do trabalho que os clubes, que eram visitados, tinham pra poder botar pra fora os intrusos que aproveitavam a visita e depois não queriam sair. Eram os caronas. [risos].²³⁷

Dona Carmelita relembra bem as visitas feitas pelo *O Nosso É Outro* ao salão dos *Explosivos* e a necessidade de pagar o cortejo na noite seguinte:

O Nosso É Outro costumava sair com bloco dele e depois eles iam visitar os *Explosivos*. Chegavam lá, dançavam lá dentro e depois ia o bloco deles pra lá (refere-se à sede do *O Nosso É Outro*). No outro dia a gente ia pagar a visita.²³⁸

Fazendo uma descrição ainda mais enriquecida, Maria Pinto, com sua memória cheia de vivacidade e descrições, revela, ao seu modo, como eram feitas as visitas entre os clubes carnavalescos de Rio Novo, exemplificando uma visita ao *Colar de Pérolas*, que segundo a depoente serve para imaginarmos todos os outros cortejos feitos:

Então saía o bloco (dos *Explosivos*) do mesmo jeito. A gente passava pela praça, todo mundo cantando, a banda de música atrás e a gente ia lá na Vila França visitar o *Colar de Pérolas*. O presidente vinha esperar a gente na porta, pegava

²³⁷ Brenildo Ayres é advogado, pesquisador, escritor e presidente da Fundação Cultural Chico Boticário. Também participou dos carnavais dos clubes rionovenses e teve ligação direta com a fundação da Escola de Samba GRES Unidos do Barrabás. 11/08/2009.

²³⁸ Carmelita Betonte 03/08/2005.

nossa bandeira, entrava com ela e confete, mas era confete demais da conta. A gente passava umas horas lá dançando, aí depois vinha embora. E assim a gente fazia pra visitar os *Renitentes*, depois eles vinham pagar as visitas. Isso era uma coisa muito interessante, todo ano era isso, era o carnaval. Mas era muito animado.²³⁹

Dentro desta organização coerente das trocas de visitas é que Dona Didi ordena suas lembranças. Segundo a depoente, este evento era especificamente promovido dentro de três noites de folguedos carnavalescos, em que seu clube, *O Nosso É Outro*, ia cada noite num dos clubes rivais. Os foliões eram sempre recebidos na porta de suas sedes, onde pegavam sua bandeira, dançavam, davam voltas no salão e logo depois iam embora para seu próprio domicílio. Desta maneira eles iam “no *Renitente*, depois iam aos *Explosivos* e depois a gente ia no *Colar*, cada noite a gente visitava um, e a gente era muito recebido nessa época (...)”²⁴⁰

Nesta situação, a troca de cortesias entre os foliões recepcionados e cortejados pelas visitas permitia a criação de novos códigos de sociabilidade em meio a um novo emaranhado de significados, que não deixavam de gerar concorrências entre os grupos, pois os próprios foliões tentavam evidenciar uns aos outros que seus clubes teriam o melhor desempenho na dança, um salão mais bem enfeitado e luxuoso, até mesmo que suas agremiações alcançaram à vitória numa batalha de confete. Verdade é que não existiam critérios oficiais de avaliação, já que se embasavam simplesmente na sensação de sucesso de cada pessoa ou grupo.

Dona Maria Gontijo afirma, em suas memórias, que quando o *Colar de Pérolas* era visitado, os negros festejavam e brincavam ainda mais, com o intuito de deixar os foliões dos outros clubes deslumbrados com a festa do *Colar* e assim suscitarem inveja.

(...) aí quando eles chegavam, aí que a gente fazia mais bonito. Aí eles ficavam com água na boca viu. E nós pulávamos mesmo, viu. Mas pulava bacana, a gente pulava marchinha direitinho. Você olhava no nosso corpo, parecia que a gente estava até pulando sem música ali, parecia que a música estava dentro da gente. Era bacana. Aí saía o *Colar* ia no *Explosivo*, depois ia n’*O Nosso É Outro*. Depois *O Nosso É Outro* ia no *Colar*, nos *Explosivos*.²⁴¹

Nestes momentos, fica sensível uma reordenação do uso dos espaços dos salões. Aquela tradicional segregação social e étnica dá lugar a um momento de convívio organizado e negociado entre os diferentes grupos, num contexto em que a relação tornava-se possível

²³⁹ Maria Pinto 19/07/2005.

²⁴⁰ Dona Durvalina Cândida 20/07/2005.

²⁴¹ Maria Gontijo.14/07/2008.

para todos, mediante o ritual da visita e sua efemeridade, já que todos teriam que voltar para seus respectivos clubes depois de finalizada a interação.

Tenho que frisar que nem sempre esses contatos eram combinados tão amigavelmente como se imagina nessas descrições extremamente pacifistas. O Sr. Carlinhos e Josélia relembram as trocas de visitas entre os clubes carnavalescos, nas décadas de 1930 e 1940, e falam dos *Explosivos* visitando e sendo cortejado pelo *Colar* e *O Nosso É Outro*, mas quando tratam dos *Renitentes*, a releitura desse passado foi outra. Segundo o casal a relação entre *Explosivos* e *Renitentes* não era assim, tão amistosa. Em entrevista, ao ser arguido sobre a interação entre negros e brancos, o casal assim responde:

Felipe: Os negros e os brancos se misturavam no carnaval?

Carlos: Se misturavam.

Josélia: Não pra ficar a noite toda. A hora das visitas vinha, dava a volta dentro do clube, entravam, eram bem recebidos, depois eles saíam e iam para o clube deles.

Carlos: Os pretos vinham cá.

Josélia: Era uma visita.²⁴²

Dando continuidade à sua entrevista, Carlinhos, com os limites de um senhor com seus 93 anos, afirmava: “Nós íamos pagar a visita no *Colar*, depois ia n’*O Nosso É Outro*. Depois eles vinha cá, era assim.”²⁴³

Intrigados pelo fato de não terem relacionado os *Renitentes* às visitas, segui perguntando ao casal de depoentes sobre o seletto clube rionovense. Transcrevemos a seguir suas respostas:

Josina: Era muito selecionado.

Felipe: E eles não visitavam os outros?

Josina: Não. Que eu me lembro não.

Felipe: O senhor se lembra se os *Renitentes* visitavam os outros?

Carlinhos: Os *Renitentes*? Se brigava?

Felipe: (voz alta) Visitava?

Carlinhos: Visitava?!?! Eles eram cheio de papiata²⁴⁴. Então a turma num... Vinha mais é nos *Explosivos* mesmo né.

Felipe: Mas e o pessoal dos *Renitentes* fazia essa visita?

Carlinhos: Não eu nunca vi os *Renitentes* fazer, eu nunca vi. Mas no *Colar* e n’*O Nosso É Outro* nós íamos.²⁴⁵

Como vemos o diálogo não seria tão esclarecedor devido aos limites da audição do gentil e alegre Senhor Carlinhos, que ainda voltaria a relembrar as visitas que os *Explosivos* faziam aos outros clubes, novamente reforçando que não entravam no salão dos *Renitentes*.

²⁴² Diálogo do casal Josina Tavares Fonseca e Carlos Fonseca da Costa 31/05/2008.

²⁴³ Carlos Fonseca da Costa. 31/05/2008.

²⁴⁴ Expressão de linguagem que se refere aos melindres da elite que compunha os *Renitentes*.

²⁴⁵ Diálogo do casal Josina Tavares Fonseca e Carlos Fonseca da Costa. 31/05/2008

Em suas palavras: “(...) nós íamos muito n’*O Nosso É Outro* e no *Colar*, lá nós num ia não” (referindo-se aos *Renitentes*).²⁴⁶

Tal situação também é referenciada pelas memórias de Aretusa Gomide²⁴⁷. Tendo participado na sua infância dos festejos dos *Renitentes*, possivelmente nos anos de 1930, e logo passado a frequentar mais os Explosivos, a depoente lembra que o *Colar de Pérolas* e *O Nosso é Outro* iam

(...) nos *Explosivos*, o pessoal da diretoria, todo mundo, faziam roda com eles e brincavam, a gente ia e fazia visita, brincava com todo mundo. Era assim. Isso existia. Essa confraternização. Agora, os *Renitentes*, no *Colar* e no *Nosso É Outro*, não ia não. (...) só os Explosivos, que era um clube popular.²⁴⁸

Portanto, tanto as lembranças de Dona Maria Gontijo quanto à memória do casal, Carlinhos e Josélia, fazem com que perceba que, apesar das visitas se apresentarem como um episódio de interatividade plácida entre os foliões, não posso enxergá-las apenas por este viés. Pois dentro daquele universo de significados, havia também a concorrência, a queda de braços e os códigos que levavam uns se vangloriarem frente aos outros. O interessante era que nesta ocasião, os conflitos eram reordenados para um modo mais polido de combate, que, às vezes, escapavam aos olhos de alguns foliões ou, até mesmo, eram diferentes para cada grupo.

.....

Além dessas tradicionais visitas promovidas pelos representantes dos clubes, havia também uma considerável circulação dos foliões. Por isso, com uma análise mais próxima do nosso objeto, posso entender as separações como tendências, produzidas pelo próprio uso social dos espaços de sociabilidade. Isso porque nos salões e nos blocos dos clubes havia regras formais e informais que não somente alimentaram essas representações homogêneas que se referem aos clubes como dos negros, dos pobres, dos ricos ou sem restrições, como também geraram este carnaval segregador.

Como afirma o folião que brincou o carnaval nos anos 60, Antônio Coelho:

Eu acho que se chegasse, eu chegasse na porta do seu clube, falasse: “você num pode entrar porque você é negro ou porque você é muito pobre”. Mas não, a gente mesmo cria aquele espaço. Eu num vou lá porque, lá porque é assim, assim; eu num vou lá porque é assim, assim. Então a gente mesmo, eu acho que a gente mesmo que é culpado. A gente mesmo que cria isso. A gente mesmo.

²⁴⁶ Carlos Fonseca da Costa. 31/05/2008

²⁴⁷ Foliona, presente nos mais diversos festejos de carnaval, ficou marcada nas memórias dos foliões pela suas transitoriedades nos mais diferentes clubes, desligando-se da organização econômico-racial presente na sociedade rionovense de sua infância e adolescência. Foi fundadora da Mocidade Dependente de Rio Novo.

²⁴⁸ Aretusa de Carvalho Gomide 23/03/2009.

Felipe: Mas o que levou o pessoal criar isso?

Antônio Coelho: Aí fica difícil. (...) Eu cheguei aqui eu já encontrei isso aqui e fui obrigado a participar mesmo [Risos]. Ainda bem que eu participei dos dois, do dos negros e do outro, dos mais ou menos [Risos]. Eu participei dos dois, eu gostava de ir no *O Nosso É Outro*.²⁴⁹

Apesar de todo este clima segregante, os ingressos estavam à venda e poderiam ser comprados pelos foliões que não compunham o corpo de associados dos clubes. Ou até mesmo, adquiridos por aqueles que estariam ávidos por prolongar um bom baile de carnaval. Esta é a sensação que Aretusa pronuncia em sua entrevista: “(...) havia o *Explosivos*, o *Renitentes*, clubes carnavalescos em todos os cantos (...) depois de adulta (...) fechava os *Explosivos* e eu ia pro *Nosso É Outro*, ia pro *Colar*, queria era brincar.”²⁵⁰

Mas a depoente segue reafirmando a presença da discriminação e demonstra sua representação da composição de cada clube:

(...) mas havia essa discriminação. Eram os clubes assim: o *Renitentes* era o clube da elite, o *Explosivos* era classe média, o *Nosso é Outro* era clube de operários, e o *Colar* era o clube dos pretos. Então pra mim nunca houve separação, quando menina cheguei a brincar carnaval nos *Renitentes*, antes de fechar. Mas o forte mesmo aqui era o *Explosivos*, o clube do povo, geral.²⁵¹

João Pinheiro também resgata este exercício de circulação entre os clubes ao rememorar suas experiências carnavalescas, quando ainda era garoto, na década de 1960. Tendo o carnaval dos clubes rionovenses apropriado o modelo apresentado pelas sociedades cariocas, estas agremiações necessitavam das partituras das marchinhas e sambas tocados na rádio. Nos anos 60 seu pai tinha constante trânsito entre Rio Novo e o Rio de Janeiro, assim conseguia trazer consigo as partituras das novidades musicais cariocas, por um preço acessível, e distribuir para todos os clubes carnavalescos. Tal gentileza de seu pai gerou ao folião, quando garoto, o privilégio de ter liberdade de transitar entre os clubes, como afirma:

A partitura era única, meu pai trazia do Rio. O mesmo carnaval que rolava no Rio de Janeiro rolava aqui em rio Novo por causa da partitura. As músicas da Quinquinha Borba, etc., etc., era tudo mesmo que o Tão (alcunha de seu pai) trazia pros clubes. Era uma para o *Colar*, uma para os *Explosivos* e outra para *O Nosso É Outro*. Então eu tinha livre arbítrio. Os caras mandavam eu entrar porque meu pai trazia a partitura. Aqui era muito caro.

²⁴⁹ Depoimento de Antônio Coelho 16/07/2008.

²⁵⁰ Depoimento Aretusa de Carvalho Gomide 23/03/2009.

²⁵¹ Idem (id.).

Mesmo abertos ao público que adquirissem o *status* de sócio, os ingressos para seus festejos ou privilégios de terem livre acesso, os clubes tinham um forte condicionamento em seu uso. Essa característica de circulação de foliões apresentada pelos depoentes acima, nem sempre é frisada nas representações memoráveis do carnaval rionovense, que, normalmente, resgatam o passado, organizando estas agremiações, com fronteiras bem nítidas entre ricos e pobres, brancos e negros.

Além disso, não somente a livre circulação era recorrente para a mudança de festejos, os próprios corpos de associados eram passíveis de movimentação. Talvez a experiência de Dona Carmelita seja esclarecedora quanto à separação, o condicionamento e a circulação dos sócios.

Eu num lembro mais, quando eu lembro mesmo é quando eu entrei, eu tinha 7 anos papai me levou no *Renitente*. “Ah, você vai dançar no *Renitente*”. Chego lá era muito rico, num deixava a gente entrar não né. Lá era selecionado. Aí papai falo: “Ah você vai pro *Explosivo*”. Papai gostava. Aí eu fui, cheguei lá fiquei uns 8 anos brincando nos *Explosivos* até casar, brinquei até casar. Depois fui a presidente do clube (...).²⁵²

Sendo assim, pergunto o porquê de ela ter sido levada primeiramente aos *Renitentes*. Assim respondeu:

É porque papai era muito comunicativo, e papai era sócio, dos *Explosivos*, dos *Renitentes*, dos 4 clubes. Então ele achou assim, eu tinha 7 anos, tinha um bloco de menina, e aí ele foi e me levou, mas eu entrei no bloco, me lembro da minha saía de filó cor-de-rosa com uma blusinha verde, era rosa e verde lá, verde com uma flor. Eu brinquei aquele ano, mas papai no ano seguinte papai mesmo caiu na realidade; não lá não é pro cê não minha filha, você vai pro *Explosivo*, aí eu fui pro *Explosivo* e lá fiquei até casar.²⁵³

Talvez esta expressão “papai mesmo caiu na realidade” denote essa relativa diferenciação social em que se encontravam os foliões dos *Renitentes*. Suas fantasias luxuosas, as altas doações ao clube tratavam de delimitar as fronteiras dos seus frequentadores. Isso marcava bem o espaço reservado às elites, ou pelo menos, aos que conseguiam arcar com os altos gastos para se manter o *status* de parcela selecionada da sociedade rionovense. Portanto, a abertura desses clubes era real, mas os usos sociais de seus espaços interferiam na manutenção de um alto grau de circulação e participação dos foliões de camadas sociais distintas.

A problemática da circulação de foliões, que ficou cada vez mais branda com o passar dos anos, faz-se presente nas lembranças de Antônio Coelho, já na década de 1960. Quando

²⁵² Carmelita Betonte 03/08/2005.

²⁵³ Idem (id.).

vindo da cidade vizinha, Guarani, iniciou sua participação nos festejos do *Colar de Pérolas*. Porém, motivado por uma dissidência com o presidente do clube, por ter levado muitos foliões do clube para sua escola de samba *Unidos de Rio Novo*, teve que se distanciar do grêmio e começou a frequentar os bailes do *O Nosso É Outro*.²⁵⁴

O Nosso É Outro, como já descrito acima, era um clube reconhecido pela aceitação das mais distintas camadas sociais. Foi nele que se findou as seleções de foliões, que levantavam como um dos quesitos a cor da pele. Neste ambiente, o uso de seu espaço tornava-se livre a todos os foliões.

Mas há de se perceber que a circulação de foliões poderia ser induzida pelas mais distintas motivações. No que se remete à participação dos festejos dentro do *Colar de Pérolas*, a memória de Dona Maria Butija, referente às décadas de 1950 e 1960, torna-se exemplo disso. Interrogada sobre uma possível filiação dos políticos a um clube carnavalesco, assim reconstitui a transitoriedade masculina, movida por motivos financeiros e libidinosos, nos salões dos clubes do carnaval rionovense:

“Maria Gontijo: Não eles (os políticos) participavam sempre dos Explosivos, nós gostávamos de participar do *Colar* né. Onde tava as crioulas, eles participava. Só os homens né, porque as mulheres, a turma toda brincando na praça e eles lá onde é que nos estávamos. Sabe, pra poder né (fala baixinho com risinhos irônicos). Aí participava.

Felipe: Mas isso no carnaval?

Maria Gontijo: Carnaval, festa sabe?!?!

Felipe: Mas aí vocês deixavam eles entrarem?

Maria Gontijo: É, porque tinha dinheiro né, eles ajudavam a pagar né. Sempre bebiam né, aí pagavam. E eu sempre fui a isca. [risos] Aí sempre onde eu tava a turma toda tava. Inclusive os políticos né.²⁵⁵

Portanto, apesar das evidências segregantes em que os salões se organizavam, os impulsos mais distintos poderiam fazer dessas barreiras um obstáculo transposto. Há de se enfatizar as tendências, mas também as situações singulares que relativizavam as fronteiras sociais, os sentimentos de satisfação do folião e identificação com o espaço frequentado nos dias de folia.

3.3 Os desfiles dos Préstitos Carnavalescos: rivalidades, ordem e vigilância no Carnaval dos clubes de Rio Novo.

²⁵⁴ Depoimento de Antônio Coelho 16/07/2008.

²⁵⁵ Depoimento de Maria Gontijo 14/07/2008.

(...) negócio de carnaval tem o *Bloco do O Nosso É Outro*, a gente era bloco, não era escola de sambas não. Fazia fantasia e a gente saía, depois dava uma volta na rua, a gente cantava, cantava, até nove, dez horas. Dez horas a gente ia pra casa continuava o baile no clube. (...) Aí tinha o *Renitente*. O *Renitente* era na praça, mas lá pra frente tinha os *Explosivos*. Os *Explosivos* saíam bloco também. Os *Explosivos*, *O Nosso É Outro* e tinha o *Colar* que saía bloco, também fantasiava, dançava, saía bloco com música tudo assim na rua, cantando.²⁵⁶

Como vemos nas palavras de Dona Didi, cada clube carnavalesco de Rio Novo, além de organizar seus festejos internos, promovia desfiles de seus blocos, no Largo da Matriz, onde a população assistia a essa atração carnavalesca.

Cada agremiação colocava seus Blocos a desfilarem prontos para festejar e demonstrar para o público, qual era aquele clube em que os espíritos da pândega dominavam de forma mais intensa, em que estava o foco da alegria rionovense que naturalmente inflamava o Reinado de Momo.

Os préstitos das agremiações eram compostos principalmente por moças solteiras, havendo somente a presença de um rapaz empunhado com a bandeira do clube que defendia nos desfiles. Além disso, estes blocos femininos tinham denominações próprias. Dos *Renitentes Carnavalescos* o bloco era “As Pluminhas”; nos *Explosivos*, “As Turmalinas”, sempre ativas nas mais diversas recreações; no *Colar de Pérolas* eram as “Violetas do Colar”, famosas pelas suas vozes; já *O Nosso É Outro*, com seu grupo de damas, as “Cigarras”.

Brenildo Ayres, ao comparar os desfiles promovidos pelas Escolas de Samba e pelos blocos carnavalescos rionovenses, reafirma esta presença maciça das mulheres nos préstitos, ressaltando como uma das diferenças:

O desfile de um bloco era completamente diferente de um desfile de uma escola de samba. Somente moças desfilavam nos blocos. Só um homem desfilava no bloco, que era exatamente o porta-bandeira. Ficava na frente do bloco com a bandeira do clube. Esse porta-bandeira desfilava sozinho. (...) somente moças que formavam as duas alas dos blocos. Evidentemente, durante o desfile iam revezando de um lado para outro, dançando e cantando, todas elas, todo o bloco cantando.²⁵⁷

²⁵⁶ Durvalina Cândida 20/07/2005.

²⁵⁷ Brenildo Ayres 11/08/2009.



Fotografia 13 O Bloco do *Clube Carnavalesco O Nosso É Outro*, composto pelas Cigarras e o porta-bandeira, no carnaval de 1947.

Fonte: Acervos particulares de Luiz André Xavier Gonçalves e Hyla Salma.

Para além do êxtase festivo dos préstitos dos clubes que tomavam o centro da cidade, esses desfiles ofereciam aos foliões dos diferentes clubes a possibilidade de integrar um só espaço dentro do carnaval, o Largo da Matriz. Isso suscitava contatos entre os correligionários dos diferentes clubes, gerando um reforço de suas identidades perante os “outros”, muitas vezes, alimentando um clima de rivalidade dentro do carnaval.

Essas identidades dos grupos que se faziam reconhecer, seja pela união simbólica dos emblemas, fantasias, amizades ou pelos códigos depreciativos direcionados aos notáveis opositores, tornavam os dias de carnaval um campo de conflitos.

Alguns foliões, como Carmelita e Maria Gontijo, definem nas suas memórias o carnaval como um período de confronto político, onde os ânimos se acirram numa batalha “partidária”, gerando ásperos contatos.²⁵⁸ Antônio Coelho, em suas memórias, define a vida dentro do carnaval de Rio Novo, numa constata tentativa de superar o adversário, com as seguintes palavras:

Olha, eu olho pra você e falo eu sou melhor que você, [risos]. Você olha pro outro, eu sou melhor do que você. É um tal de sempre querendo diminuir o outro. O outro é menos que eu, se eu olhar pro outro eu sou melhor do que você.

²⁵⁸ Depoimentos de Maria Gontijo (14/07/2008) e Dona Carmelita (15/01/2005).

Você olha assim, o meu tá melhor, o seu tá pior do que o meu. Então era assim que era a vida de carnaval.²⁵⁹

É dentro desse universo de celebração e rivalidade, que os representantes dos clubes buscavam construir os meios simbólicos para se tornarem os grandes “vencedores”, neste concurso aberto, sem regras formais ou juízes. Em busca desse subjetivo destaque dentro do carnaval rionovense, os grupos agiam em diversos campos de significados compartilhados e permeados das mais diferentes intenções e interpretações, com intuito de demonstrarem-se superiores aos adversários.

Evidência disso constituíam os conflitos em torno das fantasias. Suas escolhas eram, na maioria das vezes, influenciadas pelas marchinhas que tocavam nas rádios. Lembrando que, desde a segunda metade da década de 1930, este meio de comunicação de massa despontava como o principal recurso para o contato com as notícias ocorridas no mundo exterior à cidade. Além disso, intermediava a relação entre os foliões e as marchinhas cariocas que seriam tocadas nos salões dos clubes.

No mais, em geral, entre estas fantasias eram normais os piratas, melindrosas, espanholas, malandros, beduínos, índios, odaliscas²⁶⁰ e outras mais, que talvez pudessem ser indefiníveis.

Nessa atmosfera criativa, em que se geravam as vestes carnavalescas, voltadas para as décadas de 1930 e 1940, Dona Maria Pinto mostrou em suas lembranças o clima de espionagem, que tomavam as relações entre Explosivos e Renitentes no período pré-carnavalesco. Objetivo era saber quais as fantasias que os rivais iriam usar, pois numa descoberta, o clube espião antecipava a mesma fantasia nos seus desfiles, arruinando o projeto adversário.

(...) a gente fazia fantasia, era tudo escondido, porque se souber o outro clube furava. Saía alguém com a nossa fantasia era aquela choradeira, era aquela tristeza. E o interessante que era assim, cada dia era uma fantasia diferente, a gente num saía, igual hoje no carnaval, a Escola de Samba sai e é a mesma né. Na nossa época não, a gente tinha uma fantasia pro domingo, uma pra segunda e outra pra terça, todos os clubes adotavam esse critério né. (...) Mas no carnaval, as fantasias, a gente escondia para ninguém saber que fantasia a gente ia sair, porque senão eles furavam. Se eles soubessem que a gente ia sair de baiana, há eles saíam de baiana para furar o nosso bloco. Então era aquele segredo.²⁶¹

²⁵⁹ Depoimento de Antônio Coelho 16/07/2008.

²⁶⁰ Depoimento de Maria Pinto 19/07/2005.

²⁶¹ Depoimento de Maria Pinto 19/07/2005

Neste meio de embates simbólicos, a ostentação como modo de diferenciação ganhava espaço nas estratégias de se apresentarem num *status* distinto aos opositores. Pável, em seu livro, já tratava de apresentar o sucesso dos *Renitentes* no carnaval de 1925, sendo fruto do rico aparato dos seus carros alegóricos confeccionados por seus sócios. Segundo suas memórias, causaram admiração a todos os habitantes da cidade, principalmente para os sócios dos *Explosivos*, que julgavam terem sido feitos na capital, Rio de Janeiro, não aceitando a grandiosidade do trabalho dos *Renitentes*. Este episódio valeria a seguinte frase em seu trabalho: “Apesar de protesto de “*Os Explosivos*” a palma da vitória coube aos “*Renitentes*”, só um contrário apaixonado pensaria de outro modo.”²⁶²



Fotografia 14 Carro alegórico apresentados pelos Renitentes no carnaval de 1927.
Fonte: acervo particular de Ernesto Soares.

Essa diferenciação, como forma de representação de imponência do clube, tinha presença chave, tanto nos carros alegóricos, quanto nas suas fantasias. Remando ao passado, Dona Maria Pinto relata o fausto aparecimento das primeiras plumas nas fantasias do carnaval rionovense:

Só que naquela época a gente não tinha pluma, a fantasia não tinha pluma. O brilho era do lamê e do cetim, num tinha nada de pluma não. Primeira vez... é por isso que o bloco dos *Renitentes* ficou chamado de pluminhas, porque foi a primeira vez que nós vimos em Rio Novo uma fantasia de pluma. Porque o renitente era a classe alta, ali só tinha os coronéis.²⁶³

²⁶²PÁVEL, Benjamim. Besta de Sela – Memórias Romanceadas. Editora Pongetti, Rio de Janeiro: 1965. págs 108 e 109.

²⁶³ Depoimento de Maria Pinto 19/07/2005.

Porém, corriqueiramente, no carnaval o que reinava mesmo era a simplicidade. A ostentação normalmente ficava a cargo dos foliões que podiam arcar com as próprias fantasias luxuosas. Estes se agruparam historicamente nos salões dos seletos clubes de Rio Novo, *Renitentes*, e logo depois, nos *Explosivos*, onde lançavam os mais dispendiosos investimentos nas festividades.

Seja como for, esta competitividade na produção de fantasias luxuosas e requintadas adornava os embates emblemáticos entre as instituições e os próprios foliões. Movidos pelos sentimentos de valorização de seus grupos pela depreciação dos outros, essa atmosfera carnavalesca era tomada pelo escárnio capaz de gerar situações mais grosseiras, promovendo um conflito aberto entre os atores. É dentro da reconstituição de suas experiências nos carnavais, aproximadamente da década de 1950, que Dona Maria Gontijo lembra seus desfiles pelo bloco do *Colar de Pérolas* e demonstra uma circunstância vivenciada em que os ânimos se acirraram:

Às vezes, os *Explosivos* acostumava, algumas sabe, falar: “que nada vocês não pulam nada, a fantasia de vocês é isso é aquilo”. Aí a gente criava problema, mas ali mesmo resolvia. Eu mesmo já dei uns quatro galopes na Zezé do Senhor Hélio (...). Corria atrás dela, sem vergonha. “Vai debochar da fantasia? Você vai ver vou te pegar”. Agarrei no cabelo dela e ela gritando pai, que pai o quê? Larguei porque o Senhor Hélio chegou.²⁶⁴

Brigas como estas também ocorriam entre outros clubes. As participantes dos *Explosivos*, Dona Carmelita e Maria Pinto resgatam, de maneira bem próxima, memórias de um conflito ocorrido entre folionas dos clubes dos *Explosivos* e dos *Renitentes*, no Largo da Matriz, em que uma das senhoritas foi alvo de um projétil em que colocou sua cabeleira postiça a queimar.

Assim Dona Maria tece suas experiências juvenis em memórias, ao lembrar o trágico caso:

Em uma outra vez também, num me lembro se foi nessa época. Foi. Eu me lembro que os *Explosivos* estavam saindo de Dama Antiga, a fantasia era de Dama Antiga, aquela cabeleira toda muito bonita, e alguém lá do renitente riscou um fósforo e tacou fogo na cabeleira da Libira, me lembro demais. Mas foi uma coisa horrível, ficou feio, o negócio ficou feio.²⁶⁵

Dialogando com as lembranças da depoente anterior, Dona Carmelita também repara suas memórias sobre o mesmo evento ao ser questionada sobre a constância em que o clima

²⁶⁴ Depoimento de Maria Gontijo 14/07/2008.

²⁶⁵ Maria Pinto 19/07/2005.

de rivalidades levava aos conflitos corporais. Na entrevista, a depoente responde desta maneira:

Só uma vez que uma moça do *Renitente* saiu fantasiada de dama antiga, botou uma cabeleira grande, do *Renitente* eu lembro direitinho, eu não sei o que foi lá, uma pessoa não sei se por maldade tacou fogo na cabeleira da muié, quando viu, todo mundo correndo, e a moça gritando, acho que a moça era de fora, nem era de Rio Novo. Eu até perguntei a Maria Pinto, ontem ela disse: “comadre não há meio de lembra quem que é”. Eu também não sei quem é, eu lembro daquela labareda de fogo.²⁶⁶

Como vejo, entre as lembranças existem contradições e confirmações. O ocorrido foi reconhecido pelas duas depoentes, mas a qual clube pertencia à senhorita fantasiada de Dama Antiga, isso se tornou confuso, já que cada qual reconstitui suas memórias de maneiras diferentes. Mas o que mais importa é a ratificação da existência desses embates entre os foliões dos clubes rivais em defesa de suas agremiações.

Apesar da revelação acima constituir os deboches como ações corriqueiras dentro dos dias de carnaval, não posso enxergar este campo de significados, apenas num único viés de valorização das vestes carnavalescas. Pois nas interpretações de um sambista e participante dos clubes *Colar de Pérolas* e *O Nosso É Outro*, como Antônio Coelho, o peso da importância dos trajes pode ser ressignificado. É isso que parece acontecer quando o depoente questiona a superioridade dos *Explosivos*, ao ser perguntado o que diferenciava os blocos dos diversos clubes. Palavras dele:

Iiiii meu filho (...) na vestimenta. A diferença era a fantasia, fantasia. (...) na dança aí num... Lamentavelmente pra samba, desculpa dizer é preto [risos]. O bicho parece ter a canela de ferro. No samba é preto, o branco desfila, o grã-fino, num é de ser branco, maneira de dizer. O grã-fino desfila, o pobre não, o pobre bate o pé. Então a diferença é essa, o pobre bate o pé mesmo com vontade, o grã-fino só desfila.²⁶⁷

Portanto, outros clubes questionavam os modelos representados por estes abastados clubes, condecorando práticas como a dança, o canto, ou outras habilidades não obtidas apenas no âmbito da ostentação. Com isso, vejo que as próprias maneiras de desfilar, dos distintos blocos nas ruas, poderiam ser diferentes.

Aqui vale ressaltar uma possível interiorização do projeto nacionalista brasileiro iniciado pelos modernistas no governo Vargas que, com a intenção da construção de um Brasil miscigenado, tendo tronco nas três “raças”, brancos, negros e índios, associaram tanto o

²⁶⁶ Dona Carmelita 15/01/2005.

²⁶⁷ Depoimento de Antônio Coelho 16/07/2008.

samba quanto a danças à etnia negra. Seja como for, provar que o reverberar deste discurso nas memórias de Antônio Coelho é impossível, mas o orgulho da sua habilidade com a dança e o samba, é patente a todo o momento. Independente das políticas ufanistas, sua altivez pela desenvoltura com o batuque e a dança falam alto perante este projeto de nação brasileira.

Assim vale o questionamento: Este discurso foi influenciado pelos projetos nacionalistas brasileiros que associaram o negro ao samba e a dança? Será que posso encontrar nos *crioulos* rionovenses o orgulho por seus dotes musicais e pelo bailado desvinculado ao discurso do projeto nacionalista Vargasista? Será que este projeto de nação se entranhou e tomou as mais distintas cidades brasileiras, dentre elas a pequena Rio Novo? Abstenho-me de responder com precisão, mas levanto a sugestão de que tal influencia do projeto ufanista de Vargas não pode ser encarada como uma verdade primordial para as análises dos diversos carnavais em solo brasileiro e, ainda menos, das diferentes representações que retratam estas festividades nos seus respectivos locais.

Esta interferência, talvez se torne mais provável, nos círculos intelectuais que apresentam as “Cigarras” sambando frente ao prédio da Prefeitura de Rio Novo ou das Violetas do Colar como “boas e belas morenas que rasgavam as fantasias e num samba bem batucado varava a noite até raiar o dia.”²⁶⁸

Esta última referência vale ressaltar que se trata da visão de um médico e farmacêutico com descendência germânica próxima, que circulou pelas capitais do sul e de Minas Gerais e Rio de Janeiro e conviveu nos círculos sociais das elites rionovenses. Em sua obra, o autor Benjamin Pável apresenta os negros em suas condições humildes e em feitos lascivos na prática de suas danças e batuques, sendo este olhar Esse uma visão, dentre inúmeras outras.

Uma coisa é certa, dificilmente encontraria alusão deste tipo de música dançada pelos *Explosivos e Renitentes*. Isso porque os blocos dos *Explosivos* e dos *Renitentes* desfilavam ao som de suas marchas de carnaval. Os sambas não eram tocados pelas suas orquestras. Este estilo de música era dançado e cantado pelos clubes mais humildes, apesar de que, isso não eliminava a predominância das marchinhas em seus cortejos. Dona Didi lembra-se das cigarras e seus parceiros sambando no Largo da Matriz²⁶⁹, assim como é sempre referência aos negros e as morenas do *Colar de Pérolas*, sambando e cantando como ninguém²⁷⁰.

Além do samba no pé, também se exaltavam as faculdades vocais dos foliões do *Colar*. As memórias e alusões nos periódicos relatam seus desfiles, referendando os dotes

²⁶⁸ PÁVEL, Benjamim. *Besta de Sela – Memórias Romanceadas*. Editora Pongetti, Rio de Janeiro: 1965. Pág 107.

²⁶⁹ Depoimento de Durvalina Cândida 20/07/2005.

²⁷⁰ Depoimento de Maria Pinto 19/07/2005.

vocais das *Violetas do Colar*, que se apartavam, quando o quesito era cantar nos desfiles dos blocos. É da seguinte forma que Dona Maria refere-se:

(...) a turma dos *Renitentes* saía, umas moças muito chiques, mas num cantava nada, as moças miando, quando saía os *Explosivos*, a gente enchia aquela praça, mas quando saía, as *Violetas do Colar*, ninguém cantava melhor que elas, o negrada filha da mãe pra cantar. (risos). Elas abafavam mesmo, cantavam que era uma beleza, as *Violetas*.²⁷¹

Por estas e outras questões, os valores direcionados às maneiras dos clubes se apresentarem caíam nesse emaranhado de significados. Para uns grupos as fantasias eram as grandes ferramentas para se posarem como os vitoriosos deste carnaval. Para outros, uma maior desenvoltura nas danças, sejam o samba ou as marchinhas, que davam a toada dos festejos, ou até mesmo o ato de ser referendado pelo maior número de pessoas no Largo da Matriz, como referido acima.

Adicionado a esses campos de disputas, outro meio muito recorrente, principalmente pelos clubes *Renitentes* e *Explosivos*, era a composição de marchas carnavalescas. Os *Renitentes*, com sua aliada Euterpe Carlos Gomes, e os *Explosivos*, com a Euterpe Rionovense, não tocavam marchas das quais se repetiam no clube rival, tendo que demonstrar a capacidade criativa de seus músicos para o conhecimento e produção das músicas de suas agremiações.

Senhor Carlinhos, participante apaixonado pelos *Explosivos*, lembra as querelas desses dois clubes em algumas situações ainda que acalorada e reordenada na memória.

Carlinhos: Fizeram três marchas pr'aqui (*Explosivos*). Onde cantava duas marcha e a terceira os *Explosivos* fez com o nome dele. Eles ficaram até doentes. Que cantava: “Que beleza / já vi carnaval de Paris/, que beleza/ já vi carnaval de Veneza/ que beleza/ mas carnaval de Milão (milhão)²⁷² igual o do leão ... nunca vi (lembra com dificuldade).

Josélia: É igual ao do leão não tinha.

Carlinhos: (...) Só sei que eles num cantava de jeito nenhum. (...) Paris pede bis, que beleza o de Veneza, nem se visse o Milão nenhum carnaval seria igual do leão. “Essa marcha num é dos *Explosivos*.” (Expressa-se como se fosse os integrantes dos *Renitentes* denunciando o uso da marcha pelos *Explosivos*).²⁷³

Este caso, rememorado por Carlinhos, relata o que ele próprio classifica como “o roubo de marcha”. Ocasão em que os músicos, neste caso dos *Explosivos*, se apoderavam de marchas já existentes para exaltar seu próprio clube. Logo, como no exemplo, os *Renitentes*

²⁷¹ Idem (id.).

²⁷² O depoente logo depois reconstitui esse fragmento dizendo que os componentes dos *Explosivos* trocaram a palavra Milão, por milhão, para demonstrar a superioridade numérica perante os *Renitentes*.

²⁷³ Depoimento de Carlos Fonseca 31/05/2008.

os acusavam de apropriação indevida, pois para implantar o nome dos *Explosivos* em uma letra seria necessário criar uma marcha.

Tal disputa, entre a Euterpe Rionovense e a Carlos Gomes, de maneira nenhuma prova a não existência de bandas no *O Nosso É Outro* e no *Colar*. Brenildo Ayres resgata, em suas lembranças, alguns dos músicos que tocaram nos desfiles dos Blocos Carnavalescos dessas duas agremiações dos anos de 1950 em diante.

Os músicos *d'O Nosso É Outro*, por exemplo, tinha oh, que fazia parte da banda, Senhor Pedrinho Dutra, o próprio Deusdet.(...) Nilton que tocava trombone, o Naldinho. No *Colar*, é um nome muito conhecido, e até hoje ele tocava pistão, era o Bilico. (...) Ele era um músico espetacular, tinha uma força extraordinária pra tocar pistão. Às vezes, quando o carnaval (...) os três clubes estavam lá na praça, e se o *Colar* saía, (...) apesar dos outros estarem lá com suas bandas sabiam que o *Colar* estava chegando, de tão forte que ele tocava.

Outro exemplo desta tessitura de significados conflitantes é apresentado nas memórias de Josélia e Carmelita. Cada qual à sua maneira, restaura uma paródia que, por muito habitou as noites do carnaval rionovense, dentro deste emaranhado de atos de classificação pejorativa recíproca.

Em seu depoimento Dona Josélia ao descrever o desfile do *Colar de Pérolas* resgatara a letra cantada pelas “Violetas do Colar” nos desfiles de seus préstitos aproximadamente na virada da década de 1930 para a de 1940:

Violeta do Colar,
Carnaval nos convida,
Para alegria do povo,
Da nossa terra querida.

E como boa defensora dos *Explosivos* e crítica dos *Renitentes*, bem após a primeira lembrança fez a seguinte referência:

Os *Renitentes* tinha... era preto lá (refere ao *Colar de Pérolas*) e eles eram ricos (refere-se aos *Renitentes*). Então quando cantou aquele, “Violeta do Colar, carnaval nos convida...”, que eu cantei pra vocês. Aí os *Renitentes* fez essa música assim: “Violeta do *Colar* / Tem catanga de gambá / Ribeirão passa na porta / Não tem coragem de lavar.” Porque o rio passa, eles tinham que passar na ponte pra poder (lembrando que sua sede estava na margem do Arrial dos Crioulos)... então eles cantava essa música pro *Colar de Perolas* [risos]. Era uns negócios bobos assim sabe? Cantava pra fazer raiva.²⁷⁴

²⁷⁴Depoimento de Josina 31/05/2008.

Dona Carmelita, já com uma organização um pouco mais confusa das reminiscências, refere-se à paródia como prática dos foliões brancos, para além dos *Renitentes*:

O *Colar* era só de gente escura né. E até que fizeram um hino aí “Sei lá do *Colar* tem catinga de gambá”. Zombando dos preto né. Mas nem os preto entrava cá, nem os branco entrava lá, eles não deixava não.²⁷⁵

Como interpreto essas contendas não se mantinham somente neste âmbito simbólico das fantasias ou das marchinhas e paródias. Muitas vezes os deboches, insultos e vaias, tornavam-se os melhores caminhos para apresentarem suas identidades vitoriosas perante os foliões dos outros clubes. Nesse meio de rivalidades e conflitos abertos, Carlinhos e sua esposa Josélia assim apresentam essa arena de significados compartilhados:

Carlinhos: Ué, eles debochava de lá nós debochava de cá ué.

Mazuel: Mas come que era?

Carlinhos: Xingava.

Mazuel: Xingava?

Carlinhos: Xingava de longe.

Felipe: Mais ou menos como?

Carlinhos: Em?

Josélia: Eram vaia né. Davam muita vaia.

Mazuel: Come que vocês xingavam eles lá? Come que o pessoal xingava?

Carlinhos: Em?

Mazuel: Come que o pessoal xingava?

Carlinhos: (gargalhada)

Josélia: (inibindo a narrativa de Carlinhos) Em Carlos, o pessoal dava muita vaia!!!!

Carlinhos: Você pensa o nome mais bonitinho que tinha (risos). Aquilo era tudo na hora, lá e pronto.²⁷⁶

Mas devo frisar que todas essas manifestações de rivalidades entre os clubes, não se encontravam em ambientes e situações estruturalmente separadas e organizadas. Pelo contrário, eram situadas em meio aos fios de significados sobrepostos que davam ao carnaval uma tessitura social segregada pelo conflito com o “outro”.

Nesses desfiles, os representantes dos clubes e as forças policiais se conscientizavam do aquecimento das energias emanadas pelos ânimos da folia e pelos contatos entre os foliões dos distintos clubes. A ordem tornava-se o foco das preocupações.

Como prevenção às situações caóticas imagináveis, em que os espaços pudessem ser tomados por tumultos, as autoridades construíram códigos e regras a serem cumpridas. Dentre elas, a organização sequencial dos desfiles, com horários para todos os blocos desfilarem sem maiores problemas. Assim como lembra Dona Maria Pinto:

²⁷⁵ Depoimento de Carmelita Betonte 15/01/2005.

²⁷⁶ Diálogo do casal Carlos e Josina.

Os blocos dos clubes tinham horários. Por exemplo, os *Explosivos* tinha a hora de desfilar, depois tinha o horário dos *Renitentes*, e tinha o horário do *Colar de Pérolas*. A gente saía, cada clube saía na sua hora dava volta na praça. Quem era dos *Explosivos* já descia para os *Explosivos*. Outro dia saía o bloco dos *Renitentes*, aí, quem era dos *Renitentes* já subia para os *Renitentes*. E com o bloco do *Colar* era a mesma coisa.²⁷⁷

Vai mais longe descrevendo o espaço e os trajetos dos seus Blocos:

Então, era assim, a gente dava uma volta toda na praça, naquele tempo não se falava praça não, viu gente, era o Largo, era Largo da Matriz. E outra coisa, essa praça toda arborizada, linda de morrer né. Aí a gente dava aquela volta e o povo todo aplaudindo, era muito confete, muita serpentina, muito lança-perfume. Quando a gente descia é que o arrastão vinha atrás, aí o povo todo descia, quem era do *Explosivo* né. O mesmo critério era obedecido pelo *Colar de Pérolas* e pelo bloco das pluminhas, pelos *Renitentes*.²⁷⁸

Quanto ao horário para a realização dos desfiles, às vezes, os clubes com seus blocos não o respeitavam, seja pelo fato de um dos préstitos ter se atrasado em um momento ou mesmo por um simples descuido de uma das agremiações que, precipitadamente, tomou as ruas do Largo. Esse erro era provável que gerasse o encontro entre os foliões dos clubes rivais, acontecimento que não seria nada positivo para aqueles que desejassem promover um desfile ordeiro.

Como retém as lembranças de sua juventude de 1930 e 1940, Dona Maria Pinto, em meio de tanta rivalidade, tal acontecimento poderia ser um estopim para a promoção de um grande tumulto entre os blocos. Assim a depoente reconstituiu uma confusão da qual foi espectadora.

Uma vez aconteceu, num sei por que cargas d'água, eu num sei se foi os *Explosivos* que atrasou ou se foi o clube dos *Renitentes* que adiantou, porque se encontrasse um com outro, o negócio ficava feio, saía briga, saía tapa mesmo. Que a rivalidade era demais. Eu me lembro uma ocasião que nós saímos dos *Explosivos*, e num sei o que aconteceu que os *Renitentes* também saiu. Algum deve ter atrasado outro deve ter adiantado, né. Então foi uma briga feia mesmo de tapa, de soco, os *Explosivos* queria passar o *Renitente* não queria deixar, foi uma coisa horrorosa, passa num passa, passa num passa.²⁷⁹

Portanto, a organização dos horários como maneira de conter esses acontecimentos, com o atravessar dos anos, ilustra uma organização categorizada do carnaval rionovense. Pois, já na década de 60, a ordem dos desfiles exteriorizava uma hierarquia espelhada nas relações

²⁷⁷ Depoimento de Maria Pinto 20/11/2004.

²⁷⁸ Depoimento de Maria Pinto 19/07/2005.

²⁷⁹ Ibidem (ibid.).

de poder dos grupos sociais que compunham os clubes. Rememorando os desfiles da sua *Escola de Samba Unidos de Rio Novo*, Antônio Coelho afirma que os primeiros a sair eram os mais humildes, o *Colar*, seguido do *O Nosso É Outro* e para finalizar, mostrando sua imponência perante os demais préstitos, os *Explosivos*, visto no momento como o clube que concentrava as elites rionovenses.²⁸⁰

Assim como os horários eram organizados por um viés hierarquizante, as tomadas dos espaços também eram ordenadas com base nos mesmos jogos de poder, em que os passeios públicos do Largo da Matriz eram tomados pelas elites que ali habitavam, fazendo do cotidiano dos rionovenses um reflexo da segregação dos dias de carnaval.

Dona Maria Butija lembra os desfiles de sua *Escola de Samba Sorriso da Melodia*, fundada em 1969, dos blocos e das normas presentes no ato de assumir os espaços que, em seus usos sociais, mesclavam características privadas ao típico espaço público dos passeios:

Eu corria na frente, manda eles desocupar a praça, que nós vamos mostrar agorinha mesmo como e que nós vamos passar aqui. Aí na hora que nós passávamos, nós fazíamos bonito sabe. E eles ficam tudo ali na praça. Porque antigamente ali na praça a gente num passava na calçada não, nosso lugar era na rua. Ainda mais fim de semana. Porque na porta do Ronaldo Borges as mesas e as cadeiras só pra família dele e pro pessoal que vinha de fora; da Isa Abrantes a mesma questão, Dr. Cristovam a mesma coisa, Mané Esteves a mesma coisa. Depois vinha o bar do Zé Dias depois vinha família do Marco Aurélio. Virava, senhor Hélio, Maria Zacur, depois vinha o bar do Chico Januzzi também. Então a gente não podia passar ali. Pra gente poder pegar o livro e dá pra assinar, o pessoal sentado, num chegava assim, num ficava falando igual a gente tá falando aqui assim não. Ficava mais afastado, porque tinha catinga de..., eles falavam né, que tinha catinga debaixo do braço, né. Então era assim, dava o livro assim de longe. Chegava na calçada assim... pensou come que era?"(...)“ Então a gente não passava porque as cadeiras tomavam conta né. E também, a gente tem educação, como sempre o que a minha mãe me deu, num me deu diploma, então a gente conversava com eles de longe. (...) Daí você já tira a base que já tinha o clube dos negros e dos brancos. Mas toda vida sempre os negros ganhava. A maioria dos pretos era tudo era pra cá. (...) agora mudou tanto né, fica tudo complicado, fica vendo crioulo... preto com branco, branco com preto. Misturou. Eu olho estranho, eu olho assustada mesma. Antigamente a gente não via isso, né. Antigamente quando a gente via falava, né. Pessoal gritava na rua “a lá mosquito no leite”. (Risos).²⁸¹

Conforme as deliberações estabelecidas, era esta tessitura social dos espaços que a polícia coordenava, assumindo participação fundamental na manutenção da ordem no modelo vigente. Para além de combater os choques entre foliões exaltados pelas suas emoções étlicas

²⁸⁰ Depoimento de Antônio Coelho 16/07/2008.

²⁸¹ Depoimento de Maria Gontijo 14/07/2008.

ou sentimentos de identificação fronteiriça que acabavam em conflitos corpo-a-corpo, também agia no valer do *status quo*. Consequentemente, operava na conservação dos valores e dos significados que permeavam as leituras hierarquizadas desse universo citadino.

Mas esta subordinação não se constituiu de maneira pacífica, nem insensivelmente. As memórias falam dos sentimentos de prostração em que se encontravam os foliões em momentos que estavam em pleno desfile e os policiais se apresentavam para fazer com que seus blocos, ou escolas de samba, dessem passagem aos *Explosivos*, ou a outro clube qualquer. Seguir o regulamento da espera, apresentar a passagem para os préstitos das belas fantasias, e, muitas vezes, escutar insultos, nem tudo isso era capaz de abater os foliões mais humildes.

Antônio Coelho: No carnaval falava “vamos passar por cima de vocês, vamos passar por cima de você”, eu falava “ah num vai não (risos) num vai, num vai não”. “Vou passar por cima do bloco”, falavam que ia passar por cima da gente, a gente falava que ia passar por cima do bloco. Era aquela rivalidade. Mas na hora que o bloco vinha a gente tinha que desocupar a rua para eles, a polícia tava ali. A polícia tava ali para encostar a gente num canto pro bloco passar. O bloco passava a gente pagava a reta da gente.

Felipe: Por que que vocês que tinha que desocupar?

Antônio Coelho: O menor, o menor tinha que desocupar pro maior.²⁸²

Esta ação, às vezes, soava também como um reforço da superioridade das elites. Pois os próprios clubes necessitavam da ajuda desses coronéis, tenentes, comerciantes, políticos, que financiavam, por intermédio de doações, os livros de ouro das agremiações mais pobres. Como Antônio Coelho lembra, na década de 1960, apenas os *Explosivos* eram capazes de se organizar somente com as dádivas de seus sócios; os demais precisavam da ajuda dessas pessoas, que no carnaval tornavam-se os foliões oponentes.²⁸³ Essa situação de dependência financeira ocasionava a manutenção e aceitação da organização tempo-espacial do carnaval vigente.

Talvez isso seja um fator que ajude a explicar a dependência das outras agremiações às doações de parte dos foliões dos *Explosivos*, mencionada acima. Também o porquê, na década de 1960, de seus desfiles serem tão esperados pelo público e quando uma pequena e pobre Escola de Samba, ao tomar o Largo da Matriz, em horário inoportuno, o corpo policial tomasse as providências de fazer, sem muito diálogo, com que os foliões se amontoassem nos passeios ou meios-fios e dessem passagem ao luxuoso préstito.²⁸⁴

²⁸² Depoimento de Antônio Coelho 16/07/2008.

²⁸³ Idem (id.).

²⁸⁴ Ibidem (ibid.).

Seja como for, em meio ao frenesi festivo do carnaval em que os foliões se encontravam, as memórias dos foliões apresentam uma grande eficiência na contenção dos conflitos e no clima de rivalidade que tomava conta da cidade.

Sob a direção do Sr. Carlos C. Camacho, e auxiliados pelos Srs Tte. Ernesto Soares e Sargento José dos Santos Filho, o policiamento da cidade, nos dias de carnaval, esteve irrepreensível, registrando-se unicamente uma prisão correcional. Parabéns a polícia local.²⁸⁵

Referências como estas, são encontradas quase que em todos os jornais que faziam o balanço final do folguedo que se passava nos dias de carnaval em Rio Novo. Sendo ainda natural não remeter a nenhum grande acontecimento de expressividade que pudesse tomar destaque nas páginas dos periódicos.

Em meio a tanta rivalidade entre os clubes carnavalescos de Rio Novo, a segurança policial e o respeito a esse órgão repressor era visto como algo necessário para um bom desenrolar de um belo carnaval. Talvez seja por tais questões que, nas memórias dos foliões, habitam imagens as quais manifestam uma festividade tão ordenada e policiada.

Perguntada sobre a ação policial nos dias de carnaval, Dona Carmelita diz que nunca teria visto uma só prisão. O que havia, em sua concepção, era uma atmosfera densa de rivalidades em que raramente se caminhava para conflito corporal.²⁸⁶

Dona Maria Gontijo também relembra a ação policial nos desfiles, destacando a eficiência e o respeito em relação aos guardas responsáveis pelo regimento dos espaços tomados pelos blocos e pela sua Escola de Samba. Questionada sobre a ação policial, assim responde:

Maria Gontijo: [polícia] Olhava, olhava direitinho.

André: Vocês não tinham problema com polícia?

Maria Gontijo: Nunca.

A: Em época nenhuma?

Maria Gontijo: Nunca, em época nenhuma. Inclusive, a minha Escola nunca. Aliás, eu nunca dei trabalho a polícia. Eu tenho um papel aí, tenho que procurar pra mostrar a vocês, o juiz me deu carta branca pra lidar com de menor. Era o Dr. José domingo dos Prazeres. Ele deu uma carta “você tem carta branca pra lidar com de menor”. Graças a Deus nunca dei trabalho à polícia. As horas que marcavam, a gente cumpria ali, direitinho, nunca teve briga, nunca deixei dar.²⁸⁷

Além da polícia, os próprios pais ou representantes e funcionários dos clubes agiam de modo que limitassem as atitudes dos indivíduos que destoassem dos padrões de civilização ali

²⁸⁵ Possivelmente do jornal: “O Explosivo”. Ano 1, número 1. 08/03/1928. Órgão de interesse do Club Explosivos Carnavalescos. Encontrado no caderno de pesquisas históricas do autor Ernesto Soares.

²⁸⁶ Carmelita 15/01/2005.

²⁸⁷ Maria Gontijo 14/07/2008.

implantados. O folião que excedia nas bebidas alcoólicas, no lança-perfume, ou que promovia alguma discórdia dentro dos festejos era advertido ou até mesmo expulso. Sendo assim, os códigos de conduta dentro dos clubes e nos blocos eram bem rigorosos, tudo para manter a ordem nos festejos carnavalescos.

O simples uso da bebida alcoólica, nos carnavais das décadas de 1930 e 1940, era um tabu para algumas pessoas, principalmente para os jovens foliões. Dona Didi relembra quando frequentava *O Nosso É Outro* e que o presidente fiscalizava o uso de bebidas pelos foliões, pois, em suas palavras, nos blocos “dançava moça e rapaz, mas não podia beber não que o Senhor João Miranda não deixava.”²⁸⁸

Desta maneira, lembranças como estas são naturais na reconstituição do passado carnavalesco rionovense. Rememorando os rígidos limites empregados aos ébrios, Dona Maria Pinto demonstra alguns dos códigos disciplinares e atitudes repressoras às quais os frequentadores dos Explosivos eram submetidos:

Moça num bebia não, de jeito nenhum. Carnaval então, só se ela fosse fora do clube. Rapaz bêbado, Nossa Senhora, saía do clube mesmo. Bebia alegre, mas se abusasse muncadim, saía do clube mesmo. Tinha aqueles homens grandes que tomavam conta, né. Os leões de chácara que tomava conta mesmo, a gente eram muito vigiados naquela época. Beber elas num bebia não. Quando elas entravam no toailete, tá que cheira lança-perfume.²⁸⁹

Tratando dos conflitos corporais, temos a sensação que não eram acontecimentos corriqueiros, mas isso deixa longe a possibilidade de não terem existido. Segundo Antônio Coelho, na década de 1960, nos salões do *Colar de Pérolas* e no *O Nosso É Outro*, eram singulares os momentos em que havia um contato mais áspero entre os foliões, pois sabiam que existia um corpo de seguranças que poderia repreendê-los de maneira grosseira como remontam as memórias das décadas de 1950 em diante, de Dona Maria Gontijo:

Saía (briga). Aí descia por escada abaixo de qualquer jeito. Descia rolando²⁹⁰ (risos) Antigamente tinha muita briga. No Colar brigava descia escada, mas tinha o Zé Maia, João Prata, Senhor Homero que morreu, os caras desciam até dependurados e eu atrás. Tudo quanto há eu entrava. Tinha uma briga, pra aproveitar eu (sinal de soco).²⁹¹

²⁸⁸ Durvalina 20/07/2005.

²⁸⁹ Maria Pinto 19/07/2005.

²⁹⁰ Esta lembrança remete ao segundo salão do Colar de Pérolas, já que primeiro era localizado nos contornos do “Arraial dos Crioulos” e as lembranças remetem à sua sede que se encontrava no segundo andar de um prédio na Rua Visconde do Rio Branco, no centro da cidade.

²⁹¹ Maria Gontijo. 14/07/2008.

Segundo a depoente, muitas vezes as brigas iniciavam por pequenas causas, em que destacaram as dívidas com o próprio bar do clube, homens excedendo e tentando acariciar as mulheres compulsoriamente ou até mesmo por um simples esbarrão. Então, perante essas questões os seguranças do *Colar* entravam em ação.

Pequenas causas que levam a Altivo Cândido, seu amigo de samba e de clube, lembrar uma situação que apenas a presença de um branco no salão do *Colar* justificou que os negros viessem a agredir o folião.

Um dia apareceu um branco na nossa sede, nós demos uma coça nele jogamos ele lá, cá embaixo. Nós não entrávamos lá, nós não entrava no clube deles. Pareceu um lá eles pegaram ele e jogaram cá embaixo. Deram uma coça nele e jogaram cá embaixo. Não apareceu lá mais. Era besteira, antigamente era bobeira. Só porque um branco apareceu no nosso meio. Ele apareceu no nosso meio, eles pegaram e jogaram ele cá embaixo. (risos)²⁹²

O que vemos nas interpretações destes dois foliões, que tiveram a experiência de frequentar o *Colar de Pérolas*, é o desacordo em relação à constância com que ocorriam as brigas nesta agremiação. Pois segundo Dona Maria os conflitos eram comuns, mas já para Antônio Coelho eram raridades. Em entrevista, questionado sobre as confusões nos salões, o folião apresentou a seguinte fala:

Não, não rapaz era coisa rara viu, era coisa muito rara. Você chegasse num clube, começou aquela confusão o diretor do clube chegava perto do cara, uns dois, quatro ou cinco que era fiscal, chamava fiscal “aqui oh, sinto muito mas vou botar você pra fora”. Então colocava pra fora. Colocava pra fora do clube, colocava, num deixava ficar lá não. Promoveu a bagunça acabou. Vai pra lá pra divertir bagunçar não. Colocava eles pra fora.²⁹³

Mas Dona Maria Gontijo continua seu depoimento afirmando que, “no carnaval (dos clubes), às vezes, acontecia, mas nos blocos não”, pois havia somente o problema “de sambar em volta da praça, às vezes, a gente queria sair primeiro” que os clubes carnavalescos e eram repreendidos pelo corpo policial.²⁹⁴

Esta reminiscência acima se assemelha às lembranças de Brenildo Ayres, que no resgate de suas memórias, referente à década de 1950 em diante, afirma que havia um grande respeito entre os clubes carnavalescos. Relata que na terça-feira era natural que os blocos se encontrassem na praça e desfilassem quase que concomitantemente, sem riscos de conflitos entre os foliões. Em suas palavras:

²⁹² Altivo 04/10/2009

²⁹³ Antônio Coelho 16/07/2008.

²⁹⁴ Maria Gontijo 14/07/2008.

A praça animava principalmente quando os três clubes chegavam. Isso acontecia na terça-feira principalmente. E normalmente entrava um clube desfilava, quando estava terminando o desfile entrava o outro depois entrava o terceiro. Mas no último dia eles já se preparavam e saíam os três quase ao mesmo tempo. (...) E ali evidentemente a torcida: o *Explosivos* é melhor, o nosso e outro é melhor, o *Colar* é melhor. Havia aquela rivalidade, mas não era tão acentuada.²⁹⁵

Seja como for, nestas arenas de expressões de alegria, celebração, vivacidade, cruzadas com o policiamento dos comportamentos e algumas intempéries carnavalescas, todos queriam e julgavam-se vencedores nos seus modos de brincarem os carnavais. Os depoentes, com suas interpretações e representações, memoravelmente constituídas, deixam explícitos suas hierarquias, seus valores compartilhados e as visões entrecruzadas.

Os integrantes de seus clubes não davam o braço a torcer e se envaidecem por suas “vitórias”, num carnaval sem concursos formalizados, nem sequer um critério de avaliação. Os julgamentos ficavam submetidos aos critérios pessoais que, coerente ou incoerentemente, podem ser indiciados pelos representantes dos clubes em suas adadoras memórias. Assim, como para Dona Maria Gontijo,

O *Colar* sempre foi... primeiro lugar, (...), segundo *O Nosso É Outro*, terceiro os *Explosivos*. Era só branquinha riquinha sabe. Aquelas roupinhas pintadinhas. “Colombina onde está você?” (canta ironicamente)²⁹⁶

Mas para o Senhor Carlinhos, “*Os Explosivos* eram mais alegres, cantava mais, tinha mais gente”, e para Senhora Josélia “as fantasias (dos *Explosivos*) eram com muito gosto. Muito gosto mesmo sabe, era muito bonita.” Diferentemente de Antônio Coelho, que diz: “gostava de desfilar lá (Guarani), nas Escolas lá, então vim pr’aqui a gente teve que dar um jeito de desfilar aqui também.”

Portanto, cada folião, dentro do âmbito de suas experiências vividas, faz das suas memórias um resgate reordenado e ressignificado do pretérito e por meio delas apresentam as imagens das quais foram passadas e resgatadas nas lembranças do outro e de si, com seus modos de enxergá-los e classificá-los. São exatamente essas representações nas lembranças dos carnavalescos de outrora que nos trazem informações de um passado do Carnaval dos clubes rionovenses.

²⁹⁵ Brenildo Ayres.

²⁹⁶ Idem (id.).

4 A CRISE DO CARNAVAL DE CLUBES E A ASCENSÃO DAS ESCOLAS DE SAMBA: O CARNAVAL RIONOVENSE REORDENADO E RESSIGNIFICADO.

4.1 Reordenação do universo carnavalesco rionovense: os blocos decaem e as primeiras Escolas de Samba abrem passagem.

As décadas entre 1950 e 1970 trouxeram grandes transformações para Rio Novo. Mesmo que inserida inexpressivamente dentro do desenvolvimento econômico nacional, Rio

Novo sofreria fortes transformações que refletiram diretamente na organização da cidade e consequentemente no carnaval.

A cidade a partir da década 1940 vê o seu número de habitantes crescer num movimento contrário à paulatina queda do contingente populacional rural. Na década de 1970, a população urbana, ainda que ínfima, contava 5.583, e a população rural contabilizava 5.456 habitantes. Tendência que continuou nos anos 1980, pelo IBGE, apresentou a quantificação de 5.925 moradores urbanos e 3.666 rurais.

A elite rural rionovense, apesar de se despontar como a principal detentora das riquezas da cidade, já não era aquela do início do século XX, que na década de 1920, colocara Rio Novo entre as pequenas cidades da Zona da Mata que atingiram arrecadação de 78,02% de toda produção mineira de café.²⁹⁷ Tendo perdido espaço com a crise do café e ascensão de um Brasil moderno, esta região se tornou cada vez mais enfraquecida economicamente. Isso refletiu claramente nas fazendas, onde o café deu lugar à pecuária para gado de leite ou de corte, ou até mesmo, aos grandes latifúndios improdutivos.

Além disso, esta urbe que no início do século era quase que fechada para o mundo externo, onde tinha como meios de transporte principal a ferrovia e os equinos e suas carroças e charretes a que seguiam caminho na Rodovia União & Indústria, que ligava Rio Novo à antiga capital, tomou outro feitio, com a difusão dos automóveis entre a população, o crescimento do transporte público, o desenvolvimento da telecomunicação como o rádio, o telefone, a televisão, entre outros.

Em meio às transformações nos campos mais distintos, até mesmo nas políticas culturais nacionais, que se voltavam para o “popular” e para o combate à discriminação, a festividade do carnaval rionovense não ficou de fora. Com plena consciência do destaque dos clubes na década de 1950, os anos de 1960 vieram apresentar pequenas modificações que semearam as grandes mudanças vividas nas décadas de 1970. Estas modificações estão ligadas ao surgimento e desenvolvimento de um novo modo de festejar o carnaval na cidade de Rio Novo, à maneira das Escolas de Samba.

Referência deste gracioso folguedo já se apresentava nas linhas do Jornal “A Gazeta”, no ano de 1954. Ao anunciar a aproximação do carnaval de cidade, o Capitão Pindorama, pseudônimo de Messias Lopes, lançava assim sua chamada:

Aí vem o Carnaval !(...) Consta, que mais de 50 famílias residem no Rio de Janeiro, passarão, este ano, os festejos carnavalescos no convívio rionovense.

²⁹⁷ LAMAS, Fernando G.; SARAIVA, Luis F.; ALMICO, Rita de Cássia da Silva. A Zona da Mata Mineira. Subsídios para uma historiografia.

Aí estão as escolas de samba, as domingueiras, os *Zé-Pereiras*, e outros prenúncios do Carnaval que está próximo. E o povo vai tomando posições para enfrentar o reinado barulhento de sua majestade Momo.²⁹⁸

O texto evidencia movimentação na cidade com a chegada das famílias de rionovenses ou amigas de Rio Novo para o festejo. Também Brenildo Ayres, um morador da cidade, em seu depoimento, confirma a vinda de várias famílias do Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte, entre outros centros, constituindo um ponto forte para movimentar a festividade dos anos de 1950, dando combustível para a alegria carnavalesca.

A família Dias, lá daquela região do Campo Belo, o pessoal do Senhor Clovis Dias, era muita gente. E a família dos Dib. Que era na praça ali. Então era a família do Senhor Helio Jordano, que foi prefeito de Rio Novo. Então os Dib e outros (...) vinham todos para Rio Novo. Muita gente. E Rio Novo ficava quase como uma república (...) isso era muito bom. Vinham porque gostavam de Rio Novo.²⁹⁹

Quanto a alusão à presença das Escolas de Samba no texto do jornal “A Gazeta”, de 1954, nada nos autoriza a confirmar sua veracidade. Isso pelo fato de que, durante todo o processo de pesquisa, não foi encontrada nenhuma referência adicional sobre sua existência, levando-se em conta, documentos, lembranças, entre outros registros. Mesmo os jornais, daquele mesmo ano, não trazem nenhum relevo ou indício da existência das Escolas de Samba.

Em consonância com depoimentos e com documentos obtidos em pesquisa, vejo que a fundação das primeiras Escolas de Samba estiveram ligadas a alguns personagens como Altivo Cândido, Jesus Crescêncio, José Chicão, Valdemir, José Damasceno, Francisco Alonso, Joaquim de Souza, Geraldo Francisco da Costa,³⁰⁰ Bernardino, Ademir, Carmindo e, nossos dois depoentes, Antônio Coelho e Maria Gontijo.³⁰¹

Pela carência de registros ou pelo próprio embaralhar dos resgates das lembranças, para muitos entrevistados aqui apresentados, a primeira Escola de Samba de Rio Novo teria sido a *Sorriso da Melodia*, agremiação fundada por Maria Gontijo, Antônio Crescêncio, José Crescêncio, Altivo, entre outros. No entanto, tal informação não é verídica visto que a própria Maria Gontijo, fundadora da *Escola de Samba Sorriso da Melodia*, lembra perfeitamente da sua participação na primeira Escola de Samba rionovense, a *Unidos de Rio Novo*, ao retomar suas memórias sobre os locais onde ensaiavam:

²⁹⁸ A gazeta. Rio Novo, 20 de fevereiro de 1954.

²⁹⁹ Brenildo Ayres do Carmo 11/08/2009.

³⁰⁰ Antônio Coelho 16/07/2008.

³⁰¹ Antônio Coelho 30/07/2008.

A primeira escola que eu fundei foi lá na rua da cadeia. Ali pertinho da casa do Senhor Danilo Dutra; sabe? Casa do Casimiro (...) aí ele deixou a gente ensaiar lá. A primeira escola, que se chamava *Unidos de Rio Novo*. (...) Começamos a fundar, eu, Tivim, Antônio Coelho, Antônio Carvalho, Chicão e Jésus. (...) de lá da rua da cadeia nós passamos pra Vila Camargo. (...) Era ali onde é a venda do... Aquela que no meio da rua. Era ali que nós ensaiávamos. No meio da rua ali. De lá da rua da cadeia passamos para ali. (...) Aí nos ensaiava ali perto da venda do Senhor Camargo. Ali eles davam cachaça, davam tudo pra nós, pão com salame, linguiça, aquela linguiça rosa fedorenta, a gente comia assim mesmo. Subia sambando.³⁰²

Ciente da sua participação na formação da primeira Escola de Samba de Rio Novo, a *Unidos de Rio Novo*, que carece de todos os registros oficiais possíveis, alcanço o resgate do passado principalmente através das lembranças de Antônio Coelho. Com clareza nas palavras e sutileza ao dizer, o sambista de outrora mostra em suas memórias, como sua vida se entrelaçou com o desenrolar da formação da primeira Escola de Samba em Rio Novo. Ao ser arguido sobre onde morava antes de chegar a Rio Novo, assim responde:

Em Guarani. Vim em 1961, quando eu vim pra Rio Novo, 1961, 62. Lá (Guarani) o samba toda vida foi forte, né. Lá o samba toda vida tomou conta do carnaval. Eu gostava de desfilar lá, nas escolas lá, então vim pra cá. A gente teve que dar um jeito de desfilar aqui também.³⁰³

O folião segue mostrando, em suas lembranças, que antes de chegar a morar no perímetro urbano de Rio Novo, ainda passou um a dois anos morando no vilarejo de Furtado de Campos. Residindo neste povoado, começou a ter contato com o carnaval rionovense. Neste período a Escola de Samba, de alguma forma, era apenas uma paixão vivenciada em seu passado em Guarani.

Iniciou-se no carnaval frequentando os clubes carnavalescos, ainda fortes na década de 1960. Segundo o depoente, neste contexto seu lugar era preestabelecido pela própria organização do carnaval solidificada na cidade.

Porque eu quando eu mudei para aqui para Rio Novo, aliás, mudei pra Furtado de Campos, em 1960, é eu mudei para Furtado de Campos e lá passei a frequentar o carnaval de Rio Novo. E o meu lugar era no *Colar de Pérolas*, porque preto era no *Colar*. Era só preto, tinha mais ninguém não. Todo mundo

³⁰² Maria Aparecida Gontijo 14/07/2008.

³⁰³ Antônio Coelho 16/07/2008.

preto, tem aquela separação. Mas era um carnaval gostoso. Mas era um carnaval muito gostoso.³⁰⁴

Concluía o folião relatando que a participação nos folguedos dos clubes não o apetecia como os desfiles das Escolas de Samba do seu passado guaraniense. Além disso, os gastos com os ingressos tornavam-se um entrave para aproveitar os três dias de folia.

Neste contexto, a ideia de começar a organizar uma Escola de Samba tornava-se cada vez mais reforçada e seu surgimento não tardou. Já na primeira metade da década de 1960 o samba já estava a desfilar presente na garganta dos negros e no batuque dos tambores, tamborins, repeniques, frigideiras, latas entre outros instrumentos.

Suas experiências no carnaval de Guarani foram vitais para levá-lo a formar uma escola em Rio Novo. Tal foi a interferência que a própria escolha do nome da agremiação sofreu forte influência das suas experiências naquele carnaval da cidade vizinha. Segundo o depoente, em Guarani havia duas escolas, que até o presente estão ativas; uma denominada *Turunas do Humaitá* e a outra *Unidos de Guarani*. Por ironia, Antônio Coelho manteve as cores amarelo e preto, da agremiação de que participava, no caso a *Escola de Samba Turunas do Humaitá*, mas escolheu um nome bem parecido com a da sua antiga rival, com o objetivo apresentado no seguinte diálogo:

Felipe: Quando o Senhor fundou a escola aqui em Rio Novo, qual era o nome dela?

Antônio Coelho: *Unidos de Rio Novo*.

Felipe: Houve alguma influência?

Antônio Coelho: Nós usamos o nome, mais ou menos, de lá, pra botar aqui. *Unidos de Rio Novo*. Mas desfilar eu ia na *Turunas*. Mas então eu escolhi o nome que pegava melhor aqui.

Felipe: Mas por que o Senhor acha que pegou melhor se usou o nome da rival?

Antônio Coelho: A gente sabia que ia pegar melhor, na escola daqui, pro início né, pra chamar mais a atenção do pessoal, se botasse outro nome não chamaria tanta ajuda. Negócio de puxa-saco pra ganhar dinheiro (risos) ganhar a contribuição. Puxa-saco pra unir.³⁰⁵

Em um carnaval em que todos os clubes e préstitos necessitavam da contribuição de outrem, a denominação foi uma estratégia para conseguir a aproximação de mais foliões e obter maior incentivo dos rionovenses, que colaboravam financeiramente para as instituições carnavalescas se organizarem nos festejos do Momo.

Como Antônio Coelho deixa claro, na formação da *Escola de Samba Unidos de Rio Novo*, foi preciso tanta ajuda dos habitantes da cidade, quanto empenho de seus integrantes.

³⁰⁴ Antônio Coelho 16/07/2008.

³⁰⁵ Antônio Coelho 30/07/2008.

Não se limitando às cooperações financeiras da população, investiam seus próprios pecúlios na compra de instrumentos da bateria.

Interessados em um preço agradável para os “cofres” desta humilde agremiação, adquiriam instrumentos inutilizados pelas escolas de Guarani, que serviam perfeitamente para a nascente *Unidos de Rio Novo*.³⁰⁶

Mas nem só de subsídios monetários para compra de instrumentos usados foi feita a *Unidos de Rio Novo*. Diversas estratégias foram aplicadas na formação da carente “escolinha”. Maria Gontijo, com sua maneira bem-humorada de apresentar os fatos, relembra como ajudou na obtenção de alguns materiais para a confecção dos instrumentos da bateria.

“E então começamos a fundar, *Unidos de Rio Novo*, (...) Aí começamos a desfilar, né. E eu como sempre catando latão de lixo. Latão de carbureto eu catava, né. Aí as mulheres as donas do lixo corria, gritava: “Aí tá roubando minha lixeira”. Eu saía correndo. Aí pedia couro de boi nos currais. Aqui em casa ainda tem herança. Então a gente fazia fileira ali embaixo, a oficina dos Zampa lá, aquela turma lá era à minha disposição, tanto o Mi-Xupa eu num posso deixar de ajudar, porque os antigos ali que ajudavam. Eu sei fazer bateria, aí nós fazíamos.”³⁰⁷

Em depoimento, Brenildo Ayres lembra como os instrumentos da bateria eram improvisados, utilizando utensílios os mais diversos que iam de latões, como Maria Gontijo afirma acima, até frigideiras.

O Tivim tocava uma frigideira que não dava pra tocar no carnaval seguinte, porque ele acabava com ela no carnaval. (...) Frigideira. Frigideira mesmo, frigideira de cozinha. Aliás, não sei por que não existe. Pelo menos a gente não vê. Às vezes, faziam um som para tirar na frigideira. O instrumento que o Tivim tocava, frigideira. E já foi instrumento de Escola de Samba.³⁰⁸

Faz-se necessário frisar que neste contexto, em que os Clubes Carnavalescos ainda dominavam a cena do festejo rionovense, o projeto de constituição de Escola gerou um desacordo. Como Antônio Coelho relembra inicialmente as Escolas de Samba eram compostas por uma maioria de “crioulos” e muitos dos frequentadores do *Colar de Pérolas* vinham aderindo aos desfiles do novo cortejo. Isso acarretou desavenças entre o folião e a direção do *Colar*, levando Antônio Coelho a se desligar deste grêmio e frequentar os bailes de carnaval do *O Nosso É Outro*.³⁰⁹

³⁰⁶ Antônio Coelho I 16/07/2008.

³⁰⁷ Maria Aparecida Gontijo 14/07/2008.

³⁰⁸ Brenildo Ayres do Carmo 11/08/2009.

³⁰⁹ Antônio Coelho 16/07/2008.

Neste período a *Unidos de Rio Novo* se apresentava como uma atração inovadora para a população da cidade, que em sua maioria desconhecia os desfiles cariocas, já que não havia transmissões televisivas, mas representações imaginárias eram elaboradas a partir das comunicações do rádio e da própria composição das agremiações habitantes nos carnavais da região, como na vizinha Guarani, Juiz de Fora, entre outras urbes.

Como o depoente resgata, seu préstito começou a dividir espaço com os desfiles dos Blocos Carnavalescos, timidamente, dentro da típica organização hierárquica dos desfiles:

Oh, cada um tinha a hora certa de sair, então saía primeiro o colar, era aquele negócio de dinheiro, então saía o Colar primeiro, que era o mais pobrezinho, depois saía *O Nosso É Outro*, saía com bloco, saía com aquela papaguaiada pela rua a fora, e os últimos a sair eram os *Explosivos*, eram os donos da cidade, só gente grã-fina, então eram os donos da cidade. Depois disso aí, de sair os *Explosivos*, saía nós, com a nossa escolinha. Muitas vezes a gente cansava de esperar, porque o pessoal ia reclamar, porque tava no baile, ficava duas horas na rua o cara achava ruim. Saía pra desfilarmos, ia desfilando com a escola de samba, na hora que o bloco vinha a gente era obrigado a encostar, polícia vinha, a gente vinha encostava, o bloco passava desocupava a rua, a gente continuava o desfile da gente.³¹⁰

Pelo fato de sua Escolinha ter origens recentes, era a última a se apresentar ao público. Isso, às vezes, trazia problemas, pois, como constato nas memórias acima, muitos integrantes, além de desfilarem na escola, queriam apreciar os festejos dos clubes. Para não perderem a noite nos salões, às vezes, os sambistas pressionavam para tomarem a Praça Marechal Floriano Peixoto antes dos blocos. O problema era gerado quando tinham a desventura de se depararem com algum bloco carnavalesco, já que a polícia os obrigava a se retirarem do caminho para dar passagem aos integrantes dos blocos, que esbravejavam as ameaças de atropelarem a Escolinha.

Esta situação sensibilizava os integrantes da *Unidos de Rio Novo* a ponto de se tornar tema de um dos sambas de autoria de Altivo e Antônio Coelho. Em entrevista o depoente afina sua garganta e canta seu samba “A Nossa Escolinha”:

Olha pra nossa escolinha,
e veja que ritmo ela tem.
Não somos da primeira linha,
mas não temos medo de ninguém

Somos sim de Rio Novo,
amigos de verdade

³¹⁰ Antônio Coelho 16/07/2008.

No meio de gente bamba,
não pode haver dificuldade

É o primeiro ano que vamos desfilar
pra mostrar pros veteranos que tudo depende é de lutar
(risos, lágrimas e silêncio)³¹¹

Após apresentar a melodia, a letra de seu samba e o sentimento mais puro de saudade daqueles tempos, iniciei um diálogo com Antônio sobre suas músicas e as de seu parceiro, quando escreveram a composição e assim transcorreu a conversa:

Felipe: Como o Senhor criou esse samba? Pensando em quê?

Antônio Coelho: Sei lá, a gente pensava assim que o... como vou dizer? Que já é difícil, falava que num tinha jeito de fazer uma escola, que era difícil que num ia ter jeito de fazer escola. Então pensamos mais ou menos assim.

(...)

Felipe: Quando o senhor falou aí: “não somos da primeira linha, mas não temos medo de ninguém”

Antônio Coelho: Num temos medo de ninguém por que eles falavam que ia passar por cima da nossa escola. Os outros, os blocos adversários falavam que ia passar por cima. “Deixa eles saírem que nós vamos passar por cima deles”. Então, nos não tínhamos medo de ninguém não. [Risos] E principalmente caçar briga, né. Caçar briga tinha vez que num tinha jeito mesmo. Mas graças a Deus era tudo quietinho. A gente dava espaço pros outros, quando dava espaço pra gente a gente ia. (...) No carnaval falavam: “Vamos passar por cima de vocês, vamos passar por cima de você”. Eu falava: “Ah num vai não” (risos) “num vai, num vai não”. “Vou passar por cima do bloco”, falavam que ia passar por cima da gente, a gente falava que ia passar por cima do bloco. Era aquela rivalidade. Mas na hora que o bloco vinha a gente tinha que desocupar a rua para eles, a polícia estava ali. A polícia estava ali para encostar a gente num canto para o bloco passar. O bloco passava a gente pegava a reta da gente.³¹²

Apesar desse afrontamento ao esbravejo dos integrantes blocos, a prioridade era mesmo dos préstitos dos clubes, que neste momento dominavam os festejos momescos diante de uma Escola de Samba ainda inexpressiva. Esta agremiação se apresentava como um pequeno cortejo que engatinhava na sua formação e consolidação como folguedo. Seus integrantes eram poucos, cerca de 20, e quando muito 30 integrantes, e vinham principalmente dos setores mais carentes da sociedade de Rio Novo.

Mesmo que marginalizado, os sambas já estavam nas diversões da turma que compunha a escolinha. Antônio Coelho lembra que não foi somente aquele samba que

³¹¹ Ibidem (ibid.).

³¹² Ibidem (ibid.).

produziu junto com os integrantes da *Unidos de Rio Novo*. Segundo suas lembranças, ele se juntava com Altivo (Tivim), Zé Chicão, Maria Gontijo e faziam os sambas para cantar nos carnavais. Estas músicas não foram registradas, eram decoradas e cantadas pelo grupo que desfilava no préstito. “Aquilo era só na cabeça mesmo (risos). Eu vou cantar aqui, você me acompanha pra você aprender, aí você aprendia aquilo e que o pessoal era mais inteligente tá. Acompanhava aquilo, cantava.”³¹³

Numa época que a sonorização ainda era feita pelas bandas de música dos blocos ou pelos batuques da bateria da escolinha, nos desfiles esses sambas eram toados pelos componentes do próprio préstito, sem ajuda da tecnologia eletrônica. Ao ser arguido sobre a maneira como apresentavam os sambas na praça o depoente relembra:

Era só na garganta mesmo e no tamborzim. Num tinha nada, agora que tem tudo. Não, não, num tinha nada disso não. Se quisesse ouvir que chegasse lá perto de mim (risos). De mim não né, de qualquer um que tivesse desfilando. Num tinha esse negócio de caixa de som não. (...) Cantando e sambando. Era mais gostoso. A caixa de som enche aquele espaço, então num dá nem pro sujeito cantar. É só o puxador mesmo e a caixa de som faz o resto. Todo mundo; era samba no gogó pra todo mundo. Esse Tivim aí era danado pra cantar, era danado pra cantar. Cantava muito.³¹⁴

E hoje você vê menino sambando com a boca fechada, antigamente não tinha isso não, todo mundo sambava cantando.³¹⁵

No desfile, além dos sambas estarem, em alto e bom som, nas gargantas dos sambistas, faziam presença indispensável nos “pés”. Com a expressão “samba no pé” o entrevistado exalta o desfile como uma verdadeira apresentação da dança. Não havia um só integrante, a não ser das baterias, que dispensasse um bom gingado e um sagaz requebrado típico dos sambistas. Característica que foi se perdendo com a transformação dos desfiles das escolas em espetáculos de fantasias e carros alegóricos.

(...) aquele tempo era gostoso, hoje é luxo, carnaval hoje é luxo. Hoje (...) o samba no pé fica pra lá. Esqueceram dele. Naquele tempo não, era muito interessante o samba no pé. O ritmo e o samba no pé.³¹⁶

O depoente ainda lembra de suas experiências como chefe de bateria e puxador do samba nos desfiles da *Unidos de Rio Novo*: “Puxava o samba também, se num tinha um

³¹³ Idem (id.).

³¹⁴ Idem (id.).

³¹⁵ Antônio Coelho 30/07/2008.

³¹⁶ Antônio Coelho 16/07/2008.

puxador, todo mundo cantava junto. Eu cantava e comandava a escola.” Em outra situação afirma ter sido o mestre-sala: “eu era o mestre-sala. Cumprimenta pessoa que passa na rua.”³¹⁷

Como eram poucos integrantes, o préstito não atingia um grau de complexidade onde se formassem várias alas com seus destaques, talvez o que havia eram acúmulos de funções. A Escola era composta essencialmente pela bateria, seus passistas, que iam apresentando a dança em seus gingados e a músicas em suas gargantas, e a porta-bandeira junto ao mestre-sala que vinham como uma espécie de abre-alas para a escola, onde levava o símbolo da *Unidos de Rio Novo*.³¹⁸

O cortejo era envolto por uma corda dando limites tanto para os sambistas, quanto para as pessoas que assistiam ao espetáculo rítmico. Os foliões que ali estavam observando o desfile se limitavam aos aplausos, confetes e serpentinas. Poucos tinham uma posição que excedia à ordem. Quando tinham, tendiam a um elogio sinuoso ou desrespeitoso às dançarinas, já “que naquele tempo ver uma perna de mulher valia ouro (risos).”³¹⁹

Esta estratégia também foi empregada nos desfiles da *Sorriso da Melodia*. Em entrevista, ao ser arguida sobre a presença da corda em volta de sua escola de samba, Maria Gontijo lembra que, diferente dos Blocos carnavalescos, a sua agremiação tinha esse cabo fronteiro com o objetivo de limitar a entrada de pessoas no desfile. Em suas palavras ressalta os principais motivos desse bloqueio, quase que simbólico:

Porque se não nós num podia sambar, o pessoal invadia. Os brancos bacanas invadiam. Ficava tão doido, num sei se era com o ritmo da bateria ou se era com nós que éramos umas crioulas boas sambando, né. As mulatas, cada umas mulatas com uma pernona né. Uns peitão lá, né. Então eu só sei que eles invadiam. Então eles botava a corda mas num adiantava, a polícia tava acompanhando, mas num adiantava. Eles invadia assim mesmo.³²⁰

Mas como Antônio afirma, nesses desfiles da década de 1960, não havia a presença de mulheres com roupas extremamente curtas como sendo utilizado com o passar do tempo. Mesmo assim, as dançarinas, com seus gingados, despertavam o lado libidinoso de algum integrante do público, que se não contido, invadia o espaço ou proferia palavras cáusticas, o que poderia ferir os códigos de civilidade que ordenavam as apresentações.

³¹⁷ Idem. (id.).

³¹⁸ Idem (id.).

³¹⁹ Antônio Coelho 30/07/2008.

³²⁰ Maria Aparecida Gontijo 14/07/2008.

E quando o assunto são as passistas, Antônio Coelho lembra a presença essencial de Maria Aparecida Gontijo, como a Rainha da *Unidos de Rio Novo*: “Inclusive a Maria Butija, (...) ela era do *Colar de Pérolas* e foi ser a rainha da nossa escola.”³²¹

Anos depois de ter sido rainha e integrante da *Unidos de Rio Novo*, Maria Gontijo viria a fundar, no ano de 1969, uma nova escola de Samba, a *Sorriso da Melodia*. Que o próprio Antônio Coelho refere-se em suas memórias:

(...) eu num participei, que essa era uma rival da escola de cá. Ela foi para o lado de lá com a Maria Butija, porque ela pertencia a minha escola, foi pro lado de lá pra fazer uma outra. Para o negócio ter mais graça, porque todo mundo ficar olhando você sozinho na rua num tem graça não.³²²

Fruto de uma dissidência dentro da *Unidos de Rio Novo*, surgiu a *Sorriso da Melodia*, uma rival direta, tanto na apresentação do samba, quanto na captação dos componentes dos préstitos.

Maria Gontijo resgata esta cisão ao referir-se à formação de sua Escola de Samba. Segundo a depoente, a *Unidos de Rio Novo* se manteve na “Vila do Camargo”, enquanto ela e outros foliões dissidentes foram fundar a *Sorriso da Melodia*, na Vila França. Mas “(...) aí tiveram uma briga lá (na *Unidos de Rio Novo*) também, resolveram e passaram tudo pra cá. Aí nos uniu tudo de novo.”³²³

Essa passagem é reforçada em outro momento de sua entrevista, em que Maria Gontijo ressalta o porquê do nome de sua Escola de Samba e o local de fundação.

(...) passamos aqui para o “Arraial dos Crioulos”, como chamava aqui antigamente. Aí fundamos aqui, *Sorriso da Melodia*, porque eu só ando rindo mesmo né, Aí botei *Sorriso da Melodia* (...). A fundamos aqui, aí depois começou. A *Unidos de Rio Novo* acabou e ficou a *Sorriso da Melodia*.³²⁴

Realmente vejo que tais informações estão bem fundamentadas quando analisamos “Registro de Títulos e Documentos e Civil das Pessoas Jurídicas” da *Escola de Samba Sorriso da Melodia*. Por exemplo, encontramos muito dos nomes presentes entre os fundadores desta Escola de Samba que são lembrados como integrantes da *Unidos de Rio Novo*: José Crescêncio, Jesus Crescêncio, Altivo Cândido e a própria Maria Aparecida Gontijo.

³²¹ Antônio Coelho 16/07/2008.

³²² Idem (id.).

³²³ Maria Aparecida Gontijo 14/07/2008.

³²⁴ Ibidem (ibid.).

Este documento, que nos apresenta uma cópia da ata de fundação da *Escola de Samba Sorriso da Melodia*, relata o evento da fundação e o local apresentado pela depoente da seguinte maneira:

Aos quinze dias do mês de agosto de 1969, vários foliões se reuniram em plena rua na cidade de Rio Novo, bairro Vila França e deliberaram fundar uma Escola de Samba com a intenção de se apresentarem como diversão e artisticamente em desfiles carnavalescos e sociais. Após a reunião que resolveram fundar a *Escola de Samba Sorriso da Melodia*, marcando a nova reunião num prédio à rua Dr. Mário Hugo Ladeira, s/nº que contou com a presença de todos os sócios fundadores, e, por aclamação foram escolhidos os membros diretores (...)³²⁵

Essa dissensão apresentada nas memórias de Maria Gontijo deixou a *Unidos de Rio Novo* ainda mais fragilizada. A falta de verbas e disputa por sambista tornava o projeto de manutenção de duas escolas inviável. O final ficou cada vez mais próximo e, sem um registro preciso, tudo indica que já no princípio da década de 1970, a primeira Escola de Samba rionovense dava adeus à folia, deixando os desfiles para os blocos carnavalescos e para a *Sorriso da Melodia*.

A *Escola de Samba Sorriso da Melodia* despontava agora como a agremiação que levava o samba rionovense, em meio aos Blocos Carnavalescos com suas bandas a tocar as tradicionais marchinhas de carnaval.

Assim como a formação da *Escola de Samba Unidos de Rio Novo* esteve ligada às experiências de Antônio Coelho, a *Escola de Samba Sorriso da Melodia* não estava separada das experiências pessoais de Maria Gontijo. A entrevistada também teve contato com o ritmo fora dos limítrofes rionovenses e suas passagens pelas cidades de Juiz de Fora e São João Del Rei foram essenciais para sua iniciação no samba:

Porque eu sambava em Juiz de Fora, *Feliz Lembrança*, o último ano que eu sambei, o samba foi a *Tarantela, Mascarada Veneziana*. Aí dali eu fui pra São João Del Rei, aprendi dançar congado. Aí de São João Del Rei eu vim pra Rio Novo. Cheguei em Rio Novo, nós começamos a ver os blocos e tal, aí eu cheguei, juntei fiz uma turminha. Aí Tivim: “Nós podíamos fazer uma batucada pra nós”. Ele falou: “É mesmo num é?” Aí nós começamos né.³²⁶

Como Altivo Cândido lembra, ao ser fundado, este cortejo se diferenciava pelas tonalidades vermelha e branca. As mesmas cores do clube *Colar de Pérolas*, que apesar de

³²⁵ Documento encontrado em: Ofício do Registro de Títulos e documentos e civil das pessoas jurídicas. Comarca de Rio Novo – Estado de Minas Gerais. Praça Floriano Peixoto. Nº 38 Centro.

³²⁶ Maria Aparecida Gontijo 14/07/2008.

não ter ligação alguma com a Escola de Samba, serviu de inspiração. Mas a *Mocidade Dependente de Rio Novo*, posteriormente, se apropriou dessas cores e a *Sorriso da Melodia*, ainda não registrada, teve que trocar sua bandeira. Após este evento, os sambistas da Vila França desfilaram com o verde e rosa em seus trajes, estandartes e bandeiras.

Felipe: Então a *Sorriso da Melodia* era vermelha e branca por causa do *Colar*?

Altivo: Por causa do *Colar*. E a *Mocidade* saiu com essa bandeira vermelha e branca. Até hoje a bandeira da *Mocidade* é vermelha e branca. (...) então nós mudamos. A nossa bandeira pra não ficar igual da *Mocidade* nós fizemos verde e rosa. E a bandeira do *Colar* era vermelha e branca. “A bandeira do *Colar* de nós pretos.”³²⁷

Como toda escola de samba não vive sem adereços, mesmo que parcos, Maria também revela as estratégias para a confecção das fantasias que utilizavam nos desfiles, que iam de sacos de Mauá a penas de galinha. A depoente retoma esse passado da seguinte maneira:

Aí a gente catava latão de lixo, tambor. O Senhor Hélio também foi muito bom, ele me deu uns panos (...). A gente fazia fantasia de chitão, saco de Mauá de índio, que até agarrava no corpo das meninas né. A gente pintava, pena de galinha, a gente arrancava tingia elas. Ainda tinha a loja dos Zacur, sabe, num sei se você já ouviu falar? Que era da Maria Zacur, a gente comprava uns panos lá, fazia as fantasias. Era divertido e era bacana viu. Era o *show* de Rio Novo.³²⁸

Os instrumentos da bateria também eram frutos de muita destreza e astúcia, tanto na obtenção dos materiais, quanto na produção dos utensílios de percussão. Maria Gontijo se aventurava no catar dos latões de carbureto, já Altivo se lembra das capturas dos gatos para servirem como couro dos tamborins de madeira. Utilizavam também couro de cabritos, bois, entre outros animais, que, após secos e conservados em cal, eram esticados e pregados nesses latões, transformando-os em instrumentos do batuque da *Sorriso da Melodia*.

Com o título “Aquele Gato”, este trabalho de produção de instrumentos virou um samba bem-humorado na criatividade de Altivo Cândido.

Aquele gato que não me deixava dormir
 Pulava dava risada e zombava de mim
 Aquele gato saía bem da minha pedrada
 Pulava e dava risada
 E ainda zombava de mim
 Fala couro de gato
 Falo eu os tamborins.

³²⁷ Altivo 04/10/2009.

³²⁸ Maria Aparecida Gontijo 14/07/2008.

E os tamborins faziam: Tim Tim Tim Tim Tim Tim Tim, quando falava isso. Fala couro de gato os tamborins: Tirim Tim Tim Tim. Titritim Tim Tim Tim. E aquele surdo tum...(...) ³²⁹

Assim como a *Unidos de Rio Novo*, a riqueza dessa escola estava mesmo no samba no pé e no batuque que regia o frenesi dos passistas. Não havia espaço para aqueles que desfilavam no ritmo das marchas de carnaval, muito menos para aqueles que tinham apenas o intuito de apresentarem suas fantasias luxuosas sem o ritmo entranhado no corpo.

Dona Maria relata o empenho que existia das integrantes do *Sorriso da Melodia* em aprender o molejo do samba. Em entrevista, a sambista, incorporando a professora de samba que foi em seu passado, demonstra como iniciava suas mulatas no ritmo da bateria ao riscar o chão, numerando-o, para representar como fazia suas meninas dançarem feito verdadeiras passistas. Agora lamenta a falta de compromisso que as novas gerações têm com o samba:

(...) hoje em dia também ninguém quer nada. Chama pra ensaiar demora. Ninguém quer compromisso, e antigamente tinha aquele compromisso certo. Eu marcava com as minhas meninas 7 horas aqui, 6 horas elas já estavam tudo aqui sentadas. Todo mundo. No dia de sair, então da escola, 4 horas da tarde todo mundo já aqui. Eles mesmos estavam acabando de arrumar a fantasia, eles mesmos estavam vestindo, tinha aquela força de vontade. ³³⁰

Realmente, o trajeto percorrido nos desfiles da *Sorriso da Melodia* sambando não era para qualquer pessoa cheia de melindres. Na maioria das vezes descalços, calçados com sandálias ou com o que chamavam de “pé cata roda” ³³¹ (uma espécie de calçado improvisado amarrado nos pés e canelas das pessoas), a escola saía do terreiro de Maria Gontijo, onde se fazia os ensaios, até a Praça Marechal Floriano Peixoto, com seus passistas e ritmistas em plena ebulição, nas ruas ainda sem pavimentação.

Ao chegar aos limítrofes da Praça, a *Sorriso da Melodia* parava na esquina do prédio da prefeitura municipal, para deixar os Blocos Carnavalescos desfilarem. Ao verem o caminho livre, davam cerca de uma a duas voltas sambando, logo depois desciam novamente para entregar o samba de onde saiu. ³³²

Desfile diferente dos Blocos dos *Explosivos*, do *O Nosso É Outro* e do *Colar de Pérolas*, que eram seguidos pelas Bandas de Música, os desfiles da *Sorriso da Melodia* eram regidos pela bateria e pelo cantar dos integrantes. As gargantas deveriam estar afinadas e o batuque num ritmo harmônico para reger a dança dos passistas. Em outro fragmento da

³²⁹ Altivo 04/10/2009.

³³⁰ Maria Aparecida Gontijo 14/07/2008.

³³¹ Idem (id.)

³³² Ibidem (ibid.)

entrevista, Maria Gontijo resgata novamente o valor da dança nos desfiles e a incorporação da cadência aos corpos daqueles que apresentavam o cortejo na Praça Marechal Floriano Peixoto.

Dançava muito bem era até bacana. Você precisa ver. No entanto tinha muita gente que dançava. Nossa Senhora, nossa escola era maravilhosa. E não tinha som, você só ouvia mesmo aquele batuque da pesada mesmo e as meninas, você olhava no corpo, elas faziam o ritmo de cada samba que eu ensinava pra elas, no corpo. No tamborim, de tudo, tô um pouco meio enferrujada, mas ainda faço ritmo. Porque cada bateria a gente tem que ter o ritmo. E saber atravessar. Entendeu? E minhas garotas sabiam, tudo bonitinhas, tudo com as pernas lindas era tudo bacana.³³³

Além de sua vital participação na formação dos passistas e ritmistas da escola de samba, dona Maria também trabalhou na composição das letras e músicas que regiam a *Sorriso da Melodia*. Em suas lembranças a depoente refere-se a um samba que reverenciava personagens rionovenses, com um desfile acompanhado de um boi, artificialmente criado com suas estruturas cobertas de pano, carregado por um integrante da Escola.

Depois eu fiz um samba do boi, saímos com boi. Eu tenho um samba do boi:

Oi, de quem é esse boi?
Esse boi é amarelo
Leva ele vaqueiro,
pra entregar o Senhor Hélio

Oi, de quem é esse boi?
Pintadinho de chita.
Esse boi tem dono,
é do Senhor Juquita
(...)

Oi, da onde ele veio?
Lá do sertão.
A morada dele,
é no barracão.

Porque aqui em casa tinha um barracão cumprido sabe. Fizemos esse samba também.³³⁴

Altivo também teve grande importância no processo de composição das canções que entoaram os desfiles da Escola. Resgatando seus sambas, o depoente relembra a música produzida para o desfile da *Sorriso da Melodia*, na comemoração dos 100 anos de Rio Novo, em 1970. A letra deste samba foi resgatada da seguinte maneira:

³³³ Idem (id.).

³³⁴ Ibidem (ibid.)

Me lembro como fosse hoje,
13 de setembro houve uma comemoração
Saudando o Rio Novo,
no nosso primeiro centenário

Salve Rio Novo,
tu és a força da inspiração
Rio Novo,
tu és a força da inspiração

Também falo sobre a matriz,
onde eu fiz a minha primeira comunhão
Também falo sobre a fonte luminosa,
toda cheia de iluminação.³³⁵



Fotografia 15 Maria Gontijo na *Escola de Samba Sorriso da Melodia*, desfilando na festa do Centenário de Rio Novo (1970).

Fonte: acervo particular de Maria Gontijo. Rio Novo – MG.

Como ressalta a depoente Maria Gontijo, esses sambas, muitas vezes, eram frutos de reuniões nas madrugadas atravessadas pelos batuques e músicas improvisadas. Entre outras companhias, Maria enfatiza sua parceria com Jesus Crescêncio, na produção de um dos sambas que deram o enredo para um dos desfiles da escola:

³³⁵ Altivo 04/10/2009.

O último samba que eu fiz para minha escola foi de escravo. Fizemos direitinho, os paus, uma moça que sentava lá em cima. Até filha do Zé Grande também saiu sabe, amarrada com um lençol, com aquele cabelão comprido. Sambinha pra minha escola nós fizemos um também, nós fazia, eu e o Jésus. Nós levantávamos aqui duas e meia da manhã, a gente ia ali pro parque do Vitório e nós fazíamos nosso samba.³³⁶

Sobre a composição da *Sorriso da Melodia*, posso dizer que apesar da maioria esmagadora de *crioulos* do cortejo, os participantes desses desfiles não se limitaram aos negros. Houve uma rara e tímida inserção de participantes brancos que se afeiçoaram com a nova maneira de festejar o carnaval e se misturaram aos negros, quebrando as fronteiras racistas presentes no carnaval.

Amante do carnaval e apreciador de um samba de qualidade, João Pinheiro lembra que a *Sorriso da Melodia* “era uma mistura, mas (...) prevalecia negro (...)”³³⁷. A maioria “crioula” não eliminava a participação dos brancos e o próprio depoente resgata suas investidas dentro préstito e da necessidade de uma boa ginga para se inserir naquele grupo de sambistas rionovenses.

Lá existia uma corda (...) puxava de lá e puxava de cá. E eu ficava lá dentro. Eu sambava com a Maria, com todo mundo né bicho. Meu negócio era aquilo. Era a essência do samba. A melhor coisa do mundo era ver aquele samba da Maria, que ali era os rupestres todinhos, batendo em grande estilo e num parava um segundo. (..) você botava um pano na cabeça e você já tava bem fantasiado, porque ali não existia luxo; existia samba no pé entendeu?!?!? A Maria que foi a figura, a pioneira do *Sorriso da Melodia*, que foi criação dela. Ela saía sempre vestida de alguma coisa.³³⁸

Uma das fundadoras da *Escola de Samba Mocidade Dependente*, Aretusa Gomide também relata que, antes mesmo de ter ajudado na constituição desta nova agremiação, já deleitava com os desfiles da *Sorriso da Melodia*. Em nosso diálogo, a depoente resgata tal evento e reforça as memórias de João, reafirmando a esmagadora presença dos negros no préstito, mas também a participação de brancos nos desfiles:

Felipe: Você desfilava na *Sorriso da Melodia*?

Aretusa: Oh, e como. Não tinha outra, não tem tu, vai tu mesmo. E pagava à Maria Butija. De graça não (risos). Tinha que chegar em casa e tomar um banho, saía meio daquela crioulada e não queria nem saber.

Felipe: Então as maiorias eram negras?

³³⁶ Maria Aparecida Gontijo 14/07/2008.

³³⁷ João Pinheiro Neto 12/05/2009.

³³⁸ Idem (id.).

Aretusa: Por que era a escola dos pretos, né. Era a Maria Butija e o pessoal da Vila França. Eu não estava nem aí. Não tinha preconceito. Ninguém nessa vida é melhor do que o outro. Hoje se a gente tem alguma coisa, eu acho que isso é acréscimo, quando você morre não leva nada.³³⁹

Mas como afirma, para ter o privilégio de participar nos desfiles, nada era de graça, pois Aretusa pagava cachê à diretoria da Escola, para que pudessem arrecadar algum pecúlio e comprar os acessórios necessários para enfeitar o préstito.

Essas recordações de sua participação são reforçadas pelas lembranças de Altivo Cândido. Segundo o folião, nenhum branco participava da *Sorriso da Melodia*, pelo fato da própria organização social segregante instaurada em Rio Novo. Somente a figura de Aretusa Gomide se propunha a quebrar essa corrente de separação de cor, desfilando na Escola de Samba “crioula”.

Só entrava a Aretusa no nosso meio. Era tudo preto. Só entrava a Aretusa no nosso lugar. Pergunta ela, se ela não entrava no nosso meio. Só a Aretusa de branca no nosso meio. E nós ficávamos alegre né. Nós preto e a Aretusa ali no nosso meio. Muito cheia de vida né, ela sambando no nosso meio, nós ficava tudo cheio de vida. Logo a Aretusa no nosso meio? Branca no nosso meio? Num entrava outro no nosso meio não. Não entrava não. Você acha que essa menina sentava aqui? Num sentava de jeito nenhum. Num sentava não. (...) Você estava aqui? Não! Num estava não! Hoje tá aí, preto namorando branca, branca namorando preto, (...) mas antigamente não tinha nada disso não. (...) Era aquela separação de cor né. Tinha isso, antigamente tinha isso.³⁴⁰

Apaixonante, este ritmo do samba não ficou arredio nas margens da cidade de Rio Novo. Saindo da “Vila do Camargo” e depois do Arraial dos Crioulos, o projeto das Escolas de Samba ganhou a graça na cidade. Todos queriam sambar com o desenrolar da decadência dos Clubes Carnavalescos. A *Sorriso da Melodia* já atravessava a década de 1970, quando já tinha visto o fechamento do Clube dos Explosivos, a decadência dos outros Clubes Carnavalescos e a abertura do *Acauã*, um clube que não promovia desfiles de blocos carnavalescos.

Com o surgimento de novas Escolas de Samba, este tipo de préstito ganhou uma forte aderência da população. Em meados da década de 1970, nascia a *Escola de Samba Mocidade Dependente de Rio Novo* e, no ano de 1978, o *Grêmio Recreativo Escola de Samba Unidos do Barrabás*.

³³⁹ Aretusa Gomide 27/07/2009.

³⁴⁰ Altivo Cândido 04/10/2009.

Mas para esclarecer bem esta ascensão e solidificação destas novas agremiações carnavalescas e a crise da *Sorriso da Melodia* é necessário contextualizar este evento, passando primeiro pelo processo de decadência do carnaval dos Clubes Carnavalescos de Rio Novo e pela ascensão do *Acauã Clube de Rio Novo*.

4.2 A crise dos Clubes Carnavalescos, o fim dos seus blocos e o “voo” do Acauã: das bandas de música à sonorização eletrônica.

No ano de 1945, o primeiro clube carnavalesco veio a fechar suas portas para os festejos do Rei Momo. O *Clube Renitentes Carnavalescos* acumulou dívidas com impostos atrasados, não conseguiu arrecadar os ricos quinhões, dignos de um clube da sociedade rionovense, e sofreu com problemas administrativos.

No livro de atas encontro o levantamento da situação dos móveis do clube que reflete a precariedade que tomava o salão mais luxuoso dos pretéritos carnavais de Rio Novo. As cadeiras, sofás e armários defeituosos, o estandarte e o mastro encontravam-se em mau estado de conservação, entre outras imperfeições. Ao todo, se fala em ata, da necessidade de cerca de 40 mil cruzeiros para solucionar os problemas dos utensílios do clube.

Não resolvido os problemas financeiros, as portas dos *Renitentes* se fecharam eternamente para o carnaval rionovense. Em 1954, houve a tentativa de revigorar a instituição, quando buscaram verbas para as reformas do clube. Sem sucesso, seu prédio foi cedido por empréstimo ao *Lions Club*, no ano de 1972.

Os anos que o clube se encontrou fechado comoveu aqueles foliões que ali se deleitavam nos carnavais dos lança-perfumes, dos confetes, das serpentinas e das orquestras que embalavam as marchinhas. Após seis carnavais calados, os *Renitentes* transformaram-se num fantasma nas letras do conto de Miguel Ribeiro Gomide, que retrata de maneira metafórica a morte do clube carnavalesco, que alegrou décadas do carnaval rionovense, e a manutenção de seu fantasma.

Este conto se passa na Praça Marechal, onde o autor, personagem da estória, escreve que numa dada madrugada de verão, ele se mantivera apreciando o frescor até duas horas, sentado em um banco, quando se dispusera a se recolher em sua casa. Mas ao direcionar seus olhos para o prédio dos *Renitentes Carnavalescos*, deparou-se com uma monstruosidade sobrenatural. Sem forças para correr, perguntou quem era, e obteve a seguinte resposta:

Sou o fantasma do clube; gerou-me o abandono a que relegaram-no; vivo das recordações de festas, músicas e alegrias: de remotos perfumes e saudades de muitos festejos carnavalescos, cujas recordações andam espalhadas pelas paredes

e impregnadas nos restos dessa empoeirada ornamentação que marca a realização do último carnaval aqui comemorado há seis anos; nasci desse ambiente e vivo dele. Tal é a força da minha existência, que para fortalecer-me de quando em vez faço uma orquestra das que aqui abrilhantaram festas. – Ouça!³⁴¹

Sendo assim, o *Clube dos Renitentes* foi o primeiro a transformar-se em aparição sobrenatural, nas memórias dos foliões rionovenses, num momento em que os outros clubes ainda tinham bastante fôlego para promoverem seus festejos carnavalescos.

Com o passar de aproximadamente duas décadas, a crise também bateu à porta dos *Explosivos*. Em meados da década de 1970, sem uma data precisa, o Leão passou por problemas estruturais. Sua sede estava com o telhado ruindo e o clube não tinha pecúlio em caixa para solucionar os seus problemas.

Dentro deste processo de decadência, o clube foi se enfraquecendo e perdeu o poder de promoção de eventos. Assim, o *Clube dos Explosivos* ficou fechado, por alguns anos, até 1979, quando uma nova diretoria buscou revigorar seus festejos, apelando para a lembrança de seus espetáculos carnavalescos. Estratégia aplicada, mesmo diante do moderno *Acauã Club de Rio Novo*, fundado em 1965, que, a partir do ano de 1974, promoveu bailes carnavalescos constantemente elogiados pelas memórias dos foliões e pelo jornal “A Gazeta”.

O *Acauã Club de Rio Novo* está anunciando seu carnaval, promovendo a mesma organização verificada nos anos anteriores. Realmente, o sucesso dos carnavais passados deste clube se deve à perfeita organização que vem sendo mantida por sua diretoria.³⁴²

Interessante que o mesmo idealizador do *Acauã Clube*, que surgia com *status* de um projeto inovador, em Rio Novo, Francisco Borges Filho foi também aquele que buscou reconstruir a sede dos *Explosivos* e resgatar os festejos no ano de 1979, lançando uma propaganda de “Apelo dos Explosivos” para a aderência dos foliões rionovenses aos seus festejos.

Temos a consciência tranquila que tentamos realizar algo para divulgar um pouquinho o nome de nossa terra. Somos um dos fundadores do *Acauã Clube*, construímos a *Casa Grande*, construímos a nova sede do *Clube Explosivos*. Realizamos grandes festas, dentre elas *shows* com Gregório Barrios, Orlando da Silva, Nelson Gonçalves, Ângela Maria, Elza Soares, Luiz Ayrão, Tony Lemos, Paulo Vinicius, Casino de Sevilla, Alma Latina, Conjunto Casanovas, Nice

³⁴¹ Conto “O Fantasma”. Fragmento de Jornal sem referência encontrado colado na capa do Livro de Atas do Clube do Renitentes Carnavalescos.

³⁴² A Gazeta Rio Novo, 17 de fevereiro de 1979.

Crayses, Celeste e Quarteto Roda Viva, Windsor, Fioco's, Grandes Réveillons e muitos outros, que são de conhecimento de todos. Continuaremos, com a mesma animação, com o mesmo desejo de divulgar ainda mais o nome de Rio Novo. Colabore conosco. Nós tentaremos retribuir. “Salve o Leão Rubro Negro”. O clube de sua infância, de sua juventude está novamente de pé, firme como nunca. Demolido e reconstruído com novas e modernas instalações. Nova administração com muita vontade de realizar sempre mais e mais por Rio Novo.³⁴³

O convite não parava neste campo, sendo ressaltado ainda dez motivos para os foliões participarem do carnaval de 1979, no novo salão do *Clube dos Explosivos*. Entre eles estavam: a economia devido aos preços módicos dos ingressos; a melodia da Banda Megatons; a segurança de um baile de “foliões selecionados”; o conforto “de bar de primeira qualidade; modernas instalações, bebidas finas e super geladas, variedades em salgadinhos feitos na hora a preços módicos”; brindes; matinês infantis; prêmios para as melhores fantasias; a participação de “representações das escolas de samba Mocidade Dependente, Barrabás, XV de Novembro F.C., Prainha F.C., B. C. o Nosso é Outro, Minas F. C., Flamengo F. C. Rei Momo e único, e o Zé Pereira”; o compromisso de realizar muitas promoções com música ao vivo e outras durante todo ano, com a mesma alegria e animação; e o dever de promover o maior Carnaval de todos os tempos em Rio Novo.³⁴⁴

Neste ano a imprensa rionovense registrou o trabalho de divulgação dos festejos dos *Explosivos*, que buscava ressurgir no carnaval rionovense, junto aos bailes dos clubes carnavalescos sobreviventes, que já não viviam seus tempos áureos.

O *Clube dos Explosivos*, em nova fase de funcionamento, tentará reviver seus grandes momentos através de intensa propaganda, procura convocar seus antigos adeptos e admiradores. Os demais Clubes, *Colar de Pérolas* e *O Nosso é Outro*, promoverão em suas sedes, o carnaval tradicional.³⁴⁵

Agora os tempos eram de dificuldade. Os clubes já não tinham mais cacife para promover grandes bailes e os desfiles de seus blocos foram totalmente extintos. Na imprensa, o carnaval dos clubes de Rio Novo, de 1979, parecia se dividir entre a expectativa de reerguer os *Explosivos* e a consciência do surgimento e consolidação do novo *Acauã Clube*.

O Acauã, com todas suas mesas alugadas, promete grande animação. A ornamentação deste Clube, feita com a arte notável das decoradas Irene e Rita, tem como tema “Festa para o rei Inca”. O *Clube dos Explosivos*, na expectativa

³⁴³ Propaganda lançada pelo “Clube Explosivos Carnavalescos” para o carnaval de 1979 intitulada: “Apelo dos Explosivos”.

³⁴⁴ Ibidem (ibid.).

³⁴⁵ A Gazeta Rio Novo, 17 de fevereiro de 1979.

de fazer tanto sucesso quando sua própria propaganda e desejo de oferecer mais uma opção aos foliões. Boa Sorte.³⁴⁶

Mesmo com tal apelo aos foliões, o projeto de içar os *Explosivos* naquele carnaval não alcançou o êxito esperado. Após o término do reinado de Momo, o jornal “A Gazeta” não gastou sequer uma linha para se referir aos bailes dos *Explosivos*, tão pouco para remeter-se aos festejos dos outros Clubes Carnavalescos, que não tardaram em se fechar. Ficou limitado a se referir ao soberbo *Acauã Clube de Rio Novo*, que despontava na organização dos bailes de carnaval atravessando as noites de folia carnavalesca.³⁴⁷

As memórias também se referem à imponência dos organizados bailes do novo clube rionovense que alegravam as noites de carnaval. Nas palavras de Brenildo:

O *Acauã* não tinha bloco, mas tinha um carnaval de clube, mantido durante alguns anos, era um dos melhores carnavais da região. O carnaval de clube do *Acauã* era espetacular. Muita organização, muita ordem e muita alegria e era um clube gostoso de frequentar. Mas quando o *Acauã* começou fazer o carnaval de clube, os outros clubes não mais estavam conseguindo fazer carnaval.³⁴⁸

Sendo assim, é visível que o *Acauã Clube de Rio Novo* teve sua origem ligada ao processo de decadência dos Clubes Carnavalescos de Rio Novo. Em um contexto em que as antigas agremiações deixavam a desejar tanto no quesito estrutura, quanto na promoção de seus folguedos, o *Acauã* se tornou o novo abrigo para os foliões.

Inicialmente, o clube parecia se inserir na organização segregante que o carnaval rionovense promovia em seus festejos. Esta visão estava presente não somente nas memórias de Brenildo Ayres,

Houve sim. Da parte das próprias pessoas, houve lá é o clube de grã-fino. Houve sim, era quase que natural. Quase que natural. (...) Não é porque ninguém os impunha pra ficar ali não. Eles que ficavam ali. Eles achavam que ali era o lugar deles. (...) Lá no *Acauã* então foi a mesma coisa. No *Acauã* as pessoas. Hoje até não existe isso. (...) mas o *Acauã* no princípio assim, havia esse, não houve preconceito racial, mas a própria pessoa se separava quase que naturalmente. Achavam melhor não ir.³⁴⁹

³⁴⁶ A Gazeta Rio Novo, 24 de fevereiro de 1979.

³⁴⁷ A Gazeta Rio Novo, 11 de Março de 1979.

³⁴⁸ Brenildo 11/08/2009.

³⁴⁹ Brenildo 11/08/2009.

como também nas palavras de Maria Gontijo, que rememora a primeira vez que frequentou um festejo no Acauã.

Porque o primeiro dia que eu entrei no *Acauã*, eu falei mesmo: “Me dá licença pode entrar?” O Galeão (porteiro do clube) falou: “Que isso Butija?” Eu falei: “Oh, inclusive você porque você num entrava aí dentro porque você era macaco, tu era preto”.³⁵⁰

Voltando à questão propriamente da construção do *Acauã Clube* como instituição rionovense, as memórias de Dedé Borges são bem esclarecedoras quanto a esse processo. Sendo irmã de Francisco Borges Filho, o principal idealizador do grêmio, a depoente lembra os motivos que vieram incentivar a participação direta de sua família e de um grupo de pessoas que apoiaram o projeto de formação desse novo clube, que buscava arcar com as necessidades estruturais de uma cidade que vinha crescendo e tomando outras formas.

Com o passar do tempo os outros [clubes] foram acabando, então, o Chico, meu irmão, que gostava de inovação, esquentou a cabeça do papai (...) para doar o terreno onde é o *Acauã*. Aquele terreno era todo nosso ali. “Ah doa um pedaço de terra aí papai, me dá um pedaço de terra pra eu construir um clube, porque os *Explosivos* não vai demorar a acabar”. É mesmo, num tinha teto, estava muito estragado. (...) Só sei que eles começaram a construir o clube e o clube já estava com uma parte assim bruta toda pronta. Mas eles pararam porque não tinha mais verba. (...) Só sei que um dia depois do carnaval caiu os *Explosivos*. Parte de trás do banheiro despencou lá. A parte detrás do banheiro, afundou (...) caiu os *Explosivos*. Eu só sei que ficou um ano sem carnaval em Rio Novo. (...) Aí reuniu aqui um grupo de pessoas pra ver se punha pra frente o *Acauã*. Porque já num tinha mais jeito.³⁵¹

A depoente segue seu testemunho referindo-se aos problemas ainda vivenciados na finalização da obra do prédio do *Acauã*, que mesmo fundado em 1965, levaria oito anos para promover seu primeiro evento interno, registrado em ata.³⁵²

Segundo suas lembranças, em meio às obras, as verbas levantadas se acabaram e muitos se tornaram críticos do projeto de seu irmão. Neste contexto, em uma reunião entre os associados, a figura de um engenheiro, destaque na cidade, Dr. Cândido de Oliveira, foi vital na resolução e incentivo da continuidade das obras.³⁵³

³⁵⁰ Maria Gontijo.

³⁵¹ Dedé Borges 05/08/2009.

³⁵² Livro de atas Acauã Clube de Rio Novo.

³⁵³ Dedé Borges 05/08/2009.

Nesta reunião, o engenheiro, não somente chamou a atenção para a facilidade de terminar a construção daquele prédio já levantado, como também, se aventurou na produção de um moderno projeto arquitetônico para o novo clube.

Outro depoente que em entrevista se referiu com total ciência deste feito foi Brenildo Ayres. Resgatando o contexto em que o *Acauã* se estruturou como instituição, o depoente apresenta as seguintes memórias:

O carnaval de clubes foi mantido enquanto foi possível. Enquanto isso, em Rio Novo, veio então a ideia de se fazer um novo clube. A cidade vai crescendo, novas ruas, novas casas, novas pessoas, novas mentalidades. Precisava de um clube assim, com mais possibilidade, até fisicamente, de atender os visitantes, etc. Criou-se o *Acauã*. O *Acauã* foi criado sob a engenharia do Doutor Cândido, junto com um grupo de pessoas que trabalharam muito para criar o *Acauã*, entre essas pessoas me lembro do Senhor Rui de Almeida, fez parte da Diretoria, foi um dos fundadores.³⁵⁴

Como vemos, essas palavras excedem à referência da construção do clube, remetendo a manutenção da ideia da promoção dos carnavais de clubes, que mesmo convivendo com as Escolas de Samba, se apresentou ainda muito sólida na cidade de Rio Novo.

Esse convívio entre esses dois tipos de festejos continuou presente por quase toda a década de 1980. Como os desfiles dos blocos se extinguiram, devido a decadência dos clubes, as Escolas de Samba foram se consolidando como as promotoras do carnaval de rua rionovense. Adquiriram tal proporção que, mesmo sendo os bailes de carnaval ainda os eventos mais importantes do carnaval, estes tinham que esperar o findar das apresentações das Escolas, para que houvesse público para pular o carnaval em seus salões.

Mas é nesta mesma década que os festejos do carnaval rionovense se transformaram de maneira expressiva. Nem mesmo o *Acauã* conseguiu lutar contra o desenvolvimento da sonorização eletrônica que infiltrou no carnaval rionovense, dando a oportunidade de promover eventos cada vez maiores, com baixos custos e em espaços abertos.

Esta onda tecnológica tomava a cena dos festejos carnavalescos. Tanto nas ruas quanto nos próprios festejos dos clubes, as bandas foram sendo trocadas pelas potentes caixas de som. De alguma maneira, a mudança retirava a diferenciação entre o carnaval de clubes e o carnaval em praça pública, pois foliões teriam a possibilidade de ter a mesma qualidade de música dentro ou fora dos clubes, sem a necessidade de pagar para frequentá-lo.

³⁵⁴ Brenildo 11/08/2009.

Esta foi uma das questões que interferiram pontualmente no processo de decadência dos carnavais dos clubes, que deixaram de promover seus festejos com suas bandas para trazerem grupos de sonorização. Isso é evidente nas palavras de Brenildo Ayres, que ressalta a excelência dos *shows* das bandas, que foram trocadas pela tecnologia dos novos tempos.

Mas a banda do *Acauã* era com músicos. Era uma banda muito boa, todo mundo de Rio Novo. Naldinho, Dedé Guerra, Nininho, Poliero, o Mucrica, o Luiz Geraldo e ritmo. E por aí. Mas depois, com a sonorização ficou mais barato para o clube, mas ficou mais desinteressante para o povo. Aí veio a sonorização na rua. Então vamos pra rua! Na realidade foi isso que contribuiu para haver essa mudança de costume ou de preferência. (...) e aí o pessoal falou assim: “Já que é com som, tem som na praça, então vamos para praça.”³⁵⁵

Diante disso, no final da década de 1980, tanto os modernos e organizados carnavais do *Acauã Clube*, quanto os populares festejos do *O Nosso É Outro*, já conhecido como BC, não se sustentaram. A população rionovense aderiu aos festejos que ganharam a Praça Marechal Floriano Peixoto. As Escolas ficaram cada vez mais fortalecidas tornando-se o foco principal do carnaval rionovense, demarcando aqui a mudança para o modelo de carnaval, que ainda rege os festejos momescos na atualidade.

Depois começou a usar só o *Acauã*, que eram carnavais maravilhosos, muito bom, carnavais de clube muito bom mesmo. Mas depois as escolas foram entrando e com isso começou a ficar até muito tarde, começou a se formar o carnaval de rua aqui. Quando colocou o som aqui, acabou o carnaval de clube, que, aliás, não é só aqui em Rio Novo não.³⁵⁶

Estas lembranças de Dedé Borges servem para ratificar esta visão que levanta a utilização das tecnologias de sonorização como um fator intrínseco para o fim dos carnavais de clubes. Mas adicionado a isso, a depoente chama a atenção para o crescimento das Escolas de Samba que agiram como as grandes atrizes que desfilavam cada vez mais luxuosas e imponentes, roubando o espaço dos bailes com suas marchinhas de carnaval.

4.3 A ascensão das Escolas de Samba: Mocidade e Barrabás fazem o samba correr em Rio Novo.

Os Clubes Carnavalescos de Rio Novo assolados pela decadência financeira, os *Explosivos* com seu telhado a desabar, o *Acauã Clube* surgindo como o catalisador dos foliões sem onde frequentar, a praça sem os desfiles dos blocos carnavalescos, animada apenas pelos batuques da *Sorriso da Melodia* e alguns blocos de sujeitos. Neste contexto, surgiu para alegrar

³⁵⁵ Brenildo 11/08/2009.

³⁵⁶ Dedé Borges 05/08/2009.

os festejos carnavalescos da cidade, em meados da década de 1970³⁵⁷, a *Escola de Samba Mocidade Dependente de Rio Novo*.

Apesar da perda do primeiro Livro de Atas, em empréstimos e nas mudanças de sede que a agremiação sempre sofreu, foi possível promover o resgate do evento fundador da *Escola de Samba Mocidade* através das lembranças tão veementes como as de Aretusa Gomide e Dirval M. Pereira. Arguida sobre a fundação da Escola, a depoente resgata o passado da seguinte maneira:

É muito simples, (...) a *Mocidade* eu criei ela na minha cabeça. Quando o Dirval trabalhava no Banco Crédito Real, que ele sempre gostou de música, essas coisas, no fim de semana não tinha nada. Os *Explosivos* fechou e só havia, o *Acauã*. (...) Porque ninguém vinha aqui pra ver *Sorriso da Melodia*, *Colar* e *O Nosso É Outro*. Bloco, que era o que havia. Porque o carnaval mesmo, o importante era o carnaval de clube.

Bom, se eu conseguir levantar um dinheiro... “Ah não eu topo” (remete a fala de Dirval). Na outra semana eu comecei sem levantar da cadeira lá do Chico (Januzzi). Chegando uma época mais ou menos de fim de ano, “Ah estou com vontade de colocar uma escola na rua.” “Ah na hora”. Quando ele (Dirval) chegou, na outra semana eu entreguei a ele, na sexta-feira à noite, 12 mil cruzeiros, dinheiro da época, num sei o que que era, se era novo se era velho, num sei. Bom, aí ele foi a Juiz de Fora para comprar peças para a bateria. E aí foi surgindo. Mas como todo mundo entusiasmou, querendo entrar na bateria eu fui até as escolas que tinham as fanfarras, o Onofre e o Olympio e mais o Ginásio. A dona Arlete era diretora, fui lá pedir a ela os instrumentos emprestados. Ficam em minha responsabilidade, caso estragasse eu ia pagar. E assim foi que ela surgiu.³⁵⁸

As informações proferidas pelas palavras de Aretusa Gomide ficam bem próximas das memórias anunciadas pelo primeiro presidente da *Escola de Samba Mocidade Dependente de Rio Novo*. Dirval resgata este evento com muita similaridade às reminiscências de Aretusa, relembando outros nomes presentes naquela mesa de bar e suas experiências na Escola de Samba de Guarani *Turunas de Humaitá*:

Nós estávamos sentados lá no Chico Januzzi. Eu, Aretusa, Ary de Paula, que me recordo são os três. Então ficou assim, conversa de carnaval. E o carnaval não tinha mais nada. Não tinha carnaval de clubes mais, não tinha nada. Aí, eu trabalhando em Guarani, eu já, com Milho Eto, ensaio da *Turunas do Humaitá*, chefe de bateria da *Turunas do Humaitá*. Aí conversa vai conversa vem, Carnaval de Rio Novo acabou. Aí eu já vendo a escola de samba sair, coisa e tal. Costumava bater na bateria repenique. Influenciado por aquilo, falei não pode ficar assim. Aí dei a ideia e falei: “Oh Aretusa, oh Ary, vamos fundar uma escola

³⁵⁷ Não obtive nenhuma referência do registro da fundação da Escola de Samba Mocidade Dependente. Consegui apenas informações informais que teria sido fundada em 1975, sendo uma fonte não muito segura deste evento.

³⁵⁸ Aretusa Gomide 27/07/2009.

de samba em Rio Novo”. Ela falou: “Pois não Dirval, que você tem ideia? O que você acha que pode fazer?” Eu falei: “Olha, o que podemos fazer é o seguinte: nós fazemos um acordo, eu você e o Ary”. Num me recordo se o Tuzim estava. Tuzim do Zé Neto. “Então como é que nós vamos fazer?” Eu falei: “Num temos instrumento, num temos roupas não temos nada. Vamos pedir o Olympio Araújo, a Escola Normal, o grupo ali, o ginásio lá embaixo. Vamos pedir os instrumentos emprestados e vamos ver se fazemos alguma coisa sair.” Assim fizemos.³⁵⁹

Posicionados como idealizadores da constituição desta escola de samba, Aretusa e Dirval lembram alguns nomes que participaram da reunião de fundação e ajudaram a estruturar a agremiação para o primeiro desfile. Nas suas memórias estão presentes além deles próprios, nomes como Nielza, dona da residência onde foi promovido este evento, Haroldo Pinto, que se distanciaria desta agremiação participando da fundação da rival *Barrabás*, Ernesto Soares, conhecido como Bichim, Ildo, Braulinha, Selvinha, entre outros que suas memórias não conseguiram resgatar.³⁶⁰

Neste contexto, surgiu a necessidade de criar um nome para a agremiação que desejava levantar os festejos momescos rionovenses. Daí brotaram as ideias mais inusitadas como *Inferno Colorido*. Segundo a depoente, ela mesma tomou as rédeas das escolhas do nome e das cores da Escola de Samba para que não houvesse ideias iguais ou próximas da anterior.

Então eu falei, as cores que existem... Vermelho e branco eu sempre gostei, desde 71, quando eu modelei essa casa, que eu acho vermelho uma cor viva e gosto muito do *Salgueiro* no Rio também. Vamos fazer vermelho e branco que aparece muito. Vamos botar em vez de *Mocidade Independente*, vamos colocar *Mocidade Dependente* para ver se nasce no coração das pessoas que cada um depende do outro pra fazer alguma coisa. Tanto que não é... às vezes, escrevem Independente, mas não é. Ela é registrada como *Mocidade Dependente*.³⁶¹

Representação bem próxima desta é pronunciada nas memórias de Dirval, que reforçando a justificativa do nome apresenta a seguinte lembrança:

Então, lá na hora, conversa vai conversa vem, como é que vamos fazer o nome? Isso aquilo. (...) Vamos chamar *Mocidade Dependente*, porque nos dependemos de Rio Novo não é!?!?! Do comércio, de um e de outro, uma colaboração para futuramente nós irmos progredindo, comprar instrumento, compra isso, compra aquilo.³⁶²

³⁵⁹ Dirval M. Pereira 04/10/2009.

³⁶⁰ Aretusa Gomide 23/03/2009 e 27/07/2009. Como a depoente confirma, esta lista de fundadores se perdeu junto ao primeiro livro de atas. Por esta questão, é evidente a ausência de participantes na reunião de fundação da Escola de Samba Mocidade Dependente de Rio Novo.

³⁶¹ Aretusa Gomide 27/07/2009.

³⁶² Dirval 04/10/2009.

Apesar da apresentação acima se constituir como a versão oficial da escolha do nome da agremiação, outras variantes foram erigidas nas memórias dos depoentes. No resgate de suas reminiscências sobre a história da *Mocidade*, Dedé Borges articula sua memória, lançando a seguinte representação da nominação, também compartilhada por outros rionovenses:

(...) Muita gente fala, *Mocidade Independente*. Não, é *Mocidade Dependente*. Porque na época a ideia foi essa, de que todos que participavam, no início, na bateria. Eram todos jovens, então chamou *Mocidade Dependente*, porque eles não eram independentes. Eles ainda eram dependentes dos pais. Nós que já éramos casadas nessa época não. Mas a bateria nasceu só com meninos, só com jovens, eram todos muito jovens dependentes dos pais, por isso se chama *Mocidade Dependente de Rio Novo*.³⁶³

Seja como for, este grupo de fundadores, entre outros integrantes, foram os responsáveis pela promoção dos primeiros desfiles da *Escola de Samba Mocidade Dependente de Rio Novo*, com uma estrutura ainda simples. As belas metáforas de Aretusa referem-se a este trabalho como um ato de lançar “(...) uma semente na terra e se a terra é fértil, a árvore nasce. Ela começou como um bloco, realmente, só que com a diferença, com alas, com bateria.”³⁶⁴

Segundo Dirval, em seu primeiro desfile, a *Mocidade* se apresentou apenas formada por uma bateria, sem alas, nem porta-bandeira ou rainha de bateria. Uniram uma turma, com seus instrumentos, vestidos de calças brancas, sapatos brancos. Saíram de trás da Igreja Matriz, descendo para a Praça Marechal Floriano Peixoto, e “(...) quando chegou ali perto do Chico Januzzi, caiu um temporal rapaz, nós escondemos debaixo da marquise, esperamos a chuva melhorar e continuamos. Demos volta na praça, sem porta-bandeira, sem rainha de bateria nem nada.”³⁶⁵

Deste primeiro desfile em diante a agremiação foi tomando corpo e se expandiu. Os foliões se interessaram e aquela bateria cresceu cada vez mais. Chegaram a obter em pouco tempo oitenta integrantes. Os subsídios fornecidos pelo livro de ouro auxiliaram a consolidação daquele jovem cortejo, que a cada ano se expandia.³⁶⁶

O fundador da primeira escolinha de Rio Novo também lembra da primitiva organização dos primeiros desfiles da *Mocidade*. Segundo Antônio Coelho, assim como sua escolinha, *Unidos de Rio Novo*, contou com uma limitada participação em sua origem, a

³⁶³ Dedé Borges 05/08/2009.

³⁶⁴ Aretusa 23/03/2009.

³⁶⁵ Dirval 04/10/2009.

³⁶⁶ Idem (id.).

Mocidade também sofreu deste mal. Em suas palavras: “A *Mocidade* nasceu pequenininha também, cresceu rápido. Eu lembro da *Mocidade* saindo na rua só com a bandeira e um cara sambando, o resto era só bateria, daí foi evoluindo. Evoluiu no que é hoje, uma grande escola.”³⁶⁷

Lembranças estas também próximas das memórias de Dedé Borges. Exaltando a participação de Dirval no processo de formação da *Mocidade*, a depoente resgata o primeiro desfile da seguinte maneira:

O criador da *Mocidade* foi o Dirval. (...). Por que o Dirval (...) na minha opinião, ele foi o primeiro passo para a *Mocidade*. Porque ele saiu, eu me lembro disso, (...) que ele formou uma bateriazinha. E ele que comandava e saía só a bateria. (...) E quando saiu, ela (Aretusa) que saiu na frente da bateria dançando.³⁶⁸

Dedé Borges resgata esta iniciação da *Mocidade* nos festejos carnavalescos, chamando a atenção para o fato de que nos primeiros anos em que se apresentaram, aqueles que assistiram e desfilaram não tiveram a sensação da promoção de uma Escola de Samba. Fato relacionado aos poucos integrantes que compunham o cortejo e a inexistência de alas, destaques, carros alegóricos, entre outros componentes que formavam uma típica Escola de Samba.

Sendo assim, segundo a depoente, no primeiro ano saiu uma bateria, já nos anos seguintes algumas pessoas saíram fantasiadas, como nos pretéritos blocos carnavalescos, somente depois seus integrantes promoveram uma verdadeira Escola de Samba.³⁶⁹

Na entrevista, com a peculiar imprecisão temporal que o exercício de resgate das memórias leva consigo, a depoente seguiu dando ainda mais detalhes do desfile da nascente Escola de Samba:

Eu acho que eu tenho, acho tenho quase certeza que eu tenho umas fotos desse primeiro bloco. Que nós chamamos de bloco, que foi esse que nos fizemos as fantasias que a Dona Heleninha sugeriu. As mulheres saíram de baiana, assim uma roupa... uma baianinha, que não era uma baiana de escola de samba. Era uma fantasia de baiana de cetim branco com bolas vermelhas e tal. Daí nasceu a cor da nossa Escola, branco e vermelho. Os homens saíram de bermuda branca com um coletzinho amarradinho assim, tipo malandro, com chapeuzinho. Os maridos, ou os namorados ou o casal comum foram assim, deve ter sido uns 10, 12 casais. Foi uma coisa pequena. Alguns assim oh, Marco Aurélio e a Valquíria saíram, eu e o Dalde, a Lili do Fernando Matheus, a Heloisa filha da Dona Heleninha, a Heloisa era solteira essa época. Todas as pessoas desse bloco eu não me lembro não, mas foi assim um grupinho de casais, sabe? E algumas, só

³⁶⁷ Antônio Coelho 30/07/2008.

³⁶⁸ Dedé Borges 05/08/2009.

³⁶⁹ Idem (id.).

as moças, só os rapazes. Daí esse ano foi aquela alegria. Aí nós começamos falar: “Gente, então daí pode se formar uma Escola de Samba. A gente poderia fazer com um tema, já pode começar a pensar com um tema e tal.” Mas no ano seguinte nós saímos outra vez o mesmo grupo, aí as pessoas iam acompanhando, a bateria. Então as pessoas, o público foi acompanhando e tal e foi crescendo.³⁷⁰

Tal projeto de formar uma Escola de Samba, com grandes dimensões se consolidaria a *posteriori*, talvez com o surgimento de um rival de peso para incentivar uma concorrência entre as duas agremiações. Segundo Aretusa Gomide, a *Mocidade* não viu seu fim devido ao surgimento da rival *Barrabás*, que esquentou os ânimos dos foliões em prol da constituição de desfiles cada vez mais trabalhados.

“Quando surgiu o *Barrabás* (...), que deram um *show*. Botaram na rua realmente um Escola organizada. Eu não sou radical, quase apanhei lá no Chico Jannuzzi, quando eu falei: “Eu sou a favor do *Barrabás*”. “Que isso Tusa?” “Sou! Porque vai ser um incentivo!” E não deu outra. Aí começou a melhorar a *Mocidade* (...)”³⁷¹

Por ironia, realmente foi dos desfiles da *Mocidade*, especificamente do ano de 1977, que nasceu a intenção de constituição de uma nova Escola de Samba em Rio Novo. Isso fica bem claro na história contada por Cícero Vasconcelos, o idealizador e primeiro presidente do *Grêmio Recreativo Escola de Samba Unidos do Barrabás*, que entrelaçou a história da instituição à sua história de vida, a começar pelo próprio nome da agremiação.

Tendo vivido boa parte de sua vida no Rio de Janeiro, onde gostava de frequentar os carnavais, Cícero afirma ter começado a residir em Rio Novo no ano de 1976, onde abriu um bar na “Vila Urca”, local em que já existia um centro de sociabilidade entre foliões e boêmios rionovenses. Ao registrar seu boteco, Cícero denominou-o de *Bar Rabás*, pelo fato de ter adquirido esta alcunha quando trabalhou como encarregado chefe de uma firma carioca, onde, em suas palavras, “tinha um camarada, Rói, muito safado. Aí chegava assim, pra mim, que eu era muito chegado ao chefão lá.(...) Falou: “Vamos no *Barrabás* que ele resolve”. Que era eu. (risos). Aí ele vinha falava comigo e eu tinha muita amizade com o diretor lá. Aí chegava lá amaciava.”³⁷²

Este nome em seu bar chegou a trazer uma polêmica desconfortável com algumas instituições religiosas. Cícero lembra bem que alguns chegaram a classificá-lo como anticristo, por causa do personagem bíblico, que foi escolhido para ser solto ao povo, sendo Jesus Cristo crucificado.

³⁷⁰ Idem (id.).

³⁷¹ Aretusa Gomide 23/03/2009.

³⁷² Cícero Vasconcelos 24/07/2009.

Diferente dos mais religiosos, que não gostaram muito do estabelecimento, a boemia da “Vila Urca” começou a girar em torno daquele *Bar Rabás*, que não interferiu na crucificação de nenhum Messias e apenas regou as mesas com vinhos, cachaças, cervejas e tira-gostos...

Posteriormente à abertura deste estabelecimento, no carnaval de 1977, Cícero teria assistido o desfile da *Escola de Samba Mocidade Dependente*, e ele e seu amigo Naldinho teriam vivenciado o seguinte evento, segundo suas memórias:

Aí eu fui ao carnaval, certo, assistir lá em cima, chegando lá eu vi, passou a *Mocidade*, ela saía da Rua Basílio Furtado. Eu assisti aquilo ali e vi. Eu falei com o Naldinho (...) mora aqui em cima, marido da Celinha. Encontrei ele e ela e perguntei: “Essa aí é a escola de samba daqui?” (resposta) “Mas tem outra aí que é mais animada, que tem mais batuque.” Que era a Maria Butija. E a Maria Butija era umas dez a vinte pessoas mais ou menos. Então eu assisti aquele negócio. “Então ano que vem nós vamos fazer uma escolinha aí e vamos participar do carnaval.”³⁷³

Segundo o depoente, a ideia foi lançada neste contexto. O tempo foi passando, o cotidiano foi se restabelecendo e o projeto foi ficando frígido. Mas quando o carnaval se aproximou os frequentadores do *Bar Rabás*, cientes da ideia, começaram a pressionar pela concretização do projeto de constituir uma nova Escola de Samba em Rio Novo.

Começaram a me cobrar depois daquilo. Nelinho, Amaral, o próprio Brenildo, Aloísio, Julio César. Essa turma daqui, começaram a cobrar, cobrar cobrar. E aí vai sair ou não vai sair, vai sair ou não vai sair. O ano passou.³⁷⁴

O final do ano de 1977 veio chegando e junto aumentava a pressão. No dia primeiro de janeiro de 1978, não houve escolha, a ideia se materializava na tradicional reunião boêmia do boteco. Cícero resgata tal evento da seguinte maneira:

Como a turma frequentava aquilo ali toda noite tava tudo ali, aí eu resolvi. Eu sempre fui assim, quando eu prometo alguma coisa eu tenho que cumprir. E os camaradas chegaram, no final de 77, e começaram vim no natal, aquela turma toda: “Como é que é a Escola vai sair ou não vai sair”. “O rapaz o material tá muito caro... “Vamos fazer, vamos fazer...”. “Num tem jeito não, num tem dinheiro pra isso não”. Eu já tinha visto o preço do material. Aí aquela pressão, pressão, pressão, quando chegou no ano novo, eles chegaram, aí beberam. “Vamos, vamos, vamos...” E eu : “Poxa vida, o que é que eu vou fazer?” Aí foi no dia primeiro, eu cismeí de fazer Escola de Samba. Aí fomos ali fizemos uma relaçãozinha (...) e nós fizemos, fundamos a Escola né. No entanto, ela é do dia primeiro de janeiro de 78. (...) E nós fizemos, aí: “Como é o nome que vamos

³⁷³ Ibidem (ibid.).

³⁷⁴ Idem (id.).

botar nesse negócio aí?” Como a turma tava toda ali. “Vamos botar *Unidos de Barrabás*”. Entendeu? Por causa do barzinho e ficou, *Unidos de Barrabás*.³⁷⁵

Reconstituindo o fato por um viés bem próximo do evento apresentado por Cícero, Brenildo Ayres, fundador e primeiro secretário do grêmio recreativo, recorda claramente da maneira em que a *Escola de Samba Unidos do Barrabás* surgiu e sua relação com os frequentadores do *Bar Rabás*.

Realmente a *Barrabás* foi, em 1978. A Mocidade começou em 77, um ano antes, com suas cores vermelho e branco. E o *Barrabás* surgiu no ano seguinte, 1978, de uma forma até curiosa. Uma reunião de amigos, bem antes do carnaval, mas já começando aquele clima de grito de carnaval, de samba, as escolas do Rio de Janeiro. E uma turminha se reunia ali na Rua E. Matos, quase na esquina com a Rio Branco, hoje é uma residência, fica ao lado, lateralmente ao armazém do Júlio. O Cícero Vasconcelos de Abreu veio lá de Alagoas e morando já em Rio Novo o Cícero abriu um barzinho ali. Chamava-se exatamente *Bar Rabás*. E entre esta turminha eu era um deles e começamos lá, tomando cerveja tal, cantar música de carnaval e aí começou a batucada, umas caixas. De repente alguém teve a ideia da gente sair no carnaval. Ninguém tava pensando em sair com Escola de Samba não. Mas a coisa foi tomando um rumo muito interessante e de repente outros chegaram e foram transformando em Escola.³⁷⁶

Aquele ano ainda trazia um entrave para o audacioso plano de constituição da Escola de Samba. Foram cerca de 20 dias de chuva que assolaram a cidade e era exatamente este o período que os nascentes carnavalescos tinham para construção do grêmio.

Mesmo nessas condições, o projeto ganhou as graças da vizinhança e de outras partes da cidade. Esta simpatia se transformou em mãos trabalhando em prol da nova Escola de Samba. A vizinhança da “Vila Urca” se destacou no apoiou à sua formação. Muitas moças, que não aderiram às escolas em atividade, se dispuseram na confecção das fantasias e as demais alegorias.³⁷⁷

Por de trás da formação dessa agremiação vieram também os marceneiros e ferreiros que se propuseram a tornarem-se verdadeiros artífices do carnaval. Tendo como vice-presidente Julio César Costa, que trazia consigo toda sua família de marceneiros com os pés na arte, e Fernando e Miguel Zampa e suas oficinas voltadas para trabalhos de ferraria, que artistas também são, a *Barrabás* conseguiu um forte suporte para ultrapassar os entraves que as chuvas e a escassez de tempo causaram.³⁷⁸

³⁷⁵ Idem (id.).

³⁷⁶ Brenildo Ayres do Carmo 11/08/2009.

³⁷⁷ Cícero 24/07/2009.

³⁷⁸ Cícero 24/07/2009.

Cícero Vasconcelos lembra que havia um grande interesse por participar da bateria e a Escola até então não tinha instrumentos para a demanda necessária. Recorreram aos empréstimos da atual *Escola Municipal Onofre Dias Ladeira*, que tinha sua fanfarra, e das Escolas de Samba de Guarani. Não solucionado o problema tiveram que confeccionar instrumentos na oficina da família Costa, à base de compensados, couro de boi e muita ajuda e destreza no manuseio da produção.

(...) tinha um camarada aqui que era carpinteiro, irmão do Bruno ali. Ele disse: “Olha tenho umas folhas de compensado ali.” “Dá pra fazer surdo?” “Dá!” “Então traz pra cá.” Trouxeram 20 ou 30 folhas aqui, comprei aqui, levamos ali pro Julio César. “Julio César dá pra fazer tambor?” “Dá!” Aí começou a fazer aqueles tambores de compensado. Fui em Juiz de Fora comprei ferragem comprei aquele troço, parafuso, trabalhadeira. Fui na fazenda aqui, fui na roça, e couro naquela época era caro, aí arranjei como Dedé Sapecado, (...) ele me arranhou uns couros de bezerro, eu joguei aquilo dentro, eu e o Culino, (...). Botamos dentro do troço lá, botamos cal. Rapaz aquilo fedia, a gente tirando aquela pele, depois pegamos aquele couro forramos aqueles surdos tudo, aquele troço tudo. Só sei que deu para os instrumentos todos.³⁷⁹

Habilidade e arte também foram o tempero para a produção do primeiro carro alegórico que as Escolas de Samba rionovenses viram. Seguindo o enredo do samba, que teve como tema central a cidade de Rio Novo e refere-se tangencialmente ao Toco³⁸⁰, Netinho, irmão de Julio César Costa, com sua habilidade de inventor, produziu um sistema que representava o toco e sua água em constante movimento. Esta “engenhoca” chamaria a atenção dos foliões e ficou presente nas memórias daqueles que apreciaram o artífice e suas invenções.³⁸¹

Esta ligação entre a formação do *Barrabás* e a destreza com a engenharia tanto da família Costa quanto da família Zampa também são lembradas por Brenildo Ayres em seu depoimento, que apresenta as seguintes palavras:

Ali era a oficina do *Barrabás*. Os Costa, o Netinho, o Julio, o Culino, os Zampa, Miguel e o Fernando aí sim. O *Barrabás* fazia carros alegóricos espetaculares. Carros lindos mesmo. Como foi o primeiro carro, o segundo. Eram carros animados, as alegorias eram muito bonitas. Então fazia tudo ali daquele lado mesmo. (...) O Fernando até hoje muito habilidoso. O Netinho, que é falecido, dos Costa. Ele fazia coisas espetaculares. Muita engenharia, muita arte e os

³⁷⁹ Ibidem (ibid.).

³⁸⁰ Uma bica de água da qual se construiu uma estória que aquele indivíduo que tomar a água que ali jorra sempre voltará a Rio Novo. O Toco se encontra próximo dos arredores do antigo Bar Rabás e ainda na mesma rua da quadra da Escola de Samba Unidos de Barrabás.

³⁸¹ Cícero 24/07/2009.

carros alegóricos eram sempre em movimento. Tinha um pião que rodava. As alegorias eram espetaculares.³⁸²

Sendo assim, embora os antigos blocos dos Clubes Carnavalescos estivessem extintos, no ano de 1978, o carnaval rionovense seria presenteado pelos desfiles da *Escola de Samba Sorriso da Melodia*, da *Escola de Samba Mocidade Dependente de Rio Novo* e do *Grêmio Recreativo Escola de Samba Unidos de Barrabás*.

Cientes do projeto, quase que instantâneo, de constituição do novo grêmio, nasceu o interesse da promoção de um concurso entre duas das entidades, a *Mocidade* e o *Barrabás*, tirando da competição a já veterana e humilde *Sorriso da Melodia*, que tinha como essência outras intenções para com os festejos do Momo e não apresentou as dimensões que as outras duas entidades já projetavam.

Tratando-se das memórias dos depoentes, os quais obtive a possibilidade de entrevistar, posso dizer que este evento ficou marcado de maneira bem distinta em suas memórias. Para os antigos integrantes da *Barrabás* o concurso é resgatado com detalhes, já para os depoentes da *Mocidade* o desfile em si quase cai no esquecimento.

Sendo assim, segundo Cícero, tal ideia teria surgido dentro dos integrantes da sua rival, que através do patrocínio do proprietário da extinta Cerâmica São Francisco, de Rio Novo, arranjaram uma taça para que houvesse uma competição entre as agremiações. Apesar de não terem negado, tal convite trouxe uma sensação de desvantagem para a *Barrabás*, que vinha se formando em cerca de 20 dias, perante a *Mocidade* que desenvolvia seus desfiles há anos.³⁸³

Permeada de muita sutileza, essa impressão de desvantagem também foi pronunciada por Brenildo Ayres, quando foi arguido sobre o concurso entre as duas escolas, nas seguintes palavras:

Mas a *Mocidade*, no primeiro ano, ela saiu de maneira tão bonita, como é que a gente ia concorrer com o brilho da *Mocidade*, não é? A *Mocidade* sempre, desde que ela foi criada, foi muito bonita.³⁸⁴

Neste concurso as agremiações desfilariam no domingo e na terça-feira de carnaval, sob a avaliação de um júri escolhido pelos integrantes das duas Escolas de Samba, do qual Brenildo Ayres presidiu como assessor do prefeito Hélio, que se ausentou.

“Senhor Hélio, prefeito, foi convidado pra ser o presidente dos jurados, e eu trabalhava na prefeitura como assessor dele. Ele falou: “Você vai no meu lugar”.

³⁸² Brenildo Ayres do Carmo 11/08/2009.

³⁸³ Cícero 24/07/2009.

³⁸⁴ Brenildo Ayres do Carmo 11/08/2009.

Eu falei: “Senhor Hélio, eu não posso. Eu fui um dos fundadores do *Barrabás*”. Ele falou: “Você não vai ser jurado, você vai ser o presidente você não precisa votar em nada”. Realmente eu fui e não votei. Mas acompanhei.³⁸⁵

Cícero Vasconcelos resgata com paixão os atos preliminares ao primeiro desfile em que disputou a *Taça de Campeã do Carnaval Rionovense de 1978*, lembrando que se surpreendeu com o grau de organização atingido pela agremiação em tão pouco tempo para se consolidar como uma Escola de Samba.

(...) “vai sair uma turma de cachaceiro” (refere-se às falas dos rivais). Eu mesmo estranhei. Eu me senti surpreso porque eu saí do bar ali, vamos lá pra cima, pega tudo, arranjamos um caminhão, levamos. Porque nós ficamos um mês no Lelinho, porque os instrumentos num davam e tinha uma turma pra bater. E a turma que batia era tudo cara doidão. Era o Zezé Romrom. Era tudo daquela raça doida, bebedor de cachaça, o Luizão que morreu aí. Só cara Julio César, tudo cara ... entendeu? Pecherrão essa turma (...). E no dia, fechei o barzinho aqui que era o Bar Rabás, aí eu vi aquele monte de gente, muita gente mesmo, tinha umas 200 pessoas, mas tudo já com os adereços de mão. Eu tinha arranjado um jipe do Pecherrão, o cara fez o carro alegórico, arranjou um motor, a água saía do Toco. Tanto é que tem a: Olha só que vem lá? É a *Unidos do Barrabás*, ... tem a água do Toco. Tem um samba desse. E aquilo saiu. O pessoal tomaram um monte de rabo-de-galo, eu cheguei ali atrás da igreja, porque o couro de boi, de bezerro num pegava firmeza assim. Então arranjei um monte de jornal, joguei aquele jornal meti fogo mandei esquentar aqueles couros, aqueles tambor e o pessoal quando saiu. Antigamente não saía direto né, saía pela central, pelo outro lado... farmácia central.”³⁸⁶

Em outro fragmento do depoimento o entrevistado segue com suas memórias sobre o desfile exaltando a emoção apresentada pelos integrantes de seu grêmio, que tomou a Praça com uma peculiaridade jamais vista:

E o pessoal da *Barrabás*, eu num sei foram as mulheres, os caras, aqueles caras... praticamente mal elementos, bebedores de cachaça.(...) Mas aquilo rapaz o samba bom e a batucada saiu arrebrandando e o pessoal sambando. Quando entrou na praça, ali na esquina tinha um barzinho, o povo endoidou com que não estavam acostumados a ver o carnaval daquele jeito. Eles viam o pessoal (...) pra se apresentar e a *Barrabás* era do povão né, entrou arrebrandando. Aquilo foi uma loucura rapaz o pessoal ficou tudo doido. E nós demos a volta e o pessoal atrás, aquele troço todo. E ficou naquele negócio da disputa do troféu.³⁸⁷

Em contrapartida a *Mocidade* vinha com suas fantasias bem trabalhadas e luxuosas e uma bateria regida com excelência. Suas alas e destaques se apresentavam com suas alegorias

³⁸⁵ Brenildo Ayres do Carmo 11/08/2009.

³⁸⁶ Cícero 24/07/2009.

³⁸⁷ Idem (id.).

dignas de apreciação pelo esmero e riqueza, que constituíam-se, por isso mesmo, como símbolos de distinção e diferenciação social. Quesitos, que para um apaixonado pela *Barrabás*, expressava-se como uma característica de Escola de Samba “da elite (...) só com fantasia bonita.”³⁸⁸

Cícero ainda prossegue suas memórias, demonstrando sua noção do que seria uma escola de samba e descrevendo a composição da rival na concorrência pela *Taça de Campeã do Carnaval de Rio Novo*, aludindo à superioridade em que a *Barrabás* se apresentou. Logicamente, tal resgate trás consigo toda carga subjetiva de um ex-presidente e fundador da escola de samba azul e branca, mas também indícios da maneira em que foram apresentados os desfiles.

Numa escola de samba tem que ter adereços, ter as alas, adereços de mão, carro alegórico. Naquela época se usava muito adereço de mão, hoje não se usa mais por causa do sambódromo o pessoal fica lá de cima aí é mais na cabeça. E a *Barrabás*, feita assim de última hora, às pressas, mas ela já saiu mais organizada. As outras saíam com fantasias bonitas, mas digamos assim, saía a filha do... a Miriam e a outra que eu não sei o nome ... filha dos Guimarães. Fantasia bonita, saía aquelas duas ali. Vinha mais outras atrás. Saía as duas do Ormeu. Saía as do Borges. Quero dizer, não era ala, você me entendeu? Eram duas ou três pessoas quatro pessoas com a fantasia igual e assim em grupinho. Não tinha carro alegórico e tinha a bateria que era o acompanhamento, mas não era um... E a *Barrabás* já saiu com essa potência de escola de samba, com uma bateria com quase 80 a 90 pessoas, tudo nego doido. É tudo nego doido, e batendo aquilo com uma força com uma vontade que parece que tava... e o pessoal fazendo samba no pé que não via. Antigamente saía, sabe como é que é? Samba, um ou outro que... a Maria Butija tinha umas escurinhas... porque a Maria Butija sempre foi considerada a passista. E ali as outras acompanhavam ela, tinha uma meia dúzia. E a *Barrabás* já entrou com as alazinhas, ala muito grande não, 10 pessoas mais ou menos. E até que tinha um destaquezinho, as meninhas que saíam com aderecinho de mão, outras com outro adereços, o carro alegórico. Já saiu com o formato de escola. E com um samba bonito que chamou atenção e a empolgação das pessoas. E as pessoas, não sei se por ser... se sentir... Você sabe que as pessoas inferiorizadas eles aplaudem mas se sentem receio. E talvez com a entrada do *Barrabás* eles se acharam assim... Um pessoal mais humilde e com aquela empolgação, todo mundo cantando. Porque antigamente não se cantava nas escolas de samba. E a *Barrabás* fazendo tudo isso entendeu? Foi uma coisa diferente. Aí entusiasmou as pessoas.³⁸⁹

Essas críticas e representações do novo modelo de Escola de Samba se ligam ao propósito que deu origem a *Barrabás*, que era o de modificar e reconstituir o arquétipo reinante de agremiação carnavalesca na cidade. Até então havia ainda uma forte ligação entre as referências dos antigos Blocos Carnavalescos de Rio Novo e os desfiles da *Mocidade*, que

³⁸⁸ Idem (id.).

³⁸⁹ Ibidem (ibid.)

apesar de ter ressignificado suas apresentações dentro dos batuques das baterias, careciam de alegorias típicas e do emocionante samba no “gogó” e no “pé”, muito presentes nas “Escolas de Sambas crioulas”, mas que também careciam de tamanho e adereços.

Partindo deste viés, o depoente pronuncia relatos como os seguintes:

“No segundo dia (refere-se ao dia do concurso entre as Escolas de Samba) eles foram buscar um sol, um carro alegórico lá em Juiz de Fora, pra poder sair, porque não existia. Quero dizer, a *Barrabás* foi quem trouxe a mudança para dentro de Rio Novo. Foi quem trouxe o sistema de Escola de Samba (...). Porque a outra era um bloco, com as pessoas contadas (...). Fantasia bonita, iiiiii tá bonita, aí o pessoal: “É tá bonita... fantasia da índia, (...) os marajás.” Tem aquele negócio. Os outros ficam tudo (bate palma). Os pobres ficam lá no canto. Aqui é assim. Todo mundo batendo palma, que lindo a filha do fulano. Era mais um desfile. A *Barrabás* que foi modificando. E no decorrer dos anos a *Mocidade* foi ficando pra trás aí agora ela se abriu né. Se abriu para poder melhorar.”³⁹⁰

Seja como for, no calor dos batuques e do samba das duas Escolas rionovenses, o júri, composto por pessoas recém-chegadas à cidade e por integrantes ligados às duas Escolas, fez a votação nos diferentes quesitos como fantasia, bateria, samba-enredo, entre outros. Dotados de suas referências individuais e de valores pessoais, as avaliações dos componentes do júri demonstraram uma aguda paridade entre as duas agremiações, expressa, de alguma forma, dentro do resultado das notas lançadas pelo corpo avaliador, que, na contagem de todos os quesitos, deram a vitória à *Barrabás* por apenas um ponto de diferença.³⁹¹

O empate no quesito bateria trouxe uma forte insatisfação para os integrantes da *Mocidade*, que acreditavam na superioridade de seu arranjo, mas da mesma maneira, as memórias dos foliões da *Barrabás* exaltavam a grande superioridade das alegorias de sua escola, perante a rival. Em meio a tantas avaliações subjetivas, não havia como não gerar conflitos declarados entre os grupos distintos.

Conscientes do fervilhar dos ânimos dos integrantes das duas agremiações, houve um acordo de que o resultado dos desfiles seria publicado apenas após o fim do carnaval. Isso porque, depois dos desfiles, os salões do *Acauã Clube*, do *O Nosso É Outro* e do *Colar de Pérolas*, ainda esperavam os foliões finalizarem o “Reinado de Momo” e poderiam se tornar ringues para os mais exaltados com os resultados proferidos.³⁹²

³⁹⁰ Ibidem (ibid.).

³⁹¹ Brenildo Ayres do Carmo 11/08/2009.

³⁹² Idem (id.)

Como combinado, o resultado não foi pronunciado naquela noite de terça-feira de carnaval. Consequentemente, os festejos dos bailes ficaram apenas no clima de tensão dos grupos ávidos pela vitória.

Tudo transcorreu muito bem, até quando o resultado foi publicado. Alguns se mantiveram em pleno equilíbrio dentro daquele universo em desacordo, que veio a se desorganizar com a elevação dos egos, nervos, instintos, alegrias, tristezas, entre outros sentimentos mais peculiares ao homem.

Segundo Cícero, parte dos rivais, entre prantos e reclamações, não aceitavam o resultado. A sensação de derrota cortou os corações dos mais entusiasmados com a *Mocidade* e deu ímpeto para argumentos inoportunos, que buscavam refutar o resultado do concurso.

(...) quando deu o resultado e a *Barrabás* ganhou. Nossa, que choradeira!! (...) chorava a Nielza, aquela ... até hoje tem gente que não vê a *Barrabás*. (risos) Depois eles ficaram danados e ficaram assim: “Poxa, o pessoal aqui é ingrato, vem um vendedor de cachaça – porque eu tinha bar – um forasteiro e o pessoal dão valor. E o (...) filho da terra, aquele negócio, o pessoal não dá valor.” E começou a disputa aí. Nós ganhamos a taça, no final eles tiveram que comprar uma taça também para acabar com o choro dos apaixonados e até hoje tem essa disputa, esse deus nos acuda aqui.³⁹³

Alguns dos derrotados não aceitavam o resultado. Demonstravam sua insatisfação em reconhecer a vitória da recém nascida *Barrabás*. Mas Aretusa reforça a vitória da rival em suas memórias: “(...) o *Barrabás* ganhou, porque realmente saiu como uma verdadeira Escola de Samba.”³⁹⁴

Mas em geral, de ambas as partes, os sentimentos de alguns não foram os mais serenos. Os mais exaltados partiram para agressão, outros esbravejavam insultos que atingiam as intimidades dos opositores, soltaram foguetes na direção dos rivais e de suas residências. Tais truculências foram resgatadas, de maneiras bem diferentes, pelas memórias dos depoentes.

O presidente da *Barrabás* Cícero Vasconcelos lembra dos insultos dos quais foi alvo, não somente após o resultado, mas durante todo o projeto de constituição da Escola e do seu desfile no carnaval.

Ela (*Mocidade*) queria a taça, né. E no dia quem ganhou a taça foi a gente, acho que foi até estranho. E ali foi uma choradeira, foi uma reclamação uma falação, uma xingação: bebedor de cachaça, (...) o forasteiro.³⁹⁵

³⁹³ Cícero 24/07/2009.

³⁹⁴ Aretusa 27/07/2009.

³⁹⁵ Cícero 24/07/2009.

Aretusa Gomide lembra-se de que sua residência foi atacada no dia do desfile da campeã.

“O dia em que o *Barrabás* foi desfilar, o desfile pela vitória da escola, eu desci com o Roberto pra aplaudir. Quando eu estava lá no Chico Jannuzi. Mamãe sentava aqui (refere-se à sua casa) pra ver televisão, minha tia aqui, e a Poluca pequena (...). Chega a Poluca com o olho arregalado: “Tusa soltaram um foguete.” “Dentro de casa?” “Não ele foi pro lado da janela e estourou os vidros da última janela.” A gente levantou de fininho para porta da delegacia.”³⁹⁶

Casos como estes levaram a população rionovense, os órgãos administradores da cidade e os próprios integrantes das Escolas de Samba, não promoverem mais disputas. Numa cidade de proporções tão pequenas, o mal-estar ocasionado pelo concurso foi expressivo e a oposição à promoção de uma nova competição se tornou uma unanimidade nas memórias dos entrevistados.

Concordando com tais questões, Cícero vai além com suas análises sobre o porquê da não promoção de uma nova disputa, resgatando todo o processo de constituição do concurso.

Foi exatamente o que eu te falei, negócio da Taça. Nós fazendo aqui, e quando me falaram (do concurso) eu falei: “Cara, nós estamos fazendo isso aqui em 20 dias, como é que eu vou disputar com vocês?” Parece-me que a *Mocidade* é 3 anos ou 2 anos mais velha. Quero dizer como é que eu vou disputar com você? Agora, daqui um ano ou dois anos, no outro ano que nós vamos ter mais tempo, nós vamos fazer uma disputa. Eu acho até bom, porque eu acho que tudo tem que ter uma disputa. Tem briga, mas tem disputa para poder aquilo crescer. Mas o que aconteceu, no final se eles tivessem ganhado a taça eles gostariam de... Mas como eu te falei antes, foi uma surpresa para o pessoal, foi um choque, aquilo... o povo mais comum vibrou e participaram. Quer dizer, arrebutaram eles. Era para eles arranjar a taça pra eles. Se eles ganhassem iam viver aquela vida inteira para gozar a gente. Mas como os vencedores fomos nós, aí danaram a chorar. Quando falou em forasteiro, bebedor de cachaça. Dali por diante foi um inferno rapaz.”³⁹⁷

Além do desânimo da derrota, a *Mocidade* ainda sofreria com a perda dos instrumentos da bateria, por desleixo de integrantes, como afirma Aretusa Gomide. Segundo a depoente, após aquele ano, a *Mocidade* parecia estar perto do fim. Mas um episódio corriqueiro teria mexido com seus sentimentos, levando-a a pegar as rédeas da Escola novamente para reerguê-la. Assim a depoente expõe o evento:

(...) Paulinho Paes muito moleque, conversando com o Dalde da Dona Dedé, numa mesa lá no Chico Jannuzzi. Entrei, isso no sábado. Estou vendo aquela

³⁹⁶ Aretusa 27/07/2009.

³⁹⁷ Cícero 24/07/2009.

coisa lá, eles fazendo gozação. Paulinho falando alto pra me provocar, de brincadeira. Eu tô quieta na minha. Aí depois ele virou pra mim. “Vocês têm que se conformar, a Mocidade acabou agora é só *Barrabás*.” A Fernanda menor, a Ana Cristina, do Carlos Oscar, chegou pra mim : “Oh Tusa.” A Fernanda chorando: “Oh Tusa num deixa a nossa escola acabar não. Sai você com um bumbo e a gente na frente. Num deixa acabar”. Aí eu falei: “Poxa, uma criança, ela que dá continuidade.” Uma vez quando eu montei um circo saiu muita criança. O próprio pessoal da escola meteu a língua. Botei um jardim de infância lá. Botei sim!!! Botei o futuro da Escola. Hoje tem neto do jardim da infância desfilando na escola. Botei sim! E o pessoal falou, vai queimar. Botei, botei sim. Botei o futuro da escola. Muita ala de criança aí vai o amor, porque se você não fizer as coisas com amor... até um angu, se você não fizer com amor, ele empelota.

Daí em diante, a derrota se apresentou como um incentivo para melhorar paulatinamente os desfiles da Mocidade, pois “(...) a vitória do *Barrabás* que fez o pessoal ... opa ali nos temos que pelo menos igualar”³⁹⁸.

E o amor realmente resolveu parte dos problemas da Escola de Samba. No ano de 1979, os integrantes da *Mocidade*, unidos no projeto de reconstituição da agremiação, lançaram sua escola de samba com dimensões bem maiores, alas mais elaboradas e alegorias ainda mais trabalhadas, que geraram a seguintes representações do jornal “A Gazeta”:

O desfile das escolas correspondeu à grande expectativa. Transcrevemos opiniões colhidas durante e após os desfiles, já que não houve concurso. A “*Mocidade Dependente*”, primou pelo luxo e bom gosto de suas fantasias e carros alegóricos. Não si apresentou muito bem no domingo, quando aconteceram imprevistos que prejudicaram a organização do desfile. Faltou gasolina no primeiro carro alegórico, o que é lamentável...Desfile lento quase parado. Já na terça-feira, embora o mesmo carro tenha apresentado mesmo defeito (mas sem causar atraso no desfile) a “*Mocidade*” si apresentou bem melhor, inclusive o samba enredo sendo cantado pelos participantes, o que quase não aconteceu na primeira vez. A apresentação da terça-feira, foi realmente, muito boa. Pondo alto nessa Escola, na opinião de muitos, foi as Ala das Bailarinas, meninas de 6 e 9 anos, que sambaram e cantaram de verdade.³⁹⁹

O carnaval daquele ano de 1979, também se torna referência nas memórias de Dedé Borges, que lembra a maneira que foram feitas parte das fantasias e remonta a melhora que houve na produção de seus adereços, que são referendadas pelo luxo no jornal a cima.

Um ano nós saímos de cigana, com uma roupa toda vermelha, foi feita até aqui embaixo nessa lojinha que a gente tinha. (...) Tinha uma confecção e as roupas foram feitas. Isso eu vou te dizer ate que eu acho que eu sei que ano que foi.

³⁹⁸ Aretusa Gomide 27/07/2009.

³⁹⁹ A Gazeta Rio Novo, 11 de Março de 1979.

Foi um ano triste porque foi o ano que o papai morreu. Foi pouco antes do meu pai morrer. Foi em 79. É a data que eu tenho mais certeza. Já foi esse ano que nos saímos todas de vermelho com uma fantasia mais bonita. Já foi uma fantasia mais enfeitada, mais sofisticada e tal, que foi uma fantasia de cigana.⁴⁰⁰

Em contrapartida, a imprensa não destacou o luxo das fantasias do *Barrabás*, mas a alegria, empolgação e pela primazia da engenhosidade de seus carros alegóricos.

A “*Unidos de Barrabás*” foi brilhante e empolgou a todos, cantando e sambando com entusiasmo. Grande apresentação do mestre-sala e porta-bandeira. Lindo e original o carro alegórico com o pião, cata-vento e crianças soltando bolas de sabão, de acordo com o tema do samba enredo. Um trabalho do Netinho, que é um artista.⁴⁰¹

Por final, a matéria d’A Gazeta foi taxativa: “Opinião de um folião *A Mocidade* foi deslumbrante e a *Barrabás* foi empolgante.”⁴⁰² Uma deslumbrante pela apresentação do luxo de suas alas e fantasias, a outra empolgante devido o samba no pé e a garganta a cantar.

Essa disparidade entre os recursos financeiros das duas escolas realmente era sentida pelos integrantes da *Barrabás*, que classificavam seus rivais como a elite rionovense, que de modo geral, se referiam à minoria dos seus integrantes, filhos ou fazendeiros da cidade. Dentro destes embates simbólicos, as rivalidades se realçavam e os integrantes da *Mocidade* também não ficavam neutros e classificavam os adversários como um bando de cachaceiros, entre outros epítetos.

Esta luta de representações recíprocas não se limitava apenas a alguns insultos; são justificadas pelas interpretações dos depoentes. Para Cícero a denominação da *Escola de Samba Mocidade Dependente* teria ligação com a própria composição social. Pois como afirma:

(...) quando eles botaram o nome da escola, eles colocaram *Mocidade Dependente*, porque era um bloco fechado. Aquilo era só da elite... Porque uma Escola quando é do povo é independente. Mas a *Mocidade* é *Mocidade Dependente*, quer dizer, aquele grupo só que podia desfilar. O pessoal de cor não desfilava.⁴⁰³

O depoente ainda assegura que esta característica da adversária, inicialmente, ter sido um “bloco” fechado é que levou sua Escola de Samba obter uma forte aderência dos mais

⁴⁰⁰ Dona Dedé Borges 05/08/2009.

⁴⁰¹ A Gazeta Rio Novo, 11 de Março de 1979.

⁴⁰² A Gazeta Rio Novo, 11 de Março de 1979.

⁴⁰³ Cícero 24/07/2009.

diferentes setores da população rionovense, já que, segundo ele, nem todos podiam ou se sentiam bem participando dos desfiles da rival, chegando a afirmar a inexistência de negros na agremiação.⁴⁰⁴

Esta sensação é compartilhada por Altivo Cândido, que fazendo referência ao cotidiano segregante rionovense, afirma que inicialmente a *Mocidade*, como todas outras agremiações, se embasaram nessa separação “racial”. Consequentemente era composta por uma maioria branca e, somente com o passar dos anos, houve uma mistura considerável desses dois grupos sociais.⁴⁰⁵

Mas é necessário frisar que esta tendência à separação sempre esteve presente nas diferentes instituições rionovenses. Na década de 1970, isso ainda não teria se modificado por completo. A *Mocidade*, apesar ter uma diretoria que levantou a bandeira da união entre os rionovenses para a promoção de seu folguedo, realmente parece que a aderência dos distintos setores sociais não foi atingida. Muito pelo fato dos demais integrantes ainda terem carregado os valores que faziam da cidade um espaço de segregação social e “racial”.

Além disso, apesar do seu projeto inicial de não apresentar nenhum plano embasado nos velhos valores raciais dos clubes carnavalescos, os próprios foliões rionovenses, acostumados com a típica ordenação social segregante, interpretaram a formação da *Mocidade* com certa desconfiança. Principalmente pelo fato de ter saído de um círculo social branco, de condições econômicas relativamente melhores.

Dirval afirma que a *Mocidade* nunca foi fechada e todos aqueles que se propunham a integrar sua bateria eram bem aceitos, tanto os que já tinham intimidade com os instrumentos, quanto àqueles que ambicionavam aprender a tocá-los. Ressalta também a presença de alguns negros já no surgimento de sua bateria.⁴⁰⁶

Em depoimento, Dedé Borges também busca explicar a imagem construída pelos adversários, demonstrando que sempre houvera abertura para todos participarem, sejam eles pobres ou negros e que compunham os mais distintos setores sociais, mas as próprias pessoas que construíram os entraves para a participação na agremiação.

Toda vida foi aberta a todos. Mas como foi uma turma, assim né... vamos dizer meio de elite que começou a *Mocidade* aí as pessoas ficam achando ... fizeram, rotularam, existe um rótulo. Você pode ver, na *Mocidade* tem gente de todo nível. Só que existe assim, eu num sei, mas as fantasias têm muito bom gosto, são feitas com muito capricho lá. Então ficam achando que é só gente de nível

⁴⁰⁴ Idem (id.).

⁴⁰⁵ Altivo Cândido 04/10/2009.

⁴⁰⁶ Refere-se ao nome de Sebastião e à figura de Mucrica, músico rionovense do qual desconhecemos seu nome.

melhor é que entra na Mocidade. Não é, não é. Desde o principio até o fim, ala de frente, todos os níveis sociais estão lá. Não tem essa separação não. Quem quiser entrar entra, é aberto pra todo mundo (...) Mas acontece, que (...) eu conheço pessoas que foram do *Barrabás* (entraram na *Mocidade*), e acho que tinham um certo receio por causa desse rótulo (...).⁴⁰⁷

Sendo assim, a depoente segue afirmando que, inicialmente, por conta da *Mocidade* não ter se organizado em um local específico, como um barracão, e as fantasias terem sido confeccionadas pelos próprios integrantes da agremiação, isso tenha sido interpretado como uma atitude limitante aos outros participantes.

Realmente, com o passar dos anos uma maior aderência atingiu a agremiação, fazendo com que a proporção dos seus desfiles se tornasse cada vez mais grandiosa. Com isso, aquela separação não intencional durou poucos anos. Como a própria Maria Gontijo afirma acima, no final de sua Escola de Samba, grande parte de sua bateria migrou para a *Mocidade*, e Antônio Coelho também se refere à união entre brancos, negros, pobres e ricos nesta Escola:

(...) a *Mocidade* já tava misturado. Desde que acabou os blocos, que os blocos param de existir, aí misturou. Parece que o pessoal foi evoluindo. Aí foi misturando, aí misturou, com qualquer cor.⁴⁰⁸

Tal questão se apresenta para os rivais como uma maneira para conseguir nivelar-se à *Barrabás*, que em seu primeiro ano se destacou como a Campeã do Carnaval de Rio Novo. Caso contrário, a *Mocidade* se manteria inferior à sua rival.

A elite não querer aceitar a *Barrabás*, porque desbancou, de qualquer forma desbancou. Aí o que eles foram fazer. Eles foram cada vez, com o poder aquisitivo deles, que nos tínhamos menor, eles foram enriquecendo mais e a gente, com o jeitinho da gente, mais humilde, mas fazendo bonito também. E a *Barrabás* crescendo e a delas ficando naquilo ali, com aquele grupo. Aí foi quando eles abriram.⁴⁰⁹

Fato é que em meio dessas transformações dentro do carnaval rionovense, veio a modificação do próprio significado do arquétipo de Escola de Samba, que deveria ter alas, carros alegóricos, adereços, entre outros atributos, que a humildade e naturalidade da “Melodia” daquele “Sorriso crioulo” não conseguiriam acompanhar. As palavras de João Pinheiro são testemunhos disso:

⁴⁰⁷ Dedé Borges 05/08/2009.

⁴⁰⁸ Antônio Coelho 16/07/2008.

⁴⁰⁹ Cícero 24/07/2009.

Foi muito hilária uma época que botaram o *Sorriso da Melodia* pra sair aí botaram um carro alegórico, porque as escolas tinham um carro alegórico. Saiu um carro alegórico das baianas do Calixto, do Calixto não, lá do Caranga⁴¹⁰. Aí elas vestidas de lavadeira botaram a Maria Butija vestida de lavadeira em cima do carro. Caramba, desvirtuou, acabou assim, nunca mais saiu no carnaval. Foi a última vez, foi a derradeira, sabe, foi horroroso. Querer institucionalizar uma escola tradicional de pé no chão, de samba no pé, botar umas alegorias baratas que não fazem parte daquele grupo, valeu. Eu achei aquilo pedante, tanto que morreu a escola da Maria Butija. Podia estar aí até nos nossos dias concorrendo com as nossas escolas, porque ali tinha samba no pé, samba em todos os lugares. A galera que vinha mesmo com samba na alma mesmo. Era muito maneiro. Escutava assim, samba não é mesmo, num tinha como ficar só com dois pra lá dois pra cá, que não rolava. Era maneiro, era maneiro.⁴¹¹

Além disso, a superioridade do poder aquisitivo dessas novas agremiações se tornou visível. A *Sorriso da Melodia* sofreu com essa concorrência, onde muitos dos seus integrantes saíram para compor as novas Escolas de Samba. Realidade ou não, Maria Gontijo mostra o porquê de sua preferência atual pela *Barrabás* ao apontar, como um dos fatores do fim de sua escola, a procura dos seus integrantes pela *Mocidade*, que podia oferecer uma melhor condição para seus antigos bateristas. Sendo assim, Maria Gontijo apresenta a seguinte acusação:

(...) é porque que na época nós num tinha dinheiro. Lá ela pagava 500 réis né, dava uma bebidinha né, um vinho uma coisa a mais. Aqui embaixo era só cachaça, minhas meninas guaraná. Que o Zé Dias, José Mageste Ferreira, ele, o botequim dele, o bar dele na praça era livre pra mim. Dava guaraná pra turma e cachaça. E lá não, lá tinha um vinho, uma cervejinha, naquela época uma cervejinha o pobre não podia tomar. E aí a turma foi passando então eu também fui diminuindo. E minhas amigas também foram casando outras foram morrendo, só eu que tô dura na queda né. Ainda num bati a cachuleta ainda, graças a Deus. Aí eu fui terminando com a Escola, mas tem hora que me dá vontade de levantar ela de novo. Mas eu num vou encontrar mais sambista como eu encontrava.⁴¹²

Mas tenho que ressaltar as memórias de Aretusa, uma das fundadoras da *Mocidade*, que resgata seu exercício para valorizar e elevar a *Sorriso da Melodia* ao *status* de uma grande agremiação, ainda bem antes da existência da *Mocidade* e da *Barrabás*, que foi perdido devido a falta de aderência à ideia dos próprios integrantes da Escola *Sorriso da Melodia*.

Eu quis fundar uma escola de samba aqui em Rio Novo sempre, (...) antes de se falar em *Mocidade* e *Barrabás*. (...) Fizemos uma festa pra levantar dinheiro pra

⁴¹⁰ Refere-se ao Rio Caranguejo, que corta o antigo Arraial dos Crioulos.

⁴¹¹ João Pinheiro Neto 12/05/2009.

⁴¹² Maria Aparecida Gontijo 14/07/2008.

fundar uma Escola de Samba. E o *Salgueiro* vinha pra batizar a escola, mas eles me enfiaram no meio do negócio. Resultado: levamos o negócio pra frente. Não veio mais gente por que o presidente da república tinha requisitado uma escola no Paraná. Mas mesmo assim, nós fizemos uma recepção distinta. Era pra levantar a Escola da Maria Butija. E pra você como eram as coisas aqui no Rio Novo. Os Explosivos ainda existiam naquela época, fizeram uma festa pra atrapalhar o baile nosso, no *Renitentes*. E segundo, a Maria Butija pega e leva aquele pessoal todo lá, e muita gente não sabia que era a nossa festa lá, e todo mundo levantando dinheiro. Eu botei dinheiro do meu bolso ainda pra poder pagar a música (...). Era fazer dela uma escola, porque ela nunca passou de um bloco, também.⁴¹³

Este processo de dissolução das pequenas escolas também é resgatado nas memórias do fundador e primeiro presidente da *Barrabás*, Cícero de Vasconcelos. Segundo o depoente, tanto os blocos quanto as pequenas escolas de samba não conseguiram se manter com o crescimento da *Barrabás* e da *Mocidade*, pelo fato dos desfiles destas agremiações terem tomado uma proporção ainda não vista na cidade e pela abertura que estas agremiações promoveram em relação aos mais distintos grupos sociais rionovenses.

Seja como for, aquele carnaval de 1979 se revelou como um ano em que as festividades do carnaval nas ruas consolidaram sobre outro viés. Os Blocos Carnavalescos não se apresentaram, as energias dos foliões foram direcionadas para as Escolas de Samba. Ao ponto que já naquele ano surgia outra agremiação, a *Unidos das Paineiras*. Este evento seria registrado pela imprensa local da seguinte maneira:

Muito quente o samba da *Unidos de Barrabás*. Destinado a fazer tanto sucesso quanto o do ano passado, que foi realmente espetacular. Para os visitantes que ainda não sabem, temos quatro Escolas: *Unidos de Barrabás* (campeã do ano passado), *Mocidade Dependente*, *Sorriso da Melodia* e surgindo agora a *Unidos das Paineiras*. Não haverá concurso...⁴¹⁴

Esta Escola de Samba, que teve vida curta, limitando-se à década de 1980, apresentava-se com um outro propósito das demais. Veio não somente para alegrar as noites de sábado e segunda, que nada havia sem os blocos dos clubes, como também servia como uma agremiação de união entre muitos dos integrantes das duas rivais, *Mocidade* e *Barrabás*. Dessa característica surgiria a seguinte referência jornalística:

A “*Unidos da Paineiras*” (que poderia denominar-se Unidos do Samba, pois reuni elementos das duas Escolas) desfilou sábado e segunda como ótima opção

⁴¹³ Aretusa Gomide 23/03/2009.

⁴¹⁴ A Gazeta Rio Novo, 24 de fevereiro de 1979.

para movimentar o carnaval nestes dias. Poderá se construir na terceira grande escola dos próximos carnavais.⁴¹⁵

Essas referências se manteriam nas memórias, do até então Redator-Chefe da Gazeta, que em depoimento refere-se de maneira muito próxima à mensagem redigida no Jornal.

Surgiu a *Unido das Paineiras*, que era uma escola intermediária a *Mocidade* e o *Barrabás*. Era interessante que ela agrupava elementos das duas escolas. A *Mocidade*, vermelho e branco, o *Barrabás*, azul e branco, surgiu a *Unido das Paineiras* verde e branco. Eu me lembro bem que o Antônio Carlos, o Luis Geraldo, filho do Marciano, o Dadinho, irmão da Helvinha, e outros amigos. Então eles juntaram aquela turma e fizeram. Ela saía sábado e segunda, as outras duas saíam domingo e terça. E é interessante que esta escola agrupava elementos das outras duas e completava o carnaval.⁴¹⁶

A união se tornou o lema. Vemos isso no desenrolar dos anos de 1980. O carnaval rionovense veio a quebrar aquelas fronteiras tão claras entre os distintos setores sociais, num contexto em que o próprio cotidiano já estava em reordenação. Já não existia a mesma distância entre negros e brancos, daquelas décadas que se passaram. Agora tomavam partido das mesmas agremiações e dividiam o mesmo carnaval, cada indivíduo à sua maneira. O convívio se solidificava, as instituições se abriam. O objetivo agora era promover o desfile mais deslumbrante e grandioso e, para isso, era necessário o maior contingente possível de pessoas com suas habilidades na produção dos préstitos.

⁴¹⁵ A Gazeta Rio Novo, 11 de Março de 1979.

⁴¹⁶ Brenildo Ayres do Carmo 11/08/2009.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma dissertação que almeja fazer um estudo histórico de quase todo o século XX, com o objetivo de captar as diferentes formas de festejar o carnaval rionovense e, tangencialmente, retratar aspectos socioculturais da cidade que ambientam estas festividades, depara-se com vários desafios. Dentre estes, enfrentar a tensão entre tratar o fenômeno carnavalesco na longa duração e, ao mesmo tempo, dar conta das particularidades dos eventos, que ocorrem dentro de uma curta temporalidade específica. Nesse sentido, procurou-se o carnaval no entrecruzamento de diversas fontes, dos jornais e atas dos clubes às memórias dos foliões.

Para trabalhar o tema neste recorte temporal foi fundamental estudar as manifestações pré-carnavalescas que anunciaram os Reinados do Momo, durante todo século XX, os zé-pereiras.

A partir deste ponto, procurei historiar suas modificações estruturais, permeadas pela reordenação dos significados inseridos neste tipo de folguedo, que adquiriu diversas facetas dentro de uma mesma cidade.

Da sua origem lusitana à inserção do zé-pereira nas folganças cariocas do século XIX, resgato os modelos da brincadeira que deram base para os zé-pereiras que tomaram as ruas rionovenses.

No carnaval carioca esse folguedo gerou uma pluralidade de representações. No início do século XIX, os zé-pereiras produzidos pelas camadas populares eram vistos pelas elites como um costume não civilizado, de marginalizados perigosos, com seus bumbos a surrar nas ruas cariocas. Logo no final do mesmo século, esta manifestação foi “domesticada” ao ser inserida nas sociedades das elites cariocas sob outra imagem, mais polida e civilizada.

Os zé-pereiras chegaram a Rio Novo sob uma forte influência da organização dos cortejos da antiga capital, mas apresentando especificidades na sua organização e ali adquirindo novos significados.

As fontes retrataram de maneira diversa esta folgança rionovense. Dentre as principais, ressalto o modelo apresentado pelas memórias da família Freitas, que registram um

zé-pereira de batedores de latas e fantasiados num carro de boi, que no decorrer do tempo, atingiu um alto grau de popularidade, em que os limites de cor e segmentos sociais nunca existiram.

Também se encontra o arquétipo de zé-pereira lançado pela memória dos frequentadores dos Explosivos, em que pinta um folguedo aberto para os foliões dos mais distintos grupos sociais, mas tomado por um forte policiamento e preocupação com os códigos de civilidade. Dotado de uma organização quase “militar”, esse préstito seria arranjado em alas, com seus tradicionais bonecos gigantes, o Bloco das Turmalinas e a Euterpe Rionovense regendo seus desfiles.

Para além destes zé-pereiras, ainda encontrei referências dos folguedos organizados por Tote Paixão, aproximadamente na década de 1950, em que Lauro Rooke executou suas travessuras de menino que gostava de brincar na folgança. Este teria uma faceta mais próxima aos blocos de sujo, que com a desordem dos fantasiados e o ensurdecer das batidas dos seus instrumentos improvisados, saíam a sujar os foliões que se encontravam no folguedo.

Entretanto, sua característica pré-carnavalesca imperava, em contraposição aos blocos de sujões que governavam as tardes do Reinado do Momo, compostos de fantasiados dos diversos setores sociais e vestidos das mais “inversas” maneiras. Homens se vestiam de mulheres e vice-versa, na sua extrema maioria mascarados para esconderem suas identidades e fazerem suas brincadeiras pelas ruas.

Alguns blocos de sujões tinham caráter familiar, outros tinham locais onde se concentravam, como as Mulinhas do João Rinco, alguns se formavam de foliões avulsos que saíam e se encontravam pelas ruas, principalmente na Praça Marechal Floriano Peixoto.

Aproximadamente nos anos de 1950, esta pluralidade de modelos de zé-pereiras foi desaparecendo na cidade, para dar lugar a apenas um, o *Bloco do Zé Pereira*, que foi uma continuação daquele sólido zé-pereira dos *Explosivos*. Este bloco, apesar de único, carregou consigo uma diversidade de significados entrepostos pelas memórias dos foliões e documentos que buscaram o resgate histórico do folguedo.

Para alguns, este *Bloco do Zé Pereira* se apresentava como uma simples continuação do folguedo já apresentado na administração dos *Explosivos*, para outros sua história está atrelada ao evento do desfile dos foliões com o carro de boi, batendo latas e com a presença de um destacado componente fantasiado de capeta.

Seja como for, aqui o bloco sofreu um processo de modificações que o tornou cada vez mais popular e de proporções nunca antes atingidas, sendo reconhecido, nos anos 80, pelos meios de comunicação de massa que abrangia âmbito nacional. Este contexto gerou um

conflito de reconstrução do passado do já habitual bloco, trazendo um exercício de reinvenção da tradição pelos documentos registrados neste período e pelas memórias coletadas dos foliões.

Foi dentro desta armadilha interpretativa que minha monografia de bacharelado⁴¹⁷ e o documentário de “Cem anos de Zé Pereira” se aprisionaram. Sob um viés da memória oficial, que afirma que o zé-pereira tinha se originado em 1906, estas produções coroaram uma reinterpretação da manifestação embasada em informações fragilizadas, se comparada a uma investigação empírica aprofundada agora do tema. O zé-pereira sofreu com a perda de sua memória original e por isso gerou o apelo à reconstrução “oficial” de sua origem.

Por esta e outras falhas que cometi em minha monografia e textos publicados, nesta dissertação procurei reorientar minhas abordagens. Além de reavaliar minha posição em relação às origens desse folguedo, assumi uma nova base interpretativa, pois percebi que a leitura do carnaval como uma manifestação de completa inversão da realidade social não se aplicava à realidade estudada, pelo fato da festividade ser apresentada como uma manifestação de significado homogêneo, de suspensão da ordem habitual.

Pelo contrário, muitas vezes o carnaval acabava por reforçar as diferenças sociais cotidianas, dentro dos conflitos simbólicos que contornavam os contatos dos diferentes grupos formados. O carnaval também não foi somente reforço desse cotidiano segregador. Em muitos momentos, os confrontos eram simbolicamente suspensos e um tempo de harmonia era simulado.

A cidade era ocupada pelo clima de festa promovido pelos batuques, blocos e outras brincadeiras dos fantasiados, dando à vida novas cores e denotações, ainda que conformado pelos contornos sociais.

Portanto, busquei apresentar a história de tal festividade a partir dos indícios da pluralidade de significados das representações construídas pelas memórias dos foliões de outrora, pela imprensa, atas, entre outros documentos apresentados no corpo do texto, que permearam aqueles dias de folia. Assim, me aproximei mais dos homens para me distanciar das visões gerais e globalizantes que certas teorias inserem em suas interpretações.

Com esses intuitos, após a passagem do estudo desta manifestação pré-carnavalesca que tipicamente anunciou o Reinado do Momo nesta cidade, debruço sobre o entendimento histórico do carnaval rionovense, partindo da leitura dos perfis dos clubes apresentados nos

⁴¹⁷ Xavier. Felipe Araújo. O carnaval dos clubes de Rio Novo: história oral e memória. Monografia elaborada sob a orientação da Profa. Sonia Cristina Lino, como requisito para a obtenção do grau de Bacharel em História pela Universidade Federal de Juiz de Fora. 2005.

documentos e entrevistas. Reconstituo a maneira em que os habitantes classificavam os Clubes Carnavalescos e a feição dos frequentadores das agremiações.

Desfrutando das riquezas geradas principalmente pela produção do café e se apropriando do modelo do carnaval carioca, a elite rural rionovense se enveredou num processo de abertura, prosseguida de falências, de diversos e luxuosos grêmios. O primeiro foi o *Centro Recreativo de Rio Novo*, fundado em 1902, que não chegou a duas décadas de existência. Logo após, se debruçaram na composição do *Clube Paladinos Carnavalescos*, que teve uma vida muito curta, não ultrapassando a segunda década do século XX. Somente o *Clube Renitentes Carnavalescos* atingiu uma longevidade de 20 anos, do ano de 1925 a 1945, promovendo os festejos de Momo.

O mais tradicional clube de Rio Novo, *Explosivos Carnavalescos*, foi fundado em 1907. Inicialmente representado como um clube que concentrava um grupo de foliões que os depoentes chamaram de “classe média”, mas na década de 1940, com a acomodação dos antigos frequentadores dos *Renitentes*, a representação do seu perfil se modificou, sendo reconhecido por muitos como o local de sociabilidade da “classe média” e para outros como o clube dos “grã-finos” da cidade.

Sob um estudo exaustivo das fontes, concluo que dentro desta ordenação social dos festejos carnavalescos a cor da pele foi um fator determinante na separação dos segmentos sociais. Seguindo o modelo apresentado de festejos dos clubes carnavalescos, em meados da década de 1920, também surgiu o *Clube Carnavalesco Colar de Pérola*.

Frequentado por negros, esta agremiação foi contornada pela representação de “humilde clube dos crioulos”. Isso por ter se construído com uma íntima ligação entre os segmentos sociais menos abastados e a cor da pele dos habitantes rionovenses. Sem uma política de inserção após a abolição, em Rio Novo, ser negro se transformou em sinônimo de ser carente, sendo desligado dos códigos e dos valores repartidos entre os brancos.

Mas nada disso se manteve sólido por inteiro. Com um projeto de combate a esta ordem preestabelecida, *O Nosso É Outro* veio com a intenção de mostrar uma nova maneira de preceituar o carnaval rionovense, com base no convívio entre os foliões das diferentes “classes” e “cores”.

Lançados estes perfis no decodificar das teias de significados que traçam as representações dos clubes, meu problema obviamente foi demonstrar as fronteiras, muitas vezes frágeis, que separavam os foliões de segmentos sociais distintos.

Seja mudando de associação ou comprando um simples ingresso, os foliões eram capazes de festejar uma noite em um salão diferente. Mas como vejo, dentro dos documentos

e das reminiscências dos depoimentos, foi comum a construção de tendências no exercício de frequentar os salões, já que a partir dos códigos de conduta os grupos se formavam e solidificavam, tornando os espaços dos salões dos clubes locais almejados por uns e indesejados por “outros”.

Nas festas promovidas cotidianamente nos salões, constato uma maior presença da movimentação de frequentadores no dia-a-dia rionovense, diferente do período do carnaval, em que os indícios de uma organização social segregadora são inúmeros. As fronteiras culturais, econômicas e “raciais” foram decisivas para os foliões acreditarem e escolherem os clubes como seus ambientes de convívio.

Sendo assim, as leituras difundidas no meio acadêmico que apresentam um carnaval nacional homogêneo, onde o que impera é a interação entre os diversos segmentos sociais e as quebras das hierarquias, aqui são refutadas por completo frente à pesquisa empírica realizada do carnaval rionovense. Que talvez não seja nenhuma singularidade desta cidade, já que muitas urbes ao redor, como Piau, Guarani, Goianá, entre outras, também tinham seu código de segregação dos diferentes setores sociais de suas cidades.

Falando com autoridade sobre o carnaval de Rio Novo, vejo que neste período a cidade se transformava em um campo de batalha simbólica entre os foliões dos diferentes clubes. Este afastamento era acompanhado de uma forte rivalidade entre os integrantes dos Clubes Carnavalescos oponentes, principalmente em dois momentos: nas visitas e nos desfiles dos Blocos dos Clubes.

As visitas promovidas entre os clubes apresentavam-se como um momento de uma confraternização pacífica, mas que não perdia completamente o conflito simbólico que permeava a dança, o canto, as fantasias luxuosas, o salão enfeitado, entre outras atitudes que os grupos utilizavam para se destacarem diante dos rivais.

Nos desfiles dos préstitos na Praça Marechal Floriano Peixoto, os embates afloravam com maior intensidade. Sendo oportunidades específicas de contatos entre os foliões dos diferentes clubes, este momento muitas vezes se apresentava como um momento em que as rivalidades se afloravam.

Os códigos em conflitos tomavam as mais diferentes formas que, muitas vezes, nem mesmo eram decodificados pelos oponentes, já que os valores em jogo eram outros. Os Clubes Carnavalescos mais abastados valorizavam o luxo nas suas fantasias e carros alegóricos que objetivavam apresentar a imponência dos clubes, perante a maioria pobre.

Atitudes que nem sempre eram interpretadas e valorizadas igualmente. Para muitos foliões, o carnaval era um momento em que o mais importante era sim a alegria. O luxo era

visto como mero melindre dos grupos mais abastados, que se apegavam ao material e se desprendiam da alma das canções, dos batuques e das danças.

A criação de novas marchas também se apresentava como um evento de disputas entre os foliões dos clubes. Tendo suas próprias bandas, era natural que os clubes não tocassem as músicas dos rivais, para apresentarem um repertório qualificado e criativo. Além disso, muitas vezes, produziam paródias para exaltar suas agremiações e desclassificar os oponentes.

Os deboches eram habituais nos desfiles, como maneira de desqualificar as fantasias e os préstitos apresentados pelos clubes rivais. Os foliões mais fervorosos viam naquele momento de contato uma oportunidade de esbravejar insultos aos opositores. Xingavam das maneiras mais ásperas possíveis, ressaltavam a humildade das fantasias dos rivais e até mesmo se referiam, de maneira desclassificatória, à epiderme dos “crioulos” com insultos “racistas”.

Dentro deste contexto, se desenvolveu a necessidade do policiamento e organização dos desfiles dos préstitos. Ordenados os desfiles, os cortejos mais abastados tinham seus desfiles destacados, outros, como das Escolas de Samba, que vinham surgindo nos anos de 1960, eram marginalizados e submetidos à estrutura hierárquica preestabelecida.

Para alguns, tal ordem dava a sensação de um convívio harmônico entre os foliões que ali se instalavam, para outros representava uma realidade de sobreposição dos grupos mais ricos sobre os mais carentes, fazendo sentir uma organização elitista dos desfiles.

Nesta década de 1960, apesar de ainda prevalecer os desfiles dos blocos carnavalescos e os festejos nos salões dos clubes, o carnaval começou a ser reinterpretado e reordenado pelos foliões. A inserção da Escola de Samba como um novo modelo de folguedo começou a atrair cada vez mais foliões, principalmente entre os negros que frequentavam o *Colar de Pérolas e O Nosso É Outro*.

Com a Unidos de Rio Novo e, logo depois, a *Escola de Samba Sorriso da Melodia*, o samba se fortaleceu entre os negros da “Vila Camargo” e da “Vila França”, antigo Arraial dos Crioulos. Sem pedir licença, expandiu-se para outras regiões e segmentos sociais.

Num momento em que os próprios Clubes Carnavalescos entravam em crise financeira e vinham fechando suas portas, os rionovenses aderiam cada vez mais esse novo ritmo que vinha embalando a dança dos foliões, que deixavam as marchinhas mais de lado a cada carnaval.

Com o enfraquecimento dos bailes dos clubes, o fim dos seus blocos carnavalescos e o fechamento dos *Explosivos*, ficou um vazio para muitos dos foliões, que não perderam a

oportunidade de se aproximar da nova modalidade de carnaval que surgia com as Escolas de Samba.

Mesmo, em meados da década de 1970, em um Rio Novo que ainda sofria com a presença do ideal de segregação “racial”, o samba subiu até a praça para ser fundada a *Escola de Samba Mocidade Dependente*, no Bar do Chico Jannuzzi e logo oficializada na residência de Nielza. Mas apesar do seu projeto de interação e quebra das barreiras sociais entre “crioulos” e “brancos”, contou com a presença majoritária do último grupo.

Anos mais tarde, em 1978, a “Vila Urca” também foi dominada pelo ritmo dos tamborins, repeniques e tantãs e outra Escola de Samba emergiu o *Grêmio Recreativo Escola de Samba Unidos do Barrabás*. Com uma forte aderência da população, esta agremiação conseguiu promover a interação entre os segmentos sociais distintos, quebrando as barreiras entre negros e brancos, ao concentrar o que Cícero Vasconcelos chamou de “povão”.

Um ano depois, surgia a *Escola de Samba Unido das Paineiras*, que já refletia a solidificação da interação entre foliões das diferentes escolas rivais e dos distintos grupos sociais. Neste momento, Rio Novo já começava a respirar um ar de confraternização e convívio entre parte dos segmentos sociais diferentes no carnaval. Os discursos veiculados pelas mídias sobre a igualdade entre os grupos e os novos imaginários sociais que representam a sociedade contemporânea ecoavam nos folguedos carnavalescos de Rio Novo.

Com objetivos de construir Escolas de Samba com vasta amplitude, estes grêmios não somente se abriram como buscaram uma maior aderência dos grupos sociais distintos. A *Barrabás*, que já conseguiu tal façanha de início, convocou ainda mais a população para promover seu folguedo. A *Mocidade*, que sofreu pela crítica externa de ser uma Escola das elites rionovenses, tratou de trabalhar essa aproximação com um público maior. As duas atingiram o sucesso em seus objetivos, arruinaram com as demais, que não conseguiram se manter diante dos dois colossos do carnaval.

Nesta aglutinação de foliões, ambas conseguiram maior expressividade na vida cultural da cidade. Os órgãos públicos começaram apoiar e as próprias cúpulas das Escolas buscaram investimentos para a produção dos préstitos. Assim, com a força dos seus barracões e integrantes, cada qual trabalhando na confecção de parte das alas, carros alegóricos, entre outros adereços, as Escolas de Samba deram exuberância ao carnaval rionovense.

Com tanta energia direcionada para tal folguedo, surgiu uma das principais facetas do carnaval atual rionovense, o desfile imponente e luxuoso das Escolas de Samba. Vitoriosas todos os anos que saem, para aqueles que se deliciam com a beleza e a alegria apresentada na Praça Marechal Floriano Peixoto.

Outras facetas ainda continuaram, como os desfiles do *Bloco do Zé Pereira*, que paulatinamente se tornaram mais popular, menos polido e policiado, perdendo seu caráter pré-carnavalesco e entrando no calendário de Momo. Aqui os excessos tomaram conta da brincadeira, que antes tinha sua marca de folguedo comportado e venerado pelo seu aspecto pacífico e ordenado das alas e lanternas.

O início da década de 1980 ainda viu surgir o mais irreverente dos Blocos já produzido na história deste carnaval. Nascido com a sigla *CAPOP* (*Cagando e andando para a opinião pública*) o cortejo de ébrios foliões vibrantes pelos os prazeres dos excessos, quebras dos valores sociais e inversão dos códigos de conduta, foi renomeado como *Mi-Xupa*.

Natural da Vila Urca, filho de uma geração de fundadores e frequentadores da *Barrabás* mesclada com seus herdeiros da folia, o *Mi-xupa* foi produzido para abrir o carnaval, se apresentando no primeiro instante em que o calendário o inaugura, à meia-noite de sexta-feira para o sábado. Isso expressa a exaltação do período carnavalesco que esses foliões proporcionam, venerando os excessos, num “ritual bacante”, que se prolonga até caírem, mas sem perder sequer um milésimo de segundo das folganças.

O *Mi-xupa* apresenta o lado libidinoso, chocante e caótico do carnaval. Colocam seu cortejo a desfilar com seus “carros alegóricos” com críticas ásperas à política, à moral entre outros temas, sempre infestadas de símbolos fálicos e homossexuais, representando a mais intensa liberdade sexual vista da história deste carnaval de rua.

É assim que, da década de 1980 até os dias de hoje, esse bloco faz dos primeiros instantes do carnaval rionovense, o auge da loucura e da insanidade, proporcionando, a um abundante número de foliões, a quebra de muitos valores compartilhados sob um intenso e prazeroso transe etílico.....

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2004.
- _____. Ensaio bibliográfico: obras coletivas de história oral. In: **Revista Tempo**, v. 2, n. 3, 1997. p 206-219.
- ALENCAR, Edigar de. **O carnaval carioca através da música**. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Francisco Alves, 1979.
- AMADO, Janaína. FERREIRA, Marieta de Moraes (org.) **Usos e abusos da história oral**. 5ª edição. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.
- BACZKO, Branislaw. **Imaginação social**. In: Enciclopédia Einaudi. Antropos-homem. Lisboa: Imprensa Nacional. Casa da Moeda, 1985.
- BARTH, Fredrick. **O guru e o iniciador e outras variações antropológicas**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2000.
- BAKTIN, Mikhail. **A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento**. O Contexto de François Rabelais. São Paulo, Hucitec, UnB, 1987.
- BERGER. Peter. **O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião**. Tradução: José Carlos Barcellos. Revisão: Luiz Roberto Benedetti: Paulus. São Paulo, 1985.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembrança de velhos**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BORDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**, Lisboa/Brasil: Difel, Bertrand, 1989.
- BURKE, Peter (org.). **A Escrita da História: novas perspectivas** Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora da universidade Estadual Paulista, 1992(biblioteca Básica).
- BURKE, Peter. **Cultura Popular na Idade Moderna Europa, 1500-1800**. tradução: Denise Bottman. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras.
- _____. **Variedades de história cultural**. Tradução: Alda Porto. Editora: Civilização Brasileira: Rio de Janeiro, 2000.
- CAILLOIS, Roger. **O homem e o sagrado**. Tradução: Geminiano Cascais Franco. Edições 70; Lisboa – Portugal.
- CERTEAU, Michel de; **A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer**. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1994.

CHARTIER, Roger. **História cultural: entre as práticas e representações**. Lisboa, Difel, 1990.

_____. **À Beira da Falésia: a história entre incerteza e inquietude**. Tradução: Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: UFRGS, 2002.

CUNHA, Maria Pereira Clementina da, **Ecos da Folia, uma história social do Carnaval Carioca entre 1880 e 1920**. Companhia das Letras, 2001.

CUNHA, Maria Clementina Pereira. **Carnavais e outras f(r)estas: ensaios de história social da cultura**. Maria Clementina Pereira Cunha (org.). Campinas: Editora da UNICAMP, Cecult, 2002.

DA MATTA, Roberto. **Carnavais malandros e heróis**. Para uma sociologia do dilema brasileiro. 3. ed. Rio de Janeiro, Zahar, 1981.

DURKHEIM, Émile, **As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália**. Tradução: Joaquim Pereira Neto; revisão: José Joaquim Sobral. São Paulo: Paulinas, 1989.

DUVIGNAUD, Jean. **Festas e civilizações**. Tradução de L. F. Raposo Fontenelle. Fortaleza, Edições Universidade Federal do Ceará, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1983.

Edmundo, Luís. **O Rio de Janeiro do meu tempo**. Brasília: Senado Federal, 2003. 680p. v. 1.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano: a essência das religiões**. Tradução: Rogério Fernandes. Lisboa: [s.n.], [19--?].

FAZENDA, Vieira. **Antiquilhas e memórias do Rio de Janeiro**, Revista do IHGB, Rio de Janeiro 1923.

FERREIRA, M.M et al. **Entre-vistas :abordagens e usos da história oral**. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1994.

_____. (org). **História oral: desafios para o século XXI**/ organizado por Marieta de Moraes Ferreira, Tania Maria Fernandes e Verena Alberti. –Rio de Janeiro: editora: Fio Cruz/ Casa de Oswaldo Cruz/ CPDOC – Fundação Getúlio Vargas, 2000.

_____. História, tempo presente e história oral. In: **Topoi**, Rio de Janeiro, dezembro de 2002, p. 314-332.

GEERTZ; Clinfford. **A interpretação das culturas**. Tradução: Fanny Wrobel. Zahar Editores. Rio de Janeiro;1978.

HUNT, Lynn. **A nova história cultural** / Lynn Hunt; tradução Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

LADURIE, Emmanuel Lê Roy, **O Carnaval de Romans: da Candelária à quarta feira de cinzas, 1579-1580**/ Emmanuel Lê Roy Ladurie; tradução Maria Lúcia Machado, São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

Lazzari, Alexandre. **Coisas para o povo não fazer: carnaval em Porto Alegre (1870-1915)**. Campinas: Editora da Unicamp / Cecult, 2001.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução Bernardo Leitão. 5. ed. Campinas. Unicamp, 2003.

Amaral, Rita. **Festa à Brasileira: sentidos do festejar no país que "não é sério"**. Disponível em: <<http://www.aguaforte.com/antropologia/festaabrasileira/festa.html>>. Acesso em: 29 de março de 2008.

SAHLINS, Marshall; **Ilhas de História**. Tradução: Bárbara Sette. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro.

MAUAD; Ana Maria. Fragmentos de memória: oralidade e visualidade na construção das trajetórias familiares. In: **Projeto História: revista do programa de Estudos Pós-graduados em História e do Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo**. São Paulo; EDUC. 1981.

MONTENEGRO, Antônio Torres. **História e memória: a cultura popular revisada**. 5° ed. São Paulo: Contexto, 2003.

_____; FERNANDES, Tania Maria (organizadores). **História oral: um espaço plural**. Recife : Universitária; UFPE, 2001.

Oliveira; Roberto Cardoso de . **Identidade, Etnia e Estrutura Social**. São Paulo: Biblioteca Pioneira de Ciências Sociais, 1976.

PÁVEL, Benjamim. **Besta de Sela: Memórias Romanceadas**. Editora Pongetti, Rio de Janeiro: 1965.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda, **O carnaval das Letras**. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural. Divisão de Editoração, 1994.

PORTELLI; Alessandro. A filosofia e os fatos: narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. In: **Revista Tempo**. Rio de Janeiro. v. 1; n. 2; dez. 1996. p.59-72.

SOIHET, Rachel. **A Subversão pelo Riso: estudos sobre o carnaval carioca da Belle Époque ao tempo de Vargas**. Rachel Soihet. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.

SOIHET, Rachel. Reflexões sobre o carnaval na historiografia: algumas abordagens. In: **Revista Tempo**. Rio de Janeiro. n. 7. p. 1-15.

ANEXO 1 FOTOS DE RIO NOVO

Fotografia 16 Antigo Largo da Matriz em 1875. Reprodução de Idelfonso Gonçalves.
Fonte: acervo particular de André Colombo e da Fundação Chico Boticário.



Fotografia 17 Capela de Nossa Senhora da Conceição do Rio Novo o “Largo da Igreja” (1875).
Fonte: acervo particular de André Colombo e da Fundação Chico Boticário.



Fotografia 18 Capela de Nossa Senhora da Conceição do Rio Novo, no final do século XIX.
Fonte: acervo particular de André Colombo e da Fundação Chico Boticário.



Fotografia 19 O Largo da Matriz no final do século XIX.
Fonte: acervo particular de André Colombo e da Fundação Chico Boticário.



Fotografia 20 Largo da matriz em direção oposta à Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição (1907)

Fonte: acervo particular de André Colombo e da Fundação Chico Boticário.



Fotografia 21 A Igreja Matriz em 1940.

Fonte: acervo particular de André Colombo e da Fundação Chico Boticário.



Fotografia 22 O altar da Igreja (1940).

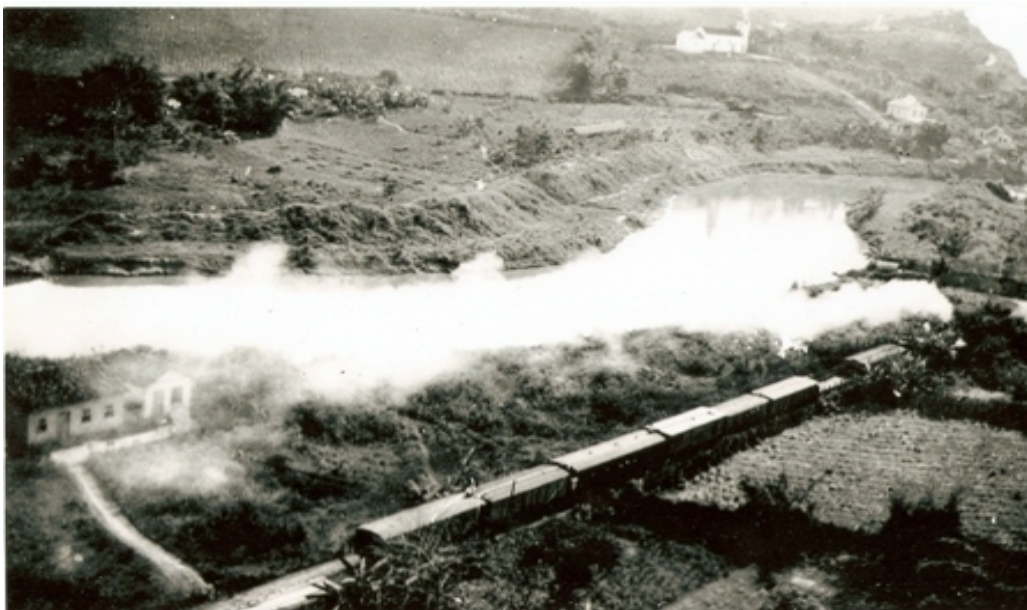
Fonte: acervo particular de André Colombo e da Fundação Chico Boticário.



Fotografia 23 A Praça Marechal Floriano Peixoto (1950).
Fonte: acervo particular de André Colombo e da Fundação Chico Boticário.



Fotografia 24 A demolição da Igreja Matriz em 1965.
Fonte: acervo particular de André Colombo e da Fundação Chico Boticário.



Fotografia 25 A ferrovia passando ao lado do rio Novo.
Fonte: acervo particular de Luiz André Xavier Gonçalves.



Fotografia 26 Uma habitação de pau-a-pique nos intermédios do Arraial dos Crioulos, região que ficou conhecida como “morro do Supapo”, pela maneira que as casas eram construídas.
Fonte: acervo particular de André Colombo e da Fundação Chico Boticário.



Fotografia 27 Algumas crianças habitantes do “Morro do Supapo”, hoje bairro Santa Clara.
Fonte: acervo particular de André Colombo e da Fundação Chico Boticário.

ANEXO 2 Carnaval de Rio Novo.



Fotografia 28 Carro do Clube dos Renitentes Carnavalescos de Rio Novo do carnaval de 1927.

Fonte: acervo particular de Ernesto Soares.



Fotografia 29 Carro do Clube dos Renitentes Carnavalescos de Rio Novo do carnaval de 1927.
Fonte: acervo particular de Ernesto Soares.



Fotografia 30 O bloco carnavalesco "As Cigarras" do O Nosso É Outro (1947).

Fonte: acervos particulares de Luiz André Xavier Gonçalves e Hyla Salma.



Fotografia 31 O bloco carnavalesco “As Cigarras” do O Nosso É Outro (1947).
Fonte: acervos particulares de Luiz André Xavier Gonçalves e Hyla Salma.



Fotografia 32 do bloco dos Explosivos “As Turmalinas” (1969).
Fonte: acervo particular de André Colombo.